30/03/2001 mara
Proc: 9382/92-20
Syst. nº. 487773
nº adm. 487732

Imaginário: Currículo para apreender a vida.
(ou a tessitura de uma biblioteca para crianças)

Nanci Gonçalves da Nóbrega

MSc. em Ciência da Informação

Reg. 10.650

vol. 2

NOTAS E CITAÇÕES

1. A instituição mais especificamente estudada neste trabalho é a Biblioteca Infantil do Colégio Bennett, escola particular situada na zona sul do Rio de Janeiro. Essa biblioteca atendia, no início do período enfocado, as crianças do 1.º segmento do 1.º Grau, isto é, 1.ª à 4.ª série primárias. Os documentos que serão apresentados aqui, especialmente os oficiais (relatórios, planejamentos, memorandos etc.), constam desta dissertação com a aquiescência da diretora do referido colégio, gestão de 1989, Celinéia Paradella. O período abrangido por este estudo é o que vai de 1980 – data de minha contratação oficial –, até meados de 1986 – data de minha saída da instituição. (vide documento anexo)

Bteca Infantil 1º segmento do 1º grau 1980/86

2. A Biblioteca Infantil estava ligada "tecnica e administrativamente" à Biblioteca Central do Bennett nesta ocasião. Depois, em 1985 oficialmente, passou a pertencer à Direção do colégio. Será interessante ver a análise desta situação feita na entrevista da chefe da Biblioteca Central, no capítulo 4 deste trabalho.

3. Makarenko (citado em nossas Referências Bibliográficas) é o dono desta feliz expressão. Por sentir-me também (e muitas vezes!) caindo

Cap. 3 Nota 1

Rio de Janeiro, 02 de maio de 1980.

Ilma. Sra.

NANCI DA NÓBREGA SOARES

Levamos ao seu conhecimento que admitimos apartir desta data para substitutir a Bibliotecária Maria Estela de Araujo Moraes, enquanto a mesma estiver afastada por motivo de (Maternidade) e que,avoltando a efetiva, a Sra.,,será dispensada sem quaŀquer ônus para o Instituto Metodista Bennett.

Atenciosamente,

HELOISA HELENA MARINHO DA FONSECA
Dir,Administrativa

nas citadas do Sr. Ego, roubei a frase; que poderá ser encontrada no seu Poema pedagógico.

4. Por só ter, àquela época, rabiscos de pensamentos e agora querer sistematizar o vivido, precisei muito utilizar-me da memória que — não deixo de saber — é traiçoeira. "Pergunta-se, então: O que foi terá sido mesmo? Os fatos tiveram o valor que lhes dá a memória? A memória distante não se lembra deles senão dando-lhes um valor, uma auréola de plicidade. Apagado o valor, os fatos não se sustentam mais. Existiram?" (BACHELARD, 1978, p. 234-5). Seriam os tais "fatos da imaginação", mencionados, por exemplo, à p. 275 da mesma obra? No entanto, também não deixo de saber que é o elemento mais coerente com a metodologia empregada. Assim, tento o equilíbrio entre o que pode haver de devaneio sobre o realmente acontecido, vivenciado, com os registros da fala das crianças, e outros documentos, espalhados pela dissertação e aglomerados no Capítulo 4.

* a memória

5. O currículo da Faculdade de Biblioteconomia e Documentação à época de minha formação acadêmica não proporcionava nenhum conhecimento na área de Biblioteca para Crianças. Atualmente, tenta-se minorar esta ausência e, na Universidade da Paraíba, para citar uma, há disciplina neste estudo. Quanto a mim, encontrei

uns escritos meus do tempo do ginásio, onde, enquanto usuária, tentava um leigo, porém sincero, "Planejamento para a biblioteca do Rio Comprido", em que já se evidenciava a vontade de que aquele não fosse um lugar tão sisudo.

6. Naquele 1º caderno anotei, entre outros, os seguintes itens: "Avaliação da situação em 12/79: a) não tem fichário topográfico. Como avaliar a coleção? Ver todo o acervo? b) Possui livro de registro. Os registros foram carimbados na folha de rosto dos livros! As ilustrações do acervo infantil estão, assim, avultadas. c) Possui catálogo de: autor, título, leitor, endereços (?), fichas de empréstimo (!) d) Obras encadernadas. Só algumas etiquetadas. e) Periódicos: poucos. Baixou? Qual é a situação? f) Enciclopédias. Só um dicionário? De inglês? g) Textos administrativos (um monte!) h) Efêmeros (um caos!) i) Material didático. j) Maioria: ficção! Fazer a priori: a) levantamento (inventário) quantitativo e qualitativo pelo livro de registro (?); b) seleção (?) → perguntar à biblioteca Central o como. Fazer lista material necessário. Kardex: será necessário? Necessário limpeza e desetiquetação. Não podíamos ter uma sala maior? Não existe sala de leitura (!) Compra: há verba? Vem de quem? O que estes cinzeiros fazem aqui? Mural? Vitrine? Indicadores visuais (como saber onde é a biblioteca?)? Empréstimo? Quem é o leitor? Multa? Perguntar. Leitor chegará ao acervo? (Lembrar do objetivo da biblioteca para decidir sobre isto!) As estantes estão em ótimo estado! O acervo é bem interessante! Não tem catálogo de assunto (?!) Tudo em literatura

infantil (?!) Como será feita a avaliação do meu trabalho? Terei que apresentar relatórios? Levo, sim: iniciativa própria; para formalizar melhor meu trabalho; cunho profissional. (Ou ir nas reuniões e falar?) Nas horas que não estou, quem emprestará e "olhará" a biblioteca? (Lembrar que quero acesso livre ao acervo ∴ implicações; pensar antes de decidir) Enfeitar a biblioteca: plantas, cartazes etc. Colorir. Prioridades: a) fazer relatório de avaliação da situação encontrada; b) chamariz para a biblioteca, propaganda; c) necessidades materiais; d) idéias de programação "cultural"; e) apresentar programa de trabalho."

7. Através das palavras das entrevistas constantes no Capítulo 4, especificamente as de Janete e Lara (chefe da Biblioteca Central e professora de Artes Plásticas), ficaremos conhecendo melhor este histórico das bibliotecas do colégio estudado.

8. Refletir sobre o engano, bem mais comum do que se pensa, e por mais que os cursos e o bom senso ensinem, de não se procurar nunca os antecedentes do trabalho, o que fez a gestão anterior; sempre começamos do nada, somos sempre os 1.os. gestão

9. Este elemento do método apresentado – a intuição – também o con- intuição elemento do método

sidero chave, tanto quanto a memória para a metodologia explicitada. Para um profissional competente, que vai lidar com um usuário tão especial quanto a criança e que trabalhará com questões fundamentais de Educação, é essencial que, ao lado de um planejamento bem criterioso, haja lugar para ela (conforme de mesmo sabe); em se tratando do primeiro contato profissional do bibliotecário, é praticamente impossível prescindir dela.

10. Aprende-se que o <u>inventário</u> é item primeiro e fundamental para o diagnóstico de uma instituição onde se vai trabalhar: sua coleção examinada e controlada tecnicamente, a fim de se lhe conhecer a situação real, em termos quantitativos e qualitativos. Tecnicamente é assim que funciona, nos é ensinado. No entanto, a decisão tomada a respeito de agilizar imediatamente para a ação, em detrimento dos serviços técnicos, mostrou-se, com o tempo, a mais adequada à especificidade do momento.

11. Eu = sempiza. Os alunos costumam sorrir quando lhes falo isto. Fazem uma primeira "leitura", imediata, do que lhes é dito, e acham que falo sandices. Mas sempre lhes dou um tempo e, aí, enquanto olho, vejo a percepção ir chegando. A relação educador/educando é de troca, pois que melhor é o mestre que está sempre aprendendo,

aprende do aluno que, aprendendo, ensina. Por isso, no trabalho com o aluno, escolhendo sempre a "prática pedagógica da pergunta", caminho com ele, pois que, enquanto ele labuta nas buscas, sugo conscientemente a energia vital desse momento para, também eu, construir o meu conhecimento. (Acho que na verdade sou professora como pretexto para ser aluna.)

o professor/aluno

12. Tal qual a intuição, este também é elemento primordial no processo descrito na dissertação. Trabalha-se com o desejo (de saber) e, aí, não fica tão difícil alcançar a motivação.

intuição/desejo

13. Esta classificação adaptada da tabela de Dewey eu tinha visto na Biblioteca Infantil Maria Mazzetti, da Casa de Rui Barbosa. Estive lá procurando idéias para a "minha" biblioteca e encontrei bastante presteza na ajuda. Não houve informação da autoria desta adaptação, era processo de trabalho já antigo. Naquele momento, eu a considerei muito mais eficaz do que a organização do acervo por etiquetas coloridas, bastante inadequada, apesar de comum nas bibliotecas que visitei — organização que consiste em colar durex colorido na lombada dos livros a fim de agrupá-los em classes, desta modo: obras que tratam de aventuras, etiquetadas com durex a-

zul, por exemplo; obras sobre poesia infantil, etiquetadas com durex verde; os contos de fadas, etiquetados com durex vermelho, e assim por diante. Como se vê, bastante inconveniente, pois desconsidera a quantidade crescente de assuntos pelos quais uma obra infantil pode ser buscada (desconsidera, afinal, a multiplicidade de significados da obra literária), além de obrigar a um esforço enorme em imaginar e combinar cores para atender a quantidade de necessidades de classificação (por exemplo, um conto de fadas em forma de poesia, tão comum na dita Literatura Infantil, como ficaria?). No entanto, como verificaria mais tarde, também esta adaptação da classe 800 é ineficaz. Também identifica muito mais forma do que conteúdo (os assuntos, propriamente ditos), e não resolve indagações do tipo o que é "aventuras"?; qual a diferença entre "romance", "história", "conto" e "novela"?; haverá um "romance" no acervo infantil? etc. Dos pouco, porém, as crianças me ajudaram, sem perceber, a encontrar a organização mais próxima do ideal. Que comentarei mais adiante.

a classificação

14. Tentando equacionar a intuição – que foi sendo burilada a fim de não acomodar-se e transformar-se em amadorismo – com a curiosidade das crianças, chegamos diretamente ao prazer (delas, nosso). Foi ficando claro que seria nosso veículo e objetivo (portanto, meio e fim). O brilho do olhar infantil, as risadas, eram a medida mais que perfeita para a avaliação que eu pudesse pretender. Tornava-se fácil, assim, acertar. Ou errar menos. Eu tinha a meu favor todo o

intuição + curiosidade ↓ prazer

mundo das histórias, aquele encantamento. Mas, é preciso ratificar, o prazer enquanto fruição emocional e intelectual. Já que a literatura, meu instrumental, "faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e este indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis — inumspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência [...] Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas — que sabe muito sobre os homens." (BARTHES, 1980, p. 18-19) — o "saber e o sabor" tão caros a Barthes e que com ele devemos aprender.

Barthes a literatura

15. Ei, Jouet, que cara você fez quando viu meu 1º pedido oficial de material, heim? Ao lado das fichas catalográficas, dicionário de português, lápis, borrachas etc. "15 metros de fazenda verde, com 90 cm de largura; a mesma medida de fazenda para forro; espuma para encher almofadas; 3 esteiras de palha"....

16. Parece-me que adentrava pela metáfora (veículo de símbolos). Ou melhor, pela metonímia (e sinédoque, mais especificamente falando). A parte pelo todo. No entanto, esta questão, bem sei, é muito mais complexa. Já que o todo não é somente a soma das partes, como queriam

os adeptos da razão pura ("Divida cada problema em tantas partes quanto possível; cada parte sendo mais facilmente entendida, o todo pode se tornar mais inteligível." Descartes, Discurso sobre o método). No jogo do quebra-cabeça (remeta à Nota 9 do Capítulo 2, à pág. 40), não podemos deixar de refletir sobre a (re)construção de um universo desconhecido (por exemplo, um puzzle com as peças embaralhadas do qual, da caixa que o continha, perdeu-se a tampa-retrato do que se deve remontar). Nas lidas do "real" e nas lidas da Ficção, o todo — que está em constante e eterna (re) montagem — é sempre (graças a Deus!) maior do que a mera soma das partes. Por isso vale a pena: porque existe o imponderável a nos espreitar. Entretanto, para termos um "chão" inicial para pisar, é confortante que seja pensada uma equação assim: parte + parte = todo. É caminho facilitado para ir conseguindo juntar as coisas do mundo. Pois eu, pasme, nunca antes tinha pensado conscientemente a estrutura da narrativa "inútil" (parte), porém minha formação na Faculdade de Letras (parte), por exemplo, aliada a outros fatores (parte) me fazia vislumbrar possibilidades de síntese (o todo). Me preparava, através do exercício constante da análise (as partes), para laborar com este universo de signos (os significantes) e símbolos (as imagens significativas) — o todo, a síntese.

o todo, as partes, o imponderável

17. Durante muito tempo considerei aquele momento como um fenômeno à parte. Agora que a elaboração deste trabalho me disciplina, percebo o acontecido com mais tranquilidade. (Re)aprendi, simplesmente, a "a-

bem se comportas". Aquela vontade de dizer em imagens foi a propulsora de ativação da expressão criadora, que fez emergir as "coisas com as quais se estabelecem relações" (LOWENFELD, 1977, p.14) ao longo da vida. Estava rodeada de símbolos já, fazendo aquele mundo; lidava com a criança, cuja linguagem primordial é o desenho; o desejo, então, catalisou a imaginação criadora e as mãos-instrumental, responderam como veículo para a representação (envolvidos aí a emoção e cognição) das imagens que vieram à tona: "Aquela boca maravilhosa de um trinco se abrindo numa porta que você quer abrir." (Paulo Bruninski. Agora é que são elas.)

os símbolos bem!

16. Depois de muita reflexão, decidi que os nomes das crianças nesta dissertação, ora seriam os verdadeiros, ora seriam fictícios, pois para alguns casos mencionados, não havia modo de dizer os reais, pelo profundo respeito que elas me mereceu. Os nomes (as crianças) tornaram-se, afinal, metáforas do que eu queria demonstrar. Algo assim como símbolos.

19. Havia, já naquele tempo, algumas teorias em quadrinhos. As crianças pareciam preferi-las aos livros. Não havia, naquele momento, espaço para tratar do assunto, teríamos que esperar outra oportunidade

para verificar se os gibis eram mais importantes naquele acervo do que os livros.

20. Esta história povoa a minha vida. Passou, lá pela década de 70, acho eu, no programa Além da imaginação, que apresentava histórias estranhas, bizarras, de uma "Twilight zone", onde a nossa imaginação realmente ganhava asas. Não dormi durante muitas noites: já pensou ter todos os livros queridos, ali, bem à nossa frente, e não poder ler? O céu e o inferno, é isso. Recentemente, retomaram o fascínio daquele programa e fizeram dele um filme, numa tentativa de trazer de volta aquelas emoções para uma quantidade imensa de fãs (que se encontram até entre a comunidade acadêmica!). Um manancial aquele Além da imaginação.

Além da imaginação

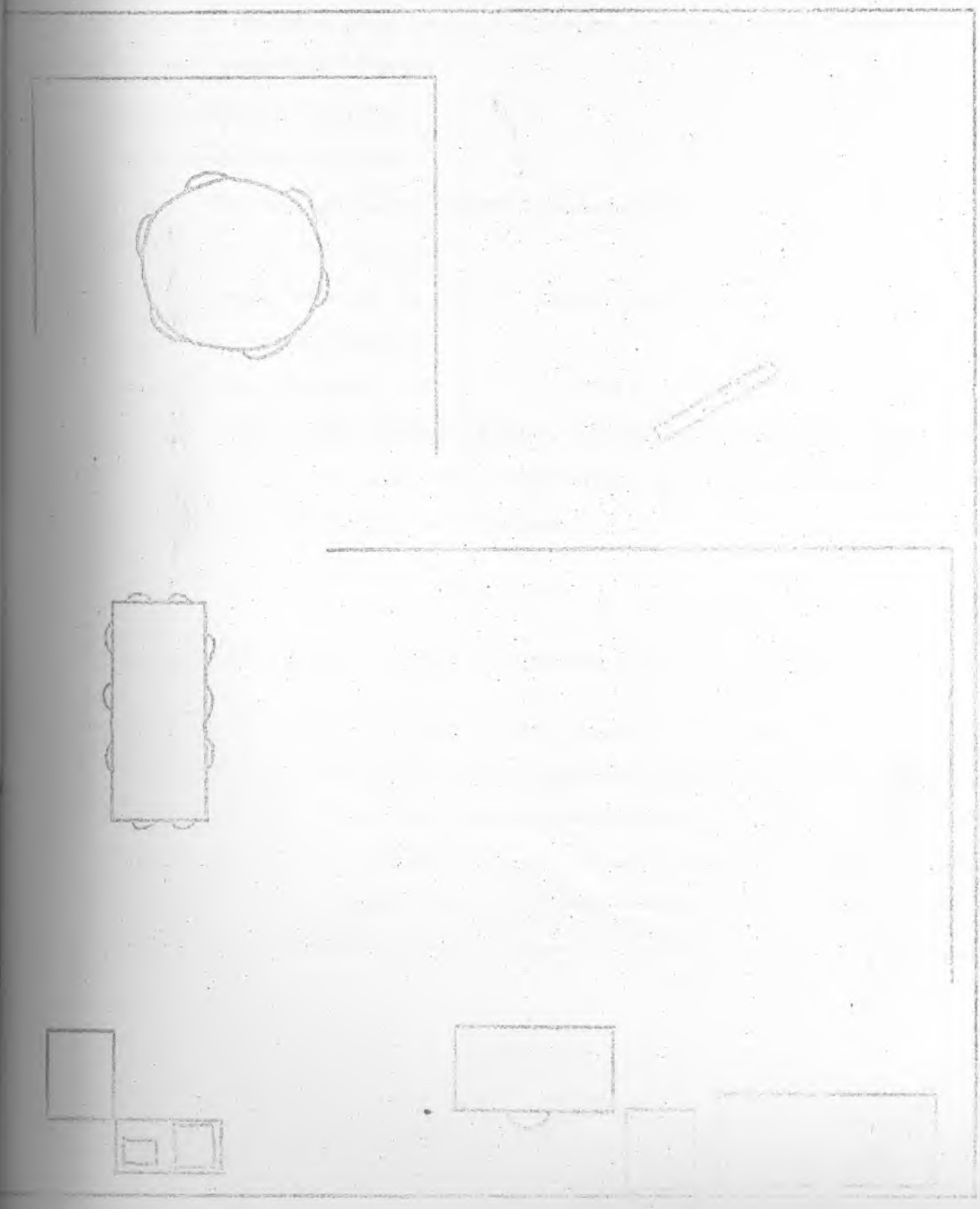
21. Da aula seguinte – para quem está interessado –, lembro desta resposta maliciosa: – Ah, não aconteceu mais nada, era para acabar assim mesmo, acabar não acabando.

22. A seguir, dois destes exercícios mencionados, sendo que um deles em duas versões, adequadas aos níveis escolares. Note-se, ainda, que havia quase sempre uma "armadilha", da qual as crianças já ti-

INSTITUTO METODISTA BENNETT
COLÉGIO BENNETT

Cap. 3 Nota 22
1

BIBLIOTECA INFANTIL - 3ª e 4ª SÉRIES - 1980 - PROF. NANCI - Nº 33
(1º GRAU)



Este é um esquema da biblioteca reorganizada. (Faça de conta que você está olhando de cima para baixo.) Coloque no esquema as letras correspondentes aos seguintes itens:

a. cantinho da leitura

b. cantinho da pesquisa

c. convite com cartazes sobre a biblioteca

d. estante de "novidades"

e. local para colocar os livros lidos ou consultados

f. mesa da bibliotecária

g. cartaz que indica o nº correspondente ao [illegible] a pesquisar

h. lugar onde estão enciclopédias, dicionários, jornais, etc. (livros que não se pode levar emprestado para ler em casa, porque precisamos consultar a toda hora).

Você gostaria de dar alguma sugestão para a biblioteca?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Cap. 3 Nota 22 2

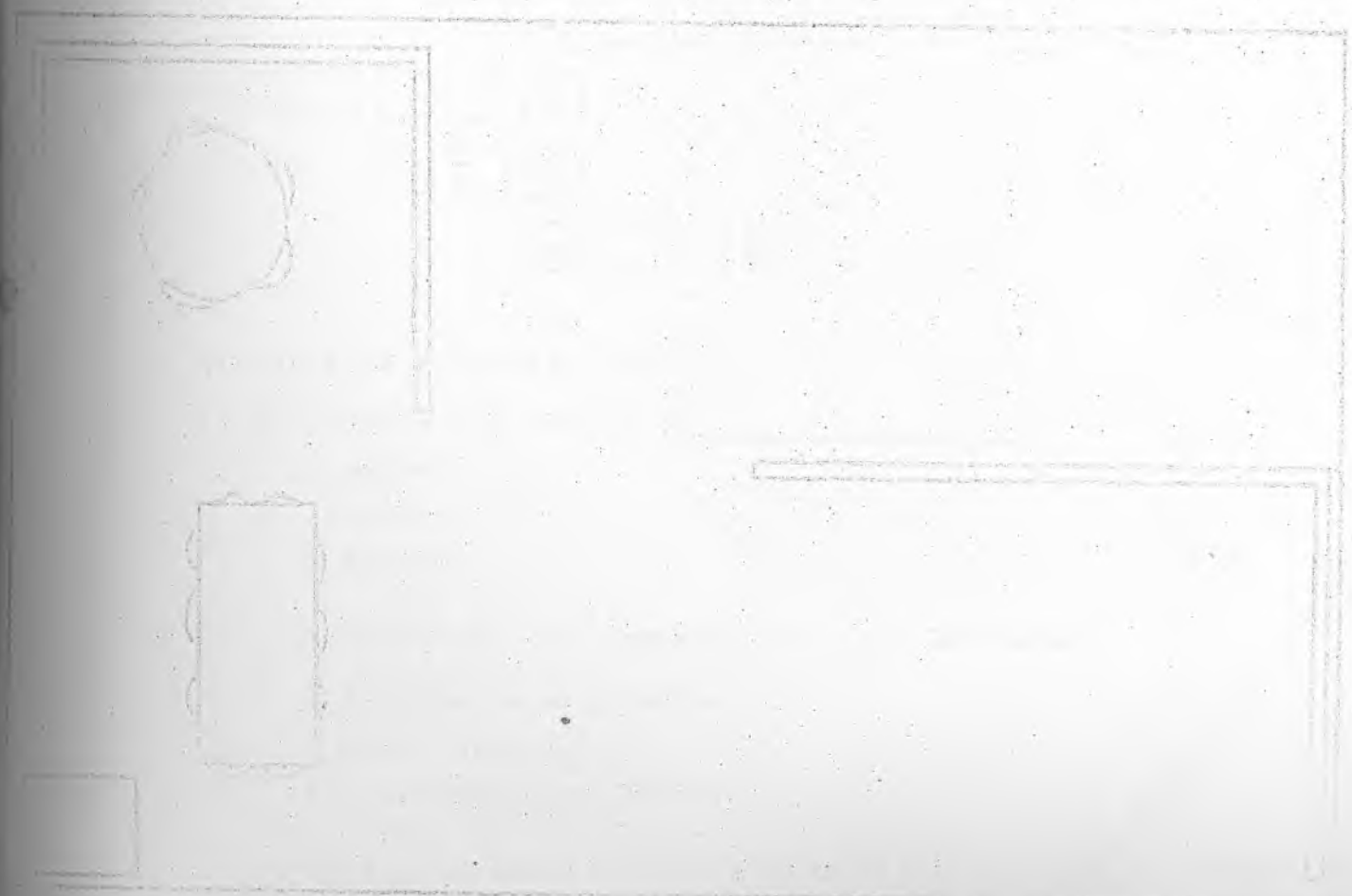
INSTITUTO METODISTA BENNETT

COLÉGIO BENNETT

BIBLIOTECA DE 1º GRAU - 1a. E 2a. SÉRIES - 1980 - PROF. NANCI Nº 34

1. FAÇA DE CONTA QUE VOCÊ É UMA ARANHA, E ESTÁ PENDURADA EM SUA TEIA NO TETO DA NOVA BIBLIOTECA INFANTIL. O QUE VOCÊ ESTÁ VENDO LÁ EM BAIXO? A SALA AGORA ESTÁ DIVIDIDA EM DUAS PARTES, NA O É UM CANTINHO PARA AS ESTORINHAS, E OUTRO CANTINHO PRA ESTUDAR E FAZER PESQUISA... MOSTRE NO DESENHO ONDE ESTÃO ESTES CANTINHOS. PONHA LETRA A NO NOSSO CANTINHO DA LEITURA E LETRA B NO NOSSO CANTINHO DA PESQUISA.

2. E O LIVRO QUE VOCÊ ACABAR DE LER, ONDE VAI BOTAR? MOSTRE NO DESENHO A ESTANTE CERTA, PINTANDO COM LÁPIS VERMELHO:



Cap. 3 Nota 22
3

INSTITUTO METODISTA BENNETT

C O L É G I O B E N N E T T

BIBLIOTECA INFANTIL - 1º GRAU - 3ª e 4ª S. - JUNHO 80 - PROFª: NANCI

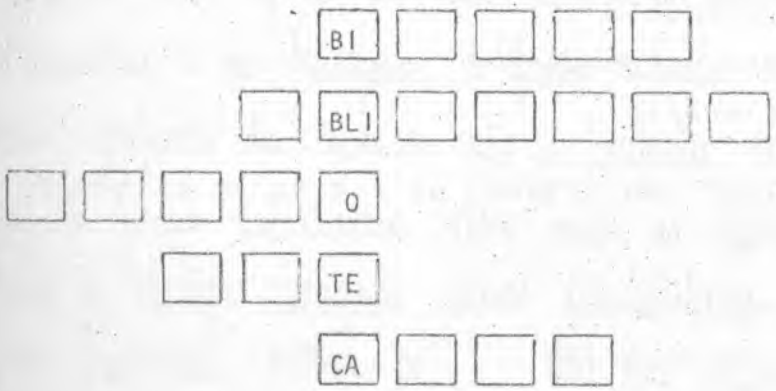
NOME: _____ TURMA: _____

A) Para preencher as colunas, escolha entre as letras ou sílabas abaixo. Vá tirando-as, conforme forem sendo usadas:

A - BI - BLI - CA - CÃ - ES - I - L - LE - O - O - R - RI - TAN - TE - TE - TE - V - VA.

chaves:

1. lugar onde ficam os livros para serem consultados ou emprestados.
2. a professora que cuida dos livros na biblioteca.
3. onde aprendemos coisas; onde lemos estórias.
4. prateleiras onde colocamos os livros.
5. lugar para colocar cartazes da biblioteca.



B) Assinale as respostas certas:

1. Astronomia é o estudo do _____.
   ( ) animal
   ( ) homem
   ( ) espaço

2. Qual destes é, com certeza, um conto de fadas?
   ( ) O príncipe e os anões
   ( ) Tom e Jerry
   ( ) Meus amigos os animais

3. Se você quisesse aprender alguma coisa sobre as diversas espécies de peixes, que livro - entre estes - você escolheria?

sham conhecimento, o que as motivava mais à tarefa, geralmente em parceria, das perguntas e respostas. Por exemplo, no exercício 35, o item A, onde uma só palavra vai ser colocada nos quadrinhos através de letras e, não, sílabas; e o item B.3, onde todas as respostas podem ser consideradas. O exercício sobre como procurar o livro na estante e/ou pelo catálogo, foi extremamente prático, não o organizei por escrito. Porém, foi o mais interessante, pois assumiu um caráter de "busca do tesouro", brincadeira apaixonante para todos nós. (Vide documentos anexos)

23. Jacqueline Held diz no seu O imaginário no poder que: "A ficção se assemelha a um brinquedo. A ficção responde a uma necessidade muito profunda da criança: não se contentar com sua própria vida. A ficção não deveria abrir todas as espécies de portas, permitir à criança imaginar outras possibilidades de ser para que possa, finalmente, escolher-se?" Mais um argumento para mim de que o Imaginário poderia auxiliar, (re) construir o Real. Dão a argumentação de que Literatura é fuga — entregar àquelas crianças formas de escapismo —; não aquela que utiliza a Literatura — "[...] o entrecruzamento do discurso do dever com o discurso do prazer. A perspectiva enunciativa que materializa o discurso do dever constitui como seus destinatários a escola e os alunos, quer oferecendo uma leitura que contém uma moral, uma leitura que propõe uma lição [...] em outras palavras, os leitores

O imaginário

entrecruzamento do discurso do prazer com o discurso do dever

são caracterizados como utilizadores do texto e a leitura é caracterizada como uma leitura utilitária, aproveitável." (FONTANA, 1991, p.57). Mas uma (das muitas) possibilidade que a ficção permite: através de sua fruição (a ponte para o universo infantil), assenhorar-se de sua característica de "mimesis" (como ensinado por "Auerbach [...] o poder que a linguagem poética tem de expressar e transfigurar a realidade (grifo meu)" - cf. PONDÉ, 1985, p. 151). E, para tal, um "produto" facilitador para o encontro entre os desejos e/ou necessidades e a história que os contentaria. A minha possibilidade de uso da Biblioteconomia para viabilizar este "encontro feliz" (o "Vocabulário Controlado da Literatura Infantil" ganhará forma mais tarde - como veremos).

literatura / realidade / desejo / necessidade

24. São assim consideradas as disciplinas ou atividades anexadas ao currículo mínimo exigido pelo Conselho Federal de Educação, no tocante ao 1.º Segmento de 1.º Grau. Complementariam, como o nome diz, a formação básica da criança, que seria dada pelas "disciplinas obrigatórias": Português, Matemática e Integração Social. Cada escola decide sobre a inserção delas, e, quanto mais abrangente a inclusão, melhor será a formação educacional oferecida. No colégio estudado eram áreas complementares: Biblioteca, Artes Plásticas, Práticas Educativas (ginca, Teatro direcionados ao desenvolvimento psico-físico), Educação Física, Religião, Música. Acrescido

conhecendo tais deliberações, me irritava com elas. Afinal, considerava a biblioteca essencial na formação do indivíduo, ora essa! ("A cultura é sempre deixada de lado: se sobrar espaço, se sobrar tempo, se sobrar dinheiro, então se faz alguma coisa, normalmente coisa extraordinária, circunstancial, quase diversão. Mas [...] na escola é ainda menos que isto: vista como "atividade", como matéria curricular [...] é tratada como algo suplementar ou acessório ao núcleo formador do indivíduo, funcionando como válvula de escape. Considerá-la "atividade", em oposição a "disciplina regular", é, desde este ponto de vista, uma explicação de sua pouca importância" (cf. NASCIMENTO & BRITTO, 1991, p.32, em reflexões para Educação Artística, mas que se afinam perfeitamente com a questão da Biblioteca.)

"disciplina regular" ≠ "atividade"

25. Fantasia que possibilita o domínio dos problemas psicológicos do crescimento, já que "a sabedoria não irrompe integralmente desenvolvida." e, portanto, "a criança necessita de idéias sobre a forma de colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso ser capaz de criar ordem na sua vida", ou seja, apreender-lhe o significado. E, assim como o autor citado, mesmo pretendo que é a família a ponte mais significativa para uma compreensão do real, saiba que é a Literatura (a Fantasia, a Ficção, o Imaginário) que "canaliza melhor este tipo de informação". (todas as citações são de BETTELHEIM, 1980, p.11-2). Mas, não só para a criança a fantasia é

facilitadora, torno a dizer, pois não tinha o exemplo próprio com os acontecimentos desde o início daquela Biblioteca? E até hoje não tenho a gratificação através de tantos outros, como o desse escrito feito por Fanio N. Morais, em um curso sobre Organização de Biblioteca para Crianças, em Opiânia, a convite do Sesc? Eis: Diálogo de dois livros. Em uma biblioteca do SESC, onde existem livros e livros, títulos e títulos; em uma estante juntamente juntos, dois livros de gêneros diferentes: um de terror, outro de romance. Eis que entra o "LEITOR". O livro de terror diz para o livro de romance: – Ele irá retirar-me, é do tipo que me adora. – Não, ele é do tipo romântico e irá ler-me. – Não, sou eu. – Não, sou eu. O leitor idoso entra, passa pela estante onde estão os dois livros e pega um livro infantil. Um livro olha para o outro, espantado. E um diz: – Nós não temos o direito de subjulgar [sic] os outros; todo acervo é importante. – É, concordo. Porém, como vamos dizer isso para a bibliotecária?"

26. Em Cascudo aprendi a enormidade dos significados em seus estudos sobre os contos brasileiros ("contos de encantamento", as "facécias" – que intrigantes palavras), suas variantes e a tese de que são um elo de uma longa, longa cadeia. Em Todorov, o "suporte" que existe nas histórias, se soubermos olhar para elas. Os dois autores estão relacionados nas Referências Bibliográficas desta dissertação – meu suporte e elo. Cascudo Todorov

27. Parece-me (e sei que é uma visão bem drástica) que a Escola traça seu plano de trabalho numa linha mestra que se baseia em conhecimentos a transmitir, informações a fornecer. Aliado a isto, acrescenta uma série de acontecimentos marginais para "florear": encontramos aqui as comemorações de datas cívicas ou festivas. Para mascarar estas atividades com o cunho de aprendizado, vale-se da famigerada "pesquisa", aliada (ou inimiga — não sei bem) que obteve através da Lei de Diretrizes e Bases que apregoava a necessidade de pesquisar, pesquisar, pesquisar. Assim, Escola e Biblioteca, por extensão, têm verdadeiras listas de datas comemorativas; e, "melhor" serão aquelas que conseguirem enciclopédias recortes de jornais, ilustrações de revistas, textos e poemas sobre o Dia das Mães, o Dia do Mestre, o da Bandeira, do Folclore...
Tentava a não conivência com esta situação. Por outro lado, não podia deixar de fornecer as fontes solicitadas. O meio, ainda frágil e que se fortaleceria durante o tema Mistério, foi buscar com as crianças uma outra maneira de fazer, de planejar a pesquisa. Estávamos muito mais interessados no <u>desejo</u> de conhecer do que no resultado formal destes conhecimentos, inicialmente. Assim, para as 1as séries, aproveitando o tema, pedi ajuda dizendo que a Biblioteca precisava de um cartaz onde aparecia o desenho de uma coroa de princesa. Mas não sei se há realmente diferenças entre a coroa de princesa e a coroa de rainha. Alguns disseram que sim, mas como podemos ter certe-

a "dosagem" das inf.

a "pesquisa"

desejo de conhecer

ça? Será que todas as princesas usam coroas? Como será? Como será o costume de cada lugar? E assim por diante. E das ilustrações dos livros de histórias de fadas passamos a outros, à obra de referência, pedindo emprestadas até as enciclopédias da Biblioteca Central. Um início somente. Muita coisa havia a fazer. Para as outras séries não houve jeito, estavam já direcionados ao que se pedia a eles. No entanto, tentamos ver algo mais proveroso do que simplesmente copiar verbetes de enciclopédias. Era Folclore o pedido, pois não? Que tal uma antologia sobre as frases de caminhão? Elas falam sobre o que, em sua maioria? E as frases que todo mundo diz, que são os "ditos populares"? Onde podemos procurar? O que quer dizer "Quem com ferro fere, com ferro será ferido?" E "em casa de ferreiro, espeto de pau"? E assim por diante, pesquisando uma verdadeira avalanche de ditos populares lembrados pelos pais, pelos funcionários do colégio (entrevistados que foram pelas crianças) numa percepção de que nem sempre os livros são os elementos únicos, que a pesquisa será mais rica se a gente olhar em volta. Fizeram a antologia com frases populares (não só as de caminhão ou os ditos populares), acrescentando algumas inventadas por eles e recolhidas por todos como mais significativas, mais adequadas para aquela obra de referência, que foi doada ao acervo da Biblioteca, num período muito posterior ao Dia do Folclore, é claro. (Por que será, hein?)

variação da "pesquisa" e o folclore

bom!

28. E enfim ela foi criada: a Gibiteca. Porque resolvi fazê-la? Ah, era só olhar aquelas crianças, sua entrega total quando liam aquelas revistinhas. É claro que, como educadora, eu precisava ver as linhas demarcatórias, as fronteiras. Então, caiu a mim atentar aos prazeres e vê-los como auxiliares e, não, inimigos. Por que gostavam tanto? Seria pelos mesmos motivos que eu, quando criança, e até mesmo agora? Pelos mesmos, certamente. Hoje, pergunto à minha filha Rafaela porque ela faz a sua coleção. Muito importante no ensinamento, me diz: "Porque é mais fácil. Tem poucas palavras. A gente pode ler muitas revistinhas num dia. É engraçada. Se eu quiser eu vejo tudo de novo, não dá preguiça." (O desafio, então, era transformá-las numa ponte?) Na carpintaria me deram um caixote, pintei-o de verde, nomeei-o GIBITECA, e coloquei lá as revistinhas. Num canto, sobre uma esteira de palha com algumas almofadas. E sempre que podia e não me sentia intrusa, sentava lá também. E líamos juntos, trocávamos gibis e informações. Um dia: "— Conhece a Liberdade, a Burocracia?" Diante de olhares vagos, eu, impávida, continuava. Conhece Miguelito, Gui? Não conhece a Mafalda? Sabe, ela o-d-e-i-a sopa. O pai dela luta com formigas. Olha, amanhã eu trago pra mostrar. Eu faço coleção de Mafalda, sabe? E me levantava, trêmula, porque ia mexer de novo na minha querida guerreira e precisava achar um jeito de interessá-los nas questões filosóficas daquela menina de cabelo preto arrepiado. As revistinhas nos ensinam muitas coisas. Além

a Gibiteca

de seus conteúdos — como os dos livros, devem ser "sacados", para que possamos perceber os preconceitos, os pensamentos pequenos, que não valem a pena —, sua forma é, no meu entender, seu grande trunfo (e o nosso). Podemos com ela trabalhar, por exemplo, resumos, as diversas formas da linguagem: onomatopéias, diálogos, a linguagem visual etc. E podemos aprender a arte da espera. E': assim respeitando o tempo da criança, a hora em que ela própria passa de uma opção à outra, para experimentar tudo. Acredito que cabe a nós oferecer estas variadas possibilidades, sendo muito sutis nos empurrões necessários. Mas cabe principalmente ao indivíduo a sua própria escolha. E, por causa da Bibiteca, as crianças, depois, me ofereceram o próximo sucesso: a Jogoteca. Jogos que ficavam guardados no banheirinho ao lado e que eram usados pelas professoras em tempos livres na sala de aula. Por que não transformá-los em mais um serviço oferecido pela Biblioteca, em mais um chamariz? E com o acréscimo de deixar as crianças, depois de algumas explicações técnicas, "bibliteconômicas", serem os auxiliares (que tanto se precisava!) e "tomarem de biblioteca": selecionar o jogo que ia ser comprado, tratar dele quando chegasse, arquivando a nota fiscal, carimbar, escrever seu título e características numa ficha (7.5 x 12.5 — que maldade!), numerá-lo e emprestá-lo para quem quisesse jogar. Levei quatro anos na faculdade aprendendo o que aquelas crianças entenderam num piscar de olhos! E ainda resolviam belamente a questão do mercado de trabalho: os pequeninhos, mandavam tomar conta, contar as peças para ver se cada tinha sido perdido, molhar o carimbo nas almofadas, carimbar, saber qual é

a Jogoteca

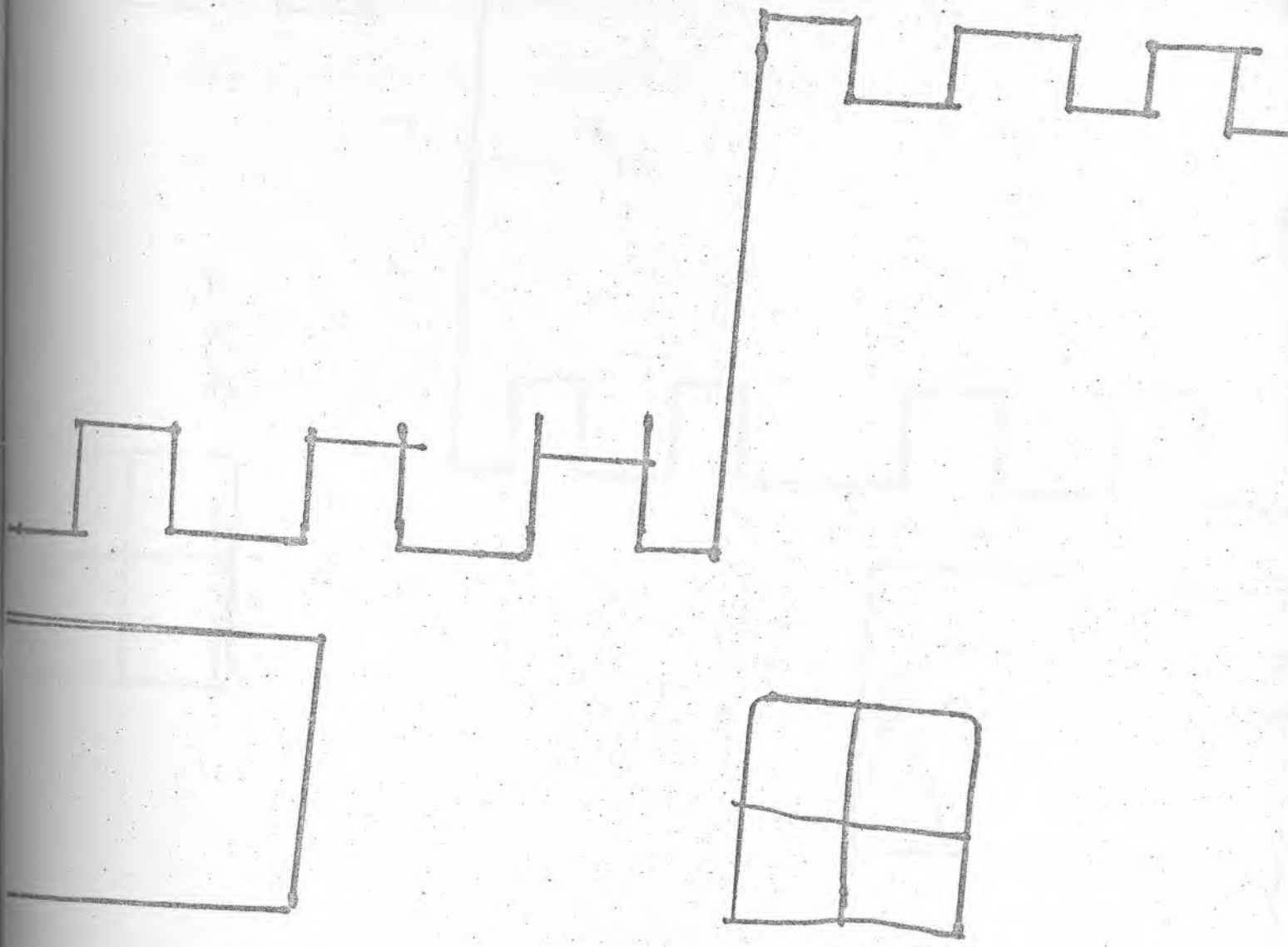
os auxiliares da Jogoteca

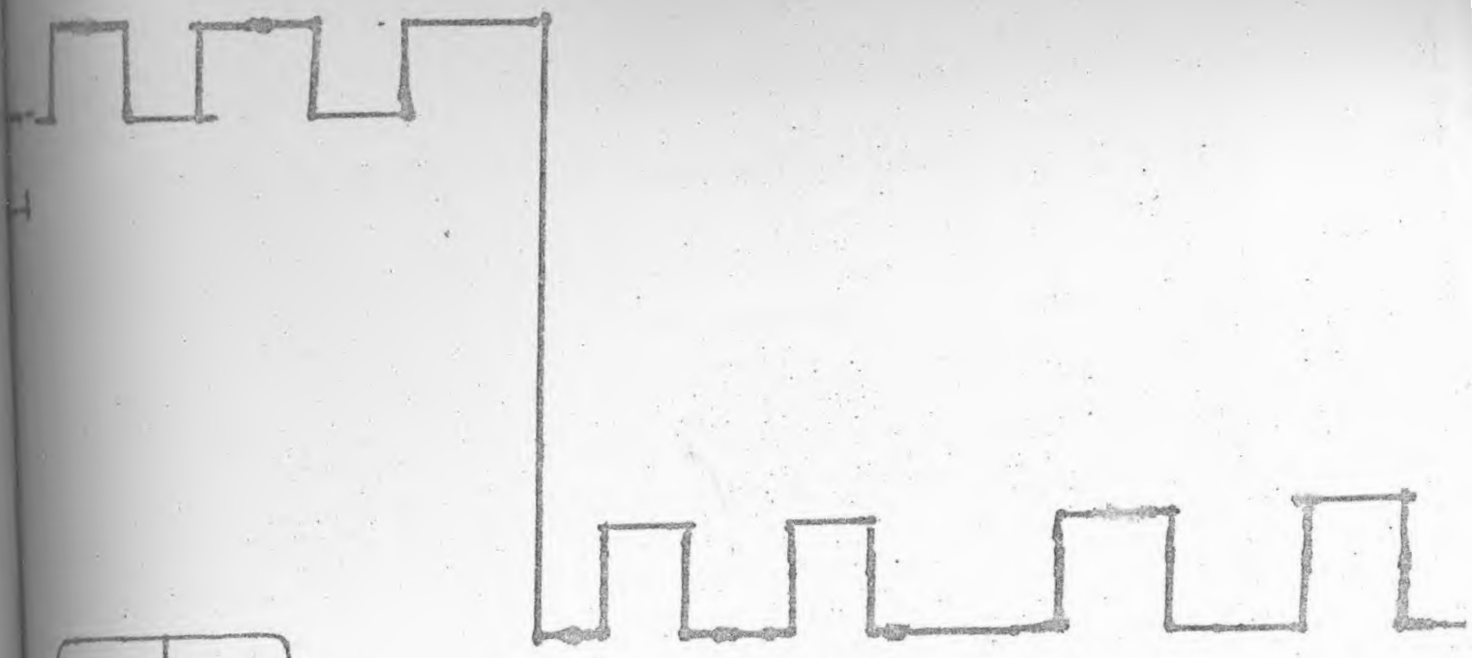
ra o jogo que as outras crianças queriam comprar, buscar o jogo que tivesse ido para alguma turma etc. (O único cuidado era atentar para que a Biblioteca e a Jogoteca não se tornassem "maiores" do que a Biblioteca.)

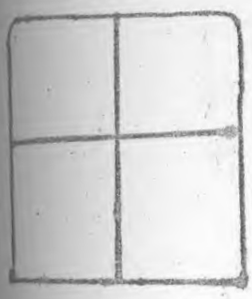
29. A escola anunciava os horários de entrada, saída e recreio por meio de um lindo sino dourado. Esterzinha, Maria Joaí e Francisca, sabia muito, deixavam as crianças revezarem-se com elas para tocar o sino e anunciar o tempo. Aquele sino tornava muito melhor o dia, mesmo quando dizia que o recreio tinha acabado. (Tomara que o colégio não tenha instalado uma sineta!)

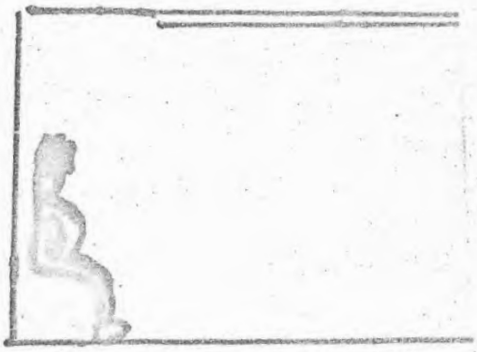
30. Vide o desenho em anexo.

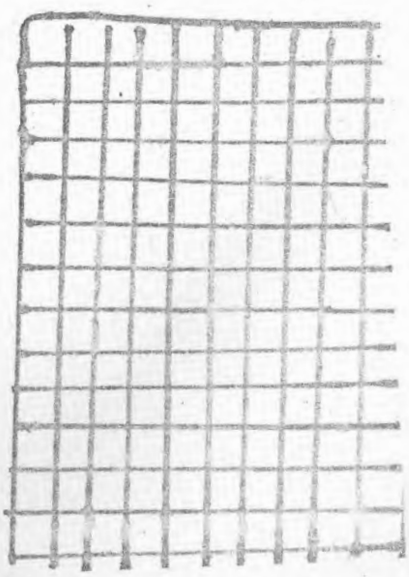
31. Ainda não o rosto desenhado, ela é só uma menina, não? Mas já não podemos ver aí uma catarse? (Lembrando que este rei, de uma história contada, era um rei bem mau.) O desenho também foi cortado para que não aparecesse a assinatura de "Érika". (Vide o desenho em anexo.)











Cap. 3 Nota 31

32. Este "Vocabulário Controlado da Literatura Infantil" será agora melhor desenvolvido, pois conquistou uma equipe de professoras da Faculdade de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal Fluminense. Já, de imediato, muitas questões complexas que se relacionam com a multiplicidade de significados que cada termo pode deter na obra de ficção. Além disso, um instrumento que foi pensado inicialmente para o usuário infantil da Biblioteca para Crianças (seu usuário primordial), parece precisar de um primeiro teste com seu usuário da equipe docente. Senão, vejamos: 1) se concordamos que o termo "identidade" tem uma interpretação básica para a criança (carteira de identidade, por exemplo), como inserir aí uma significação de "busca do Eu" — seu "melhor" tradução para nossos objetivos?; 2) na literatura em questão são fundamentais as situações que significam os opostos (que traduzem as questões dos valores morais, por assim dizer); então, colocá-los de que forma (meninos × meninas; juventude × velhice; bom × mau, por exemplo)?; 3) os personagens deste imaginário, por sua importância de "representação", por sua função de símbolos, devem constar deste vocabulário, sem dúvida — no entanto, como fazer: o nome ou o que representam? ("Flicts", "Patinho Feio" ou ...?) E assim por diante. Um trabalho desafiador que merece uma dissertação de Mestrado, ele mesmo. Enquanto isso, convido os interessados à leitura de NOBREGA, Nanci Gonçalves da. Classificação: novas idéias para uma questão antiga. Fim Lim Fim Fim, Rio de Janeiro, 1 (1): 7-10, out./dez. 1988.

Vocabulário Controlado de Literatura Infantil

auto-citação

33. Ver documento em anexo.

34. Ver desenhos em anexo.

35. Vide documento em anexo.

36. Vide documentos em anexo.

37. Vide documento em anexo.

38. Lembranças da Feira de Leitores: 1. cartaz iniciador da divulgação (um exemplo); 2. Origami Leona, as crianças, o presente; 3. foto da filha da Luíza, a psicóloga do primário, que, transformada em cartaz, iniciou o processo de avaliação do evento. Foi colocada na entrada da Biblioteca, com os dizeres: "Parece que a Sílvia gostou, não é? E você? Deixe sua opinião sobre a Feira de Leitores na urna da Biblioteca. Ou faça um cartaz, se quiser." (Vide documentos em anexo.)

BIBLIOTECA INFANTIL DINAMIZA ATIVIDADES

Foi reformulado, recentemente, o funcionamento da Biblioteca Infantil, visando à dinamização de suas atividades e atingimento do seu objetivo, que é incentivar, desde cedo, o hábito de leitura e auxiliar nas pesquisas escolares.

Subordinada técnica e administrativamente à Biblioteca Central do IMB, funciona a Biblioteca Infantil em dependências especiais, com mobiliário adequado ao seu público específico, que são principalmente os alunos da 1a. à 4a. série do 1º Grau. O seu acervo se constitui, basicamente, de livros de estórias, livros de pesquisa, enciclopédias, dicionários, revistas em quadrinhos, possuindo uma linguagem dirigida especialmente à criança.

Todos, especialmente os responsáveis pelos alunos que a utilizam, estão convidados a visitar e conhecer a Biblioteca Infantil.

BENNETT: II VESTIBULAR DE 1980

Continuam as inscrições para o II Vestibular de 1980, para os cursos de ADMINISTRAÇÃO, ARQUITETURA, DIREITO, ECONOMIA e EDUCAÇÃO ARTÍSTICA do Bennett. As inscrições estão abertas de 02 de junho a 07 de julho para o Grupo I (ARQUITETURA E EDUCAÇÃO ARTÍSTICA) e de 02 de junho a 18 de julho para o Grupo II (ADMINISTRAÇÃO, DIREITO e ECONOMIA). As provas do Concurso Vestibular estão marcadas para as seguintes datas: HABILIDADE ESPECÍFICA - 11 de julho; COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO - 22 de julho; BIOLOGIA E QUÍMICA - 23 de julho; FÍSICA E MATEMÁTICA - 24 de julho; ESTUDOS SOCIAIS - 25 de julho. Todas as provas serão realizadas às 14 horas.

o doutor Sadio aconselha

Os gladiadores de Roma recebiam para cada refeição 100 g. de queijo. (Em valor nutritivo 100 g. de queijo = 1.100 g. de leite).

Golden Cross ASSISTÊNCIA INTERNACIONAL DE SAÚDE apóia

CENTRO Informa

ANO I - RIO DE JANEIRO,RJ, 19 DE JUNHO/1980 | Nº 13

SALA DA COORDENAÇÃO DE ENSINO DE 3º GRAU LEMBRARÁ O SR. MAGGESSI

Por indicação da Diretoria Acadêmica, a Direção Geral propôs e o Conselho Diretor do IMB decidiu que a atual sala da Coordenação de Ensino de 3º Grau, no andar térreo do Ed. John Wesley, passará a ser designada sala HOMERO MAGGESSI PEREIRA, em homenagem ao seu ex-funcionário, desaparecido no ano passado.

A placa,com a qual será definitivamente inscrito naquele recinto o nome do Sr. MAGGESSI,será inaugurada no próximo dia 24 de junho, terça-feira, às 21:00 horas. Para aquele momento de saudade, lembrança e gratidão, estão convidados todos os professores, alunos, funcionários e amigos do Sr. MAGGESSI.

FESTA JUNINA DO COLÉGIO ACONTECERÁ NO DIA 04 DE JULHO

Encerrando as atividades discentes do 1º semestre, será realizada no próximo dia 04 de julho a tradicional festa junina do Colégio.

REFORMA CURRICULAR

A Direção Acadêmica do IMB designou, em 08 de novembro de 1979, comissão especial para realizar estudos e apresentar sugestões visando à revisão dos currículos dos cursos de graduação das FIB.

Na sua primeira reunião, em 19 de dezembro passado, decidiu a comissão subdividir-se em seis grupos: *Propedêutico, Administração, Arquitetura, Direito, Economia e Licenciatura em Educação Artística.* Foi criada, assim, a Subcomissão de Economia, composta pelos professores MARCOS COIMBRA, ROBERTO MORENO, LAURINDA FERNANDES, JOSÉ SOTER, LUIZ SALVADOR e RENATO MAYER.

Na sua primeira reunião, a referida Subcomissão subdividiu-se em quatro grupos: *Básico, Teoria Econômica, Métodos Quantitativos e Financeira.* Em várias reuniões de trabalho, os quatro grupos reuniram os dados necessários para a promoção das reformas respectivas, no âmbito especial de cada grupo.

SUBCOMISSÃO DE ECONOMIA AMPLIADA REÚNE-SE

Dia 14 de junho do corrente reuniu-se, sob a presidência do Prof. MARCOS COIMBRA, Diretor do Curso de Economia, a Comissão de Reforma Curricular ampliada, isto é, integrada por professores e alunos da área.

A VIDA SERTANEJA NO NAC

O NAC projetará, dia 24 de junho do corrente, às 18:00 horas, dois filmes voltados ao estudo da vida sertaneja:

1 - *CASA GRANDE E SENZALA, documentário tirado do livro de GILBERTO FREIRE (1933), analisa a estrutura da sociedade patriarcal, escravocrata e latifundiária, trazendo elementos essenciais à compreensão da formação da sociedade e do homem brasileiro.*

2 - *CASA DA FARINHA, focaliza a existência sócio-econômica do sertanejo, desde o cultivo da mandioca até a venda da farinha no seu mercado natural, as feiras naturais do Nordeste.*

A DEMOCRACIA SABE DEFENDER-SE?

OSCAR DIAS CORRÊA, Professor das FIB e Superintendente da Área de Ciências Humanas, publica um estudo polêmico sobre o problema chave da democracia: aquele de sua sobrevivência. ("Estado de Direito e Emergência Constitucional", Editora PRESENÇA, Rio, 1980)

Opondo o estado democrático ao estado autocrático (seja ele da direita, da esquerda ou do centro), o Autor define o estado de direito como aquele que não esmaga o indivíduo, mas lhe reconhece e garante os direitos essenciais.

IMB

Diretor Geral
Rev. ACIR GOULART

BENNETT Informa

Coordenador: Prof. Alejandro M. Franco

Colaboradores: Profª Lucia Pacini (copy-desk) Prof. Vinício Valdivia Muñoz (Arte) Djalma Ribeiro da Silva (Composição) Levi Carvalho e Vivaldo Alves da Silva (Datilografia)

Publicação semanal do IMB
Rua Marquês de Abrantes, 55
Rio de Janeiro – Tel. 245-8000 R. 15

É essa forma ideal de Estado, realizada com maior ou menor felicidade pelas democracias do Ocidente, que OSCAR DIAS CORRÊA vê hoje ameaçada por graves perigos, tanto externos, quanto internos.

Quando a ameaça à ordem consitucional se realiza (invasão do território, destruição das grandes cidades por bombardeio atômico e/ou sabotagens internas por atos de guerrilha), os mecanismos rotineiros da democracia não parecem bem adequados a fazer face à agressão. Convocar regimentalmente as duas Câmaras, consultar as lideranças, deixar livre curso aos debates, proceder às votações de rigor, etc., representa um processo pesado e vagaroso, pouco adaptado à rapidez de decisão que a resposta à agressão exige.

É necessário, pois, que o próprio sistema tome de antemão, medidas acauteladoras, prevendo os casos de emergência e assentando na Constituição os recursos adequados de enfrentá-los. OSCAR DIAS CORRÊA estuda exaustivamente as condições de *constitucionalização* das circunstâncias excepcionais, os meios eficazes para atender à emergência e as medidas de evitar os abusos: um remédio forte demais correria o risco de matar o paciente, ou seja, o excesso de medidas também pode acabar com a democracia.

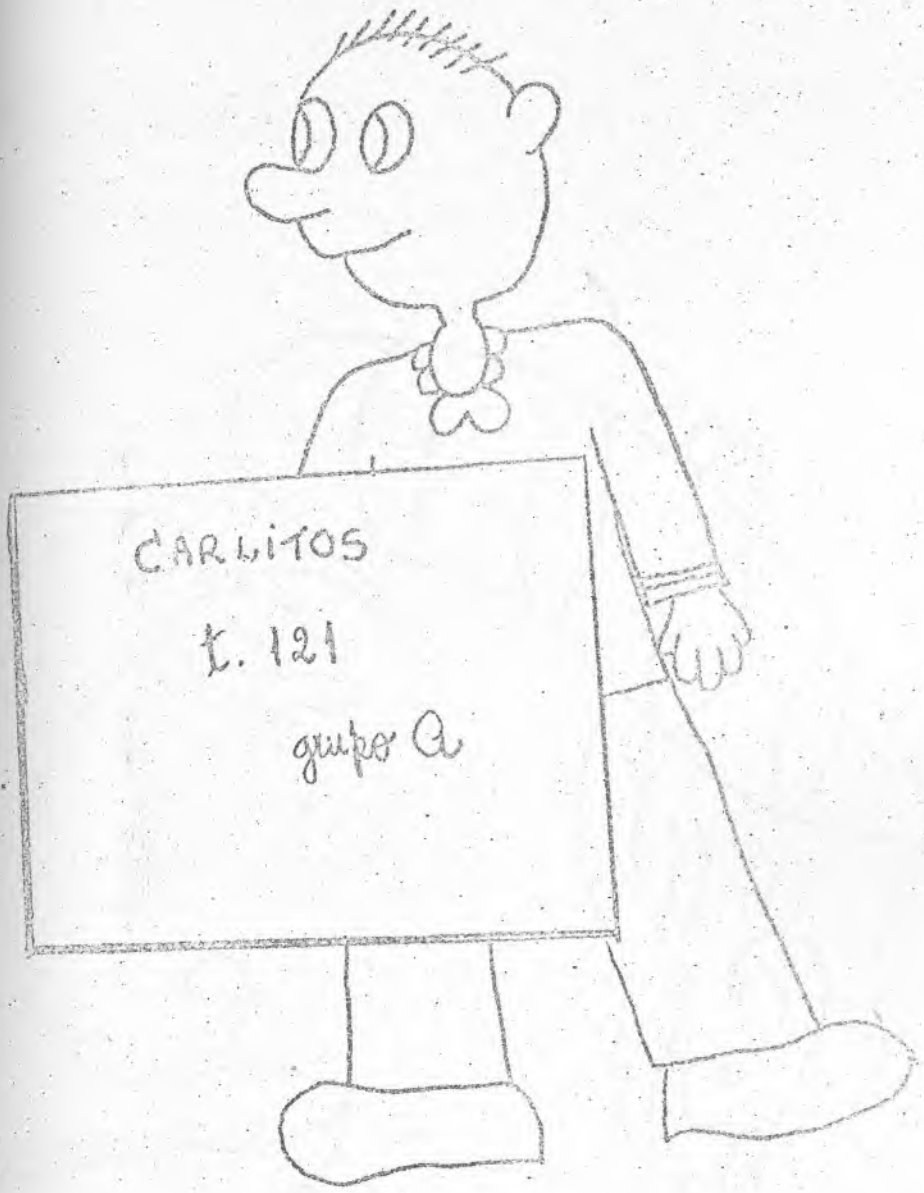
LUTA POR ESPAÇO VITAL

Durante os debates da COMISSÃO AMPLIADA DE REFORMA CURRICULAR DE ECONOMIA, constatou-se que das 68 disciplinas atualmente oferecidas pelo curso, 23 não eram *negociáveis*, isto é, não podiam ser objeto de reforma. Trata-se das 17 matérias que integram o CURRÍCULO MÍNIMO estabelecido em caráter obrigatório pelo Conselho Federal de Educação e as 8 disciplinas filosófico-culturais (Epistemologia, Antropologia, Cultura Contemporânea, etc.) que representam o aporte formativo específico do IMB.

Na próxima reunião da Comissão Ampliada, iniciar-se-á a luta pelo espaço vital das 33 disciplinas restantes, sem contar com 12 disciplinas "novas" que têm fortes defensores para serem incluídas no currículo. A luta não será apenas pela inclusão ou exclusão de matérias, mas também pela ampliação ou diminuição da carga horária.

Os professores e alunos que não puderam participar da primeira reunião da Comissão Ampliada, são convidados a não perderem as subseqüentes.

Cap:3 Nota 34
1



nome: _____

Moleque Safado turma 132 grupo B

Nome: _____

Cap. 3 Nda 35

INSTITUTO METODISTA BENNETT
RUA MARQUÊS DE ABRANTES, 55
RIO DE JANEIRO TEL. 245-8000

OBJETIVOS DA BIBLIOTECA INFANTIL PARA O PLANEJAMENTO DE 1981

1. Ampliar o acervo das obras de pesquisa.
2. Atualizar o registro.
3. Reorganizar os catálogos.
4. Implementar e controlar o empréstimo, inclusive de jogos recreativos e didáticos.
5. Agilizar os serviços técnicos dos livros do "Cantinho da Pesquisa".
6. Publicar boletins.
7. Divulgar novas aquisições.
8. Divulgar a literatura infantil, através da elaboração de estórias, com o uso de recursos audiovisuais.
9. Confeccionar jogos com objetivos didáticos e de lazer.
10. Implantar o "Cantinho das Novidades".
11. Executar planejamento de curso, de unidade e de aula.
12. Analizar livros, para sugestão aos professores, responsáveis, alunos, etc...
13. Corrigir exercícios, mapas de notas, situação geral das turmas e de cada aluno para o Conselho de Classe.
14. Desenvolver maior contato com as entidades ligadas à literatura infantil.
15. Organizar o fichário de assuntos, referentes a planos de aprendizagem feitos pelos professores (assuntos dados em aula).
16. Promover sessões de desenho animado, no Audiovisual.
17. Preparar cartazes decorativos e educativos.
18. Desenvolver exercícios referentes à literatura.

Cap. 3 Nota 36
1

EU SOU DO MUNDO DA FANTASIA. SOU UMA .....

VOCÊ QUER ACHAR UM NOME BEM BIRUXULEANTE PARA MIM?

VOCÊ ACHA? .....

- FICHA BIBLIOGRÁFICA -

AUTOR: _____

TÍTULO: _____

LOCAL PUBLICAÇÃO: _____

EDITORA: _____

DATA PUBLICAÇÃO: _____

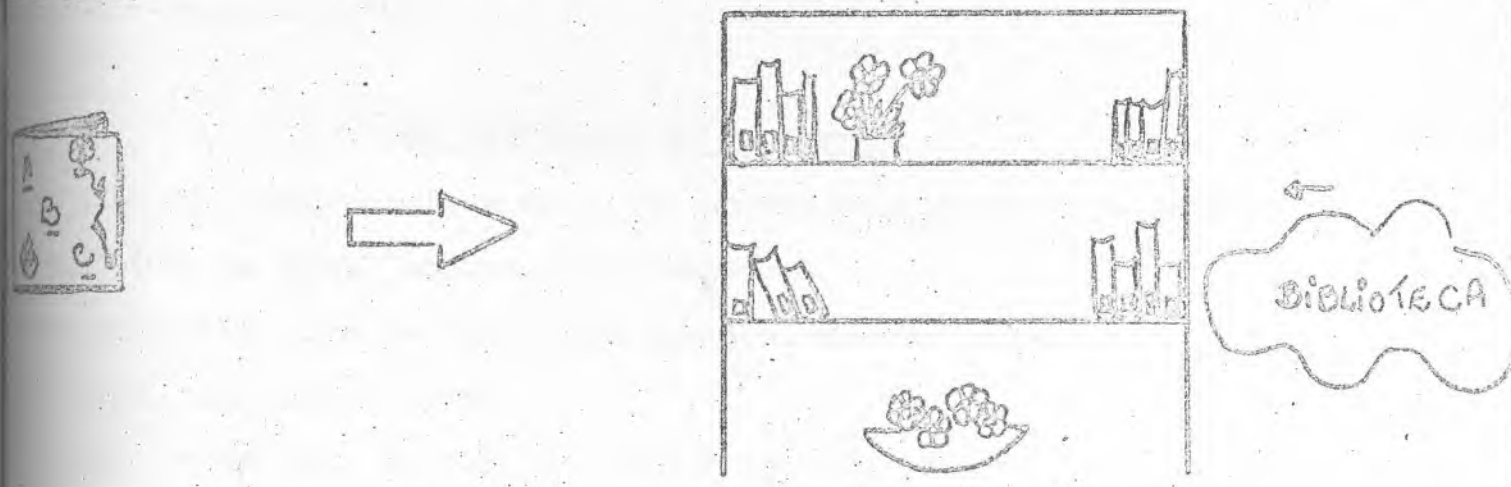
OBS.: _____

RESUMO: _____

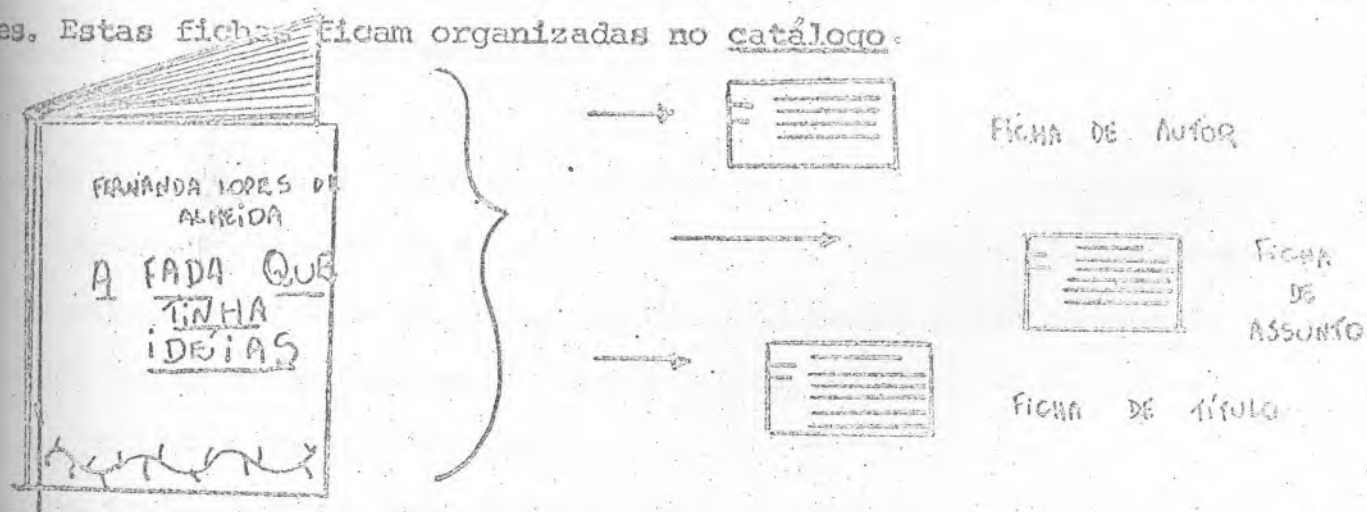
NOME: _____ TURMA: _____ DATA: _____

Pág. 3 Nota 36

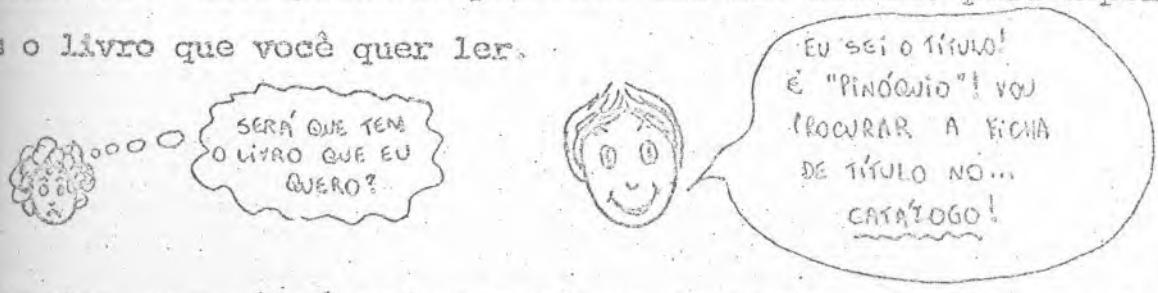
Todo livro quando chega à Biblioteca Infantil é arrumado para ser empres
o a você.



São feitas 3 fichas, pelo menos, para que você possa achar o livro nas
antes. Estas fichas ficam organizadas no catálogo:



Assim, você deve procurar primeiro uma das fichas, para depois achar nas
antes o livro que você quer ler.



Exemplo: se você só souber o título do livro, vá até a gaveta "TÍTULO" do
álogo. Se você quiser qualquer livro sobre Astronomia, vá até a gaveta "ASSUN
do catálogo. Se você souber o nome do autor do livro, vá até a gaveta "AU-
". Todas as fichas estão em ordem alfabética, então, é fácil procurar. Não
xperimente. Procure a ficha do livro A baleia que saía feito uma grande
autora é Maria Mazzetti. E o assunto é: Primeiras estórias.

Cap. 3 Nota 36
4

guém me contou uma estória e eu esqueci o fim. Você quer acabar com
a lenga-lenga pra mim?)

Os velhinhos do Corcovado.

No alto do Corcovado (bem no alto) morava um velhinho. Na base do
rcovado (bem na base) morava outro velhinho.

O velhinho do alto do Corcovado tinha um capote; o velhinho da base
o Corcovado não tinha capote.

Quando fazia frio na base do Corcovado (bem na base) o velhinho da
se do Corcovado (bem da base) subia ao alto do Corcovado (bem no alto)
pedia ao velhinho do alto do Corcovado (bem do alto) o seu capote em
restado.

E descia à base do Corcovado (bem à base) e ficava abrigado e feli-
z.

Quando fazia frio no alto do Corcovado (bem no alto) o velhinho do
lto do Corcovado (bem do alto) descia à base do Corcovado (bem à base) e
dia ao velhinho da base do Corcovado (bem da base) o seu capote de volta.

E subia ao alto do Corcovado (bem ao alto) e ficava abrigado, e não
rigado, porque o capote era dele.

Quando fazia frio na base do Corcovado, o velhinho .....

Cap. 3 Nota 36
5

(eu estou feliz)

(eu estou falando)

Data: _____

_____

_____

(eu estou narrando)

NOME: ..... TURMA: .....

Cap. 3 Nota 36
6

PARA COLORIR:

(Sabe por que estou alegre? Veja minha estória no Cantinho da ...)

NOME: ..... TURMA: .....

Cap. 3 Nota 36

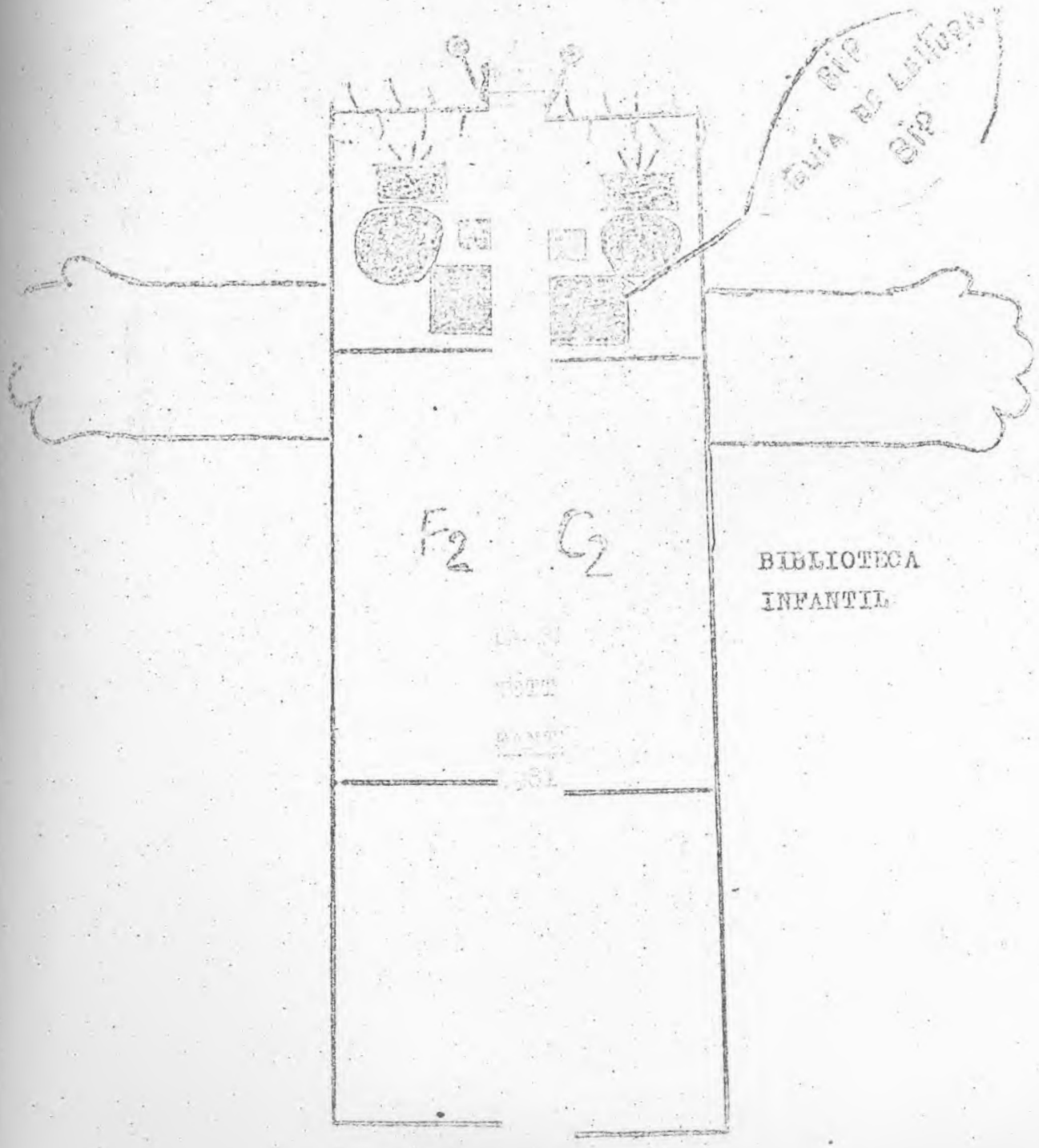
VOCÊ CONHECE ESTA CANTIGA DE RODA?

ATIREI O PAU NO GATO
MAS O GATO TO
NÃO MORREU RREU RREU
DONA CHICA CA
ADMIROU-SE SE
DO BERRO, DO BERRO
QUE O GATO DEU...
M I A U !

AGORA, QUE TAL VOCÊ DESENHAR ESTA ESTRUINHA NOS QUADRADINHOS ABAIXO? (FAÇA IGUAL A UMA ESTÓRIA EM QUADRINHOS, ESTÁ BEM?).

1	2
3	4

Cap. 3 Nota 37



G U I A D E L E I T U R A 1

APRESENTAÇÃO

Este Guia de Leitura é um serviço que a Biblioteca Infantil do Colégio Bennett começa a desenvolver.

A partir deste número, todas as obras que derem entrada na Biblioteca Infantil serão analisadas para divulgação junto à comunidade bennettense. Temporàriamente, serão levantadas bibliografias de assuntos mais procurados na Biblioteca Infantil.

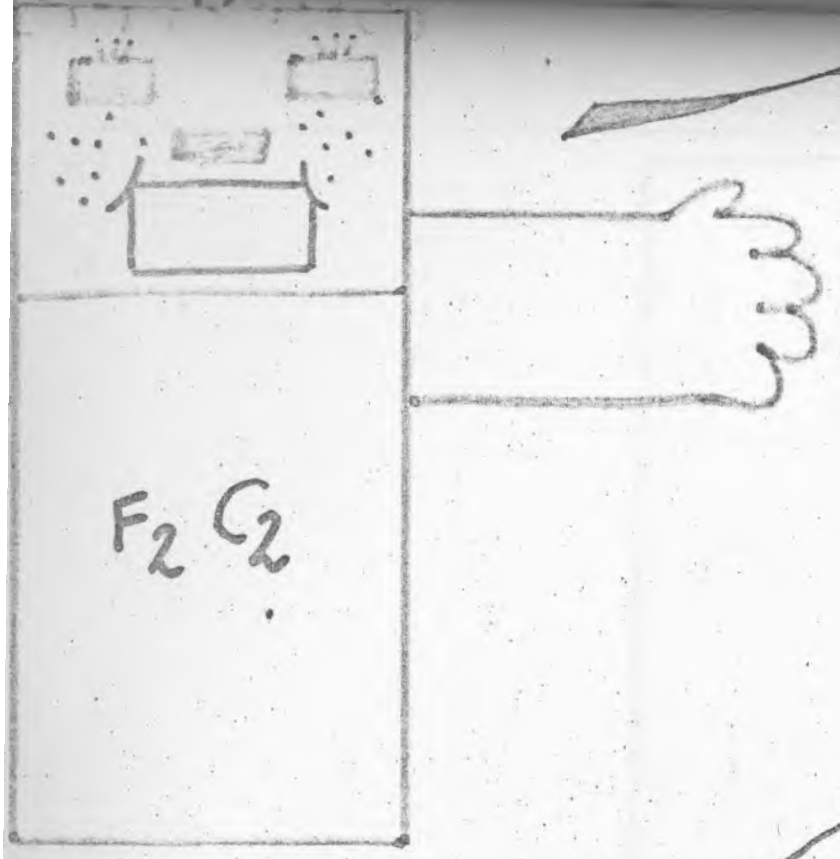
Este Guia está assim organizado:

1. referência bibliográfica(autor, título, edição, local, editora, data de publicação, número de páginas e título da série a que pertence a obra);

2. sinopse ou informações sucintas para auxiliar no conhecimento da obra;

3. indicação do nível escolar a que se dirige a obra. É importante observar, no entanto que esta indicação é relativa servindo apenas para auxílio na caracterização da obra. Uma criança de 10 anos(4ªsérie) pode muito bem ter condições para uma leitura mais "amadurecida" do que a comumente indicada para sua idade.
De um modo geral à 1ª série corresponde a faixa etária de 6 a 7 anos;
à 2ª série, 8 anos; à 3ª série, 9 anos e à 4ª série, 10 anos;

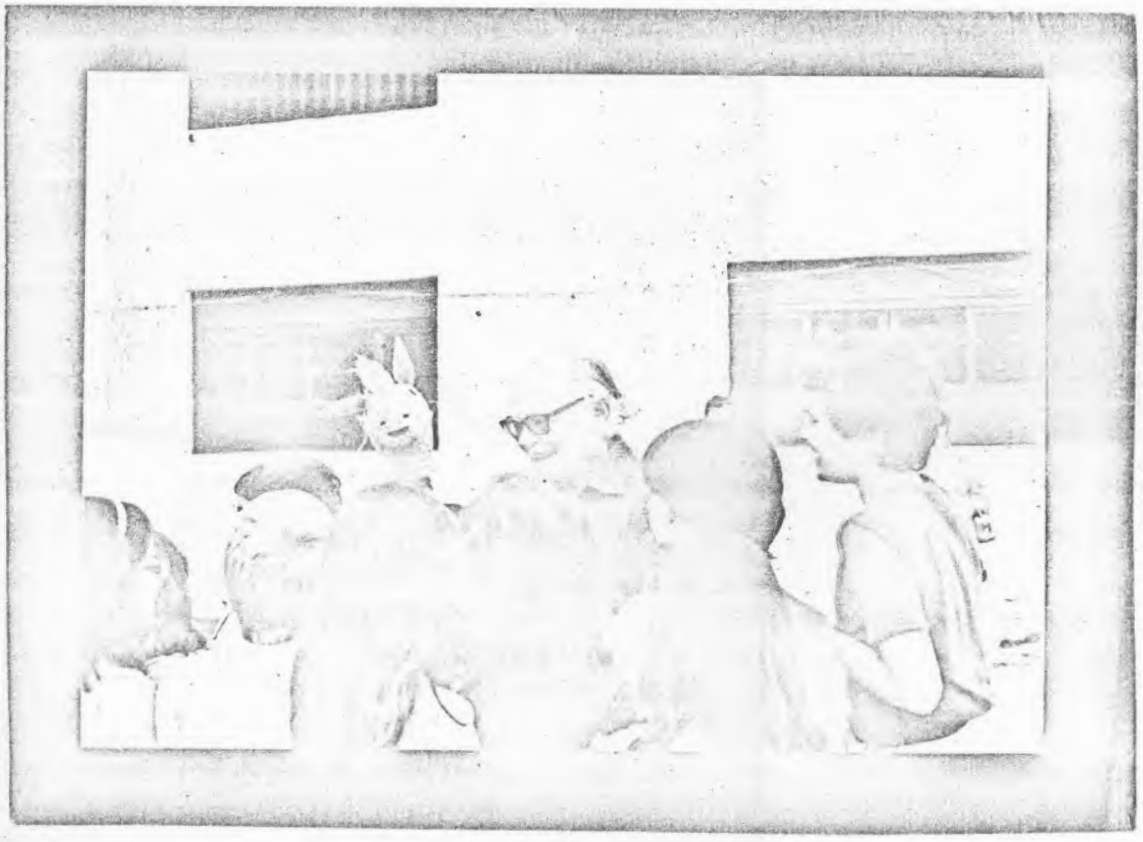
4. O número de chamada que consta na lombada do livro e pelo qual ele é identificado na estante.



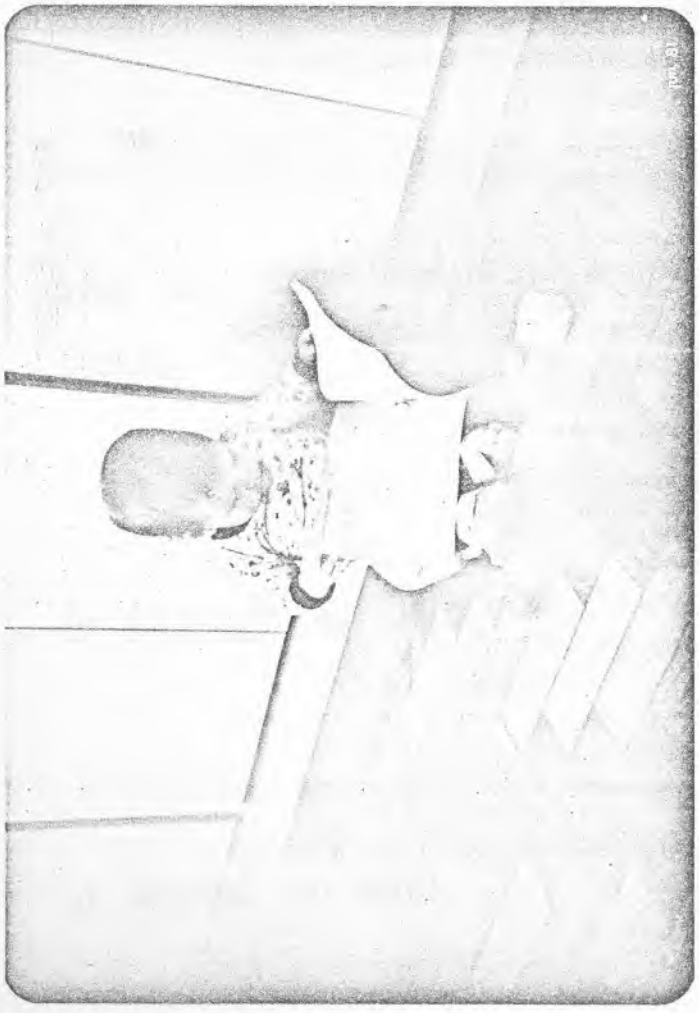
PESSOAL!
FEIRA DO LIVRO!
25 a 29 de MAIO!
SUGESTÕES DE
LIVROS NA URNA DA
LIVRARIA!
BIP!

BIBLIOTECA
INFANTIL

Cx. 3 Nota 38
1



Cap. 3 Nota 38
3



39. Vide em anexo dois exemplos dos desenhos; em um deles, de criança de 1ª série, "uns contando para os outros as idéias": a corrente.

40. Ver em anexo os desenhos sobre a Biblioteca do futuro. Observe-se em um deles o catálogo, em outro a classificação por assuntos, e no outro a incrível inventividade.

41. Vejam em anexo "Galáctica", a primeira a ser batizada pelas crianças.

42. Ver documento em anexo.

43. Ver documento em anexo.

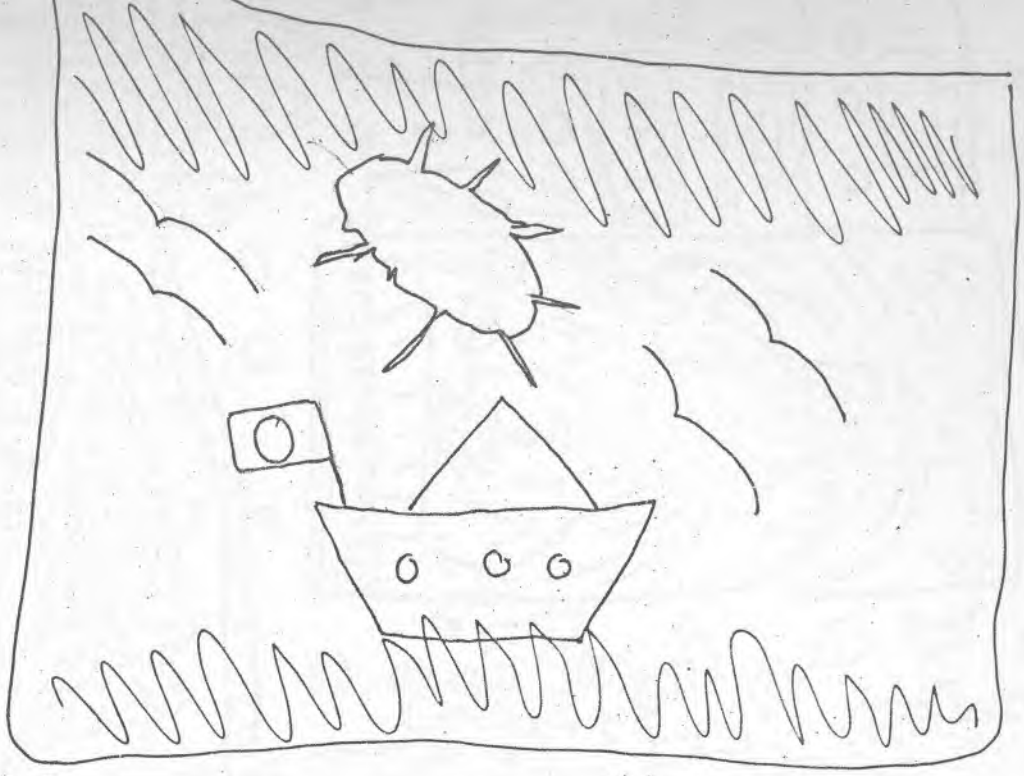
44. Ver documento em anexo.

Cap. 3 Nota 39
1

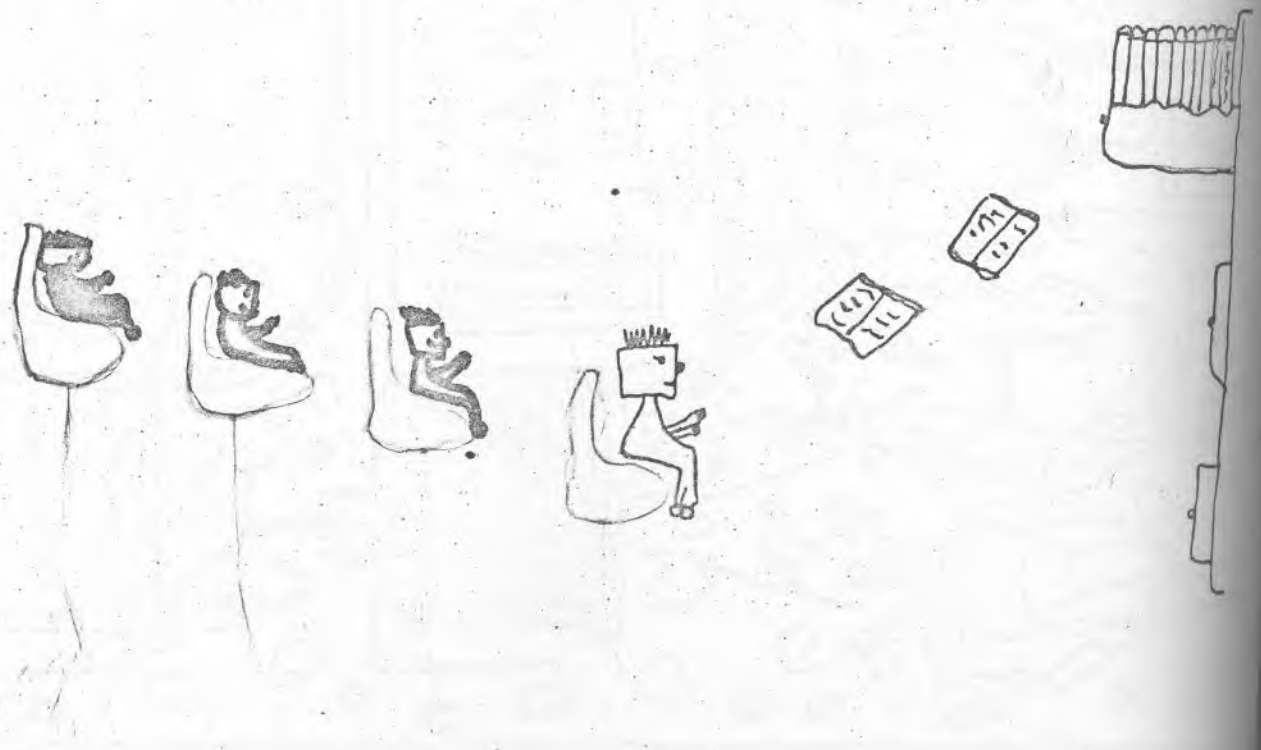
"uma contanda para as outras as idéias"

Como você tem tanta imaginação, velho chato!
É que eu leio livros Vossa Excelência

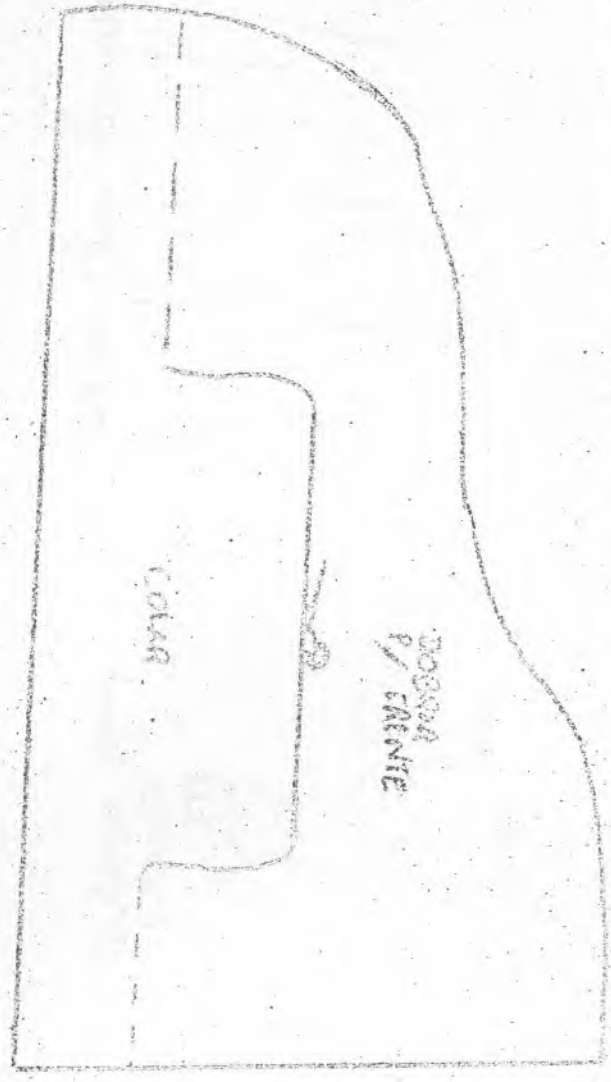
Pedro
132

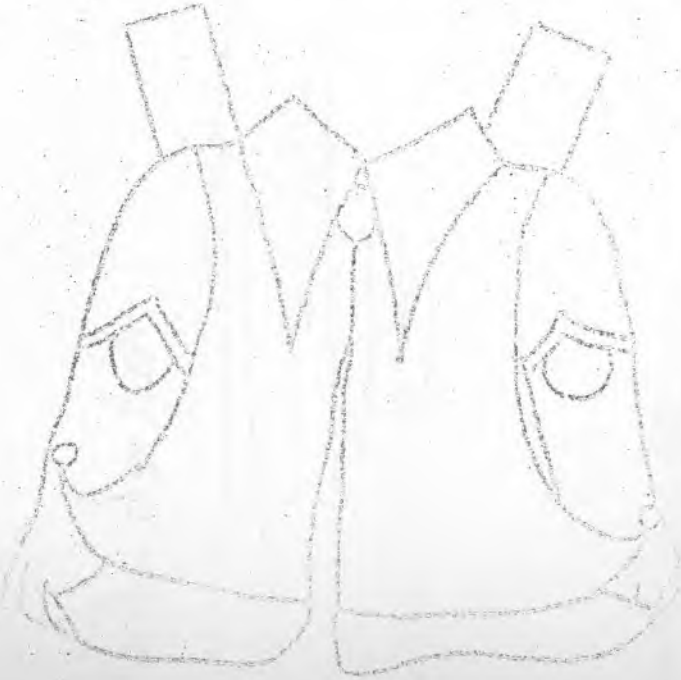


O desenho das crianças, que está fazendo um filme.



Cap. 3 Nota 40





botão dos contos de fadas

botão dos insetos

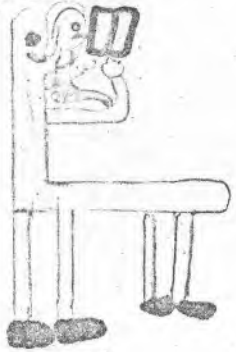
botão dos animais ferozes

botão dos animais domésticos

botão dos robos

sala do sol

cadeira com braço



sala da chuva

Cx. 3 Nota 42

COMUNICAÇÕES INTERNAS

DATA: 14 / 05 / 1981

NÚMERO: 29/81

DE : BIBLIOTECA CENTRAL

PARA: DIREÇÃO ACADÊMICA

ASSUNTO: Horário da Biblioteca Infantil

Sr. Diretor,

Informo que, a partir de 18.05.81, a Biblioteca Infantil passará a funcionar no horário de 7:30 às 16:30, sendo que nas 4as feiras (nos dois turnos) e nas 6as feiras (à tarde) ficará fechada para organização de serviços internos.

Atenciosamente,

CÓPIA:

Cap. 3 Nota 43

de: Nanci Nóbrega (Biblioteca Infantil)
para: D. GERTS (DIREÇÃO DAS ATIVIDADES INTEGRADAS VESPERTINAS)

Considerando-se o objetivo básico da Biblioteca Infantil do Instituto Metodista Bennett, que é o de incentivar o hábito da leitura:

- não impondo preferências do ponto de vista adulto
- orientando a criança para um aproveitamento real de sua escolha própria, a fim de possibilitar-lhe a maneira de conservar sua individualidade e desenvolver sua personalidade
- contribuir para a formação de um cidadão e para a ciência do governo de si mesmo.

Levando-se em conta que este trabalho se desenvolve, na parte da manhã, com a vinda obrigatória das turmas uma vez por semana à Biblioteca Infantil, planejamos, para o horário vespertino, a possibilidade das crianças freqüentarem a biblioteca até às 16:30 h.s., nas segundas, terças e quintas-feiras. Isto deverá ser feito através da opção da própria criança, não devendo, então, existir uma obrigatoriedade de tempo, para que o aluno demonstre de fato se a leitura faz parte de seus interesses, e para não correr o risco da criança passar a rejeitar a leitura e a biblioteca.

A Biblioteca Infantil tem suas dependências abertas ao alunado bennettense, mas sem imposições outras que não as estritamente necessárias.

Desta forma, a Biblioteca Infantil e as Atividades Integradas Vespertinas trabalham com um objetivo em comum: aprimorar o amadurecimento da criança em relação às suas escolhas.

Nas 4ªs e 6ªs, à tarde, a Biblioteca precisa manter-se fechada para uso externo devido à necessidade de manter em dia a organização interna.

Rio de Janeiro, 9 de julho de 1981.

A Nóbrega

Nanci da Nóbrega

INSTR... ...QUISTA BENNETT
...ipe Bennett
Biblioteca Infantil

Cap. 3 Nota 44

F E S T A E S P A C I A L

JUSTIFICATIVA PRINCIPAL:

. Culminância do tema proposto para a Biblioteca Infantil em 81 : FICÇÃO CIENTÍFICA.

OBJETIVOS:-

1º) AFETIVO: As crianças (1a. a 4a.) passarão a reconhecer na sua Biblioteca Infantil, uma biblioteca atuante, que brinca, que "da" festas, que se incorpora às outras matérias (música, Artes Plásticas), etc.; - e não que biblioteca é sinônimo de coisa passiva, de sala com livros e pronto. Uma biblioteca " derruba as paredes" (fisicamente falando e também de forma abstrata).

2º) COGNITIVO: através do tema-gerador- FICÇÃO CIENTÍFICA - a criança observou .o como (modo), o onde (espaço), o quando ... (tempo) da literatura neste gênero. Depois, comparou com outros e passou a - criticamente- observar estes ítens em todos os temas literários que se apresentas - sem (mitologia grega, terror, fantasia, etc.).
A Festa Espacial solidifica este conhecimento, uma vez que as próprias crianças percebem o que deve e o que não deve figurar na festa (o que é do mundo da Ficção Científica e o que não é).

3º) PSICO-MOTOR : fazendo fantasias, enfeites, convites, cartazes, a psicomotricidade é trabalhada com as tarefas de desenhar, recortar, utilizar espaços, resolver problemas estéticos, pintar, cortar com tesoura, colar, etc.

1a. e 2a. Séries

1º) A "Festa Espacial " será realizada no dia 25/08, terça-feira, de 9 às 10 h e 30m. para a 1a. e 2a. séries e o C.A., no Salão de Ginástica;

2º) As crianças, nesse dia, entrarão no Colégio às 8 horas e ficarão na sala com a professora;

3º) as crianças deverão vir fantasiadas de casa por causa do horário curto;

4º) os pais que quiserem , podem vir. Terão que esperar a hora da festa, no pátio;

5º) trarão os doces e salgados para a sala de aula. A Lydia passará em cada sala para pegar o prato;

6º) a professora, às 9 horas, levará a sua turma para o Salão de Ginástica. Passarão pelo porteiro, entregarão o convite e esperarão um pouquinho para tirar fotografia com a Nanci e o F_2 C_2. Depois da foto, as crianças estarão liberadas para se divertirem;

7º) a professora colaborará, então junto à mesa de doces e salgados, sob o comando da Lidia;

8º) a professora deve escolher (em segredo) um aluno da turma que será jurado do " Concurso de Fantasia ". Dizer à Nanci quem será (só 3 pessoas saberão disto: Nanci, professora e o aluno escolhido). Durante a festa, o aluno observará as fantasias e escolherá, sem ninguém saber, a mais original . Em determinado momento, eu recolherei as opiniões dos jurados e direi no microfone o vencedor;

9º) as professoras deverão trazer, também, um enfeite espacial (uma estrela de papel na gola, por exemplo) ;

10º) lembrar do convite e da fantasia (ou detalhe espacial na roupa) senão o porteiro não deixará entrar na festa;

11º) pedir para trazerem disco ou fita com "música espacial". Colocar esparadrapo com nome e turma. Entregarão, na hora, ao Sr. José que estará com o aparelho de som.

3a. e 4a. série

1º) Os pratos de doces e salgados deverão ficar na sala até que a Lidia, por volta de 10 h 30m, vá pegar.

2º) as fantasias (ou detalhes espaciais das roupas) poderão ser colocadas aqui no Colégio. Para isso, a professora terá que dar um tempo para as crianças se arrumarem;

3º) Não esquecer o convite;

4º) Os pais que quizerem, podem vir à festa que começará,para as 3as. e 4as. séries às 11 horas. (Até lá, os pais que forem chegando, deverão ficar no pátio);

5º) A professora da turma acompanhará os alunos até o salão e esperará até que se tire a fotografia da turma com ela e a Biblioteca Infantil e o F_2 C_2. Só depois é que as crianças poderão ficar à vontade no Salão;

6º) A professora de turma colaborará " tomando conta" da mesa de doces ou de salgados, para servir às crianças, sob o comando da Lidia;

7º) A professora de turma deve escolher (em segredo) um representante da turma para ser jurado no Concurso de Fantasia. Só a professora, o aluno escolhido e Nanci saberão deste ítem. A festa transcorrerá normalmente. O jurado irá escolhendo o seu favorito, sem que ninguém saiba. Em determinado momento, eu, Nanci, recolherei as opiniões e anunciaremos o vencedor. (As professorandas, em número de 6, também serão juradas).

8º) A professora deve colocar um enfeite espacial (uma estrela de papel na gola da roupa, por exemplo);

9º) Pedir para trazerem disco ou fita com música " espacial",(colocar nome e turma em esparadrapo no disco ou fita, para não perder). Na hora da festa, entregarão ao Sr. José.

10º) quem quizer cantar ou tocar algum instrumento deve vir combinar na Biblioteca Infantil;

11º) O professor César(de Música) pede que as crianças tragam apitos, rádio de pilha, molho de chaves, chocalho de chaves (que ele ensinou a fazer), chocalho de arroz (que ele ensinou a fazer) e tudo o que quiserem para fazermos " SOM ESPACIAL ".

Depois deste "momento de som espacial " tocaremos música para dançar.

45. Vide, anexo, o convite para a Festa Especial.

46. Em anexo, nosso primeiro cartão de Natal.

47. Em anexo, o simples esquema demonstrador de que a Biblioteca crescia aos olhos da comunidade: fazíamos agora como um "cartão de visitas"; à vista de todos. Decidíamos para subir.

48. A instituição onde a biblioteca estava, estende-se por sete ou oito construções formando um campus privilegiado. Cada prédio é batizado com o nome de personalidades principalmente do círculo da Igreja Metodista. E as placas indicativas, como são muitas, contêm siglas ou nomes abreviados, além de números, formando, por exemplo, "E. P. 101", para significar "sala 101 do prédio Elisa Perkinson".

49. Vide documentos em anexo.

50. Veja em anexo o desenho básico das "letras-gente", que poderia ser al-

Ap. 3 Nota 45

Infantil do Colégio Bennett

unos do Colégio Bennett

Biblioteca Infantil fará realizar no próximo dia 25 de agosto
) horas até 10 [illegible] - para os alunos do 1º e 2º séries; e
alunos (de 3º e 4º series) a hora [illegible]

[illegible] laboração nos enviando Cr$ 10.00 e um prato
a realização da festa e alegria das crianças.

Agradecendo,

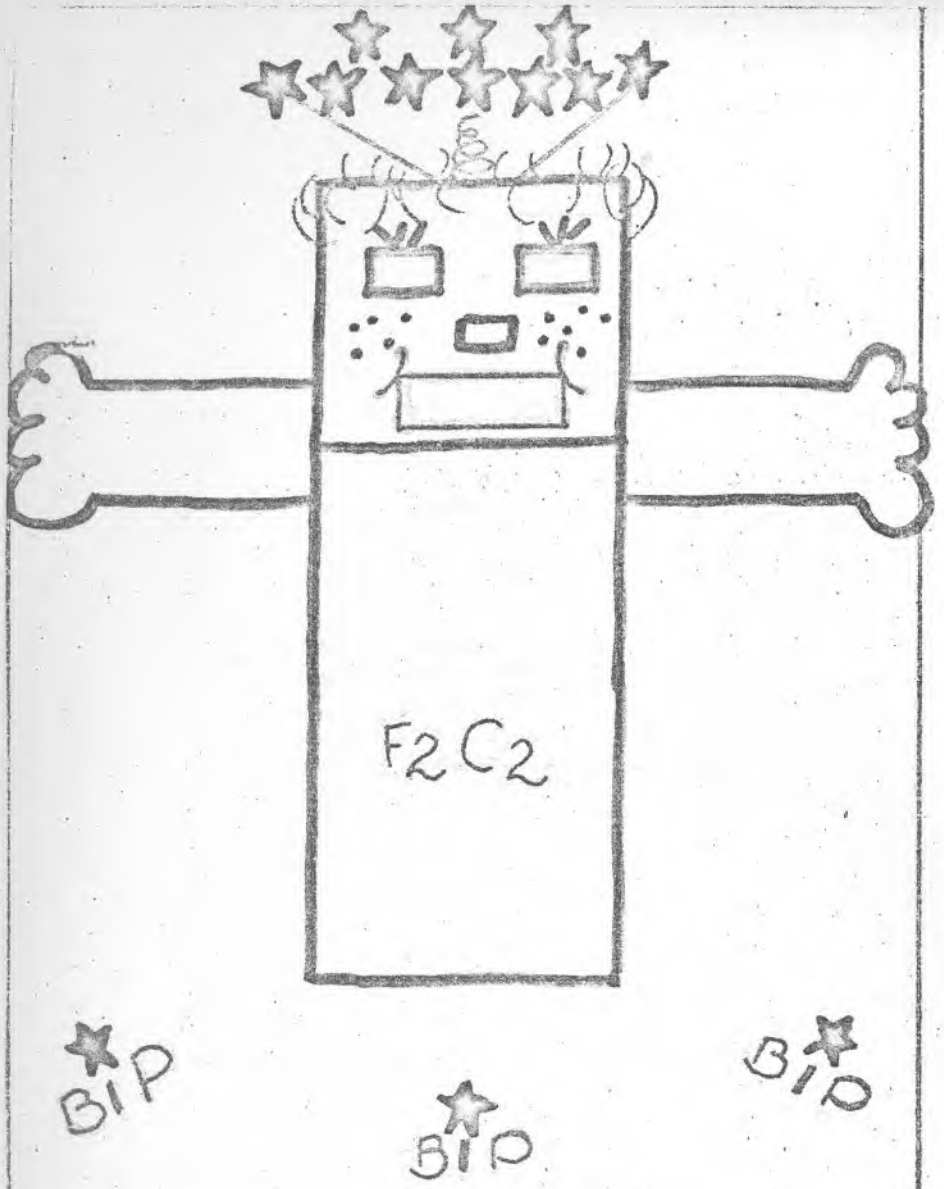
Nanci Cabrera

Nanci Cabrera (Biblioteca Infantil)

s que as crianças deverão trazer o convite e a fantasia

MECANOGRAFIA

Cap. 3 Nota 46



"... esperança de que, se todas as crianças se entendessem, talvez os homens não se hostilizassem."

Cecília Meireles

À equipe da MECANOGRAFIA:

Feliz Natal e

Muita alegria e paz.

Biblioteca Infantil do Colégio Bennett

e Nanci da Nóbrega

Nanei

Cap. 3 Nota 49

INSTITUTO METODISTA BENNETT
RUA MARQUÊS DE ABRANTES, 55
RIO DE JANEIRO TEL. 245-8000

17/12/81
(entregue à parte)

MATERIAL PARA A MUDANÇA DA BIBLIOTECA INFANTIL

1. CARPETE: cor verde escuro

   medidas do chão: largura - 6,35 m; comp. - 9,62m

2. CORTINAS: cinco (5) cortinas com as seguintes medidas cada:

   altura: 2m; largura - 2m

   * as cortinas serão abertas no meio para poderem ser presas e serem abertas e fechadas com facilidade

   tecido: xadrez miúdo verde e branco

   pau para cortinas: 5 paus com 1,20m cada de comprimento

   argolas: 50, de madeira

3. REBAIXAMENTO: como o pé direito da sala é muito alto e será impossível rebaixar o teto, será necessário rebaixar as correntes de 6 luminárias até a altura de 1,10m (a partir do teto), para dar a impressão de sala mais baixa (o que é mais condizente com os objetivos de uma biblioteca infantil)

4. REVESTIMENTO: revestir 2 quadros-negros com cortiça para servir de mural e descaracterizar o ambiente de sala de aula. Medidas: alt. - 1,30m e comp. - 4,77m

   alt. - 1,10m e comp. - 6,87m

5. PROVIDÊNCIAS: . transferência de telefone

   . campainha para telefone

INSTITUTO METODISTA BENNETT
RUA MARQUÊS DE ABRANTES, 55
RIO DE JANEIRO TEL. 245-8000

. arrancar madeiras de 5 janelas

6. CONFECCIONAR: . mesa redonda com tampo de fórmica verde (conforme modelo já existente na Biblioteca Infantil), com 1,40m de diâmetro

. "balcão de empréstimo" de madeira pintado de branco, com as medidas:

. mural-biombo de madeira branco com as medidas: altura - 1,80m e largura - 80cm cada face (serão 3 faces, logo o total da largura será 2,40m)

7. COMPRAR: . 2 ventiladores de parede, giratórios

. bomba de oxigênio para aquário e enfeites e peixes para o aquário

. vassoura "feiticeira" para manter limpeza do carpete

. 5 suportes para plantas tipo bandeja para colocar nas janelas

8. PROVIDENCIAR: . chave para a porta

. trincos para 5 janelas

. pintura para 18 cadeiras, 7 estantes, 1 mesa

. pregar compensado de madeira em 4 estantes, com as medidas: . comp. - 2,85m; alt. - 1,15m

INSTITUTO METODISTA BENNETT
RUA MARQUÊS DE ABRANTES, 55
RIO DE JANEIRO TEL. 245-8000

. comp. - 1,58m; alt. - 1,15m

9. COMPRAR: . vassoura piaçaba

→ . pá de lixo

→ . 1 vidro álcool

→ . 1 multi-fio

. 1 rolo Contact transparente ok 3m

→ . 1 martelo (com um lado para arrancar pregos)

. 1 espargidor de água para plantas ok

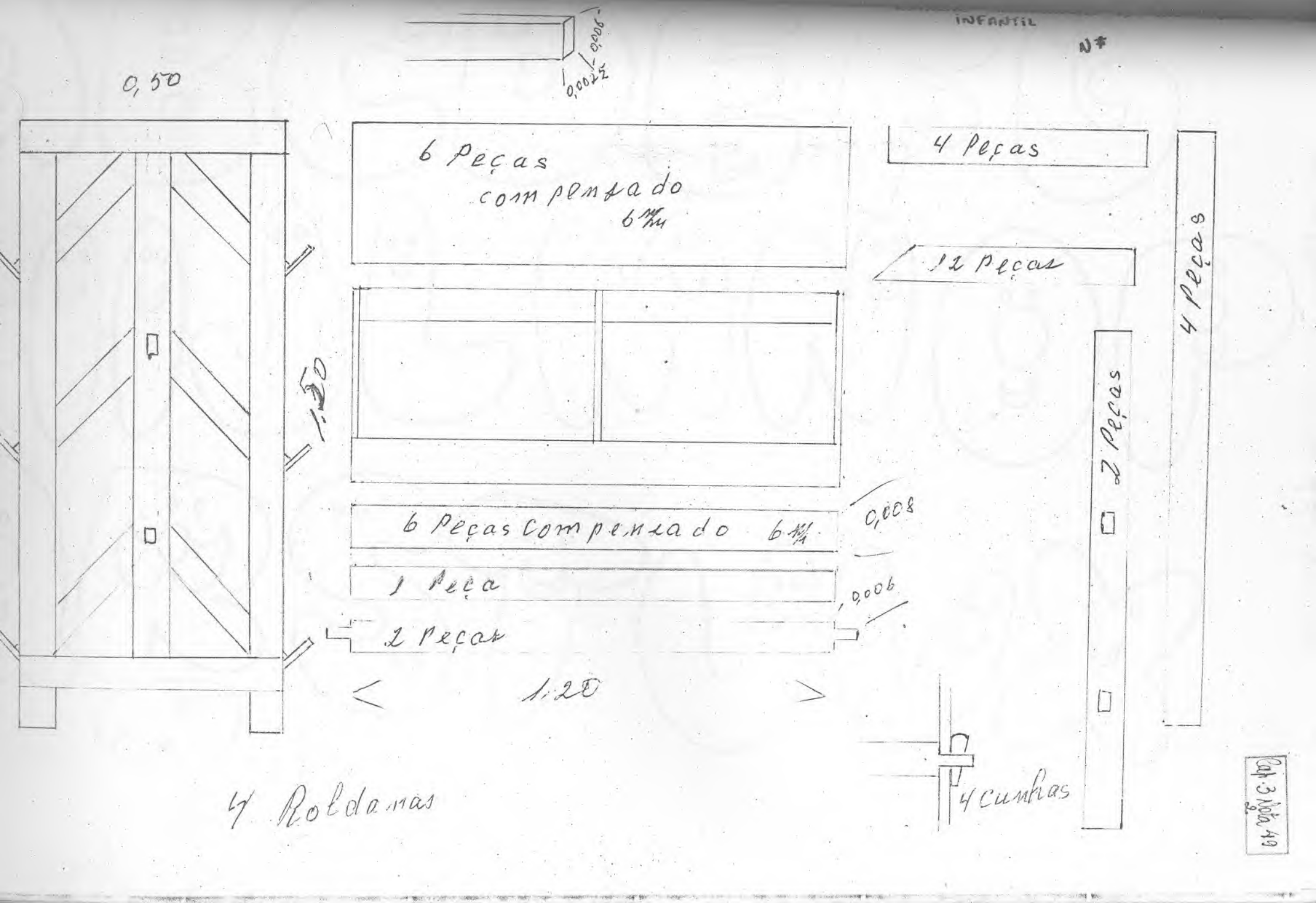
→ 1 lata média de tinta preta

→ . 1 pincel médio

Nanci Nóbrega

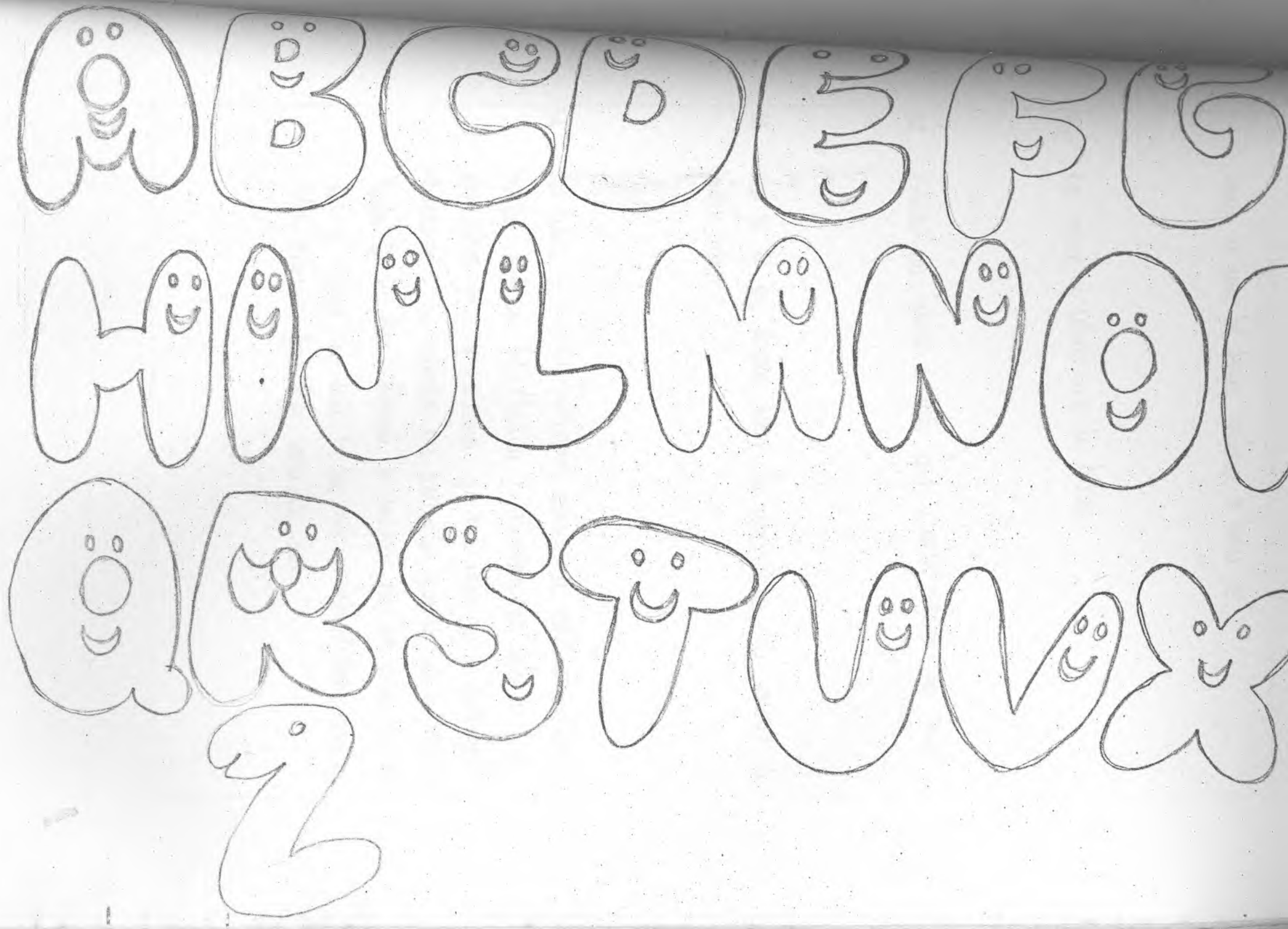
INFANTIL

Nº



Cap. 3 Nota 49
2

Cap. 3 Nota 50


ABCDEFG
HIJKLMNO
PQRSTUVX
Z

terado ao nosso bel prazer, conforme os temas etc.

51. Eu anexo, o retrato 3x4 do Bibliô.

52. Estudo em branco e preto para o nosso logotipo, em anexo.

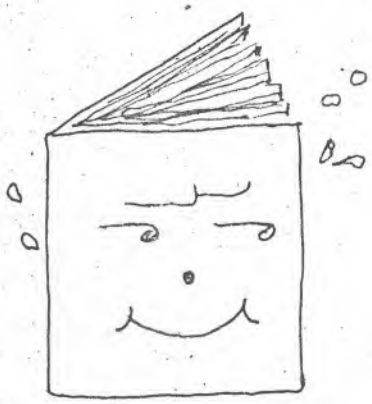
53. Como já li em diversos livros, por coincidência, na maioria, do gênero terror.

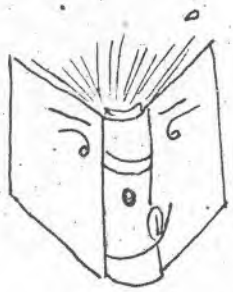
54. Mais tarde, as crianças trouxeram morcegos de cartolina também, feitos por elas nas Artes Plásticas e colocaram-nos entre as fichas das letras m e p: – Nanei, que você acha que a gente grita quando vê? Eu respondia aos sorrizinhos marotos que as letras escolhidas por eles para colocarem os morcegos era por causa de "medo" e "puxa, que susto!", pois nós, os bibliotecários, temos que estar preparados para tudo, valha-me Deus.

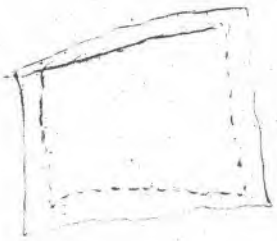
Cap. 3 Nota 51

BiBliÔ

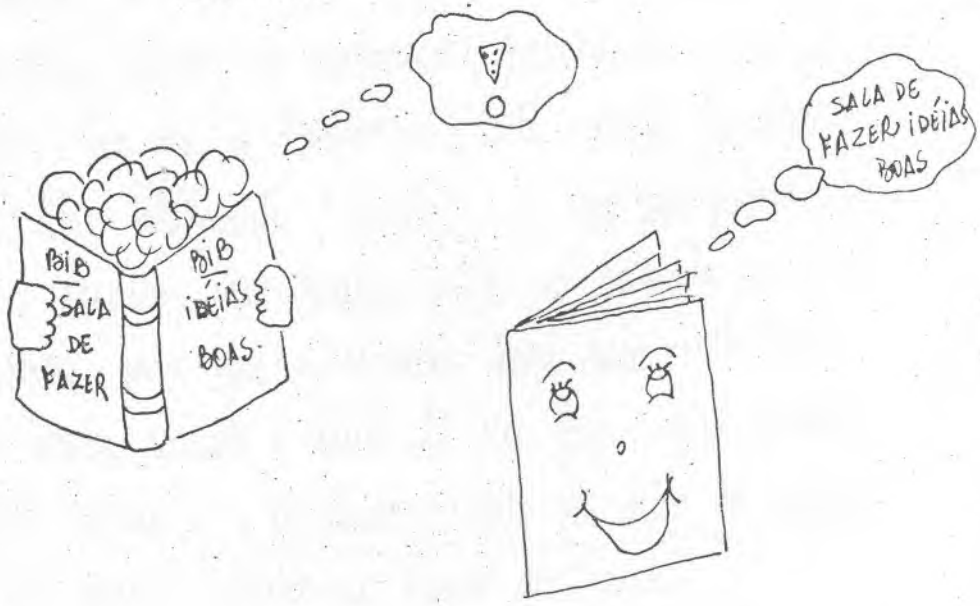
Cap. 3 Vida 52







BIBLIOTECA INFANTIL
BENNETT

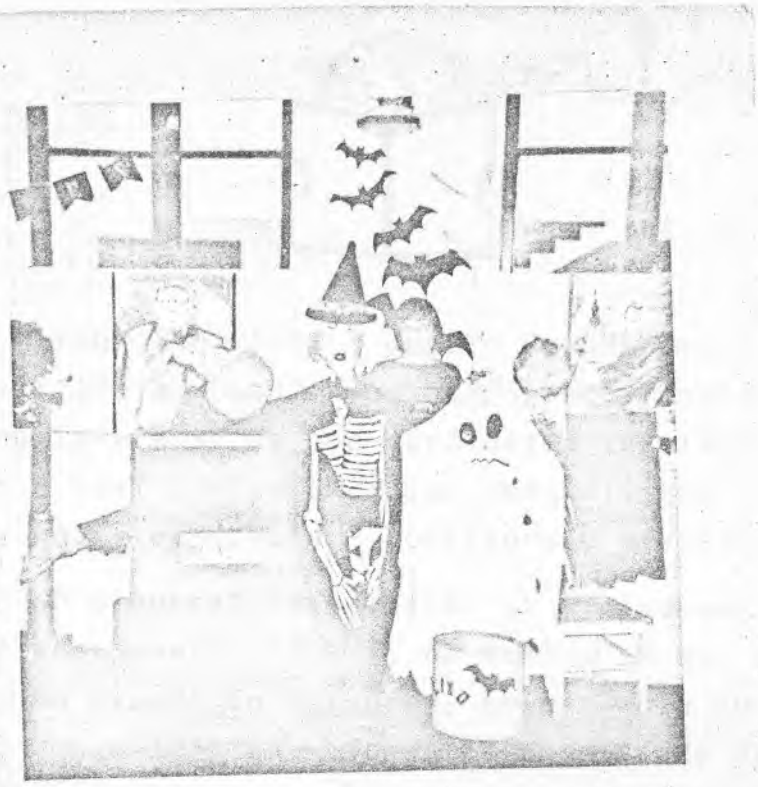


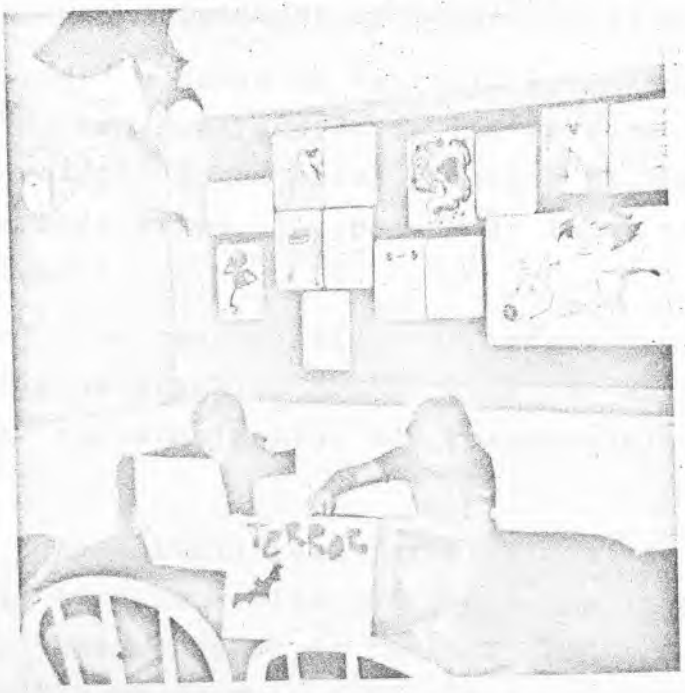
55. A preparação anterior da biblioteca teve a intenção de, representando o tema gerador recolhido, dispor principalmente o ambiente de modo que ele se transforme numa verdadeira imagem plástica representativa. É como se, entrando na Biblioteca, estivéssemos, isto sim, entrando num mundo, num país, num universo próprio, único, para visitá-lo, conhecê-lo. No entanto, como em toda viagem de conhecimento (e não turística, se me faço entender), o viajante, de uma certa forma, compõe também este mundo, este país, através de impressões, sentimentos, sensações, conhecimentos. Por isso, a biblioteca, este modelo discutido, nunca deve estar totalmente "pronta" (se isso fosse possível) para receber o usuário; deve sempre estar só iniciada, na sua concepção básica, para que a criança possa nela interferir, tornando-a assim semente e fruto do seu fazer. Para oportunizar à criança tornar-se o verdadeiro sujeito da ação do conhecimento. (Em anexo, detalhes do Mundo do Terror.)

Crianças do ambiente da biblioteca pelas crianças

56. Ver documento em anexo.

57. Ver documento em anexo.

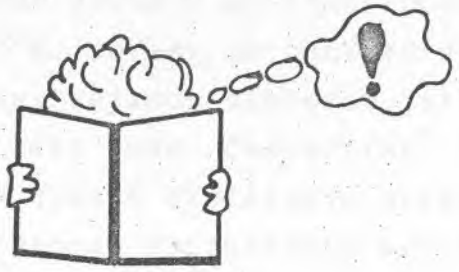



TERROR

Cap. 3 Nota 56

BIBLIOTECA INFANTIL DO COLÉGIO BENNETT

"SALA DE FAZER IDÉIAS BOAS"



bom!

COMUNICAÇÃO 01/82

Tendo em vista o desejo de uma maior aproximação entre a "Sala de Fazer Idéias Boas" e os responsáveis pelos educandos que a frequentam e, no interesse de uma verdadeira interação escola/aluno/família, visando o real processo ensino-aprendizagem, iniciamos, com esta COMUNICAÇÃO, uma - esperamos - constante e proveitosa conversa.

O processo de trabalho da Biblioteca Infantil do Bennett é inovador e instigante. Inova, na medida em que centra seu processo de aprendizagem no prazer do aprender, no estímulo ao hábito de *con-viver* com o livro, com a leitura - forma permanente de apreender a vida. Instiga, na medida em que lança à criança o desafio do conhecimento acerca dos mundos que a Literatura pode oferecer: *o Mundo da Fantasia, o Mundo da Ficção Científica, o Mundo do Humor, o Mundo "Real", o Mundo das Aventuras etc.* Assim, curiosa, por sua abençoada natureza, e instigada ao ato de descobrir, a criança escolhe sua estrada-leitura e a Biblioteca Infantil centra suas atividades em conseqüência desta escolha.

Então, em 1980, o Mundo da Fantasia e, em 1981, o Mundo da Ficção Científica foram os temas geradores de interesse para a nossa Biblioteca. Em 1982, por votação feita pelos próprios alunos, o tema escolhido (com grande número de votos: 132 para o 1º lugar, contra 24 para o 2º) foi o *Mundo do Terror*.

Certamente, é um tema passível de interrogações. Por isso, seguindo uma filosofia de trabalho bennettense, a "Sala de Fazer Idéias Boas" quer prestar esclarecimentos aos responsáveis sobre alguns aspectos do assunto:

1. a criança é soberana para a Biblioteca Infantil. E, se num exercício de democracia, ela escolhe aquilo que gosta e a interessa, como educadores que somos, temos o dever de caminhar junto a estes gosto e interesse, procurando - de forma o mais sábia possível - auxiliar no burilamento desta opção. Deste modo, será respeitada em primeiro lugar a escolhar do aluno;

2. como a Biblioteca Infantil é frequentada por todo o primeiro segmento do 1º grau, planejamos dividir os trabalhos da seguinte forma: para as 1ªs. séries e 2ªs. séries, um contato suave e brincalhão com este *Mundo do Terror* que, sejamos sinceros, aterroriza muito mais ao adulto. Assim, livros tais como: *Chapeuzinho Amarelo* de Chico Buarque de Hollanda (onde o medo é exorcizado através de um incrível jogo com as palavras); *Babioca, o cavalinho medroso*, de Mary Veen (onde se aprende que dentro de nós mesmos existe a coragem de enfrentar dragões); *A breve história de Asdrubal, o Terrível*, de Elvira Vigna (onde um monstrinho amarelo de mais ou menos 700 anos de idade está constantemente entediado com suas maldades); *Pluft, o fantasminha*, de Maria Clara Machado, e tantos outros, serão trabalhados por nós (daí a razão para se pedir um "caderno de biblioteca") em atividades e exercícios onde a criatividade infantil será o elemento primordial para exorcizar os possíveis medos. Para as 3ªs. e 4ªs. séries, um primeiro contato com os grandes clássicos do gênero será o objetivo principal. De maneira condizente com o mundo que lhe é próprio nesta faixa etária, naturalmente.

Assim, a Biblioteca Infantil estará cumprindo sua finalidade primeira: formar e informar de maneira alegre e, é óbvio, seriamente.

Que esta primeira *Comunicação* seja lida e pensada. A "Sala de Fazer Idéias Boas" está esperando uma troca efetiva de sugestões, perguntas, informações. Nosso novo endereço é Sala EP-101, Edifício Eliza Perkinson. Venha. Nós, da Biblioteca Infantil, lucraremos muito com isto. E tudo será revertido para nosso denominador, nosso querido elemento em comum: a criança.

Nanci Nóbrega

NANCI NÓBREGA
Bibliotecária - CRB-7: 1987/76
32

BENNETT MUDOU DE DIRETOR DIA 8 DE FEVEREIRO

Para preencher o cargo de Diretor-Geral, que estava vago *"em decorrência da dispensa a pedido próprio do seu titular"*, o Conselho Diretor do IMB designou para substituí-lo o Prof. Victor José Ferreira, através da Resolução nº 03/82, de 8 de fevereiro último.

O fato foi comunicado aos professores e funcionários pela circular nº 01/CD/82, onde o Presidente do referido Conselho Diretor manifestou *"ao Rev. Acir os melhores agradecimentos pelo zelo e pela dedicação com que se houve no exercício daquelas funções. Suas virtudes como pessoa humana e seus méritos profissionais foram colocados a serviço da instituição, fazendo com que sua gestão legasse ao IMB um elenco de realizações configuradas, sobretudo, em expressiva melhoria das condições da vida acadêmica e do padrão dos serviços educacionais oferecidos."*

FALECEU MISS EVA LOUISE HYDE

EVA LOUISE HYDE faleceu dia 6 de fevereiro último, nos Estados Unidos, aos 96 anos de idade. Miss Hyde serviu à educação brasileira no Colégio Bennett durante quarenta anos marcantes.

Para agradecer a Deus seus serviços e a herança que deixou, o IMB e o Grêmio dos Ex-Alunos do Colégio realizarão um culto dia 5 de abril, data de seu natalício, com início às 20 horas. O ato será precedido, às 19:30, pelo descerramento de uma placa comemorativa, no saguão de entrada do edifício que leva seu nome.

BENNETT FOI DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA

O Governador Chagas Freitas assinou dia 11 deste mês o Decreto nº 5.345, que declara de utilidade pública o IMB, atestando assim o reconhecimento do poder público estadual pelos relevantes serviços prestados por esta instituição ao povo fluminense.

BIBLIOTECÁRIA DO BENNETT PROFERIU PALESTRA EM PAQUETÁ

Formação e atuação do bibliotecário foi o título da palestra

BENNETT Informa
É órgão semanal de circulação interna do Instituto Metodista Bennett
Responsável: Rev. Paulo Pena Schütz
Redação: Assessoria de Pastoral Universitária – sala JW 207 – ramal 51

que a Profa. Nanci da Nóbrega, responsável pela Biblioteca Infantil do IMB, proferiu dia 23 passado na Biblioteca Regional de Paquetá, numa promoção da Divisão de Bibliotecas do Departamento Geral de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

A Profa. Nanci abordou problemas do mercado de trabalho e de conscientização para o importante papel da biblioteca no processo ensino-aprendizagem, o currículo dos cursos de Biblioteconomia e Documentação, e especialmente o trabalho que pode ser desenvolvido numa biblioteca escolar.

CORAL BENNETT APRESENTARÁ "CANTATA CRIOLLA" NO CULTO DA PÁSCOA

O Instituto Metodista Bennett convida todos seus funcionários, professores, alunos, pais, amigos e metodistas da 1a. Região Eclesiástica para participarem da CELEBRAÇÃO DE PÁSCOA, que terá lugar dia 7 de abril, no auditório Tucker, com início às 20 horas. Este culto, que já se tornou uma tradição benetense, visa congregar ao redor da *Mesa do Senhor* todas as pessoas de alguma forma ligadas à vida da instituição, num memorial da fé que as une.

Este ano, o Coral Bennett participará com a apresentação da *Cantata Criolla* de Homero Perera Baez, expressando o mistério da Paixão através de ritmos e melodias latino-americanas, no intuito de sensibilizar os participantes para uma forma sacra mais próxima de nossas culturas.

BIBLIOTECA INFANTIL JÁ TEM TEMA GERADOR PARA SUAS ATIVIDADES DE 1982

Mundo do Terror foi o assunto escolhido pelos alunos do Colégio como tema gerador das atividades de 1982 da Biblioteca Infantil. As crianças estão entrando em contato com o tema de forma brincalhona, exorcisando os possíveis medos, e conhecendo numa linguagem acessível à idade os grandes clássicos do gênero. Já estão inventando nomes para bonecos — Rokenstein, Scrápula — criando cenários para o Conde Drácula, namoradas para o Hulk, roupas para o Frankstein. Desenham também "monstros amigões", transformando a "Sala de Fazer Idéias Boas", como já é conhecida a Biblioteca Infantil, num lugar *terrivelmente* gostoso.

NPPG INICIARÁ NOVOS CURSOS EM ABRIL

O NÚCLEO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - NPPG, do IMB está oferecendo os seguintes cursos a nível de especialização, com início previsto para 5 de abril:

Ciência Política - coordenação: *Prof. Moniz Bandeira*

Economia Política da Urbanização - coordenação: *Profª. Estrella Bohadana*

Direito Trabalhista - coordenação: *Prof. Vitor Alvarenga Bastos*

Contabilidade Gerencial/Controladoria (*iniciado em 22 de março*)

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES: *Ed. Eliza Perkinson, sala 207, das 13 às 21 horas.*

VAI ACONTECER ESTA SEMANA NO BENNETT

30.03.82 - Debate e Palestra de Apoio aos Representantes dos Estudantes de EL SALVADOR, NICARÁGUA, URUGUAI e com a presença de um representante da UEE/RJ.
LOCAL: *Audiovisual*
HORÁRIO: *20:00 horas*
COLABORAÇÃO: *C.A. de Arquitetura.*

INSTITUTO METODISTA BENNETT — Diretor-Geral

COLÉGIO BENNETT
Pré-Escolar - Primeiro Grau - Segundo Grau

FACULDADES INTEGRADAS BENNETT
Administração - Arquitetura - Direito - Economia - Educação Artística

NÚCLEOS
Atividades Culturais - Desenvolvimento da Criança - Educação Física - Extensão Universitária - Pesquisa e Pós-Graduação - Produção de Recursos Didáticos

PASTORAL UNIVERSITÁRIA
Assistência Judiciária Gratuita - Cadernos Bennett - Centro de Atendimento
Centro de Documentação - Coral Bennett - Promoção da Mulher

Rua Marquês de Abrantes, 55 – CEP 22.230 – Rio de Janeiro-RJ
Telefone 245-8000

Cap. 3 Nota 57

BENNETT Informa

ANO III - RIO DE JANEIRO,RJ, 29 DE MARÇO/1982 | Nº 02

MENSAGEM DO DIRETOR-GERAL

Mais um ano letivo se inicia e, com ele o boletim *BENNETT INFORMA* retorna ao convívio da comunidade benetense. Serve-se a Direção-Geral deste veículo de comunicação institucional para reafirmar a mensagem de otimismo que tem sido já transmitida em reuniões realizadas a partir do mês de fevereiro.

O Instituto Metodista Bennett, agência educacional da Igreja Metodista, possui objetivos, políticas, diretrizes e metas que extrapolam às pessoas que se sucedem na direção da instituição. A substituição do Diretor-Geral, pois, não significa descontinuidade de trabalho ou traumatismo organizacional. Continuará o IMB, sempre, em sua linha de trabalho direcionada para participar da ação de Deus no seu propósito de libertar o homem de tudo que o escraviza.

Vivemos momentos de dificuldades. Atingidas pelos reflexos da conjuntura econômica nacional, as instituições educacionais têm sofrido problemas de ordem financeira que dificultam sua sobrevivência. O IMB não é exceção e vivencia também tais dificuldades. Temos, porém, a disposição necessária para enfrentá-las e superá-las, com a colaboração de todos que integram a comunidade benetense.

Que o ano letivo de 1982 seja pleno de realização.Que alunos, seus familiares, professores e funcionários possam continuar motivados no esforço comum para manter acesa a chama que tem marcado, com sua claridade, a vida do Bennett.

A Direção-Geral do IMB cumprimenta toda a comunidade da instituição, desejando que Deus esteja conosco em cada passo de mais uma jornada letiva que se inaugura.

Prof. Victor José Ferreira
Diretor-Geral

58. Em anexo, exemplo de um dos projetos, o mais abrangente.

59. Pressupõe-se neste modelo de biblioteca para crianças uma boa pesquisa sobre a Literatura e seus gêneros, personagens, histórias, características etc. Se assim não fosse, como poderíamos ser guias de qualquer viagem? Os comentários abreviados, feitos a respeito de cada tema, para que pudessem ser melhor escolhidos, condicionavam um aprofundamento de informações para o tema vencedor. Grande ajuda foi dada pelo Dicionário de Literatura. Porto, Lavra Livros, 1976, v. 2; pela Enciclopédia Delta Universal. Rio de Janeiro, Delta, c. 1980, v. 7; e, não menos, pelo Manual da Naga e Hin, de Walt Disney. São Paulo, Abril, 1973. Junte-se a isto um grande gosto pelo assunto, a ponto de colecionar-se revistas, jornais, suplementos literários; uma ou duas estantes da biblioteca particular carregadinha de histórias do gênero; e anotações de aulas em curso de Literatura — e teremos um bom começo. Do meu caderno, itens relevantes de pesquisa estavam enumerados: "Idade Média e a demonologia, as bruxas. Goya (ver outros pintores). Literatura portuguesa e os diabos-diabretes (Gil Vicente) — aqui, Arlequim (ver Mundo do Romance); os diabos líricos da literatura romântica; no Romantismo exacerbado, o macabro; caricatura (aqui, o humor — elemento forte do mundo infantil); sensualismo (abordar?); literatura brasileira e o diabo "folclórico", tradições, superstições, lendas indígenas "assombradas (Câmara Cascudo!) (Guimarães Rosa! — aqui, os vários nomes do diabo (ver Grande Sertão! — levar o livro e mostrar, o mistério, o "diabo" dentro de nós. O exorcista (filme x livro). Portanto, Bem x Mal dando "ganchos" para O médico e o monstro, Hulk (a mesma história

Bteca e pesquisa sobre literatura

Cap. 3 Nota 58

BENNETT — SISTEMA DE ORÇAMENTO-PROGRAMA

U.O.: BIBLIOTECA CENTRAL
BI INFANTIL

REG	CHAVE Ex	A/P	Nº	DATA	TÍTULO DA ☒ ATIVIDADE OU ☐ PROJETO	PROGR	SUPROGR	PRAZO INÍCIO	PRAZO TÉRMINO	DI
BØ1	82	I		23.11.	1 SERVIÇOS PEDAGÓGICOS	0100	0102	fev.		

BØ2 — RECEITA TOTAL

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
MCr$												

BØ3 — DESPESA TOTAL

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
MCr$ 44.000,00		4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4

BØ5

OBJETIVO DA ATIVIDADE OU PROJETO: Desenvolver trabalho educativo para apoio na formação do educando do 1º segmento do 1º grau.

META A QUAL CORRESPONDE A ATIVIDADE OU PROJETO: Realização de tarefas pedagógicas, nos meses de março a dezembro.

RESPONSÁVEL: [illegible]

CLIENTELA: Alunos do 1º segmento do 1º grau

DESCRIÇÃO DO TRABALHO: Em anexo

PRÉ-REQUISITOS PARA EXECUÇÃO: Verba

RECURSOS HUMANOS	MATERIAL DE CONSUMO	SERVIÇOS DE TERCEIROS
	Cr$40.000,00	

EC/LC

BENNETT

SISTEMA DE ORÇAMENTO-PROGRAMA

U.O.: BIBLIOTECA CENTRAL
BI INFANTIL

CHAVE		DATA	TÍTULO DA ☒ ATIVIDADE OU ☐ PROJETO	PROGR	SUPROGR	PRAZO		DIAS
A/P	Nº					INÍCIO	TÉRMINO	
X		25.11.	1 SERVIÇOS PEDAGÓGICOS	0100	0102	fev.	d...	

RECEITA TOTAL	VALORES MENSAIS											
	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
MCr$												

DESPESA TOTAL	VALORES MENSAIS											
	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
MCr$ 44.000,00		4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4

OBJETIVO DA ATIVIDADE OU PROJETO: Desenvolver trabalho educativo para apoio na formação do educando do 1º segmento do 1º grau.

META A QUAL CORRESPONDE A ATIVIDADE OU PROJETO: Realização de tarefas pedagógicas, nos meses de março a dezembro.

RESPONSÁVEL: MARCI A. MORAES

CLIENTELA: Alunos do 1º segmento do 1º grau

DESCRIÇÃO DO TRABALHO: Em anexo

PRÉ-REQUISITOS PARA EXECUÇÃO: Verba

RECURSOS HUMANOS	MATERIAL DE CONSUMO	SERVIÇOS DE TERCEIROS
	Cr$40.000,00	

ORÇAMENTO

3.1.1.01 - RECEITAS CORRENTES

01.00 - RECEITAS DO ENSINO	
01.01 - Anuidades	$
01.02 - Cursos NEU	$
01.03 - Cursos IBCE	$
01.04 - Cursos de Pós-Graduação	$
01.99 - Rec. Univ. do Ensino	$
02.00 - REC. ADMINISTRATIVAS	
02.01 - Refeições e Lanches	$
02.02 - Hospedagens	$
02.03 - Lavanderia	$
02.04 - Mecanografia	$
02.05 - Taxas e Emolumentos	$
02.99 - Rec. Adm. Diversas	$
03.00 - TAXAS DE VESTIBULAR	$
04.00 - SUBVENÇÕES	$
05.00 - PREST.SERV.INFORMÁTICA	$
05.01 - Serv. Proc. de Dados	$
05.02 - Serv. de Consultoria	$
05.03 - Bloqueios de Tempo	$
05.04 - Rec.Prest.Serv.Inf.Div.	$
06.00 - ESTÁGIOS	$
09.00 - OUTRAS REC. CORRENTES	
09.01 - Recup. de INPS s/INPSal	$
09.02 - Anulação de Despesas	$
09.03 - Lucros Cambiais	$
09.04 - Receitas Diversas	$
99.00 - RECEITAS A CLASSIFICAR	$
Total Rec. Correntes	$

4.1.1.01 - PESSOAL

01.00 - VENCIMENTOS	
01.01 - Venc. Pes. Docente	$
01.02 - Venc. Pes. Administrat.	$
01.03 - Venc. Pes. Supervisão	$
02.00 - HORAS EXTRAORDINÁRIAS	$
03.00 - TRABALHADOR AUTÔNOMO	$
04.00 - ENCEN. TRABALHISTAS	$
05.00 - ENCARGOS SOCIAIS	
05.01 - INPS (= 17,3%)	$
05.02 - INPS (8%)	$
05.03 - PIS/PASEP (1,%)	$
05.04 - Seg. Acid. Trab.(=0,4%)	$

4.1.1.02 - MATERIAL DE CONSUMO

01.00 - ART.P.ESCRIT. OFICINA	
01.01 - Artigos p/Escritório	$
01.02 - Artigos p/Copa e Cozinha	$
02.00 - ART. EXP., DES. ENCADERN. IMPRES. E IMPRES. EM GERAL	
02.01 - Art. Expediente	$ 2.0
02.02 - Art. Desenho	$
02.03 - Art. Encad. e Impressão	$
02.04 - Impressos em Geral	$
03.00 - ART. P/USO MÉD/LABORATÓRIO	
03.01 - Art. p/uso Médico	$
03.02 - Art. p/uso em Laboratório	$
04.00 - GÊNEROS ALIMENTÍCIOS	$
05.00 - MAT. DESP. ESC. E DID.	
05.01 - Material Desportivo	$
05.02 - Mat. Esc. e Didático	$ 2.3
06.00 - MAT. LIMP. HIG. E OBJ. DE TOILLETTE	
06.01 - Mat. Limpeza e Higiene	$
06.02 - Objetos de Toillette	$
07.00 - VEST., UNIF. EQUIP. E TECIDOS E ACESSÓRIOS	
07.01 - Vest., Unif. e Equip.	$
07.02 - Tecidos e Acessórios	$
08.00 - MAT. P/USO EM OFICINAS E P/ESTOFAMENTO	$
09.00 - LAMP. IND./FERRESC. E ACES. P/INST. ELÉTRICAS	$
10.00 - COMB. E LUBRIFICANTES	$
11.00 - MAT P/MANUT. E CONSERV. DE BENS IMÓVEIS	$
49.00 - DIVERSOS MATERIAIS	$
Total de Mat. de Consumo	$

4.1.1.03 - SERVIÇOS DE TERCEIROS

01.00 - LOCAÇÃO DE ÔNIBUS	$
02.00 - SERV. MAT. ESP. ADJ. A TERCEIROS	
02.01 - Pessoa Física	$
02.02 - Pessoa Jurídica	$
03.00 - SERV. DE IMPRESSÃO E ENCAD. CONTRATADOS	$
04.00 - CONSERVAÇÃO DE PLACAS E LETREIROS	$
05.00 - PEQUENOS REPAROS E CONSERVAÇÃO DE BENS	$
06.00 - SERV. LIMPEZA/HIGIENE	$
07.00 - REPAR.,ADAPT.,RECUP. E CONSERV. MAT PERMANENTE	$
08.00 - SERV. TÉC. E ADMIN. ADJUDICADOS A TERCEIROS	
08.01 - Pessoas Físicas	$
08.02 - Pessoas Jurídicas	$
09.00 - PUBL. E PROPAGANDA	$
10.00 - SERV.CLIN./HOSPITAL	$
11.00 - CONSERV. ELEVADORES	$
99.00 - DIVERSOS SERV.TERCEIROS	$
Total Serv. Terceiros	$

4.1.1.04 - DESP. ENC. FINANCEIROS

01.00 - JUROS LEGAIS/OUTROS	$
02.00 - CORREÇÃO MONETÁRIA	$
Total Desp.Enc.Fin.	$

4.1.1.05 - BOLSAS DE ESTUDO

01.00 - BOLSAS DE EST. ATIV. TÉC. CIENTÍFICO E CULTURAL	$
02.00 - BOLSAS DE EST. CONC. A ALUNOS DO IND/E EMPREG.	$
Total de Bolsas de Estudo	$

4.1.1.06 - ENCARGOS DIVERSOS

01.00 - LOCAÇÃO E DESP. AFINS	
01.01 - Loc. Imóv. e Desp. Afins	$
01.02 - Loc. Equipamentos	$
01.03 - Loc. Veículos	$
02.00 - DESP.C/LUZ, FORÇA MOTRIZ, TELEFONE,GÁS,ÁGUA,ESGOTO, COMUNICAÇÕES	
02.01 - Luz	$
02.02 - Força Motriz	$
02.03 - Telefone	$
02.04 - Gás	$
02.05 - Água	$
02.06 - Esgoto	$
02.07 - Comunicações	$
03.00 - ASSIN./AQUIS.ÓRGÃOS OFICIAIS, PERIÓD./PUBLICAÇÕES;DIVULGAÇÃO DE ATOS E DOC. OFICIAIS	$
04.00 - FILIAÇÃO A ORGAN./ENT.DE INTERC.CULT.TÉC. E CIENTÍFICO	$
05.00 - IMPOSTOS E TAXAS	
05.01 - Predial	$
05.02 - Letreiro	$
06.00 - PROTO SEG. DE BENS	$
07.00 - ENC. MAT. ESPECIAL	
07.01 - Prêmios, Medalhas e Diplomas	$
07.02 - Festiv.Recep.Homen.Homenag.	$
07.03 - Esp. Congr. e Conferências	$
08.00 - DESP. TRANSP. E FRETES	$
09.00 - DESP. DE VIAGEM	$
10.00 - DESP.MIÚDAS DE PR. PAGAMENTO	$
11.00 - DESP. MIÚDAS E DIVERSAS	$
12.00 - SERV.ADMINISTRATIVOS (Interno)	$
13.00 - SERV.REPRODUÇÕES GRÁFICAS E DATILOG.(Órgão Interno)	$
14.00 - SERV.REPARO,RECUP.CONS.MAT. PERMANENTE (Órgão Interno)	$
15.00 - SERV.ESP. E EDUCAÇÃO FÍSICA	$
16.00 - SERVIÇO DE INFORMÁTICA	$
17.00 - SERVIÇO DE LIMPEZA	$
18.00 - DESPESAS JUDICIAIS	$
99.00 - DIVERSOS ENC. DIV.	$
Total Enc. Diversos	$

Pessoal	$
Mat. de Consumo	$ .1.0
Serv. Terceiros	$
Desp.Enc.Fin.	$
Bolsas de Estudo	$
Enc. Diversos	$
TOTAL DESP. COR.	$ .0.0
Obras (*)	$
Mat. Permanente (*)	$

REC. CORRENTES	$
REC. DE CAPITAL	$
Total Receitas	$

DATA 25/11/81

ASSINATURA

(*) Discrimine em separa

ORÇAMENTO

3.1.1.01 - RECEITAS CORRENTES

- RECEITAS DO ENSINO
- Anuidades $
- Cursos NEU $
- Cursos IBOI $
- Cursos de Pós-Graduação $
- Rec. Div. do Ensino $
- REC. ADMINISTRATIVAS
- Refeições e Lanches $
- Hospedagens $
- Lavanderia $
- Mecanografia $
- Taxas e Emolumentos $
- Rec. Adm. Diversas $
- TAXAS DE VESTIBULAR $
- SUBVENÇÕES $
- PREST.SERV. INFORMÁTICA $
- Serv. Proc. de Dados $
- Serv. de Consultoria $
- Locação de Tempo $
- Rec.Prest.Serv.Inf.Div. $
- ESTÁGIOS $
- OUTRAS REC. CORRENTES
- Recup. de INPS s/13ºSal $
- Anulação de Despesas $
- Lucros Cambiais $
- Receitas Diversas $
- RECEITAS A CLASSIFICAR $
- Total Rec. Correntes $

4.1.1.01 - PESSOAL

- VENCIMENTOS
- Venc. Pes. Docente $
- Venc. Pes. Administrat. $
- Venc. Pes. Supervisão $
- HORAS EXTRAORDINÁRIAS $
- TRABALHADOR AUTÔNOMO $
- EVEN. TRANSITÓRIAS $
- ENCARGOS SOCIAIS
- INPS (= 17,3%) $
- INPS (6%) $
- PIS/PASEP (1,%) $
- Seg. Acid. Trab.(=0,4%) $

4.1.1.02 - MATERIAL DE CONSUMO

01.00 - ART.P.DESENH. ESCRITÓRIO
01.01 - Artigos p/Escritório $
01.02 - Artigos p/Copa e Cozinha $
02.00 - ART. EXP., DES. ENCADERN. IMPRES. E IMPRES. EM GERAL
02.01 - Art. Expediente $ 2.0
02.02 - Art. Desenho $
02.03 - Art. Encad. e Impressão $
02.04 - Impressos em Geral $
03.00 - ART. P/USO MÉD/LABORATÓRIO
03.01 - Art. p/Uso Médico $
03.02 - Art. p/Uso em Laboratório $
04.00 - GÊNEROS ALIMENTÍCIOS $
05.00 - MAT. DESP. ESC. E DID.
05.01 - Material Desportivo $
05.02 - Mat. Esc. e Didático $ 2.1
06.00 - MAT. LIMP. HIG. E OBJ. DE TOILETTE
06.01 - Mat. Limpeza e Higiene $
06.02 - Objetos de Toilette $
07.00 - VEST., UNIF. EQUIP. E TECIDOS E ACESSÓRIOS
07.01 - Vest., Unif. e Equip. $
07.02 - Tecidos e Acessórios $
08.00 - MAT. P/USO EM OFICINAS E P/ESTOFAMENTO $
09.00 - LAMP. PEÇAS/ACESSÓRIOS E ACES. P/INST. ELÉTRICAS $
10.00 - COMB. E LUBRIFICANTES $
11.00 - MAT P/MANUT. E CONSERV. DE BENS IMÓVEIS $
49.00 - DIVERSOS MATERIAIS $
Total de Mat. de Consumo $

4.1.1.03 - SERVIÇOS DE TERCEIROS

01.00 - LOCAÇÃO DE ÔNIBUS $
02.00 - SERV. MAT. ESP. ADQ. A TERCEIROS
02.01 - Pessoa Física $
02.02 - Pessoa Jurídica $
03.00 - SERV. DE IMPRESSÃO E ENCAD. CONTRATADOS $
04.00 - CONSERVAÇÃO DE PLACAS E LETREIROS $
05.00 - PEQUENOS REPAROS E CONSERVAÇÃO DE BENS $
06.00 - SERV. LIMPEZA/HIGIENE $
07.00 - REPAR., ADAPT., RECUP. E CONSERV. MAT PERMANENTE $
08.00 - SERV. TÉC. E ADMIN. ADQUIRIDOS A TERCEIROS
08.01 - Pessoas Físicas $
08.02 - Pessoas Jurídicas $
09.00 - PUBL. E PROPAGANDA $
10.00 - SERV.CLIN./HOSPITAL $
11.00 - CONSERV. ELEVADORES $
99.00 - DIVERSOS SERV.TERCEIROS $
Total Serv. Terceiros $

4.1.1.04 - DESP. ENC. FINANCEIROS

01.00 - JUROS LEVEDORES $
02.00 - CORREÇÃO MONETÁRIA $
Total Desp.Enc.Fin. $

4.1.1.05 - BOLSAS DE ESTUDO

01.00 - BOLSAS DE EST. ASSIST. TÉC. CIENTÍFICO E CULTURAL $
02.00 - BOLSAS DE EST. CONC. A ALUNOS DO INSTITUTO $
Total de Bolsas de Estudo $

4.1.1.06 - ENCARGOS DIVERSOS

01.00 - LOCAÇÃO E DESP. AFINS
01.01 - Loc. Inóv. e Desp. Afins $
01.02 - Loc. Equipamentos $
01.03 - Loc. Veículos $
02.00 - DESP.C/LUZ, FORÇA MOTRIZ, TELEFONE, GÁS, ÁGUA, ESGOTO, COMUNICAÇÕES
02.01 - Luz $
02.02 - Força Motriz $
02.03 - Telefone $
02.04 - Gás $
02.05 - Água $
02.06 - Esgoto $
02.07 - Comunicações $
03.00 - ASSIN./AQUIS.ÓRGÃOS OFICIAIS, PERIÓD./RECORTES, DIVULGAÇÃO DE ATOS E DOC. OFICIAIS $
04.00 - FILIAÇÃO À ORGN./ENT.DE INTERC.CULT.TÉC. E CIENTÍFICO $
05.00 - IMPOSTOS E TAXAS
05.01 - Predial $
05.02 - Letreiro $
06.00 - PRÊMIO SEG. DE BENS $
07.00 - ENC. MAT. ESPECIAL
07.01 - Prêmios, Medalhas e Diplomas $
07.02 - Prest.Serv.Recep.Hosped.Homenag. $
07.03 - Esp. Consult. e Conferências $
08.00 - DESP. TRANSP. E FRETES $
09.00 - DESP. DE VIAGEM $
10.00 - DESP.MISTAS DE PR. PAGAMENTO $
11.00 - DESPESAS ACESSÓRIAS DIVERSAS $
12.00 - SERV. ASSISTENCIAL (Interno) $
13.00 - SERV. REPAROS, BENS IMÓVEIS E INSTALAÇÕES (Órgão Interno) $
14.00 - SERV. REP. ADAP. RECUP. CONS. MAT. PERMANENTE (Órgão Interno) $
15.00 - SERV. REP. E EDUCAÇÃO FÍSICA $
16.00 - SERVIÇO DE INFORMÁTICA $
17.00 - SERVIÇO DE LIMPEZA $
18.00 - DESPESAS JUDICIAIS $
99.00 - DIVERSOS ENC. DIV. $
Total Enc. Diversos $

DATA 25 / 11 / 81 ASSINATURA

Pessoal	$
Mat. de Consumo	$ 2.1
Serv. Terceiros	$
Desp.Enc.Fin.	$
Bolsas de Estudo	$
Enc. Diversos	$
TOTAL DESP. COR.	$ 2.1
Obras (*)	$
Mat. Permanente (*)	$

REC. CORRENTES	$
REC. DE CAPITAL	$
Total Receitas	$

(*) Discrimine em separado

Nº	ESPECIFICAÇÃO DAS TAREFAS PREVISTAS
	Apresentação do tema-roteiro aos alunos
	Apresentação dos serviços bibliotecon̂micos da Biblioteca Infantil e das bibliotecas em geral
	Marcha do livro
	Hora do conto e exercícios em relação às estórias contadas
	Redação e análise literária
	Leitura livre e jogos
	Conselhos de Classe e reuniões de planejamento
	Pesquisa escolar na Biblioteca Infantil e Biblioteca Central
	Campeonatos
	Apresentação de estórias em diferentes recursos audiovisuais

OBSERVAÇÕES:

CRONOGRAMA

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	OBS. Nº
			X	X	X	X		X	X	X	X	X	
			X	X	X	X		X	X	X	X	X	
			X	X	X	X		X	X	X	X	X	
			X	X	X	X		X	X	X	X	X	
			X	X	X	X		X	X	X	X	X	
			X	X	X	X		X	X	X	X	X	
				X		X			X		X		
			X	X	X	X		X	X	X	X	X	
				X						X			
			X	X	X	X		X	X	X	X	X	

CRONOGRAMA FÍSICO-FINANCEIRO DAS ATIVIDADES/PROJETOS

ATIVIDADE Nº / OU PROJETO Nº /	TÍTULO: SERVIÇOS PEDAGÓGICOS	EXERCÍCIO 198 2
U.O:		CÓD:

CONTROLE FÍSICO:

PRAZO DE EXECUÇÃO

PREVISTO					
J	F	M	A	M	J
J	A	S	O	N	D

EXECUTADO					
J	F	M	A	M	J
J	A	S	O	N	D

QUANTIDADES FÍSICAS OU PARCELAS

PREVISTO					
J	F	M	A	M	J
J	A	S	O	N	D

EXECUTADO					
J	F	M	A	M	J
J	A	S	O	N	D

PERCENTUAL PREVISTO ATÉ O MÊS: ____ %

PERCENTUAL EXECUTADO ATÉ O MÊS: ____ %

CONTROLE FINANCEIRO:

VALORES ORÇADOS MCR$

PREVISTO					
J	F	M	A	M	J
J	A	S	O	N	D
TOTAL: MCR$ 1.000,00					

EXECUTADO					
J	F	M	A	M	J
J	A	S	O	N	D
TOTAL: MCR$					

PERCENTUAL PREVISTO ATÉ O MÊS

PERCENTUAL EXECUTADO ATÉ O MÊS

OBSERVAÇÕES:

CRONOGRAMA FÍSICO-FINANCEIRO DAS ATIVIDADES/PROJETOS

ATIVIDADE Nº / OU PROJETO Nº /	TÍTULO: SERVIÇOS PEDAGÓGICOS	EXERCÍCIO 198 2
U.O:		CÓD:

CONTROLE FÍSICO:

PRAZO DE EXECUÇÃO

PREVISTO						EXECUTADO					
J	F	M	A	M	J	J	F	M	A	M	J
J	A	S	O	N	D	J	A	S	O	N	D

QUANTIDADES FÍSICAS OU PARCELAS

PREVISTO						EXECUTADO					
J	F	M	A	M	J	J	F	M	A	M	J
J	A	S	O	N	D	J	A	S	O	N	D

PERCENTUAL PREVISTO ATÉ O MÊS ____ %

PERCENTUAL EXECUTADO ATÉ O MÊS ____ %

CONTROLE FINANCEIRO:

VALORES ORÇADOS MCR$

PREVISTO						EXECUTADO					
J	F	M	A	M	J	J	F	M	A	M	J
J	A	S	O	N	D	J	A	S	O	N	D
TOTAL: MCR$ [illegible].000,00						TOTAL: MCR$					

PERCENTUAL PREVISTO ATÉ O MÊS

PERCENTUAL EXECUTADO ATÉ O MÊS

OBSERVAÇÕES:

EC/LC

DESCRIÇÃO DAS TAREFAS

- Apresentação do tema-gerador aos alunos
- Apresentação dos serviços biblioteconômicos da Biblioteca Infantil do Bennett e das bibliotecas em geral
- Marcha do livro
- Hora do conto e exercícios em relação às estórias contadas
- Redação e análise literária
- Leitura livre e jogos
- Conselhos de Classe e reuniões de planejamento
- Pesquisa escolar na Biblioteca Infantil e na Biblioteca Central
- Campeonatos
- Apresentação de estórias em diferentes recursos audiovisuais

revisitada), O retrato de Dorian Gray, Uxa, ora fada, ora bruxa, de Silvia Orthof, e Onde tem bruxa tem fada, de Bartolomeu Campos de Queirós (paralelo com o Mundo da Fantasia), Frankenstein e Lobisomem. E Drácula? (deixar as crianças resolverem se Drácula é totalmente do Mal - ôba!...) (dependendo, falar do Nosferatu, para instigar). Portanto, "gaucho" para o entendimento do "monstro". Romantismo; Realismo. Pöe (A queda da Casa de Ucher), Hoffmann (aquela história do homem que perdeu a sombra!). "No Brasil [...] faltando escuridão — natureza tropical —, frio, ventos e velhos castelos, a literatura de terror ficou, durante muito tempo, confinada aos contos orais, de origem índia (caipora) ou negra (negrinho do pastoreio)" — Dicionário de Literatura, 1976, p. 1087. A dama pé de cabra; A pata do macaco. O "estranhamento" — aqui, Oscar Wilde. Não esquecer do cinema americano, década de 50, "produções B" do Roger Corman. E o Nosferatu de Murnau (expressionismo) e o atual, de Herzog (comparar as caracterizações: ator antigo, Klaus Kinski, Boris Karloff etc. Stephen King (!) — o terror "urbano" (escolher uma história dele (O iluminado?); Roman Polanski e A dança dos vampiros (aqui, o humor). A maldição da múmia. O domador de monstros, Ana Maria Machado; Asdrúbal, Elvira Vigna; Saci, Monteiro Lobato. O ogro, o golem, a Baba Yaga, os zumbis. NÃO VAI DAR TEMPO!" Mesmo neste aparente emaranhado, puxava-se o fio da meada para tecer o tecido do Terror. A "roupa", ademais, deveria esperar pelas medidas infantis, senão corria-se o risco de ter uma manga comprida em excesso, ou uma bainha curta demais. Como possíveis atividades havia: "Pelo planejamento

do serviço de Orientação Pedagógica, em relação às 1as e 2as séries, ênfase na família, no cotidiano. Fazer exercícios que tragam o Terror para este enfoque, não esquecendo o humor. Porém, não esquecer de instigar à busca do "verdadeiro" Terror. Exs.: exercícios com máscaras e seus elementos constituidores (ex.: boca normal x boca de monstro mau; olhar de bondoso x olhar "seca pimenteira" etc); "esta cor me lembra": vermelho - rosa, carro bombeiro, coração, sangue; preto - noite, urubu, buraco, capa do Drácula; amarelo - banana, sol, medo; branco - paz, nuvem, fantasma (ou seja, para ver se as crianças associam ao tema); "álbum de férias", com desenhos e histórias sobre as "férias" dos personagens do terror; em Artes Plásticas, maquete do castelo de Drácula, do laboratório do Dr. Frankenstein (para a Feira de Ciências! - falar com Helena, de Ciências); usar o Sedrúbal, da Elvira Vigna, para a criação de palavras ("feia-de-deixar-arrepiada-medonha", "seu Tenebroso", "Monstrosildo", "monstrologia"); confeccionar com as crianças quebra-cabeças com os personagens "de terror" do folclore brasileiro - mula-sem-cabeça, boitatá, saci, curupira, acauã (permitirá atividade de pesquisa); sonoplastia: trilha sonora de filmes de terror; fazer o mapa da Transilvânia (1°: faz de conta; 2°: o real, pesquisar); pesquisa de música popular brasileira que tenha relação com o tema; cantigas de ninar (!): "boi da cara preta...".

60. Algumas crianças das 1as séries não sabiam o que significava o elixir

da vida, a fonte da juventude (por que precizariam àquela altura de suas vidas, pois não?) e, mesmo esperando isto, a necessidade de variadas explicações em cada história contada, não houve arrependimento por ter, afinal, decidido contar para os menores as histórias planejadas anteriormente só para a 3.ª e a 4.ª série, os clássicos. É que, além do protesto geral dos pequeninos (que ficavam sabendo tudo através dos colegas, ou irmãos, ou primos mais velhos), ouvi de uma criança da 2.ª série o argumento definitivo: sobre os adultos confundirem faixa etária (tantas vezes vista nas contra-capas de livros) com "faixa otária".

faixa etária e faixa otária

61. Alguns escritores opinam que Frankenstein tem uma concepção por demais individualista. Ora, se a programação da Biblioteca escolhe esta história para contar, não estaria dando relevo a esta atitude? Essa visão sobre o monstro reforçava-se diante dos preceitos da educação metodista, que norteavam o trabalho na instituição onde a biblioteca estava: "[que os indivíduos] compreendam que o interesse social é mais importante que o individual" (Plano para a vida e missão na Igreja Metodista, Bennett Serviço de Orientação Religiosa, s.d. p.4) Porém, a mim sempre pareceu importante o desenvolvimento de histórias que, ao lado do sentido e da prática do social, burilassem o indivíduo até para que estes sentido e prática fossem percebidos, sabidos acontecessem). As duas

o individual e o social

faces da moeda, que uma não se constitui sem a outra. E estarei sob o efeito da "visão romântica", quando depreendo nas palavras infantis, que elas — as crianças —, vim, exercitaram muito que bem "o senso e a prática da justiça e solidariedade." (op. cit. p. 4), pois que, ao compreenderem o monstro (seu lado de fora e seu lado de dentro) estariam exercitando a compreensão de si mesmos (sombra e luz; "individuação")? Ademais, assim como é estudada a questão da individuação (a busca do Eu, o mergulho no inconsciente de nós mesmos para o maduro encontro), tomando como base os contos de fadas (que seriam, fundamentalmente, veículos para a facilitação deste encontro — conforme estudos, por exemplo, de Marie-Louise Von Franz, explicitados em suas obras A individuação nos contos de fada, A sombra e o mal nos contos de fadas, A interpretação dos contos de fadas), porque não estender a concepção de que o Imaginário "redentor" estaria veiculado à própria literatura como um todo? Deste modo, os contos de terror assumiriam de vez o que eles encerram virtualmente: são a exacerbação da questão do Mal, da "sombra" ("a análise junguiana qualifica de "sombra tudo o que o sujeito recusa reconhecer ou admitir e que, entretanto, sempre se impõe a ele, como, por exemplo, os traços de caráter inferiores ou outras tendências incompatíveis" ([JUNG, L'homme et ses symboles, Paris, 1964] p. 158-73)" (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1988, p. 843), para a sublimação do Bem, da luz. (Não seria este o motivo do fascínio que o Terror exerce sobre nós?)

62. Um dia, numa palestra, um ser caridoso me disse: — Você já pensou na hipótese de ter sido um xixi que foi feito porque a criança não queria perder a história, o clima e, por isso, não saiu da sala? Ah, abençoada possibilidade! (Será?)

63. Uma cópia dos documentos em anexo (um resumo, exemplos só) dirá melhor.

64. Em anexo, a benção.

65. Um desenho, em anexo, para exemplificar.

66. Vide documento e fotos em anexo.

67. Vide, em anexo, o cartão de Natal do tema "Terror".

INSTITUTO METODISTA BENNETT
RUA MARQUÊS DE ABRANTES, 55
RIO DE JANEIRO TEL. 245-6000

À
José Olympio EDITORA
Rua Marquês de Olinda, 12 Botafogo
CEP: 22.252 - Rio de Janeiro
Caixa Postal 9.018

a/c Beth

Rio de Janeiro, 19 de abril de 1982

Olá, Beth

Eu estou escrevendo pra você a fim de dizer que tenho trabalhado com os livros da Elvira Vigna que contam as aventuras do Asdrúbal.

As crianças estão entusiasmadíssimas: apaixonaram-se pelo Asdrúbal. Outro dia, quatro meninos da 4ª série vieram me contar que tinham feito uma "vaquinha" com o dinheiro que era para comprar merenda. E aí... compraram o Asdrúbal (Maravilha, né?)

Você diz isto pra Elvira?

Diz a ela também que, como o nosso tema deste ano é o Mundo do Terror, escolhi o Asdrúbal para que o 1º contato da criança com este gênero fosse desta maneira brincalhona. Era para trabalhar assim só com a 1ª e 2ª séries. Mas, as 3ª e 4ª séries souberam e exigiram trabalhar também com o Asdrúbal (Veja a Comunicação 1/82 em anexo)

Bom, era isso. Assim, vocês têm mais um parâmetro para avaliar o seu sucesso editorial, né?

Sem mais e convidando você para uma visita à "Sala de Fazer Idéias Boas", despeço-me.

Nanci Nóbrega

NANCI NÓBREGA - BIBLIOTECÁRIA - CRB-7: 1987

VAI ACONTECER ESTA SEMANA NO BENNETT

Segunda	18:30	*Inauguração do Espaço Livre*, com CORAL BENNETT e PENA FIRME e seu Conjunto.
	20:00	Reapresentação do FESTIVAL DE DANÇA do Colégio Bennett. Auditório.
Terça	18:00	DÉO RIAN / NOITES CARIOCAS, QUARTA VOZ, apresentação do *Projeto Carioquinha*. Auditório. Entrada franca.
Quinta	19:00	RECITAL DE MÚSICA CLÁSSICA, com o Grupo Desafio Experimental de Teatro. Auditório.
Sexta	18:00	PSICOTERAPIA DE UM GRITO, apresentação do Lions Club do Rio de Janeiro. Auditório. Entrada franca.
	18:00	*"CRECHE BENNETT - Filosofia e Objetivos"*. IBDC. Audiovisual.
	20:30	*O Povo Palestino tem Direito*, filme da ONU. Audiovisual.
Sábado	13:00	ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO, com funcionários e professores.
	18:00	*Coroação da Rainha da Primavera*. Instituto Nossa Senhora da Piedade. Auditório.
Domingo	15:00	*MACUNAÍMA NEM PENSAR*, grande encontro promovido pelo *Luta e Prazer, SOCII e Grêmio de Alunos Bennett*. Música, teatro, poesia, artes plásticas, comidinhas - tudo a propósito da Semana de Arte Moderna de 1922. Ingressos a Cr$ 300,00.

NPPG DARÁ CURSO DE AUDITORIA

O Curso de Contabilidade Gerencial-Controladoria do NPPG (Núcleo de Pesquisa e Pós-Graduação) oferecerá o curso de *AUDITORIA*, com duração de 36 horas/aulas, com início previsto para o dia 27 de outubro.

O curso destina-se a auditores, economistas e técnicos que atuem nas áreas contábil e financeira. Para informações, procurar a Secretaria ao lado do banco, ramal 13, das 14 às 21 horas.

Cap. 3 Nota 63
2

BENNETT Informa

ANO III - RIO DE JANEIRO,RJ, 18 DE OUTUBRO/1982 | Nº 29

CORAL BENNETT CONQUISTOU 2º LUGAR NO CONCURSO JB

O segundo lugar conquistado pelo CORAL BENNETT, no último dia 10, representou um prêmio ao trabalho dedicado que vem sendo desenvolvido pelos 40 coralistas do IMB. Ao todo dez grupos diferentes concorreram no Concurso promovido pelo *Jornal do Brasil*.

"Canto Livre" e "Um Coral", ambos paulistas, dividiram a primeira colocação. O Jornal do Brasil, em reportagem especial, destacou no Coral Bennett a participação do barítono Ronaldo: "*Ao iniciar-se a música* Pai Grande, *o público presenciou um momento de rara beleza*".

CORAL BENNETT

"ESPAÇO LIVRE" INAUGURADO COM MÚSICA

Está acontecendo nesta segunda-feira, dia 18, a inauguração e entrega à comunidade bennettense do palco ao ar livre, recém-construído e iluminado.

A partir das 18:30 horas, o Coral Bennett estará apresentando um recital. Em seguida, lá estará o Prof. Paulo Penna Firme (flautista) e seu Conjunto de Choros.

A entrada é franca. O espaço é livre.

COORDENADORES, DIRETORES E CHEFES ESTUDAM DIRETRIZES EDUCACIONAIS

Neste sábado, entre 9 e 17 horas, no Audiovisual, estará em discussão o documento Diretrizes para Educação na Igreja Metodista. Para uma primeira etapa, estão convocados os coordenadores, diretores e chefes. Eles tomarão contato com o texto aprovado pelo último Concílio Geral da Igreja Metodista que direciona linha educacional a ser assumida e desenvolvida nas instituições metodistas.

NÃO ESQUEÇA:

O Almoço de Confraternização entre funcionários e professores do Instituto Metodista Bennett será no próximo sábado, dia 23, às 13 horas.

As presenças devem ser confirmadas.

GRÊMIO ESTÁ PROMOVENDO A SEMANA DOS ADOLESCENTES

De 25 a 29 de outubro, na próxima semana, estará acontecendo a *Semana dos Adolescentes*, uma promoção do Grêmio de Alunos Bennett, com assessoria da Pastoral Universitária. FAMÍLIA, EDUCACÃO E CULTURA, RELIGIÃO, TÓXICOS e SEXUALIDADE são os temas propostos para os painéis.

Os expositores estão sendo confirmados, vários depoimentos colhidos e os encontros preparatórios já se constituíram num pré-debate que promete empolgar o pessoal do 1º e 2º graus.

Para maiores informações, basta procurar o *Grêmio*.

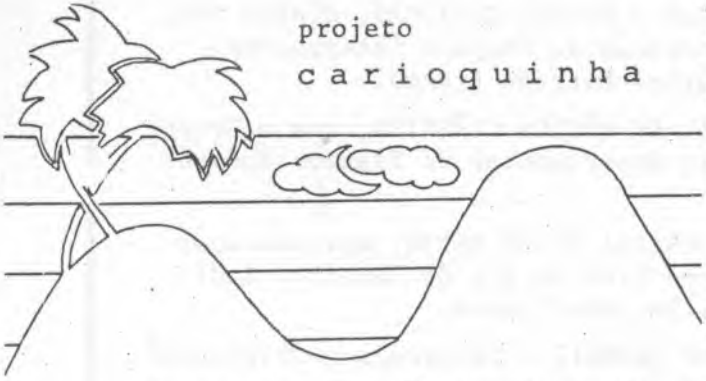
BOA IDÉIA: BIBLIOTECA INFANTIL DO BENNETT ESTÁ ABERTA AOS FUNCIONÁRIOS

A Biblioteca Infantil do Colégio Bennett - "Sala de Fazer Idéias Boas" oferece seu acervo de literatura infantil para empréstimo aos filhos dos funcionários associados da AFIMB. Para tanto, é necessário somente que o funcionário faça sua inscrição na biblioteca.

O acervo equilibra os grandes clássicos da literatura infantil com as obras mais modernas e interessantes. Os associados contam com a orientação da biblioteca.

CHORINHO E VOCALIZAÇÃO
MÚSICA DE PRIMEIRA, NO BENNETT

Está de volta o Projeto Carioquinha, nesta terça-feira, às 18 horas. Desta vez com DÉO RIAN, seu conjunto NOITES CARIOCAS e o Conjunto Vocal QUARTA VOZ.



DÉO é bandolinista exímio considerado sucessor do imortal *Jacob;* e foi em homenagem dele que nasceu o "Noites Cariocas". No programa, além dos choros, estão "Chega de Saudade" e "Carinhoso".

O QUARTA VOZ nasceu em Niterói, tem um ano e meio de vida e está chegando agora à gravação de seu primeiro disco, em produção independente. No programa, composições do grupo e mais: Tom Jobim, Glen Miller e Milton Nascimento.

É HORA DE ACEITAR O DESAFIO DA MUDANÇA, NA EDUCAÇÃO

Deu no *Jornal do Brasil*, do dia 9 de outubro, em texto ("A educação e a comunicação de massa") assinado por Heloisa Maria de Azevedo Branco:

"É importante que, como educadores, nos convençamos de que precisamos substituir o nosso papel, avaliar o nosso comportamento, aceitar o desafio da mudança, renovando e recriando atitudes e que entendamos que não podem ser os meios de comunicação de massa os educadores de nosso tempo. Compete àqueles o papel de apresentar o material que deve ser trabalhado nas escolas, através de processos didáticos..

Currículos ultrapassados não conseguem mais despertar o interesse de uma juventude que vive a era eletrônica. (...) Enfatizamos o fato de que educação e comunicação de massa não são conceitos antagônicos. É necessário que, numa comunhão feliz, consigamos levar o estudante a ver, julgar e agir."

Cap. 3 Notas 3

INSTITUTO METODISTA BENNETT – COLÉGIO BENNETT

SEGUNDO GRAU
CENTRO DE EDUCAÇÃO
HABILITAÇÃO: Professor de 1ª a 4ª Série

PATRONO: *Mariza Pinto de Queiroz*
PARANINFO: *Sandra Augusta Castro Lerner*
HOMENAGEM ESPECIAL:
Aos nossos pais, professores e funcionários do Bennett.
AGRADECIMENTOS:
Pelo apoio e colaboração que nos prestaram durante o ano.

Maria Lucia Esmeraldo Cabral	*– Orientadora Educacional*
Norma Barroso Perez	*– Supervisora de Prática*
Maria Mercia Mesquita da Silva	*– Secretária da Sup. Pedagógica*
Nancy Nóbrega	*– Bibliotecária*
Eduardo Pereira dos Santos	*– Núcleo de Recursos Didáticos*
Paulo Alves de Lima	*– Núcleo de Recursos Didáticos*

"MESTRE – aprendizagem diária de amor e vida"

Cap. 3, Nota 63
4

GINCANA DO NATAL BENNETT - 1982

Apresentação das Tarefas

ROTEIRO

08:30 - CHEGADA DA COMISSÃO JULGADORA

08:50 - ABERTURA

- Sorteio e apresentação de cada equipe
- Apresentação da Comissão Julgadora
- Apresentação dos Fiscais de Equipe

09:00 - APRESENTAÇÃO DAS TAREFAS, de acôrdo com o quadro em anexo.

OBS:
- Serão atribuídos 100 pontos à apresentação da equipe (disciplina, pontualidade e organização).
- Não há um intervalo entre as tarefas. A apresentação destas será uma seguida da outra.
- O Sorteio determinará a ordem de apresentação.
- A cada equipe será dada uma tolerância de 03 chamadas.

COMISSÃO JULGADORA:

1 - Milton - Assessoria de Comunicação
2 - Rev. Paulo Schutz - Assessoria de Pastoral Universitária
3 - Rosane - Profª do 1º grau
4 - Nanci - Biblitecária Infantil
5 - Regina - Profª Educação Física
6 - Profº Paulo - Diretor Acadêmico

Cap. 3 5 Nota 63

COMUNICAÇÕES INTERNAS DATA: 31 3 82

DE Delcio Hilton

PARA Nanci

Apenas para reforçar:

Temos interesse em receber as análises críticas de livros de lit. infantil.

Se for possível, gostaria de receber 2 cópias desse material, para que eu possa levá-lo para o Instituto Central do Povo. Aliás se pudesse ter 2 exemplares só para o ICP seria ainda melhor.

Obrigado.

E parabéns pelo seu trabalho!

Delcio Hilton

BIBLIOTECA INFANTIL DO BENNETT

COMUNICAÇÃO AOS PROFESSORES E EQUIPE DE 1ª À 4ª SÉRIES

(Assunto: Feira do Livro)

Já estão em andamento as reuniões para a Feira do Livro deste ano. Algumas coisas já estão praticamente resolvidas, assim como:

1. data: 10 a 14 de maio. Mas somente serão utilizados 3 dias, sendo que cada dia para um nível diferente. Assim: 1ª à 4ª série; 5ª à 8ª série e 2º grau;

2. a Biblioteca Infantil, porque está utilizando o tema Terror, já escolheu uma autora para visitar-nos: Elvira Vigna, que escreveu A breve história de Asdrúbal, o terrível. Mas, para que todas as professoras participem, estamos fazendo uma papeleta para que os alunos e profs. possam votar nos dois autores que gostariam de ver, aqui no Bennett, autografando seus livros. (Vale aqui lembrar que seria bom que as professoras conversassem com suas turmas sobre o assunto, para evitar que autores já mortos sejam escolhidos, ou autores cujos livros não conhecem etc. É para que tentássemos trazer autores cujos livros serão trabalhados durante o ano.) A urna ficará na Biblioteca Infantil, para que possam ser totalizados os resultados;

3. será feita, pela Biblioteca Infantil, uma Comunicação aos Pais, convidando-os e dando as explicações necessárias;

4. os pais que quiserem se inscrever para ajudar na Feira do Livro, podem fazê-lo com a Nair, da livraria do Bennett;

5. durante a Feira, faremos uma homenagem a Monteiro Lobato, pelo seu Centenário. As professoras regentes são solicitadas a darem sugestões de como poderíamos fazer esta homenagem tão necessária;

6. a próxima reunião da Comissão será dia 1/4. Até lá, qualquer sugestão ou pergunta poderá ser feita à bibliotecária.

Rio, 21/3/82.

NNóbrega

Nanci Nóbrega - CRB-7: 1937

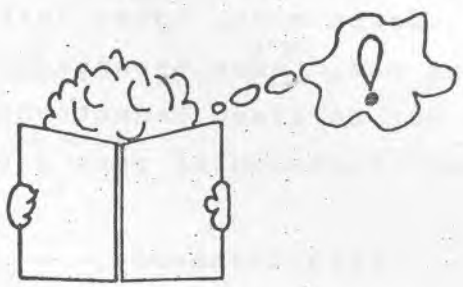
Cap. 3 Notas 3 7

INSTITUTO METODISTA BENNETT
RUA MARQUÊS DE ABRANTES, 55
RIO DE JANEIRO TEL. 245-8000

Rio de Janeiro,RJ, 04 de maio de 1982

BIBLIOTECA INFANTIL
"Sala de Fazer Idéias Boas"

COMUNICAÇÃO Nº 02/1982



Querendo manter o diálogo, a "Sala de Fazer Idéias Boas" retorna nesta *Comunicação*, para conversar sobre a Feira do Livro do Colégio Bennett.

Com o objetivo principal de incentivar o hábito da leitura, o Colégio Bennett promoverá mais uma vez a sua Feira do Livro nos dias 11 a 14 de maio, reservando um dia especialmente para cada segmento do seu alunado. Assim (ainda a ser confirmado):

. dia 14.05 - 1ª. a 4ª. séries - 09 horas
. dia 11.05 - 5ª. a 8ª. séries - 10h30min
. dia 12.05 - homenagem especial a *Monteiro Lobato*
. dia 13.05 - 2º Grau - 10h30min.

Os autores que virão autografar livros e dar depoimento sobre suas obras foram escolhidos pelos próprios alunos. Deste modo, coube ao 1º segmento do 1º grau a visita da autora *Elvira Vigna*, criadora do personagem "Asdrúbal", já comentado em nossa Comunicação nº1/82.

A Biblioteca Infantil, para tal evento, estará preparando com as crianças cartazes, entevistas, réplicas em barro, em cartolina, ou outros materiais, do "monstro" Asdrúbal que já se tornou elemento de exercícios e brincadeiras na biblioteca.

Queremos, outrossim, pedir a ajuda dos responsáveis, uma vez que nenhum acontecimento pode se tornar sucesso sem a união família-escola. Ajuda que se traduzirá na compreensão de que uma Feira de Livros é ocasião onde a alegria e vontade de conhecer autores preferidos faz com que se coloque em segundo lugar a observação estrita da hora do almoço, do horário escolar etc. (preocupação que o Colégio - como sempre - não deixará de ter, mas que suavizará, em favor de

Cap. 3 Nota 63
8

COMUNICAÇÕES INTERNAS DATA 12 / 5 / 82

DE Délcio Koiller → vício

PARA Nanci

Nanci,

Elvira Vigna em Vem?

Pena que a nossa sexta-feira do terror vai ser dia 14!...

Grato pelos seus bilhetinhos, sugestões, apreciações.

Estou passando algumas idéias para as professoras. Espero que brevemente elas a incomodem mais.

Um abraço

Délcio Koiller

P.S.: É grato pelos palavras de alento!

Preciso de uma entrevista c/ você.

meida, mas a programação é decidida pelo conjunto dos participantes, liderados por seu Representante, este ano a aluna Denise de Oliveira Viola, da turma 224.

JOGOS DOS TORNEIOS INTERNOS PARA ESTA SEMANA

Show-goal-ball

Terça	20:00	*Alcoólatras Anônimos*	X *Vôo Surf*
Quinta	20:00	*Vencedor do 7º jogo*	X *Mistura Fina*

Volibol

Quarta	20:00	13º jogo	*Naranjito*	X *Sptz 7*
	20:30	14º jogo	*Atlântica Boavista*	X *Surf Now*
Sexta	19:00	15º jogo	*Parada e Paradinha*	X *Magnum*
	19:30	16º jogo	*Vencedor do 10º jogo*	X *Sem Nome*

VAI ACONTECER ESTA SEMANA NO BENNETT

Segunda	19:00	*Socialdemocracia: a experiência européia*, Maurício Dias David. Audiovisual. UNIVERTA.
Quarta	19:00 e 20:30	*O projeto político brasileiro*, Seabra Fagundes Audiovisual. EPB.
Quinta	19:00	*Mudar a vida: o programa socialista francês*, Alan Fontain. Audiovisual. UNIVERTA.
Sexta	20:00	*Debate sobre violência*, diversos especialistas. Audiovisual. FLAMA.

INSTITUTO METODISTA BENNETT — Diretor-Geral

COLÉGIO BENNETT
Pré-Escolar - Primeiro Grau - Segundo Grau

FACULDADES INTEGRADAS BENNETT
Administração - Arquitetura - Direito - Economia - Educação Artística

NÚCLEOS
Atividades Culturais - Desenvolvimento da Criança - Educação Física - Extensão Universitária - Pesquisa e Pós-Graduação - Produção de Recursos Didáticos

PASTORAL UNIVERSITÁRIA
Assistência Judiciária Gratuita - Cadernos Bennett - Centro de Atendimento - Centro de Documentação - Coral Bennett - Promoção da Mulher

Rua Marquês de Abrantes, 55 – CEP 22.230 – Rio de Janeiro-RJ
Telefone 245-8000

Cap. 3 Nota 63 9

BENNETT Informa

ANO III - RIO DE JANEIRO,RJ, 17 DE MAIO/1982 | Nº 09

AOS ALUNOS DO BENNETT

A Feira de Livros que vocês realizam em maio é uma oportunidade para conversarmos um pouco sobre este prazer antigo e sempre novo: o prazer da leitura.

Reparem como a leitura, ao lado do esporte, do cinema, da tv, do "programa" e do namoro, é uma fonte de prazer. abrimos um livro à procura de informação útil e descobrimos outras coisas que clareiam a nossa visão do mundo. Ele nos enriquece espiritualmente.

Colocar a leitura na lista de nossas atividades de todo dia começa sendo uma tentativa, uma experiência; depois, torna-se hábito, e esse hábito nos dá segurança e alegria.

Não preciso dizer que confio em vocês, pois quem não confia nos jovens e não concentra neles a sua esperança é um negador do futuro. E o futuro, não só individual mas também do nosso país, depende essencialmente do grau de convivência com os livros, que alcançarmos no período de formação intelectual e moral.

Por isso mesmo, quero felicitá-los pela iniciativa dessa Feira de Livros. É uma bela iniciativa, e um animador ponto de partida para a realização plena de amanhã.

Não estou fazendo discurso escrito. Este meu papo com vocês talvez nem precisasse começar. A casa onde vocês estudam já indica, por si mesma, o caminho da leitura.

Carlos Drummond de Andrade

FLAMA DEBATERÁ VIOLÊNCIA SEXTA-FEIRA NO BENNETT

A Associação de Moradores e Amigos do Flamengo — FLAMA promoverá dia 21, no IMB, uma mesa-redonda sobre a VIOLÊNCIA, com a presença do Juiz Eduardo Mair, do Advogado Vivaldo Vieira Barbosa, do Psicólogo Marcos Jardim e do Prof. Roberto Santos, este representando a Pastoral Penal da Diocese do Rio de Janeiro. O debate será iniciado às 20 horas no audiovisual, e estará aberto a todos que desejam, como cidadãos comuns, dar sua contribuição para diminuir a violência que sobressalta os bairros cariocas.

NOVAS AQUISIÇÕES DA BIBLIOTECA CENTRAL

.. BICUDO, Hélio. Direitos civis no Brasil existem? São Paulo, Brasiliense, 1982.

. COSTA, Álvaro Mayrink da. Criminologia. 3 ed. Rio, Forense, 1982.

. FROMMM, Erich. A revolução da esperança; por uma tecnologia humanizada. 4 ed. Rio, Zahar, 1981.

. PRESTES MOTA. Teoria geral da administração. 9 ed. São Paulo, Pioneira, 1981.

. TOFFLER, Alvin. O choque do futuro. São Paulo, Artenova, 1972.

NEF ABRE HOJE "SEMANA DO FUTEBOL BRASILEIRO"

O Núcleo de Educação Física do Bennett está promovendo a SEMANA DO FUTEBOL BRASILEIRO, de hoje até a próxima segunda-feira, com a seguinte programação:

17/05	20:00	*A arbitragem do futebol*, com José Roberto Wrigth.
19/05	18:30	*Futebol empresa*, com Márcio Braga.
20/05	20:00	*O jogador brasileiro*, com Sérgio Cabral.
21/05	20:00	*A seleção brasileira na Espanha*, com João Saldanha (a confirmar).

BENNETT *Informa*

Boletim semanal de circulação interna do Instituto Metodista Bennett
Responsável: Rev. Paulo Pena Schütz
Redação: Assessoria de Pastoral Universitária – sala JW 207 – ramal 51

NPPG INICIA HOJE CURSO DE CONTABILIDADE AVANÇADA

Terá início hoje o curso de CONTABILIDADE AVANÇADA, com duração de 42 horas-aulas, que o Núcleo de Pesquisa e Pós-Graduação — NPPG do Bennett oferece a Auditores, Contadores, Economistas e Técnicos que atuam nas áreas contábil e financeira. O curso será ministrado pelo Prof. Milton Augusto Walter, de hoje até 29 de junho, às segundas e quartas-feiras, das 18:30 às 21:30.

Consta do Programa: Balanço Geral. Balanço Patrimonial. Demonstração do Resultado do Exercício. Demonstração de Lucros ou Prejuízos Acumulados. Demonstração de Origens e Aplicação de Recursos. Investimentos Relevantes e Equivalência Patrimonial. Resultado de Exercícios Futuros.

Informações e inscrições no NPPG, sala EP 207, ramal 32.

PORTARIA 04/82 DO DIRETOR ACADÊMICO DE 04/05/82

O Diretor Acadêmico do IMB, no uso de suas atribuições, considerando: 1) constituir o acervo da Biblioteca Central do IMB patrimônio que deve ser usufruído por todos os membros da comunidade; 2) a importância e a necessidade de, nos empréstimos de livros, serem respeitados os prazos fixados, de forma que todos tenham acesso, mesmo aos títulos mais procurados, resolveu:

1º) elevar de Cr$5,00 para Cr$30,00, a partir de 15/05/82, a multa diária a ser cobrada dos usuários, por volume emprestado e não devolvido na data marcada;
2º) determinar a suspensão por seis meses do quadro de beneficiados com empréstimos dos usuários que retiverem em seu poder, irregularmente, por prazo corrido de 30 dias ou intercalado de 60, no decorrer de um ano, obras pertencentes à Biblioteca Central.

TAB ENTROU EMBALADO EM 1982

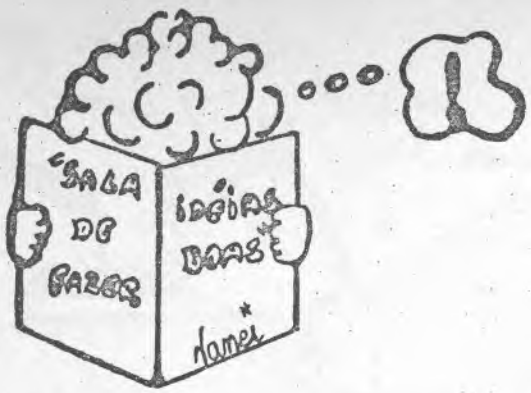
O grupo de TEATRO AMADOR BENNETT — TAB, que reúne alunos das 7ª e 8ª séries e do 2º grau, iniciou 1982 crescendo rapidamente em número, atividades e disposição: em dois meses já chega a 30 o total de participantes; além das reuniões das quintas-feiras, quando são realizados exercícios técnicos, parte do grupo está se encontrando às terças para preparar e ensaiar peças infantis que pretende apresentar no Colégio e em orfanatos; este ano já reapresentou a peça *Pelos Caminhos da Vida* e realizou uma homenagem a Edson Luís, secundarista morto em 1968 durante uma manifestação estudantil.
A orientação técnica é dada ao grupo pela Profª Elza Lopes de Al

Nome: Luciana 19 - T 123 - 8ºano

Esta é a cara que o medo tem.

Cap. 3 Notas

"SALA DE FAZER IDÉIAS BOAS"



COMUNICAÇÃO nº 04/82

A Biblioteca Infantil do Colégio Bennett *"Sala de Fazer Idéias Boas"* mais uma vez realizará sua festa anual para solidificar os conhecimentos adquiridos no decorrer deste ano e para o lazer e congraçamento de seus frequentadores.

Desta vez, como o tema da Biblioteca é o *Mundo do Terror, teremos o HALLOWENN* (FESTA DAS BRUXAS).

(O *HALLOWEEN*, realizado na noite de 31 de outubro, véspera de Todos os Santos, é de origem celta e, ao longo dos tempos, perdeu suas características especificamente religiosas. Hoje em dia, vemos uma festa pagã onde os meninos e meninas vestindo fantasias de bruxos e demônios vão bater de porta em porta. Quando são atendidos, exclamam: *Travessuras ou gostosuras!* Isto é, ou as pessoas da casa dão doces e guloseimas, ou os "bruxinhos" fazem travessuras. Em geral, todos contribuem e a "festa das bruxas" transforma-se numa deliciosa diversão para a criançada.)

Nossa festa será no dia 05 de novembro, nos seguintes horários:

. 9:00hs às 10:30hs para 1ª e 2ª séries
.11:00hs às 12:30hs para 3ª e 4ª séries

Contamos, para isso, com a sua colaboração nos enviando ... Cr$ 50,00 e um prato de _____.

Gostaríamos também de lembrar que a presença dos responsáveis será motivo de muita alegria, e que todos (crianças e adultos) devem vir fantasiados, obrigatoriamente (nem que seja com um detalhe "terrível").

As fantasias serão feitas basicamente aqui, com sucata, papel crepon e outros materais para que a criança possa "trabalhar" a festa que é - principalmente - dela.

Todos nós, sem dúvida, brincaremos, dançaremos, desfilaremos fantasias (para que seja apreciada a criatividade infantil) e, sobretudo, nos divertiremos *"horrores"*.

Agradecendo, com alegria,

Nanci Nobrega

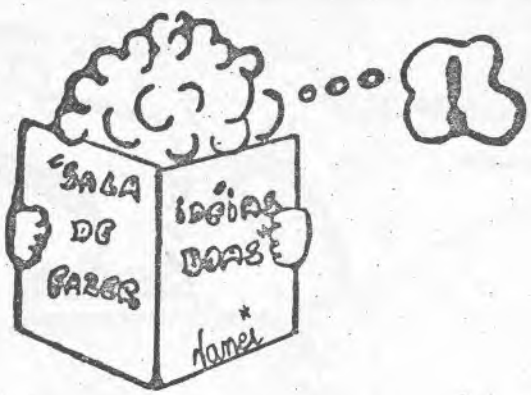
NANCI DA NÓBREGA (Bibliotecária - CRB-7/1987)

Cap. 3 Nota 66

INSTITUTO METODISTA BENNETT

COLÉGIO BENNETT - BIBLIOTECA INFANTIL

"SALA DE FAZER IDÉIAS BOAS"



COMUNICAÇÃO nº 04/82

A Biblioteca Infantil do Colégio Bennett *"Sala de Fazer Idéias Boas"* mais uma vez realizará sua festa anual para solidificar os conhecimentos adquiridos no decorrer deste ano e para o lazer e congraçamento de seus frequentadores.

Desta vez, como o tema da Biblioteca é o *Mundo do Terror, teremos o HALLOWENN* (FESTA DAS BRUXAS).

(O *HALLOWEEN*, realizado na noite de 31 de outubro, véspera de Todos os Santos, é de origem celta e, ao longo dos tempos, perdeu suas características especificamente religiosas. Hoje em dia, vemos uma festa pagã onde os meninos e meninas vestindo fantasias de bruxos e demônios vão bater de porta em porta. Quando são atendidos, exclamam: *Travessuras ou gostosuras!* Isto é, ou as pessoas da casa dão doces e guloseimas, ou os "bruxinhos" fazem travessuras. Em geral, todos contribuem e a "festa das bruxas" transforma-se numa deliciosa diversão para a criançada.)

Nossa festa será no dia 05 de novembro, nos seguintes horários:

. 9:00hs às 10:30hs para 1ª e 2ª séries
.11:00hs às 12:30hs para 3ª e 4ª séries

Contamos, para isso, com a sua colaboração nos enviando ... Cr$ 50,00 e um prato de _____.

Gostaríamos também de lembrar que a presença dos responsáveis será motivo de muita alegria, e que todos (crianças e adultos) devem vir fantasiados, obrigatoriamente (nem que seja com um detalhe "terrível").

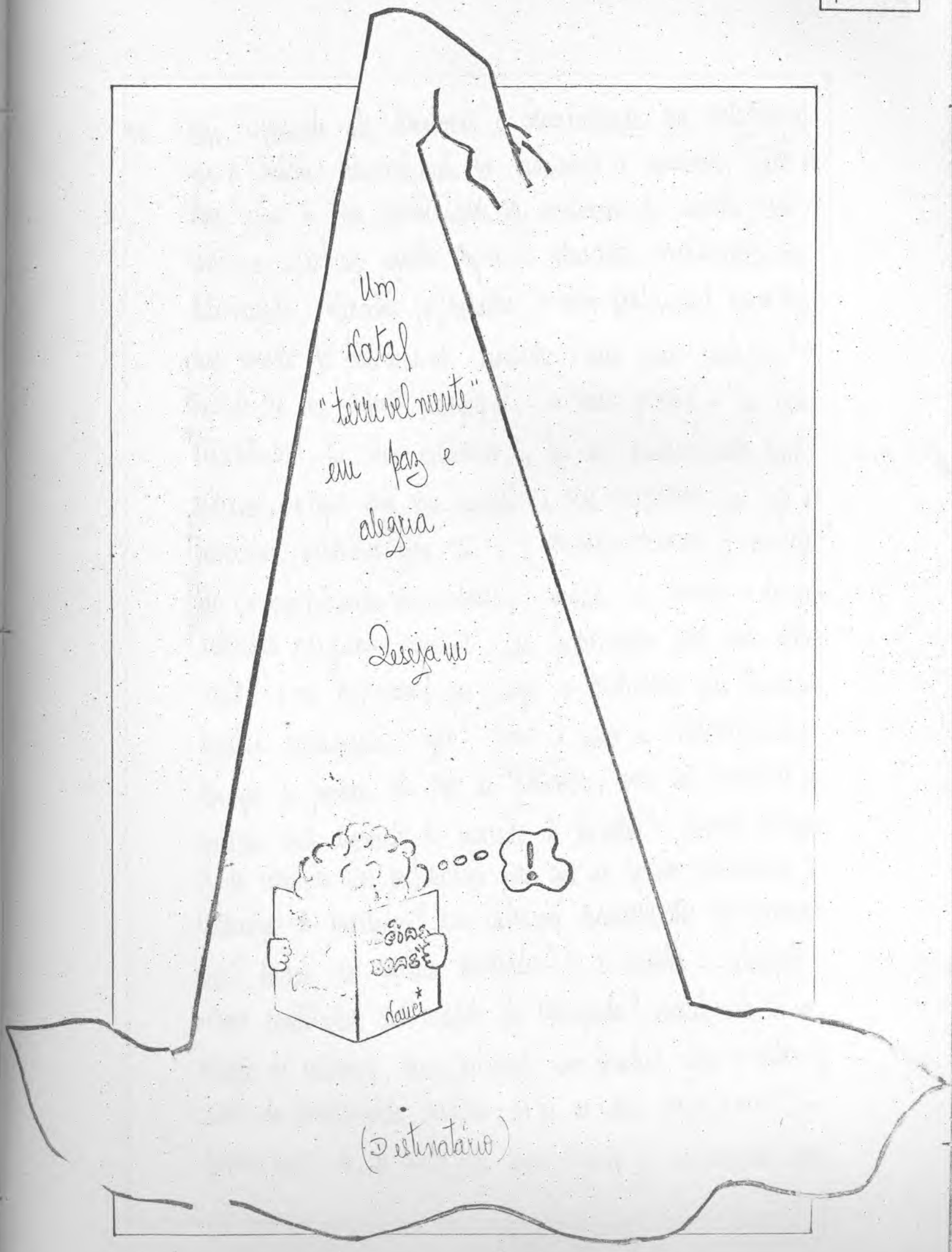
As fantasias serão feitas basicamente aqui, com sucata, papel crepon e outros materais para que a criança possa "trabalhar" a festa que é - principalmente - dela.

Todos nós, sem dúvida, brincaremos, dançaremos, desfilaremos fantasias (para que seja apreciada a criatividade infantil) e, sobretudo, nos divertiremos *"horrores"*.

Cap. 3 Nota 66

HORROROSA-
MENTE
LINDOS

Cap. 3 Nota 67


Um
Natal
"terrivelmente"
em paz e
alegria
Desejam
(O destinatário)

68. Hoje, escrevendo esta dissertação e acompanhando na metodologia que se baseia principalmente na indagação à memória, reflito melhor com a boa oportunidade de avaliação do modelo aqui exposto que significou aquela troca de elementos constituidores do dito modelo. Parcelas (a) notadas: o novo profissional encontrou um modelo já basicamente montado (seria uma vantagem? o modelo no seu "aspecto pedagógico" — o tema gerador — foi bem explicitado? foi bem entendido?; há um entendimento real, reflexivo, do que seja um modelo: a vida acadêmica, ou seja os currículos, preparam para isto?; o trabalho técnico já facilitado (a simplificação das rotinas, o auxílio das crianças e da recém contratada estagiária) pressupõe uma predisposição para sua utilização?); ao profissional que chega a Biblioteca para Crianças significa exatamente o quê?: como se pensa a Biblioteca nomia, por que se procura este tipo de biblioteca, como são avaliadas as condições deste segmento do mercado de trabalho? (haveria semelhança de intenções nos profissionais para que se pudesse determinar semelhança de resultados? mas intenções desemelhantes não necessariamente levam aos mesmos resultados?); a empatia — elemento-chave constituidor deste modelo foi conseguida? incentivada? (em relação às crianças, principalmente, mas também com os outros segmentos da comunidade escolar; entre os dois profissionais?); há possibilidade de se interferir num modelo já basicamente apron

O modelo o que é?

fado? em que medida? isto facilita ou é frustrante? Em indagação sem resposta. Ou melhor, com mais de uma resposta. Portanto, o cerne da questão aqui deve ser procurado na percepção de que o modelo lida principalmente com pessoas e não, com elementos químicos e/ou leis imutáveis. Assim, há que se ter o cuidado de analisar cada fator com atenção, a cada vez. Algo como perceber que: $3+8=8+3$ ou $3\times8=8\times3$; porém, $3^2+8\neq 3+8^2\neq 3^2\times 8\neq 3\times 8^2$.

69. Ver documentos em anexo.

70. Ver documento em anexo.

71. Ver documento em anexo.

72 a 75 Ver documentos correspondentes em anexo.

Cap. 3 Nota 69
1

COMUNICAÇÕES INTERNAS

DATA: 21 / 03 /19 83

NÚMERO: 087-DAC/83

DE: DAC

PARA: BIBLIOTECA INFANTIL

ASSUNTO: Planejamento para 1983.

A fim de que possamos reunir e consolidar os planos de trabalho de todas as unidades da área acadêmica para 1983, solicito a esse setor que preencha o modelo anexo, devolvendo-o a esta Direção Acadêmica até o próximo dia 28.03.83, impreterivelmente, para encaminhamento à Direção Geral.

Peço notar que o modelo envolve:

1- Síntese dos objetivos a serem alcançados por essa unidade em 1983;

2- Relação cronológica dos projetos/atividades a serem desenvolvidos.

As atividades simples deverão ser apenas mencionadas na relação cronológica. Porém as atividades mais complexas e os projetos deverão ser detalhados no modelo próprio.

Lembro que atividades ou projetos que envolvam despesas não previstas no orçamento do IMB não deverão ser incluídas.

Esclareço, finalmente, que na data/período da atividade ou projeto deverá aparecer, pela ordem, se for o caso, a data de inicio do evento.

CÓPIA:

Atenciosamente,

Prof. PAULO CHRISTIANO MAINHARD
Diretor Acadêmico

INSTITUTO METODISTA BENNETT
DIRETORIA ACADÊMICA
PLANEJAMENTO DE ATIVIDADES - 1983

UNIDADE: BIBLIOTECA INFANTIL

1. SÍNTESE DOS OBJETIVOS A SEREM ALCANÇADOS

ESTIMULAR A CRIATIVIDADE DOS ALUNOS DO 1.º SEGMENTO DE 1.º GRAU, INCENTIVANDO SUAS HABILIDADES, DESENVOLVENDO SEU ESPÍRITO CRÍTICO E OBSERVADOR, AO MESMO TEMPO QUE FORNECENDO-LHES INFORMAÇÕES SOBRE OS MUNDOS QUE A LITERATURA PODE OFERECER, TRANSFORMANDO, ASSIM, A BIBLIOTECA NUM ESPAÇO DE PRAZER. INCENTIVAR O GOSTO PELA LITERATURA E ARTES EM GERAL, VALORIZANDO O PAPEL DA BIBLIOTECA E DO MUSEU NA CULTURA HUMANA E, CONSEQUENTEMENTE, DESENVOLVER E/OU SOLIDIFICAR O HÁBITO DA LEITURA, ESTIMULANDO SEU SENTIDO CRIATIVO, ESTÉTICO, PERCEPTIVO E PSICOMOTOR, LEVANDO-OS A CONHECER O OBJETO LIVRO EM TODAS AS SUAS POTENCIALIDADES, DANDO ÊNFASE AO CONHECIMENTO DE OBRAS DE AUTORES DE LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA. IDENTIFICAR E ANALISAR OBRAS LITERÁRIAS E DAS ARTES EM GERAL RELATIVAS AO TEMA-GERADOR DE INTERESSE DA LEITORA PARA 1983 (SELECIONÁ-LOS A PESQUISAR, A ORGANIZAR E REGISTRAR AS INFORMAÇÕES ENCONTRADAS. MOBILIZAR A CRIANÇA PARA CONHECER-SE, DESENVOLVER SEU MUNDO INTERIOR E O MUNDO QUE A CERCA, TRAZENDO ESTUDOS COMPARATIVOS DO TEMA-GERADOR (MITOLOGIA GREGA E ROMANA) COM A REALIDADE ATUAL BRASILEIRA. INFORMAR SOBRE A HISTÓRIA, A CULTURA, A LITERATURA E A MITOLOGIA GREGA E ROMANA. ESTIMULAR DA CRIANÇA O GOSTO PELO ESCRITO CRIADO, BASEANDO-SE NOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS SOBRE AS OLIMPÍADAS GREGAS. PLANEJAR O ASPECTO PEDAGÓGICO DA CONTINUAÇÃO DO PROCESSO DE TRABALHO DA BIBLIOTECA INFANTIL PARA OS ALUNOS DE 5ª SÉRIE. ORIENTAR LEITURAS, DIVULGAR O ACERVO E ANALISAR OBRAS DE LITERATURA INFANTIL, PRESTANDO ORIENTAÇÃO DIDÁTICA AOS PROFESSORES.

2. RELAÇÃO CRONOLÓGICA DOS PROJETOS E/OU ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDOS

DATA/PERÍODO	DESCRIÇÃO SUCINTA DO PROJETO/ATIVIDADE
1) JAN. A DEZ.	ANÁLISE LITERÁRIA, ORIENTAÇÃO DE LEITURA E ORIENTAÇÃO DIDÁTICA AOS ALUNOS E PROFESSORES
2) JAN. A DEZ.	TRATAMENTO TÉCNICO DO ACERVO: SELEÇÃO, AQUISIÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E PREPARO TÉCNICO DOS LIVROS
3) JAN. A DEZ.	PREPARAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO DA BIBLIOTECA RELACIONADO AO TEMA ESCOLHIDO
4) MARÇO A MAIO	PROJETO PESQUISA: OS ALUNOS DESENVOLVERÃO UM PROJETO DE PESQUISA SOBRE MITOLOGIA GREGA E ROMANA E CONFEC-

CONTINUAÇÃO

DATA/PERÍODO	DESCRIÇÃO SUCINTA DA ATIVIDADE/PROJETO
5) MARÇO A NOV.	PROJETO PUBLICAÇÕES: PRODUÇÃO DE MANUAL DE USO DA BIBLIOTECA, DE JORNAL DE DIVULGAÇÃO DOS TRABALHOS DOS ALUNOS, DE BOLETIM ORIENTADOR DE LEITURAS ETC.
6) MARÇO A DEZ.	ATIVIDADES PEDAGÓGICAS PRÁTICAS DE MITOLOGIA GREGA E ROMANA
7) ABRIL	PROJETO "CRIAÇÃO LITERÁRIA": CRIAÇÃO DE UM TEXTO LITERÁRIO DE AUTORIA DOS ALUNOS E SERÁ TRANSFORMADO EM PUBLICAÇÃO
8) MAIO	PROJETO "O AUTOR VEM A VOCÊ": VISITA DE AUTOR (ES) DE LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA; ENTREVISTA, MANHÃ DE AUTÓGRAFOS
9) AGOSTO	"LIVRO-OBJETO" (PROJETO): CONFECÇÃO DE LIVROS DE PANO, LIVROS DE ARMAR ETC.
10) AGO. A NOV	PROJETO "PONTO DE PASSAGEM": EXTENSÃO DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS DA BIBLIOTECA INFANTIL AOS ALUNOS DA 5ª SÉRIE
11) AGO. A NOV.	PROJETO GRANDES CLÁSSICOS DA LITERATURA GREGA E ROMANA: NARRATIVA DAS OBRAS RELEVANTES DAS DUAS LITERATURAS
12) SETEMBRO	PROJETO VISITAS: VISITA A MUSEUS QUE POSSUAM OBRAS DE ARTE GREGA E ROMANA
13) OUT. A NOV.	PROJETO "TEATRANDO": A PARTIR DE TEXTOS DA LITERATURA GREGA E ROMANA OS ALUNOS FARÃO TEATRO DE FANTOCHE, TEATRO DE VARA, TEATRO DE SOMBRA ETC.
14) OUT. A NOV.	PROJETO "OLIMPÍADAS": DISPUTA DE ESPORTES CARACTERÍSTICOS DAS OLIMPÍADAS E BRINCADEIRAS E JOGOS INFANTIS CRIADOS NA GRÉCIA E ROMA ANTIGAS

NOTA: Detalhar os projetos e atividades no modelo próprio.

CONTINUAÇÃO

DATA/PERÍODO	DESCRIÇÃO SUCINTA DA ATIVIDADE/PROJETO
15) NOVEMBRO.	PROJETO "A FESTA DOS DEUSES": REALIZAÇÃO DE FESTA RELATIVA AO TEMA/83 E QUE ENCERRA AS ATIVIDADES DO MESMO
16) DEZ. A FEV.	PLANEJAMENTO DO TEMA PARA O PRÓXIMO ANO LETIVO (PESQUISA, ADEQUAÇÃO DO AMBIENTE, PLANO DE ENSINO ETC.)

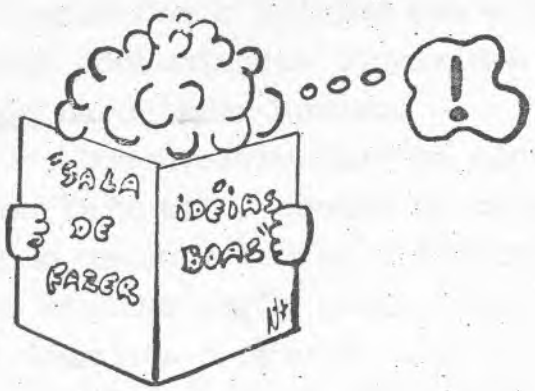
nº

NOTA: Detalhar os projetos e atividades no modelo próprio.

"Apostila", feita para ser entregue às professoras regentes e Supervisoras. (Pedi à Dyce (SOP) que o fizesse, oficial.) Cap. 3 Nota 69 2

Nauer 1/2/83

"SALA DE FAZER IDÉIAS BOAS"



PLANEJAMENTO / 1983

A Biblioteca Infantil do Colégio Bennett - "Sala de Fazer Idéias Boas" - querendo manter a equipe de supervisores/professores atualizada do seu processo de trabalho, informa que o tema escolhido pelas crianças / para 1983 foi Mitologia Grega e Romana.

Assim, nossas atividades terão como base este assunto, riquíssimo do ponto de vista cultural e literário.

Então, para 1983, teremos:

1. PROJETOS

1.1 "Teatrando"

Objetivo: estimular a criatividade dos alunos de 1ª à 4ª séries, solidificando os conhecimentos adquiridos das literaturas e mitologia grega e romana; desenvolver habilidades e conhecimentos em artes cênicas.

Desenvolvimento: os alunos farão teatro de / fantoches, dramatização, / teatro de varas, teatro de sombras "etc.", a partir de textos da literatura grega e romana apresentados na Biblioteca / Infantil, ou através de desenvolvimento de textos pessoais sobre o assunto.

A nossa Biblioteca solicitará o apoio de Artes Plásticas, Teatro, SOP, SOE, SOR e Práticas Educativas.

A época prevista é outubro/novembro e o Projeto de desenvolverá no horário normal da Biblioteca.

1.2 Visitas

Objetivo: estimular o gosto pela Arte e desenvolver um espírito observador e crítico nos alunos de 2ª à 4ª série do 1º Grau, solidificando conhecimento adquiridos sobre o tema/83. Valorizar o papel do Museu na cultura humana.

Desenvolvimento: os alunos visitarão, com a orientação da Biblioteca Infantil, Museus da cidade que possuam obras significativas do período grego e romano e identificarão e analizarão/ as obras relevantes. As visitas serão assim discriminadas: 2ª série - Museu de Belas Artes (durante o estudo da região Centro); 3ª série - Museu do I Reinado e 4ª série - Museu de Petrópolis (durante o estudo sobre Independência e Império da História do Brasil).

A Biblioteca solicitará o apoio de Integração Social (SOF) e Coordenação de 1º Grau, e, para tanto, já contactou a coordenadora da área IS para que o Projeto se realize em conjunto / com o "Estudo do meio".

A época da realização será outubro. E o horário terá de ser combinado com as professoras das turmas.

1.3 Publicações

A "Sala de Fazer Idéias Boas" tem recebido / muitos pedidos de orientação de leitura, divulgação de seu acervo etc. por parte dos responsáveis, professores, funcionários e alunos da Comunidade. É o que faremos. Publicaremos um "Manual da "Sala de Fazer Idéias Boas"; o "Abracadabra", jornalzinho de divulgação, à ser feito com os alunos, um "Boletim", orientador de leituras, e outros documentos / que se fizerem necessários ao desenvolvimento do trabalho da Biblioteca Infantil.

1.4 Grandes Clássicos da Literatura Grega e Romana

Objetivo: desenvolver no aluno de 1ª à 4ª série do 1º grau a apreciação e o espírito crítico a respeito das obras mais significativas das literaturas Grega e Romana, valorizando/ o papel do livro e da biblioteca como guardiães e transmissores da cultura humana.

Desenvolvimento: os alunos terão conhecimento das obras relevantes do tema/83 através da narrativa oral ou leitura das mesmas na Biblioteca Infantil.

As obras literárias que servirão de base a este Projeto são: Ilíada e Odisséia, de Homero; Eneida, de Virgílio; Spartacus, de Howard Fast. Outras obras significativas estão à disposição na Biblioteca para os professores que quiserem trabalhar com / suas turmas : quo vadis , O manto sagrado , Ben-Hur etc.

Seria interessante observar que Monteiro Lobato tem dois livros específicos que poderiam servir de leitura extra-classe: Os 12 trabalhos de Hércules e O minotauro . O contato / para esse tipo de atividade já foi feito com a coordenadora de Comunicação e Expressão.

A Biblioteca solicitará o apoio de Artes Plásticas, Teatro, Música, S.O.P., SOR, SOE, Ed. Física e P.E.

O Projeto será desenvolvido dentro do horário normal de Biblioteca e atingirá todo o ano letivo.

1.5 Livro-Objeto

Objetivo: desenvolver na criança o hábito da leitura, estimulando seu sentido criativo, estético, perceptivo e psicomotor, levando-a a conhecer o objeto livro em todas as suas / potencialidades.

Desenvolvimento: confecção, com as crianças, de livros-objeto, livros de pano, livros de sanfona, a partir de uma estória lida ou criada por elas mesmas.

A época , de execução deste Projeto é agosto e o mesmo se desenvolverá no horário normal de Biblioteca. Atingirá todas as séries do 1º segmento de 1º grau.

1.6 "A Festa dos Deuses"

Objetivo: estimular o gosto pela leitura fazendo com que a criança perceba os mundos que a literatura pode oferecer para sua formação, lazer e informação, solidificando os conhecimentos adquiridos durante o desenvolvimento do tema/03.

Desenvolvimento: planejamento, desenvolvimento e execução das atividades em torno do tema Mitologia Grega e Romana (escolhido pelas próprias crianças), realizando a "Festa dos Deuses" (confecção de fantasias, decoração, realização de jogos etc.)

A Biblioteca Infantil solicitará o apoio de Artes Plásticas, Música, Ed. Física, Coordenação do 1º grau, SOP, SOE, SOR, P.E. e professoras regentes.

A época é novembro e o Projeto será realizado para todas as séries do 1º grau. O horário, local, e execução / mais específica do Projeto serão motivo de Comunicações que a "Sala de Fazer Idéias Boas" fará para a equipe bennettense.

1.7 Pesquisa

Objetivo: capacitar os alunos a pesquisar/ com independência em biblioteca, valendo-se de técnicas adequadas para a utilização do fichário geral, das estantes e dos livros, e preparando-os, também, para a organização das informações encontradas / em forma de resumo etc.

Desenvolvimento: os alunos de 1ª à 4ª séries, através do acervo da Biblioteca Infantil, desenvolverão um projeto de pesquisa sobre Mitologia Grega e Romana, que os capacitará a confeccionar uma "enciclopédia" sobre o assunto.

É interessante observar que, através desse Projeto as professoras regentes de turma terão apoio para as suas pesquisas baseadas em ítens do conteúdo programático.

Época de execução : março [illegible] Durante/ o horário da Biblioteca. A ser solicitado o apoio do SOP e da Biblioteca Central.

1.8 "Rito de Passagem"

Objetivo: continuar, [illegible] alunos [illegible] série, na Biblioteca Central, com o trabalho [illegible] na Biblioteca Infantil com os alunos de 1ª à 4ª séries, [illegible] a passagem de uma Biblioteca para outra em forma de [illegible] positivas.

Desenvolvimento: os alunos de 5ª série terão uma continuidade de processo de trabalho, no espaço da Biblioteca Central, com as diferenças cabíveis ao novo nível escolar.

Época do Projeto: agosto a novembro, em horário a ser confirmado (sem prejuízo das turmas de 1ª à 4ª séries).

A Biblioteca solicitará o apoio da Biblioteca Central, Coordenação do 1º Grau, SOP, SOE, SOR, Artes Plásticas e professoras que lidam com a 5ª série.

?

1.9 Criação Literária

Objetivo: incentivar a [illegible] criadora dos alunos de 1ª à 4ª séries, através de um trabalho artístico, promovendo experiências criadoras, tendo como elemento [illegible] o texto / literário mobilizando a criança para compreender seu mundo interior e o mundo que o cerca.

Desenvolvimento: criação [illegible] rário de autoria da própria criança, a ser transformado em [illegible] ção.

Época : abril, [illegible] Biblioteca.

1.10 "O Autor Vem a Visá"

Objetivo: fazer [illegible] os autores da Literatura Infantil [illegible] cimento, [illegible] e realização de um livro, [illegible] toração, [illegible] publicação etc.

Desenvolvimento: [illegible] Feira [illegible] Colégio Bennett; [illegible] [illegible] Colégio, [illegible] [illegible] de 1ª Grau.

Época: [illegible] teca [illegible] autores, [illegible] pelo [illegible]

1.11 "[illegible]"

Objetivo: [illegible] ridos na Biblioteca Infantil e respeito dos [illegible] mulando as crianças e gosto pelo esporte [illegible]

Desenvolvimento: [illegible] de esportes característicos das Olimpíadas [illegible] e / jogos infantis oriundos da Grécia e Roma [illegible]

Época: outubro [illegible] teca) e novembro (durante a "Festa dos Doutores".

O Projeto atingirá [illegible] / [illegible] e a Biblioteca Infantil [illegible] SOP, [illegible] SOR, SOS e Artes Plásticas.

(Todos esses Projetos apresentados já foram [illegible] Acadêmica (por solicitação) e no SOP, tendo sido [illegible])

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

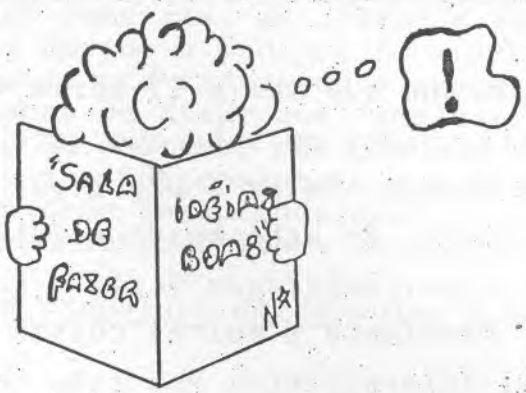
- Anotações do curso de Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ
- Biblioteca de Conhecimentos Gerais
- Dicionário de mitologia greco-latina - Tassilo Orpheu Spalding
- Dicionário do folclore brasileiro - Luiz da Câmara Cascudo
- Os doze trabalhos de Hércules - Monteiro Lobato
- Enciclopédia Delta Júnior
- Eneida - Virgílio
- Ética - Dante Pacini
- Esfinge : estrutura e símbolo do homem - Pierre Weil
- As Grandes mitologias do mundo - Plínio Bastos
- História da arte para crianças
- História das sociedades: das comunidades primitivas às sociedades modernas - Rubim Santos Leão de Aquino
- História do calendário - Hermíni Donato
- História do mundo para crianças - Monteiro Lobato
- O Homem e seus símbolos - Carl G. Jung
- Ilíada - Homero
- A Inquisição esmiuçada - Erich Fromm
- O livro dos nossos filhos
- Manual da Magia e Mín - Walt Disney
- Manual dos jovens Olímpicos - Walt Disney
- A Máscara: no culto, no teatro e na tradição - José Jupaon
- Máscaras - Henriette Demoulin - Bernard
- O Minotauro - Monteiro Lobato
- Mitos e lendas da Grécia antiga - John Pinsent
- Mitos e lendas da Roma antiga - John Gilbert
- A mitologia grega - Pierre Grimal
- O mundo da criança
- Nova mitologia grega e romana - F. Cornelin
- Odisséia - Homero
- O Oriente e a Grécia (História Geral das Civilizações) - A. Aymard e J. Auboyer
- Pesquisa Jovem
- O Pica-pau amarelo - Monteiro Lobato
- Os romanos - Joan Forman
- Spartacus - Howard Fast
- Tesouro da Juventude
- Veja por dentro uma cidade romana - R.J. Unstead
- Presente de grego - Elenice Machado de Almeida

* Estas obras pertencem à Biblioteca Infantil, ou à Biblioteca Central, ou à bibliotecária Nanci e estão prontas para serem emprestadas a quem se in

remetida aos pais, pelo Correio, em JAN./83.

Cap. 3 Nota 10

INSTITUTO METODISTA BENNETT
COLÉGIO BENNETT - BIBLIOTECA INFANTIL
"SALA DE FAZER IDÉIAS BOAS"



COMUNICAÇÃO nº 01/83

MITOLOGIA GREGA E ROMANA: O ASSUNTO ESCOLHIDO PELAS CRIANÇAS PARA/1983

Pois é. Contrariando muitos adultos que pensam que isto é assunto para ginasianos ou universitários, nossos educandos do 1º segmento de 1º grau escolheram (em votação direta, democrática) como tema gerador de interesse de leitura o riquíssimo mundo da *Mitologia Grega e Romana*.

Deixem-me explicar. Nossa Biblioteca Infantil, a *"Sala de Fazer Idéias Boas"*, tem um processo diferente das bibliotecas escolares tradicionais (e nisto é pioneira!): durante cada ano letivo, um assunto é escolhido para ser o detonador do interesse da criança pela leitura. Assim, em 1980 foi a *Fantasia*; em 1981, foi a *Ficção Científica*; em 1982, o *Terror*. A idéia básica é de que a criança perceba, então, os inúmeros "mundos" que a Literatura pode oferecer.

De posse dessa escolha, a Biblioteca Infantil concentra seus projetos em torno de um tema básico: suas atividades, suas leituras, suas brincadeiras são feitas pensando-se em oferecer à criança uma visão daquele "mundo" escolhido.

Para 1983, com a *Mitologia Grega e Romana*, estamos planejando uma série de atividades que transformarão nossa *"Sala de Fazer Idéias Boas"* num verdadeiro *"Olimpo"*. A saber: Projeto *"Conheça o mundo grego e romano"*, Projeto *"Bibliopíadas"*, Projeto *"Grandes Clássicos da Literatura Grega e Romana"*, Projeto *"Criação Literária"*, Projeto *"Pesquisa"*, Projeto *"Teatrando"*, Projeto *"Rito de Passagem"*, Projeto *"Visitas a Museus"*, Projeto *"Festa dos Deuses"* e outros mais (que serão notícia de nossas próximas Comunicações).

O que pretendemos, com muito empenho, é que a família bennettense se inclua nesse trabalho, dando sugestões, fazendo perguntas, acompanhando nossos desejos e feitos, para que o processo ensino/aprendizagem se realize verdadeiramente. E de forma gostosa, como quer toda biblioteca que se preza.

"Eu acho que ano que vem a 5ª. série também deveria participar da Biblioteca Infantil. Nanci eu acho que você deveria contar histórias de *Mitologia Grega e Romana*. Falar sobre estas coisas para todos ficarem por dentro do assunto. Eu acho muito legal este tipo de tema e olhe lá eu nem sei muita ccisa. *Mitologia Grega e Romana* também é muito bonita apesar da *Medusa, Minotauro* e muitas coisas mais. Eu vi o filme "*Furia de*"Titans" e achei interessante. Por isso eu escolhi este assunto!"

"A biblioteca pode fazer o seguinte: contar os mitos dos gregos e dos romanos. (ex. *Minotauro, Perseu, Plutão, Quiron, etc...*), e depois, colocasse no mural. Desenhos ou modelagens de barro. Estudar a filosofia de "*Zeus*", saber mais sobre a história grega. Eu me interesso muito nesse negócio de *Mitologia*".

"Eu quero deuses, monstros maltratando."

"Bem sobre este tema eu gostaria que a Biblioteca contasse a vida de *Hércules* a história do *Minotauro* como *Nero* "tocou" fogo em Roma e essas coisas. Contasse das grandes lutas e heróis gregos, grandes batalhas, guerras e como ficou Roma depois de seu famoso incêndio."

"Muitas coisas legais. Tudo sobre os Gregos. A minha mãe já foi lá. Ela falou que se ela puder eu vou pra lá (quando crescer!). E põe tudo que você achar legal."

"Os deuses não são de nada. Os homens ficam acreditando e esperando e eles não fazem nada. São uns otários".

"Nanci, você bote colunas gregas de papelão na biblioteca e tem que ter um prato sempre com uvas e vinho para os deuses".

(depoimentos de crianças de 1ª à 4ª série do 1º grau sobre o que esperam da biblioteca em 1983)

Ave, criança!

Nanci da Nóbrega

Nanci da Nóbrega - Bibliotecária - CRB-7/1987

fontes de inf. mitologia grega e romana

Algumas leituras que as crianças (e os adultos) poderão fazer para o tema MITOLOGIA GREGA E ROMANA.

Estas obras fazem parte do acervo da Biblioteca Infantil do Colégio Bennett e, de diferentes maneiras, as crianças terão acesso a elas. Porém, essa lista foi feita devido a pedidos de muitos responsáveis interessados (que bom!) em possuir uma indicação a respeito de leitura para ser feita em casa. Gostaríamos de dizer que, realmente, a escola pode (e deve) solidificar o hábito da leitura, mas que não há nada para substituir a força de uma família que lê, comenta o que lê, e transforma o momento de leitura em oportunidade de aprendizagem de vida. São apenas algumas sugestões: outras estarão sendo feitas, conforme surja a oportunidade.

1. Monteiro Lobato. Os doze trabalhos de Hércules e O minotauro (ambos da Editora ~~Brasileira~~ Brasiliense)
2. Mitos e lendas da Roma antiga e Mitos e lendas da Grécia antiga (ambos pertencem à coleção "Prisma", da Editora Melhoramentos)
3. Walt Disney. Manual dos jogos olímpicos. (Abril)
4. Veja por dentro uma cidade romana. (Civilização Brasileira)
5. Os romanos. (faz parte da coleção "Povos do passado", da Melhoramentos)
6. Espártaco (Coleção "Clássicos Juvenis", nº 6, da EBAL)
7. Elenice M. de Almeida. Presente de grego (coleção "Livros de Recreio", da Abril)
8. História da arte para crianças (da editora Pioneira; tem capítulo especial sobre arte grega)
9. em obras como Tesouro da Juventude, O mundo da criança, Enciclopédia Delta Júnior também serão encontradas leituras informativas e/ou de lazer sobre o assunto.

Dadá,

Oi.

Você sabe que o tema da Biblioteca Infantil para 1983 será Mitologia Grega e Romana? Pois é. Então, como é tema im-por-tan-tís-si-mo para a formação da estrutura interior do ser humano, queria trabalhar também com o S.O.R.

Farei tantas perguntas e sugestões que vocês, certamente, enlouquecerão. Ah! Ah! Ah!

Então, 1ª pergunta. Lá vai. O que você acha desta afirmação?

Portadores de uma missão, o santo e o herói se identificam. Daí, na Antiguidade Clássica, o desejo de criar o herói como divindade.

Qual a posição do S.O.R. em relação a esta "identificação"? Como a sua teologia encara os santos ? Como o S.O.R. encara os deuses gregos? E a época romana? Cristianismo nascendo, mitos romanos sendo "discutidos", cristianismo vencendo (?!), cristianismo sendo amordaçado (arena, leões, crucificações na Via Ápia etc.?

Outra afirmativa:

A adoração do homem ao seu semelhante mais bem dotado de força e saber. (Não há absurdo nesse modo de pensar, pois que foi o Cristianismo senão a prudente transferência dos heróis para um espaço mais longínquo, invisível aos olhos do homem comum? A Igreja soube antever o fato de que, no dia em que o ser humano conseguisse desvendar aqueles mistérios e igualar-se na sua condição humana aos heróis, todos os ídolos ruiriam por terra!

Daniel, da vez que te perguntei sobre o Halloween, você nem se dignou a responder-me... Olha lá, heim?! Quero trabalhar com o S.O.R. Tô esperando.

Beijocas, da folgada barriguda,

"O coração de cada homem não passa de [uma criança que tudo espera do mundo]"

Elias Alexandre, interno da FEBEM

Cap. 3 Nota 72

A CRIANÇA no REINO de DEUS

Projeto Criança Bennett - 1982

02.12.82

Nanci,

Nós estamos querendo ver a "barriguda" mais bonita do colégio.

É possível você estar presente na próxima 4ª feira (08/12), para juntos biblioteca infantil e SOR, conversarmos sobre o tema de 1983 - Mitologia Grega Romana?

Até lá, 11h, no SOR,

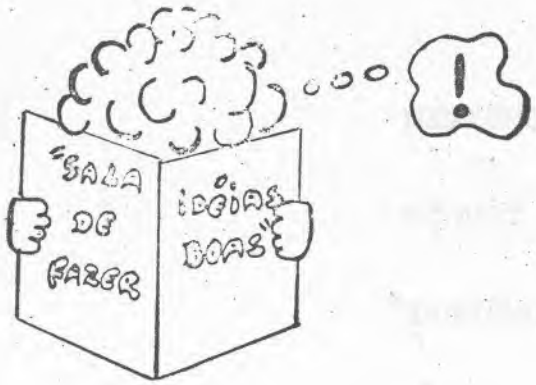
Jan

Maria Rita

INSTITUTO METODISTA BENNETT
RUA MARQUÊS DE ABRANTES, 55
RIO DE JANEIRO TEL. 245-8000

Cap. 3 Nota 73
1

"SALA DE FAZER IDÉIAS BOAS"



(22/2/83)

GÉRSON,

Olá!

Continuando nossa "correspondência" sobre o tema/83 da Biblioteca Infantil - Mitologia Grega e Romana -, gostaria de conversar com você para saber a possibilidade de trabalharmos os esportes das Olimpíadas com as crianças este ano. Se você recebeu a Comunicação da Biblioteca Infantil explicitando os nossos projetos, deve ter reparado que, para a Festa dos Deuses deste ano, eu gostaria de inserir, durante a realização da mesma, competições de algumas modalidades esportivas. Mas, quero muito trocar idéias com você por não desejar, em absoluto, interferir na sua programação tradicional das Olimpíadas Bennettenses. Como poderíamos, então, fazer? Muero que as crianças percebam bem fortemente a "corrente" que deverá ser feita entre Educação Física e Biblioteca Infantil.

É importante também que eu diga a você que vou trabalhar profundamente o conceito do atleta grego (um atleta total - mente e corpo), em comparação com o atleta conteporâneo (que, sabemos todos, é mais corpo do que mente).

Então, Gérson? Vamos trocar idéias?

Segue em anexo uma relação de esportes das Olimpíadas para você me dizer quais que poderíamos trabalhar, OK?

Agradeço e aguardo resposta, tá?

Abraço,

Nanci

ESPORTES OLÍMPICOS

ARCO E FLECHA

ATLETISMO

BASQUETE

BOXE

CANOAGEM

CICLISMO

ESGRIMA

FUTEBOL

GINÁSTICA

HALTEROFILISMO

HANDEBOL

HIPISMO

HÓQUEI

IATISMO

JUDÔ

LUTA

NATAÇÃO

PÓLO AQUÁTICO

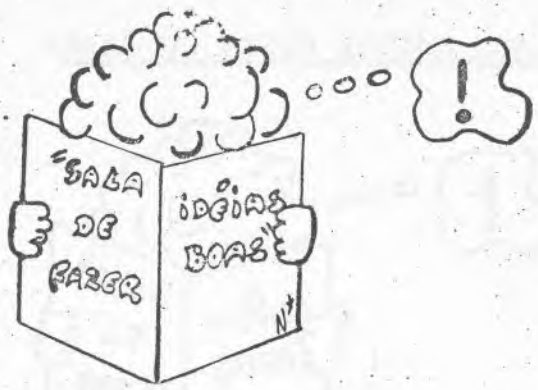
REMO

TIRO

VÔLEI

Cap. 3 Nota 73
2

"SALA DE FAZER IDÉIAS BOAS"



(22/2/83)

1) Nilza
2) César

Olá!

Gostaria de obter ajuda de Música no sentido de "pesquisar" sons adequados ao tema/83 da Biblioteca Infantil: Mitologia Grega e Romana.

Tenho escutado trilhas sonoras de filmes épicos (Spartacus, Ben-Hur, Os dez mandamentos etc.) e gostaria de trabalhar essas músicas com as crianças. Que tal?

Nas aulas de Música poderia haver um espaço para que as crianças "bolassem" músicas, sons, letras para este tema?

No 2º semestre (quando voltarei de licença), tenho um Projeto de Grandes Clássicos da Literatura Grega e Romana no qual contarei às turmas estórias como: Ilíada, Odisséia, Spartacus, Eneida, Édipo-Rei (a propósito: recebeu minha Comunicação?) Seria excelente ocasião para o trabalho com os sons "épicos". Não é?

Alguns mitos (como o da Medusa) merecem uma música bem especial, né?

Vamos trocar experiências? Aguardo resposta.

Abraço,

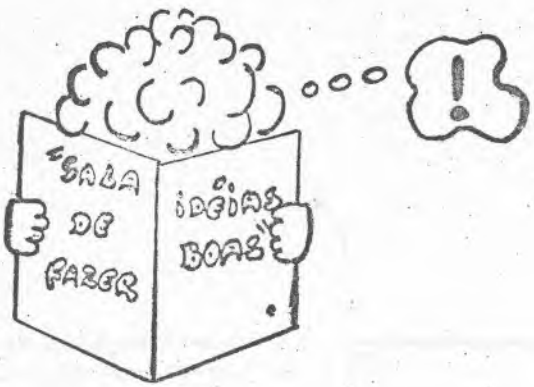
Nanci

Cap. 3 Nota 74

Instituto Metodista Bennett

Colégio Bennett

"SALA DE FAZER IDÉIAS BOAS"



(23/2/83)

Rosa:

Bom dia!

Aqui é a Nanci, bibliotecária da "Sala de Fazer Idéias Boas". Esta carta vem a propósito daquela nossa conversa recente sobre o papel da MULHER na Mitologia e na Literaturas Gregas. Lembra?

Pois é. Fiquei pensando e pensando nas coisas que você me disse e gostaria de saber se você poderia fazer umas anotações por escrito (de maneira informal) para que eu possa utilizar aqui na biblioteca, de alguma maneira.

Fica assunto muito importante quando me lembro que muitas crianças "deixam passar", nas conversas aqui, uma imagem de desvalorização do papel feminino (reflexos da mensagem adulta, bem sei, mas que - como educadora - me sinto na obrigação de conversar com os pequenos).

Seria bom à beça pra gente se você nos quisesse enriquecer com sua contribuição. (Bom demais, também, pro Arthur e a Teresa, essa "corrente" que se faria entre nós, não é?)

A propósito, gostaria de mencionar a música do Chico Buarque e Augusto Boal - Mulheres de Atenas - onde eles transmitem uma imagem de fidelidade e uma certa subserviência, mas (que beleza!) não negativa de todo. Uma imagem que, à primeira vista, poderia parecer depreciativa, porém que se revela, numa segunda "leitura" da música, elogiosa do papel feminino. Eu queria fazer uma comparação para as crianças. O que você acha?

Um abraço, Rosa.

Cap. 3 Nota 75

O coração de cada homem não passa de
uma criança que tudo espera da mãe."

– Elias Alexandre, interno da FEBEM

A CRIANÇA no REINO de DEUS

Projeto Criança Bennett - 1982

Profª Nanci Nóbrega

Bom dia!

Tenho recebido as melhores informações sobre a BIBLIOTECA INFANTIL do BENNETT e aproveito para cumprimentá-la.

A Comunicação 01/83 confirma a impressão positiva que tenho do trabalho.

Consulta

1) Como está a integração com o SOR/SOE/SOP?

2) Como se processou a escolha do tema 83?

3) O Tema possibilita uma análise crítica da história e da vida dos povos?

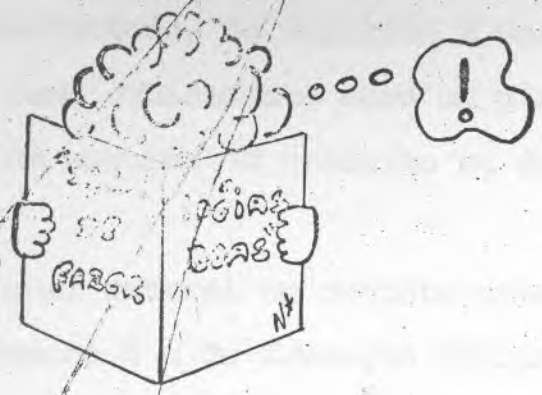
4) Como a criança absorve o tema em relação à sua realidade?

Grata.

Caeté 06/02/83

Maria Rita

"SALA DE FAZER IDÉIAS BOAS"



IMP

17/2/83

Prof. EDNI,

Bom dia.

Em primeiro lugar, obrigado pelas palavras de incentivo.

Em segundo, vamos às consultas.

1) A integração Biblioteca Infantil/SOR/SOE/SOP:

Desde que aqui cheguei (maio de 1980), esta tem sido uma das tarefas principais da Biblioteca Infantil: fazer posicionamento na equipe bennettense. Uma biblioteca (principalmente a escolar) nunca deverá ou poderá trabalhar sozinha. Ela faz parte de um quadro maior, ela se insere numa equipe, num processo mais geral.

Assim, toda a transformação pela qual passou desde 1980, foi respaldada em um trabalho junto ao SOP, ao SOE e ao SOR para que todos tivessem conhecimento do que é, verdadeiramente, uma biblioteca que lida com crianças; houve e há, constantemente, uma troca de sugestões, informações, consultas, pedidos, "ordens", entre os departamentos citados e a "Sala de Fazer Idéias Boas" para que uma real e consciente integração se solidifique.

E, para constatar (?!) toda esta teoria acima enunciada, segue em anexo uma descrição do trabalho a ser realizado em 1983. (Esta Circular foi distribuída a toda equipe bennettense.)

E, para exemplificar, alguns comentários sobre BI/SOR/SOE/SOP:

Naturalmente, uma "corrente" mais forte se faz com determinados setores. O SOR, por exemplo. Neste ano de 1983, a integração SOR/Biblioteca estará certamente reforçada. O tema que iremos desenvolver aqui é riquíssimo para o aprimoramento de nosso espírito, do nosso Eu. Então, que melhor ajuda terei do que a

fornecida numa "troca" com este setor? Assim, trocamos idéias e reflexões e posicionamentos a respeito do Homem, da Divindade, do Mito, do Símbolo, da Más - cara, da Liberdade X Escravidão, do Espírito X Corpo etc., num planejamento teórico, feito a priori, como embasamento para um planejamento pedagógico, programático. A partir daí, um esquema de trabalho se delineia sempre com pedido de apoio ao SOP e ao SOE.

Outro setor com o qual estarei em contato permanente e constante para o tema Mitologia Grega e Romana é o de Educação Física. Assusta-me como pessoa e educadora a dependência somente física com que são encarados os atletas do mundo moderno. Ah! que "lições" podemos tirar do pensamento grego a respeito do atleta, quantas coisas poderão ser "trocadas" com as crianças a respeito, por exemplo, do verdadeiro significado das façanhas de Hércules (herói/atleta/mito/homem)...

E o que dizer de Teatro? E de Artes Plásticas? Se a Biblioteca Infantil sempre procurou trabalhar com estes setores (e deles sempre recebeu muita colaboração), mais ainda o fará neste 1983.

Professor, este "apanhado" é tão pequeno... Façamos assim: algumas questões mais específicas que o senhor queira saber, pergunte. Está bem?

2) A escolha do tema 83

Verificando que a biblioteca precisava modificar seu papel e se transformar num espaço de prazer onde, mais do que se precisa ir, se quer ir, optei por levar à criança uma imagem do que os livros são um tesouro que ela deve cobiçar para figurar ao lado de outros elemehtos de seu universo, tais como brinquedos, sonhos, risos etc. Então, quis mostrar os mundos que a Literatura lhe pode oferecer. Em 1980, como ainda era o desconhecido, eu mesma escolhi o tema Mundo da Fantasia. A partir de então, trabalhei todas as possibilidades deste mundo. Em 1981, às crianças, ainda trêmulas de expectativa, lancei o tema Ficção Científica - para os menos avisados, o oposto de Fantasia. Só em 1982, a Biblioteca Infantil já transformada em "Sala de Fazer Idéias Boas", pude solicitar que as próprias crianças elegessem o tema para a sua bibliotaca. E aí elas escolheram Terror! (Não consigo lembrar sem sorrir...) Este ano, já sabe: Mitologia Grega e Romana.

O processo de escolha se dá através de eleição direta (não pense que eu perco a oportunidade de falar sobre liberdade de escolha etd.), com escrutínio,

fila para votar "secretamente", campanhas e outras coisas mais. Nas "campanhas" sirvo de intermediária do candidato-tema, explicitando suas características, seu "modo de ser"; informando as possibilidades de outros candidatos etc. Daí às crianças se lançarem num redemoinho de expectativas, de projetos, de vontades do que vai acontecer, é um pulo. Faz-se a votação, faz-se a contagem de pontos e elege-se o vencedor. Para a alegria de muitos, insatisfação de alguns e proveito de todos (porque, durante todo o ano, aquele tema é trabalhado e comparado a outros temas que poderíamos estar trabalhando, numa visão, ao mesmo tempo, específica e geral do que a Literatura nos dá.) Por exemplo, a estória de Alice no país das maravilhas foi "trabalhada" pelas crianças durante o tema Terror. Como? As próprias crianças quiseram ver como ficaria uma estória do Mundo da Fantasia no Mundo do Terror. E viram as possibilidades e impossibilidades de tal. Viram as características dos dois mundos; viram semelhanças e diferenças. E criaram.

3) Uma análise crítica da história e da vida dos povos possibilitada pelo tema escolhido

Sim, é possível. É o que se quer: que, por exemplo, ao se contar uma estória, a criança perceba as "correntes" com o real, com o modus do povo que criou a estória. Para isso, veja, na Circular anexa, a preocupação de deixar espaço para "aulas" sobre a vida e os costumes dos povos grego e romano. Quanto ao aspecto crítico, mais especificamente, é tarefa cotidiana nossa a de fazer com que a criança (e nós) encaremos tudo criticamente. Pois só assim se escolhe entre o bom e o mau (entre o bem e o mal, em última instância). É aprendizado longo e cotidiano esse. E que convive conosco, sempre.

4) O tema escolhido e a realidade da criança

Em lugar de teorizar, posso exemplificar?

Ano: 1982. Local: "Sala de Fazer Idéias Boas". Cena: Nanci conta às crianças um clássico do tema Terror: Frankenstein. Ação!

Nanci: Agora que vocês conhecem a estória original e o verdadeiro Frankenstein, me digam se conseguem lembrar de alguma coisa, se podem comparar com alguma coisa que vocês conhecem...

Um aluno: "-Olha, eu lembro das crianças marginalizadas, dos pivetes, dos assassinos."

Nanci (arrepiada de emoção, porque já adivinha que vai ouvir beleza):-Por que?

O aluno: "- Porque eles também nasceram para serem bonitos, pra terem amor. Aí, começam a passar fome, a mãe abandona, ninguém gosta deles porque são feios, magros de fome, rasgados e sujos. Tudo o que acontece de ruim as pessoas dizem logo que foi ele. Que ele que roubou, que ele que deu o tiro. Aí, ele começa a fechar o coração, a ter revolta, a odiar. E saí matando mesmo."

Nanci: -Até que um dia a gente vê escrito no jornal o nome dele e vê o retrato também, nê? Dizendo que ele é mau, que parece um..."MONSTRO"? Não é?

O aluno:"- É, sim. Igualzinho ao Frankenstein."

Outro aluno: -"É, sim. Ele (o pivete), antes, só era feio por fora. Agora, depois de tanto sofrer ficou feio por dentro também. Não tem mais jeito! Igualzinho ao Frankenstein."

Baixa o pano. (Atrás das cortinas, uma turma de crianças enriquecendo uma "professora" de olhos arregalados e coração explodindo, trêmula de alegria.)

Abraço,

Nanci

* se mais precisar...

76. O Museum: um espaço comum em cima de umas estantes, transfigurado num dos maiores "baratos" (se me permitem roubar a linguagem) da mitologia. Ali seriam expostos os "objetos" representativos do tema em questão, como nos museus de verdade. Superando as expectativas, tornou-se um instrumento palpável de avaliação da proposta de trabalho da Biblioteca, pois que as crianças, ensinando às vezes mais do que faria um compêndio de Museologia, identificaram-no imediatamente como catalisador das idéias com as quais operávamos. Transformavam coisas comuns (sandália, moeda, centopéia, água e anilina etc.), redimensionando-às para o contexto da Fantasia (aqui em sua concepção maior): "a borboleta em cima da pedra significa uma coisa. A pedra em cima da borboleta significa outra" – HORTA, 1989, p. 83. Tornavam-nas, assim, signos (os elementos, por excelência, da Museologia). Continue-se a leitura do texto sobre o tema gerador que o Museum se explicitará.

Museum

77. Que não se acredite no desenho anexo...

78. Do planejamento inicial esta questão já tinha sido levantada (ve

Cap. 3 Nota 17

Nana* olhando a Rafaela"

-se o anexo). No Relatório de 28.2.83 consta: "SOE: respaldo e orientação acerca das implicações do tema mitologia junto às crianças - principalmente - e à família; a sexualidade dos mitos, e ou da literatura grega (os livros de Educação Sexual, "por tabela"). O apoio recebido foi no sentido de se "atacar" o problema quando ele surgir, convocando o Colégio Bennett uma reunião de pais, quando for necessário. Não "precaver" a mitologia, porque, assim, não seria a verdadeira mitologia - concordam comigo. A responsabilidade da Biblioteca Infantil ficará na observação e detecção do momento em que se fará uma necessária intervenção junto aos responsáveis. Quanto ao problema dos livros de Educação Sexual, a situação continua a mesma: a Biblioteca Infantil deve abster-se de colocar ao alcance das crianças tais livros." Pois é. Como poderia a Biblioteca argumentar sobre tal visão distorcida (no entanto, não esquecer que "assim é, se lhe parece") e mostrar a real complexidade de suas funções e papel? Por que era tão facilmente ferida a questão da honestidade de propósitos da Biblioteca para com seu usuário e tão mal compreendida (conhecida, sabida), ainda, a Biblioteca em si? Apesar de entender os cuidados do colégio para com tão delicado assunto (uma criança é ela mais a família, para a escola), havia a insatisfação por não atender aos pedidos das crianças para tal literatura e, da parte do usuário, a decepção por não encontrar no acervo livros que falassem justamente sobre o que queriam

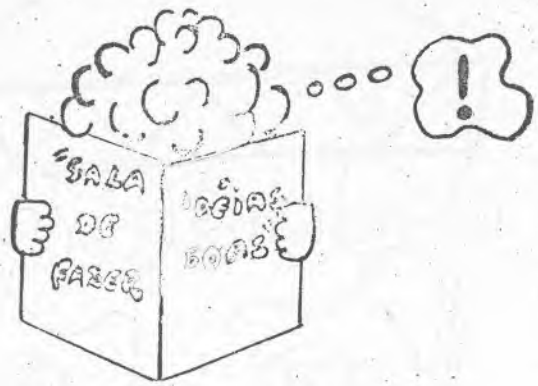
livros de educação sexual

falar. Era preciso insistir mais e mais. A Biblioteca pesquisava a publicação de obras infantis, as adquiria, analisava seu conteúdo e forma e divulgava, pedindo reunião para discussão sobre cada uma. Eram reuniões acaloradas aquelas, porque delas participavam diferentes cabeças, com diferentes "bagagens" a tentar um pensamento mais ou menos comum. Se a obra fosse "aprovada", passaria então a compor o acervo infantil, indo diretamente para as estantes. O saldo das observações feitas a respeito da reação das crianças a cada livro ia somar-se aos argumentos de sua aprovação. Não me lembro de nenhuma publicação destas que tivesse ocasionado uma tal comoção, a ponto de termos que refazer nosso pensamento inicial sobre o livro (havia, tão humanamente quanto deve haver, a sôfrega ou disfarçada curiosidade momentânea, após o que tudo voltava à paz). O que prova que em termos de censura e liberdade de escolha ainda temos muito o que caminhar.

79. Em anexo, o planejamento de um dos cartazes da Biblioteca.

Cap. 3 Nota 78

"SALA DE FAZER IDÉIAS BOAS"



DE: Nanci (Biblioteca Infantil)

PARA: Wilka (S.O.E.)

21/3/83

Bom dia!

É um problema que te trago e para o qual preciso de ajuda.

Seguinte: no nosso tema-83 (Mitologia Grega e Romana) a SENSUALIDADE e o NÚ das estátuas é um problema" que vai surgir.

A sensualidade nas estórias, nos mitos, poderá-talvez- ser contornado, conforme a maneira de empregarmos para contar às crianças a mitologia. Mas, e o nu das estátuas? (Mostraremos fotos dos livros de Artes, iremos a Museus...)

Isto tudo anda me preocupando (ainda mais que sairei de licença e só posso passar à pessoa que me substituirá um esquema de trabalho...) Help, Wilka! Tenho minhas opiniões a respeito, mas gostaria de estar respaldada no SOE.

Aguardo sua resposta urgentemente.

Vamos conversar? (Sairei breve de licença...)

Abraço,

Nanci

Para: - máscara para o vestuário (semelhante ao Blequelundum, lembra?)
- faz balãozinho com o nome dele em cartolina branca, recortado:

AQUILES

→ usa o teu normógrafo de régua, tá?

* coloca depois este rascunho na pasta Miró.

N*

80. Viajavam eles também. E davam à Biblioteca suas recordações (ver anexo).

81. Vide documento anexo.

82. Vide documento anexo.

83. Ver anexos.

84. Ver documento em anexo.

85. Ver documento em anexo.

86. Ver documento em anexo.

Cap. 3 Nota 80

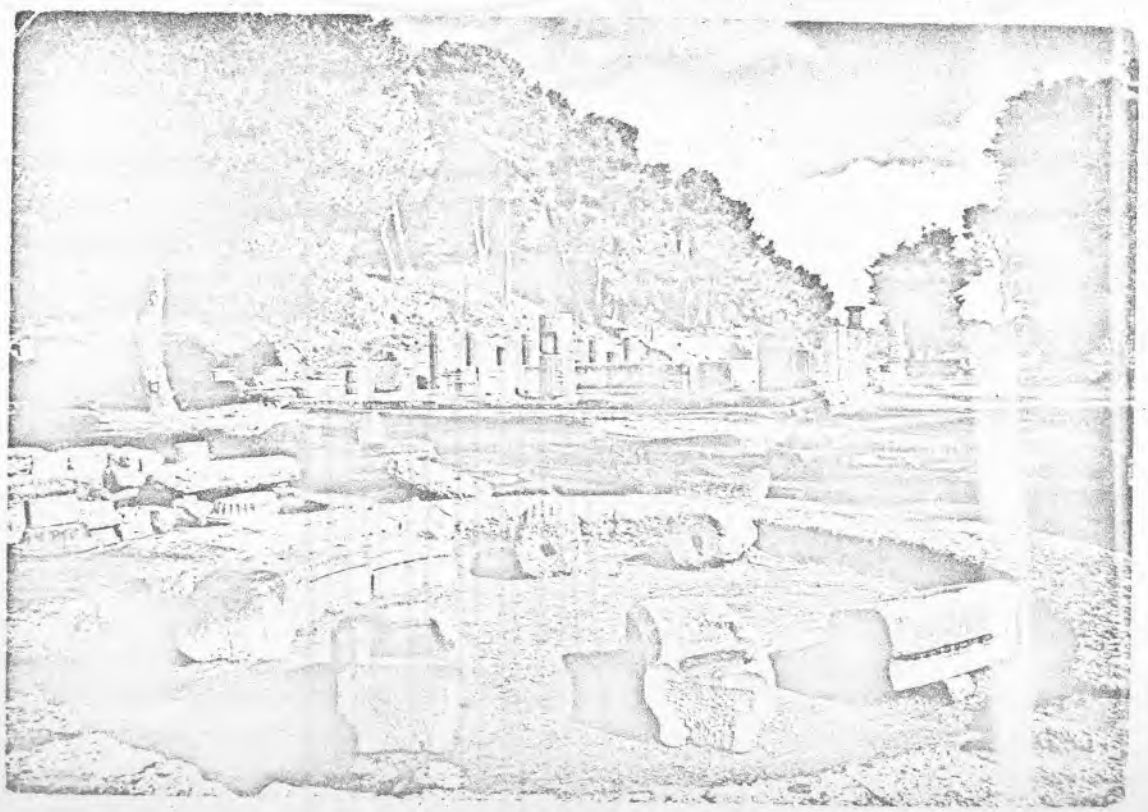
Oi, mãe/pai, pessoal da família, saravá! E olhem que já tô iniciando a última etapa da curtiça grega: Ilha de Creta. Cruzamos o Mar Egeu (lindo azul!). Acabamos de visitar este palácio da foto (séc. XIX antes de Cristo, incrível!). Vamos tentar pegar praia, tempo bom, quase quente. Gostaram da sequência de cartões enviados? Volto a escrever de Paris. Beijos grandes/saudades,

Jussu Onassis da Fonseca

1130.
ΚΝΩΣΟΣ. Τὸ νότιον προπύλαιον
CNOSSOS. Le propylée sud
CNOSSOS. The south porch
KNOSSOS. Der südliche Porticus
CNOSSO. Il portico meridionale

PAR AVION
ΑΕΡΟΠΟΡΙΚΩΣ

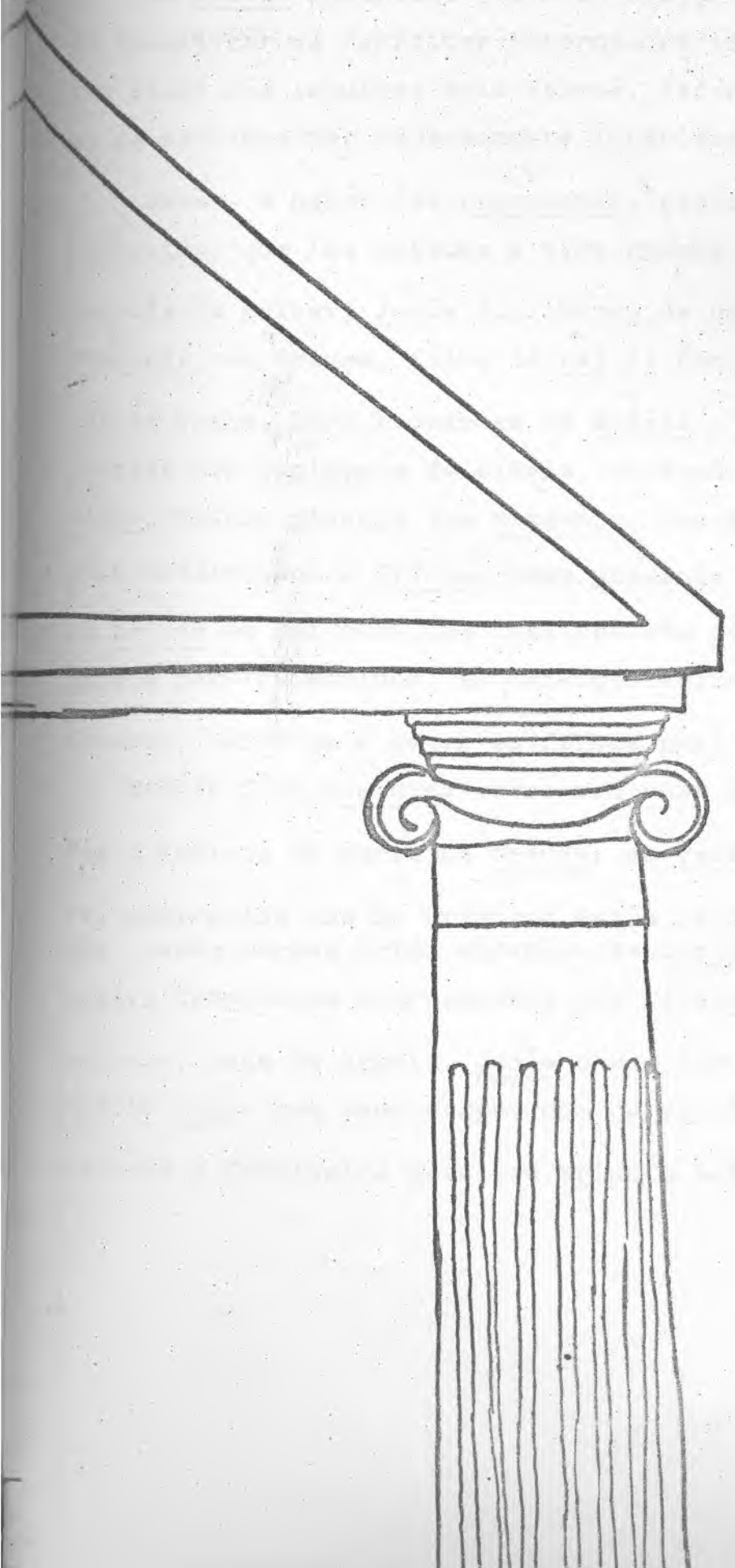
Mercedes Fonseca
Etherio Fonseca
Rua José Bonifácio, 47
ZC-16/Meier - RIO - 20.000
BRAZIL



25/11/82) enviado p:
- S.O.P.
- Artes

Cap. 3 Nota 81

COLUNAS GREGAS



* A ARQUITETURA GREGA
- as moradias
(pode ser feita para a "FESTA"!)
- as colunas simbolizando uma FILOSOFIA GREGA
- a estética depurada, as linhas retas, simples
→ a BELEZA, o seu Conceito

Medéia

Em Medéia Eurípides (484-406 a.C.) mostra-se um mestre na arte de dramatizar os conflitos internos do indivíduo, sem atribuir a vitória final aos impulsos mais nobres, defende os direitos da mulher e os do estrangeiro, supostamente inferiores.

Jasão, o herói dos Argonautas, casara-se com Medéia, princesa da Cólquida, que lhe salvara a vida graças a seus dotes de feiticeira. Cansado da mulher, Jasão faz planos de um casamento politicamente conveniente com Creusa, filha do rei de Corinto, assegurando sua sucessão ao trono. Para livrar-se de Medéia e de seus filhos, o rei Creonte decreta seu banimento da cidade. Ameaçada de exílio e enlouquecida de ciúme, Medéia planeja sua vingança. Manda as crianças levarem uma túnica enfeitiçada a Creusa, como presente de casamento, juntamente com um pedido ao rei para que lhes permita ficar ao lado do pai, pois Medéia partirá sozinha. As crianças voltam com o consentimento de Creonte. Decidida a matar os filhos para vingar-se da traição do marido, Medéia fica dividida entre seu amor por eles e seu ódio por Jasão. Mas a notícia da morte de Creusa, ao vestir a túnica que se incendiara, mostra-lhe que as crianças estão perdidas: se forem poupadas pela mãe, serão mortas pelos cidadãos de Corinto, vingando a princesa. Medéia despede-se amorosamente dos filhos e leva-os para dentro do palácio, onde os degola. Jasão chega tarde demais para salvá-los e vê Medéia fugir com seus corpos num carro atrelado a dois dragões alados, de onde a feiticeira goza seu triunfo sobre o homem que odeia.

Cap. 3 Nota 83
1

IMB/COLÉGIO BENNETT/BIBLIOTECA INFANTIL

"Sala de Fazer Idéias Boas"

(1983/5)

TEATRO, MÁSCARAS

Na Grécia, onde nasceu, o teatro teve origem no culto ao deus Dioniso Segundo a lenda, ele era filho de Júpiter e foi criado pelos Sátiros (personagens mitológicos com pé e pernas de bode). Dioniso era o deus do vinho, o ritual a Dioniso era celebrado por uma multidão alegre (ou um pouco embriagada) de cultivadores dos vinhedos, que coloriam o rosto de vermelho (cor de vinho), usavam roupas de sátiros e cobriam-se com peles de bode. Cantavam poemas musicais chamados canto do bode. Os poemas sempre se referiam à vida de Dioniso.

As festas dedicadas ao deus Dionisio, as dionisíacas, duravam seis / dias, sempre no mês de setembro. Nos três primeiros dias, realizavam-se procis - sões e concursos de poemas. Nos três últimos dias, os poemas eram apresentados ao público, recitados, cantados e dançados por um coro, em um edifício especial, o teatro.

O coro era composto de catorze pessoas. Depois acrescentou-se um chefe, o coreuta, que passou a recitar versos, fazendo perguntas ou dando respostas ao coro: era o início do diálogo, tão importante para o teatro. Mais tarde, um autor de teatro chamado Téspis teve a idéia de mascarar o coreuta, para obter um efeito teatral muito melhor do que era conseguido pela pintura do rosto. Com isso, nas - ceu o personagem, nome originado da palavra persona, que significa máscara. O coreuta, assim mascarado foi o primeiro ator.

Os personagens femininos eram representados por atores vestidos de mulher. E os atores teatrais passaram a escrever peças baseadas na vida dos outros deuses e, mais tarde, na vida dos heróis da mitologia.

Os governantes apoiavam as dionisíacas, premiando os vencedores dos concursos de tragédias. Para pagar aos atores, ao coro, para comprar máscaras, sapatos, jóias e roupas, e mandar fazer os cenários, o governante escolhia um rico cidadão que ficava encarregado das despesas com o teatro. O dinheiro gasto era considerado uma espécie de imposto divino.

O povo comparecia ao teatro como quem vai à igreja. Todos aqueles que pudessem, pagavam a entrada, que custava dois óbulos (moeda grega, equivalente ao centavo). Os pobres entravam sem pagar, já que se tratava de uma celebração religiosa nacional.

As tragédias gregas eram verdadeiras aulas de religião. Os autores mostravam que o defeito mais grave que o homem pode ter é o orgulho. Por causa de seu orgulho, o homem pensa que pode mudar o destino que os deuses lhe reservaram. Por isso, o orgulho ofende aos deuses, que castigam sem piedade o orgulhoso. Édipo, por exemplo, pensou que podia mudar seu destino, anunciado pelo oráculo de Apolo. Por isso teve um fim tão terrível.

Muitos costumes religiosos eram mostrados nas tragédias. Um deles era a necessidade de sepultar os mortos. Não era preciso enterrar muito fundo, bastava apenas cobrir o corpo com um pouco de terra. Se isso não fosse feito, a alma do morto não teria paz. Na Antígona isso é mostrado com muita clareza. Quem não enterrava os mortos era castigado pelos deuses, como Creonte foi.

Também não era permitido matar ninguém, a não ser na guerra ou em defesa da própria vida (como Édipo matou Laio, que tentou matá-lo). O assassino era perseguido pelas Eríneas (deusa da vingança) verdadeiros demônios que levavam o assassino à loucura. Além, disso, a família do morto tinha a obrigação de vingar o assassinato, e assim famílias inteiras matavam uma às outras. As peças sobre Orestes e sua família mostravam esse aspecto sobre a mitologia grega. Quando se queria matar alguém, sem atrair a vingança dos deuses ou a vingança familiar, condenava-

se a pessoa a morrer de morte natural: Antígona foi emparedada viva por Creonte. Se ela morreu, foi porque se suicidou. Édipo, quando ainda bebê, foi exposto no alto de uma montanha, isto é, foi deixado lá para morrer. E isso teria acontecido se o pastor não tivesse dado a criança a outro pastor, de outra cidade.

Para a mitologia grega, todos os cegos eram adivinhos. Não viam com os olhos do corpo, só com os da alma, e assim se comunicavam com os deuses. É o caso de Tirésias, que revelou a verdade a Édipo, e que, mais tarde, anunciou a Creonte o castigo dos deuses, por não sepultar Polinice e por condenar Antígona à morte

(Colaboração de Rosa, mãe do Arthur da T.142 e da Teresa da T.132)

A máscara sempre foi usada pelo homem. Desde os tempos antigos. Primeiro, ela foi utilizada para amedrontar o inimigo nas lutas e os demônios e fantasmas nos rituais religiosos. Assim, no início da Historia humana, a máscara tinha um poder mágico. O homem primitivo acreditava que em cada máscara existia um deus que transferia suas forças para quem a usava. Nesta época, ela representava um animal ou alguma forma da natureza, como o raio, a chuva o trovão.

Avançando a civilização, a espécie humana foi perdendo aos poucos o temor e o respeito primitivo pela máscara, usando-a também nos divertimentos.

A máscara para o teatro é, como acreditam os historiadores, de origem grega. Primeiro, ela era feita de um material leve, com buracos para os olhos e a boca. Fabricavam a máscara com folhas, fibras vegetais ou madeira e, depois, com argila, para mais tarde serem feitas de couro ou tela endurecida por uma camada espessa de cera.

O uso das máscaras era de grande importância no teatro porque servia ao

mesmo tempo para mostrar os sentimentos do personagem, aumentar a estatura do ator e ampliar-lhe a voz, visto que os teatros eram construídos ao ar livre e para um número muito grande de espectadores. Aos poucos, passou a ser indispensável e tornou-se familiar ao povo que logo reconhecia o tipo de personagem, identificando-o como bom ou mau pela máscara que usava.

Quando mais se tornava importante para a peça, maior se tornava sua variedade e, por isso, passou a ser classificada em duas grandes categorias: a máscara trágica e a máscara cômica.

Era confeccionada por habilíssimos artesãos e, inicialmente, tinham uma expressão única, fixa, que não mudava. Os atores trocavam de máscara durante o espetáculo para acompanhar a mudança de sentimentos de seu personagem.

Da Grécia passou a Roma, onde foi denominada"persona", que quer dizer pessoa. Depois foi levada para outros lugares, sofrendo modificações.

Hoje em dia, a máscara não tem mais um papel religioso ou teatral, como no passado. Aparece como elemento decorativo, feita por artistas plásticos, ou no carnaval.

Alguns outros tipos são importantes na história das máscaras; Assim, a máscara de guerra, que deu origem ao hábito de pintar o rosto e o corpo para guerrear, como fazem, por exemplo, os índios brasileiros. Os guerreiros colocavam a máscara para "invocar" a vitória sobre o inimigo.

Povos antigos, como os egípcios, colocavam máscara de ouro nos seus mortos, e esta,segundo acreditavam, facilitava ao morto a viagem para o outro mundo , afungentando os demônios que pudessem impedir seu caminho e enganando os guardiães da eternidade, quando fosse necessário; prestando-se ainda para, proteção do rosto contra as larvas dos demônios que quisessem devorá-lo. Era a máscara mortuária.

Muitas máscaras ficaram famosas. Especialmente na Literatura temos exemplos de estórias onde a máscara é quase o personagem principal. Por exemplo :O fantasma da ópera, O prisioneiro da máscara de ferro, O homem que ri.

Para você pensar :

. Por que será que, nas estórias, conhecemos sempre quem está atrás da máscara do Bem e nunca quem está atrás da máscara do Mal?
(Por exemplo : Zorro e Lord Dart Wader)

. Por que não conhecemos o verdadeiro rosto de Lord Dart Wader?

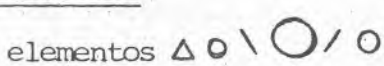
. E no teatro de hoje em dia? Os atores usam o que, em lugar de máscaras?

. Você já reparou como algumas crianças têm medo dos mascarados no Carnaval? Elas não sabem que é uma pessoa mascarada; elas acreditam que seja, realmente, um monstro, um demônio o que está diante delas. Seria assim com os homens primitivos ?

. Por que o conjunto de rock Kiss não gosta que o público veja os rostos de seus componentes sem maquilagem?

. E as caretas que a gente faz, heim?

Para você se divertir

1. Com estes elementos  forme uma máscara.

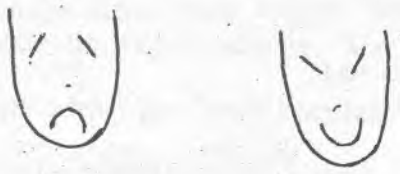
2. Máscara do Bem :

1. Batman	4 .....
2. Fantasma	5.....
3. Homem Aranha	6.....

3. Máscara do Mal :

1. Carrasco	4 .....
2. Lord Dart Wader	5 .....
3.....	6.....

4. A máscara da comédia tem os mesmos elementos da máscara da tragédia, só que colocados de outra maneira, reparem:



5. Então, tente transformar as máscaras do Mal em máscaras cômicas, só trocando alguns elementos.

6. Desenhe máscara para um persongagem muito nervozinho; para um personagem muito engraçado; para um personagem com muita fome; para um personagem que acabe de ter um pesadelo; para um personagem que está com coceira na ponta do nariz e tem as mãos amarradas atrás da cadeira onde está sentado; para um personagem arrepiado de medo; para um personagem arrepiado de frio; para um personagem arrepiado de emoção.

7. Faça de conta que uma Professora é personagem de uma peça de teatro. Desenhe a máscara que ela usaria.

INSTITUTO METODISTA BENNETT/COLÉGIO BENNETT/BIBLIOTECA INFANTIL

"SALA DE FAZER IDÉIAS BOAS"
(1983 - 6)

USOS E COSTUMES GREGOS

(Os livros ensinam muita coisa. São como uma máquina do tempo quando a gente precisa conhecer fatos do passado. Foi nos livros que eu aprendi sobre a Grécia, sobre seus deuses, sobre sua história. Nesta apostilha, coloquei, de propósito, só um pouquinho do assunto Usos e costumes gregos. Porque mais importante é você descobrir as coisas que os livros têm para contar sobre a Grécia.)

A maneira de viver dos gregos era muito simples. Eles apreciavam o lazer; e, na verdade, havia sempre tempo para uma boa conversa, e, no fim de um dia de trabalho, para um animado banquete.

A criança grega vivia num mundo encantado. Havia muitos brinquedos interessantes naquele tempo. E, por incrível que pareça, muitos brinquedos, brincadeiras e jogos que conhecemos hoje já eram conhecidos pelas crianças daquela época. Havia chocalhos de cerâmica com pedrinhas para os bebês; balanços, gangorras, pipas, bolas, estatuetas de cerâmica, bonecas, cavalinhos feitos de rodas ligadas a varas compridas e muitos, muitos jogos. Rodar um arco era um dos esportes favoritos dos meninos. Os arcos feitos de ferro tinham às vezes sinos e anéis para ficarem mais bonitos e com um som gostoso ao rodar. Os arqueólogos encontraram muitos desses brinquedos nas escavações que fizeram, e muitas pinturas e esculturas gregas mostram as brincadeiras e jogos daquele tempo. Por isso, sabemos tantas coisas assim sobre a

Grécia antiga.

Durante os primeiros anos de vida, eram as mães que tomavam conta das crianças. Quando tinham 6 anos, então, meninos e meninas eram separados: as meninas ficavam em casa com as mães e os meninos eram mandados para a escola, a fim de aprender a "ser homem", segundo o modelo grego.

A educação era muito rigorosa: se a criança obedecesse, tudo estava bem; do contrário, era corrigida com pancadas e castigo. Dos 7 aos 18 anos, os meninos frequentavam escolas particulares. Os escravos domésticos os levavam às escolas diariamente. Muitas vezes, as aulas eram dadas nas ruas por professores que iam ensinando enquanto caminhavam. Os meninos gregos aprendiam a ler e escrever, aprendiam aritmética, poesia e música. Nós sabemos disto porque historiadores daquela época deixaram estas coisas escritas.

A alimentação era muito simples. Os gregos não comiam quase nada de manhã, faziam um almoço ligeiro, e, no fim da tarde, comiam um pesado jantar.

As mulheres se preocupavam, principalmente para se distrair, com sua aparência: havia muitos artigos de beleza, como perfumes, um pó para branquear a pele e uma raiz que dava cor às faces. Outra maneira de passar o tempo era tecendo com tear.

Muitos gregos, principalmente no verão e em casa, andavam descalços. Mas havia bons sapateiros que faziam sandálias.

As cidades eram muito movimentadas. As ruas eram cheias de pequenas lojas.

O trabalho era feito na terra, com a agricultura, e no mar, com o comércio.

A agricultura produzia vinho e azeite de oliveira que, juntamente com a indústria das cidades (cerâmica e jóias), podiam ser negociadas em todos os lugares, pelo mar. Os gregos vendiam esses produtos e traziam cereais, queijo e carne de porco, tapetes, marfim, vidro e perfumes. Enquanto eram feitas essas trocas de mercadoria, o comerciante levava ao estrangeiro um "produto" importantíssimo - o idioma e a cultura grega.

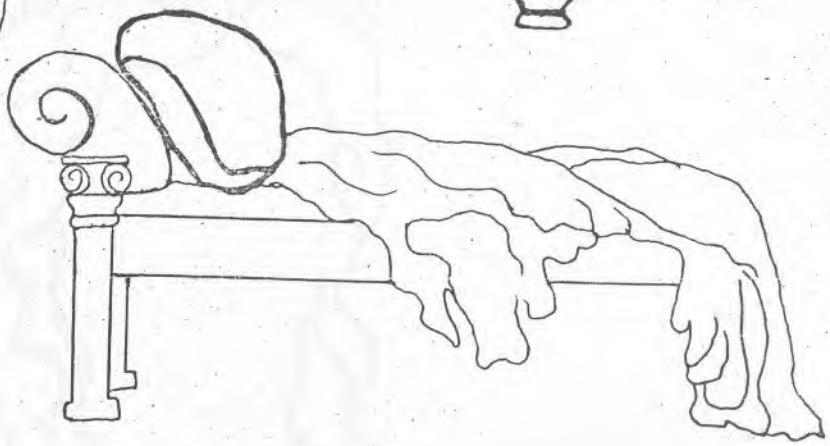
Os navios tinham muito espaço para a carga. Esses barcos só navegavam com ventos favoráveis. Mas as estradas eram tão ruins que era muito mais fácil viajar por mar.

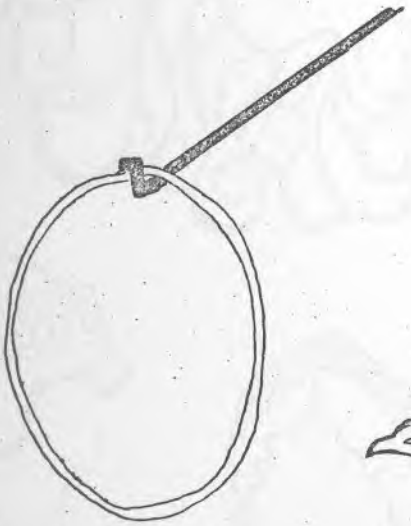
O lar grego também era muito simples, austeramente mobiliado. Quase tudo o que uma família grega comia e usava era produzido na casa, sob a direção da mulher.

Móveis finos e simples embelezavam os lares gregos. Alguns vasos que foram achados pelos arqueólogos tinham desenhos que permitem a gente saber como eram as casas gregas antigas. Os gregos usavam uma espécie de sofá, tanto para dormir quanto para se reclinar nos banquetes. O assento das cadeiras e dos sofás era feito de tiras de couro ou fibra. Havia também arcas e mesas de jantar de três pernas.

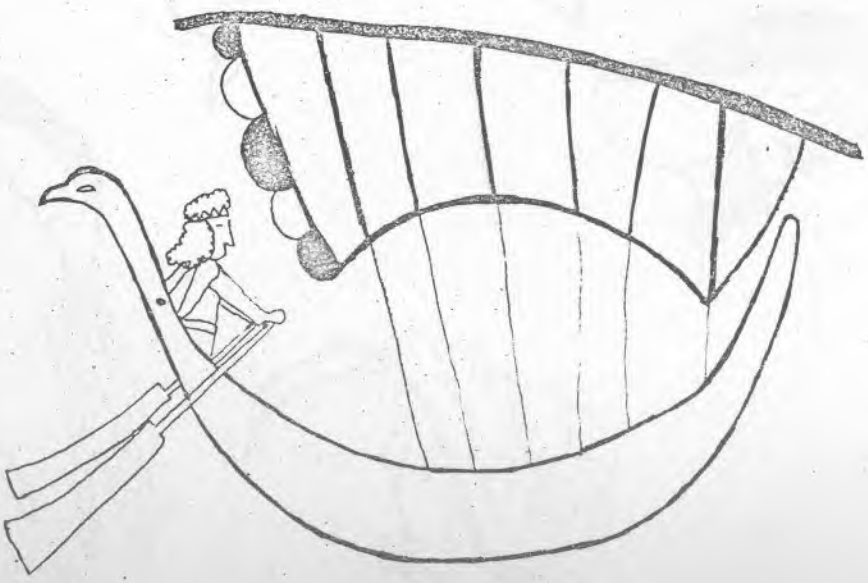
sandália

no lar



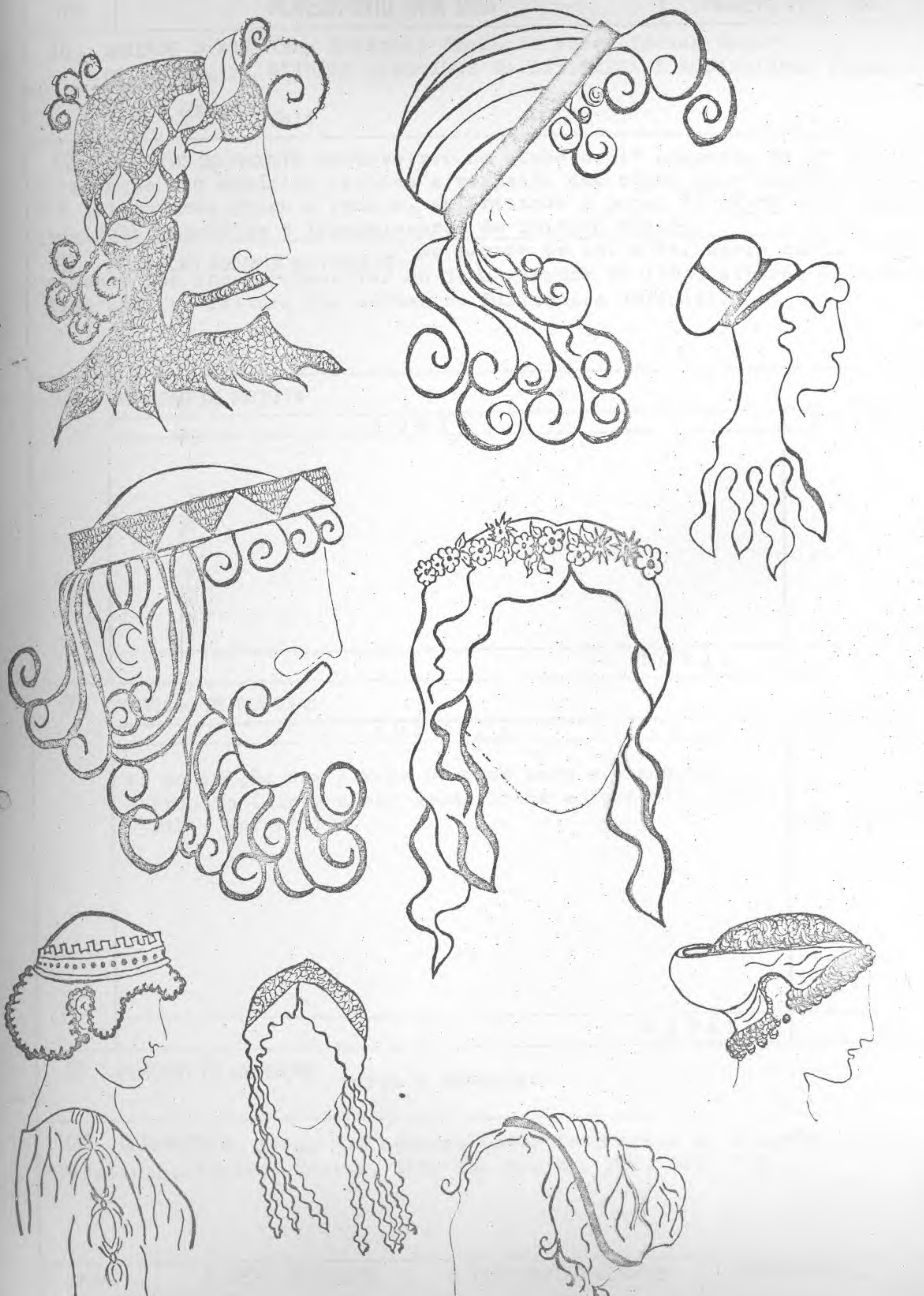


brinquedo



navio

PENTEADOS GREGOS



IMB	PLANEJAMENTO PARA 1983	PROJETO N.º 04 /83

01. UNIDADE Biblioteca Infantil "Sala de Fazer Idéias Boas"

01.1 - NOME : GRANDES CLÁSSICOS DA LIT.GREGA E ROMANA(Área Pedag.)

01.2 - CÓDIGO : 2414

02. OBJETIVO DO PROJETO Desenvolver no aluno do 1º segmento do 1º Grau a apreciação e o espírito crítico a respeito das obras mais significativas das literaturas grega e romana, valorizando o papel do livro e da biblioteca como guardiães e transmissores da cultura humana.

03. DESCRIÇÃO SUCINTA DO PROJETO Os alunos de 1a. a 4a. série terão conhecimento das obras relevantes do tema-gerador de 1983, através de narrativa oral ou leitura das mesmas na Biblioteca Infantil.

04. PREVISÃO DE RECEITA

FONTE	VALOR
TOTAL	

05. PREVISÃO DE DESPESAS

RUBRICA	VALOR
a. aquisição dos livros básicos para a execução do Projeto (lista a ser selecionada e fornecida pela Bibl. Infantil)	200.000,00
TOTAL	

06. PERÍODO DE EXECUÇÃO Março a Novembro

07. OBSERVAÇÕES Áreas que deverão estar integradas ao Projeto: Artes Plásticas, Teatro, Música, SOR, Ed. Física, SOP, SOE, P.E.

DATA	RESP. P/UNIDADE	DIRETOR/COORDENADOR	DIRETOR-GERAL
9 /12 / 82	Nanci Nóbrega		

(24/11/82) enviado p/ S.O.R. Elzinha

Cap. 3 Nota 85

A MITOLOGIA NAS LETRAS E NAS ARTES

Os deuses e suas histórias fantásticas foram nos primórdios da civilização grandes realidades.

Os deuses existem para quem acredita neles. (1)

Criados pela imaginação poderosa e assombrada do povo, carregam a vida e a poesia que o povo costuma depositar em tudo o que constrói. (2)

Poetas, historiadores, sacerdotes, artistas plásticos vieram, com o tempo, estilizando tais criações.

Quando sobre os mitos trabalharam poetas como Homero, Virgílio, Camões etc., então os mitos se fizeram imortais. E, imortalizados, serviram e servirão a quantos se ocupem com as coisas da Arte e da Literatura.

HOMERO, o cego, figura lendária, discutida, com numerosas cidades a disputarem a honra de haver sido a terra do seu nascimento, é dado como autor da ILÍADA e da ODISSÉIA, grandiosos poemas épicos da Grécia, nos quais os deuses, constantemente, interferem na vida e nos negócios dos homens. (3) (4)

ÉSQUILO, nascido por volta de 525 a.C., usou largamente em suas peças teatrais assuntos da mitologia grega. (5)

Na ENEIDA, poema épico de Virgílio, a mitologia e a história se cruzam constantemente.

DANTE, na DIVINA COMÉDIA, cita numerosos mitos.

Ninguém poderá ler com proveito real OS LUSÍADAS, de CAMÕES, sem um bom conhecimento de mitologia grega.

CAMÕES, sem um bom conhe

(1) S.O.R.

(2) o valor e a beleza do popular. A tradição oral.

(3) falar sobre a discussão sobre a sua existência; sobre se poderia ser cego quem descreve as paisagens, a cor como ele (trecho da Ilíada sobre o rosa do céu...) → as possibilidades

de "voar" que a Literatura, o "gênio" oferece; a destruição das deficiências físicas pela Beleza...

4) iniciar ILÍADA, ODISSÉIA, EPOPÉIA (Tem cartaz)

5) Elzinha → possibilidade de seus alunos quererem trabalhar o teatro grego (estilizando-o ou não). Já pensou, gente?

Nauci*

- Artes - P.E.

PLANEJAMENTO DA AULA -- ILÍADA (HOMERO)

1. resumo - o que é resumo?
2. falar sobre Homero, literatura grega, epopéia, a importância da Ilíada -- no "geral" (depois haverá aula específica)
3. falar sobre como se compõe a Ilíada -- 24 "livros": o "real" da epopéia: um pedaço da Guerra de Tróia (que durou 10 anos. A Ilíada acontece no 9º ano; a Ilíada acaba e a guerra continua); a possibilidade de misturar ficção e realidade (a beleza disto)
4. fazer resumo do resumo
5. LIVRO 1 -- como eram os exércitos gregos? (como se dividiam etc.) (comparação com o exército romano) -- no "geral" (depois haverá aula específica)

-- adivinho: falar da importância dos oráculos

-- peste: oportunidade de falar mais um pouco da epopéia (realidade + imaginação) (realidade-história) (houve realmente uma peste?) (o que é peste) (falar sobre as mais importantes: a peste negra, na Idade Média; a gripe espanhola, na Idade Contemporânea pode ser considerada "peste"?) (mais um fato "real" na Ilíada, assim como a Guerra de Tróia)

-- deuses: seu lado "humano", sua interferência constante (eles fazem parte a todo momento da Ilíada) (comparação com o Deus do Cristianismo) (comparação com o homem grego, que é divinizado)

-- os heróis da Ilíada são filhos de deuses

-- as diferentes formas do mito (cada deus tem muitas estórias para explicar sua origem) (o mito não é uma realidade independente -- evolui)

-- a cólera de Aquiles: verificar, com as crianças, que este é o maior motivo de tudo o que acontece (quantos "livros" tratam? quais?) (. Aqui

PESQUISA

S.O.R.

* se for dada esta aula p/ 5ª série → JÉSSICA

* pesquisa ótima p/ 5ª série fazer na B Central

→ 5ª série

* JÉSSICA; pesquisa na B. Central (p/ 5ª série)

deus ⇄ homem

Grécia

les é um verdadeiro guerreiro, orgulhoso de seu destino (MOIRA), que conhece o seu valor, que sabe o que lhe é devido, mas, ao mesmo tempo, é terno (vide a morte de Pátroclo)) (Aquiles (cf. Homero) se tornou uma fonte de inspiração através de toda a Antiguidade: Alexandre, César...

6. LIVRO 2:

-- sonho: falar sobre a importância deles (os presságios) (ligá-los com as Sibilas etc.)

-- sacrifícios aos deuses: o que eram, porque...; relacionamento com o Cristianismo (as "penitências": subir a escada da Penha de joelho (?); jejuar etc.) S.O.R.

-- Olimpo: o que era (no real, na fantasia); o que significava; comparação com o Cristianismo (o céu, os santos) S.O.R.

7. LIVRO 3:

-- Helena como prêmio: Sônia, só falar se estiver muito preparada neste assunto (o papel da mulher através dos tempos (mas, dou"minha cara a tapa" se as crianças não vão comentar... Aí, você aproveita e fala sobre a presença da mulher no campo de batalha (Criseida, Briseida etc.) * se for aula de 5ª série → JÉSSICA

8. LIVRO 7:

-- o cotidiano durante as batalhas: reparar, com as crianças, quantas partes ("livros") da Ilíada tratam da guerra, o que realmente interessa aos gregos. Ceias, festas, descanso durante os combates... * se for p/ 5ª série → JÉSSICA

-- arautos: o que são? PESQUISA

9. LIVRO 8:

-- o papel importante dos cavalos na vida dos gregos: reparar, com as crianças, que eles estão muito presentes e interfirindo realmente na estória PESQUISA

10. LIVRO 11:

-- mudança de atitude de Júpiter: ∴ deus = homem (e o do Cristianismo é assim?)

-- herói Aquiles: falar sobre a liderança (é tão "forte", que a simples visão das vestimentas e das armas, amedronta o inimigo)

* SOR vão tem propaina que preciso deste exemplo?

11. LIVRO 12:

-- a águia: o maravilhoso, os presságios etc.

12. LIVRO 18:

-- a amizade: reparar, com as crianças, que é a única "força" que impele Aquiles novamente ao combate. É até maior que o pedido dos deuses.

* SOR vão tem propaina que preciso deste exemplo?

13. LIVRO 20:

-- deuses divididos: mais um "indício" de humanização

14. LIVRO 22:

-- Heitor X Aquiles: a personificação do herói; metonímia (troianos - Heitor X gregos - Aquiles ∴ valorização do homem, do indivíduo (valorosos, unos, cada um representa um povo); 22 "livros" para se chegar ao verdadeiro combate

-- insultam seu corpo morto: explicar a importância disso para um soldado

15. LIVRO 23:

-- jogos: falar no "geral" (haverá aula sobre as Olimpíadas, especificamente)

16. LIVRO 24:

-- arrastar o corpo de Heitor: explicar o que significa (nao ser enterrado = não ser herói); relacionar com o LIVRO 22 (insulto ao corpo); relacionar com os funerais dos grandes estadistas, dos grandes artistas, dos grandes "heróis" da humanidade (Sônia: fazer tudo para, sem grandes amarguras, mas com certeza, mencionar os "he

róis" esquecidos. Mas, cuidado, é assunto perigoso... Ouça os exemplos das crianças e fale sobre o "herói" Jacques TATI, morto recentemente e já tão esquecido... Aconselhe os filmes dele (geralmente passam no Ricamar): As férias do Sr. Hulot, Meu tio etc. (vide recorte de Jornal do Brasil na pasta Abracadabra). Sônia: não deixe passar esta oportunidade!)

...

SÔNIA-

a) como você contaria esta estória? com que técnica?
b) quais as atividades que você faria depois?
1 - desenhar cenas
2 - desenhar os combates
3 - desenhar os heróis .
4 - desenhar o Olimpo e os deuses
5 - desenhar o que quiser

* na "Sala de Fazer Coisas Boas"

(1. oportunidade de verificar ø como a criança visualizou a estória; 2. meninos adoram; oportunidade de verificar se as explicações "históricas" que você deu foram assimiladas; 3. oportunidade de verificar se as características dos heróis foram assimiladas e se as crianças compreendem o que é "protagonista" (se não, oportunidade de você explicitar); 4. oportunidade de verificar a imaginação criadora da criança (ao mesmo tempo, verificar se eles, de alguma forma, colocam no desenho a imagem do céu do Cristianismo); 5. pelo desenho voluntário, oportunidade de se perceber o que mais impressionou a criança)

* levar ao conhecimento do SOR os desenhos relevantes

S.O.R.

c) para a verificação da apreensão da estória -- o jogo da "caixinha mágica"

ELZINHA

d) os deuses no Olimpo: julgamento simulado (seria ótimo para a 5a. série) (pedir ajuda a Elzinha). Aquiles (e sua cólera) seria o réu; as testemunhas seriam: Heitor, Helena, os deuses etc.; advogado de defesa: um aluno; promotor: outro aluno; jurados: o resto da turma; juiz: Jéssica, que poderia dar "interferências" históricas!...

JÉSSICA

SOE

* convidar SOE (Tânia se for para 4ª e 5ª)

ARTES

ARTES

PRÁTICAS EDUCATIVAS

e) Olimpo em relevo (o que seria feito na aula de Artes)

f) escudos, vestimentas, capacetes, espadas etc. dos soldados (em desenho, barro, sucata, crepom etc.-- o que poderia ser feito na aula de Artes)

g) dramatização da estória (para 1a. e 2a. séries, poderia ser feito na aula de Práticas Educativas...)

Naiê*
(5/12/82)

87. Veja correspondência em anexo.

88. Na apostilha "Monstros da realidade histórica", onde se falava em Nero, na seção Para você pensar, a indagação: "Qual o pior tipo de monstro: o da Mitologia Grega e Romana, ou o da realidade histórica? Por que?" E as respostas, inseridas na mesma apostilha, para que os pais soubessem o que seus filhos e a biblioteca andavam "aprontando": "Eram mais monstros porque eram humanos." (1ª série); "Eu não conheço nenhum monstro da realidade porque do colégio que eu vim não tinha aula de biblioteca." (2ª série); "Graças a Deus que é igual na lenda, sempre tem um herói pra vencer o mal." (3ª série); "Não vou nem dormir de raiva do Nero." (3ª série); "Eu queria ver Hércules na realidade histórica." (4ª série); "Gosto mais da Medusa. Quando a gente quer, a gente tira ela da cabeça." (4ª série)

monstros: // da mitologia e da realidade histórica

89. Veja, em anexo, nossa querida.

90. Na apostilha "Medusa", sua história ilustrada pelo desenho de

Cap. 3 Nota 87

2/8/83

de: Nanci

para: Daniel c/ou Nancy (SOR)

Olá!

Mais uma vez venho falar com o S.O.R. a respeito de Mitologia Grega e Romana.

Seguinte: darei uma aula sobre os "monstros" que habitam aquela mitologia. Um deles - Caronte - é o Barqueiro dos Infernos. Donde, falarei sobre inferno. Naturalmente, as crianças poderão mencionar o "inferno" que religião nos fez conhecer.

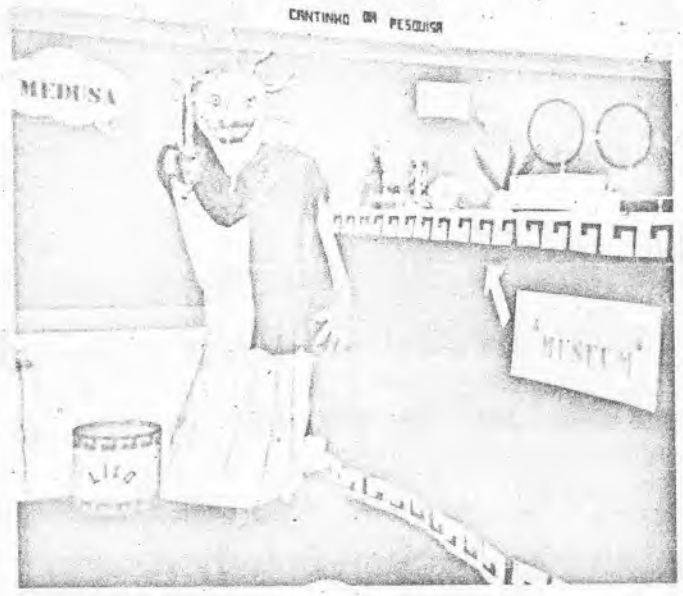
Aí, pergunto: alguma orientação do S.O.R. nesse sentido pra mim? (Não quero entrar em desacordo com vocês.) Tenho meu pensamento a respeito, as crianças têm a orientação da família e o Colégio tem sua visão. E aí, gente?

Aguardo. Beijos.

Nanci (mãe da Rafaela)

* Também: Qual a visão metodista da criação do mundo? (Na hora do relato mitológico sobre o início dos tempos, esta comparação se fará necessária...) Aguardo.

Cap. 3 Nota 89



sua horrenda face: cabelos-serpente, olhos terríveis. Um quebra-cabeça com a figura dela e, na seção Para você pensar, uma das questões para reflexão assim dizia: "Esta história tem alguma coisa muito parecida com a história do rei Midas. O que será?"

91. Ver, anexa, a "aula" pamfada.

92. Vilém Flusser, em seu texto Uma biblioteca verdadeiramente pública, diz que o trabalho na biblioteca pública deveria constituir-se da ação de dar voz aos que não têm voz que se faça ouvir (os analfabetos, por exemplo). Utilizo-me de sua palavra para estender à biblioteca dita aqui essa função: possibilitar à criança dizer a sua palavra.

93. Na apostilha Édipo Rei, a tragédia de Sófocles relatada com ênfase nas "falas" cruciais para o entendimento da história. É, como não podia deixar de ser, na seção "Para você pensar" o convite à reflexão: "Qual é o personagem principal desta tragédia: Édipo, o Destino ou a Verdade?" E, nas atividades, o convi-

123 - 131 - 141 - 113 - 134 - 122 - 133 - 112 - 121 - 111 - 142 - 143
152 - 124 - 114

cartaz ① (explicar que os cartazes são o resumo da aula)

AULA: "ENIGMAS, ADIVINHAÇÕES, SONHOS, DESTINO"

Cap. 3 Nota 91

cartaz ② Em todos os tempos, em todos os países, o homem tem procurado descobrir o futuro, adivinhar o que a vida lhe reserva, qual é o destino que o espera.

(Os gregos não foram diferentes e sempre tiveram grande entusiasmo pela adivinhação do futuro. E tinham muitas maneiras para adivinhar o futuro.

cartaz ③ Eles acreditavam que os deuses deixam sua vontade por meio de fenômenos da natureza, por meio de plantas, nas entranhas dos animais, por meio dos sonhos etc. Os deuses, para os gregos, usavam uma linguagem enigmática (isto é, cheia de {enigmas}, de adivinhação, de símbolos. Vocês já não viram, nas revistinhas de palavras cruzadas uma "CARTA ENIGMÁTICA"?) E como era difícil de interpretar essa linguagem enigmática, era necessário que houvesse pessoas capazes de entender essa linguagem dos deuses.

cartaz ④

cartaz ⑤ ilustração As {PITONISAS} ou {SIBILAS} eram as sacerdotisas encarregadas de traduzir as palavras dos deuses, isto é, os {ORÁCULOS} dos deuses.

cartaz ⑥ {ORÁCULO} também queria dizer, além de "a

palavra dos deuses", o lugar onde essa palavra era ouvida.

(Bom, aqui eu quero parar para dizer pra vocês que existem duas maneiras de contar as coisas: a maneira realista, isto é, com a verdade verdadeira; e a maneira poética, sonhadora, isto é, através da imaginação. Qual vocês preferem? Bom, eu vou contar das duas formas, tá? Para vocês escolherem depois qual a que gostam mais para contar pros pais de vocês, tá?)

com a verdade da imaginação

ilustração cartas (?) Em {DELFOS}, uma cidadezinha perto de Atenas, havia uma montanha com rachaduras de onde escapava um gás que era conhecido como o "hálito de Apolo". Esse gás deu origem ao famoso oráculo de Apolo em Delfos. Uma Pitonisa ou Sibila sentava-se num banquinho colocado no meio do gás. Passados alguns minutos, a ação do gás a fazia cair em estado de delírio, isto é, em transe. Era, então, consultada e suas respostas, em geral confusas ou sem sentido, como as de todas as criaturas fora de si, eram interpretadas, valendo como respostas do deus Apolo. As pessoas, então, aceitavam aquelas palavras como a palavra dos deuses, porque pareciam tão estranhas, tão verdadeiras! E seguiam direitinho o que aquelas palavras mandavam. Nenhum negócio de importância era iniciado, nenhuma luta começava sem que se consultasse as Pitonisas ou

Sibilas. E se estas respondiam de forma que não corresponde ao que se desejava, tudo era adiado. Até que as palavras fossem favoráveis. Muitas batalhas deixaram de ser travadas porque os augúrios não eram favoráveis.

cartaz (3)

(Vocês já pensaram na possibilidade de algumas pessoas poderosas pedirem as Sibilas para que elas dissessem o que lhes convinha? Será que isso acontecia? E hoje em dia, será que isto acontece? E quem serão as Sibilas ou Pitonisas de hoje em dia?)

(Esta maneira que eu contei pra vocês foi a realista ou a poética?)

Os deuses gostavam dos homens e muitas vezes queriam falar com eles para avisá-los de um grande perigo ou para anunciar-lhes uma boa notícia. Mas a maneira dos deuses falarem era diferente da linguagem humana: os deuses falavam através de enigmas, isto é, de símbolos, isto é, de adivinhações.

(Vocês já reparam na maneira dos índios falarem? É tão bonita, né? Eles falam como se fossem poetas, numa linguagem cheia de mistérios, de enigmas, de símbolos.)

Certão, os homens tinham dificuldade para entender a linguagem dos deuses. Por causa disso, pediam

fazia de uma tradução das palavras dos deuses. As Pitonisas ou Sibilas eram as sacerdotizas encarregadas de traduzir para os homens as palavras dos deuses. Os antigos prestavam atenção a tudo o que se passava em volta, a fim de descobrir algum sinal das palavras deles. Procuravam algum sinal dos deuses num bando de aves que voasse, num trovão que trovejasse, num raio que caísse, em tudo. Esses sinais chamavam-se {PRESSÁGIOS}. Os presságios podiam ser bons ou maus. cartaz (8)

Os oráculos (o que é mesmo, heim?) eram procurados então, para mostrar a vontade dos deuses aos homens. E, para agradar aos deuses, para que eles dissessem palavras favoráveis, os homens ofereciam muitos presentes ao oráculos, às sacerdotizas, aos deuses. Alguns oráculos possuíam verdadeiros tesouros.

(Em muitas estórias que eu vou contar, aparecem os oráculos interpretando a vontade dos deuses. O exemplo mais famoso é o da estória de Édipo, uma estória in-crí-vel. Nesta estória, que eu vou contar na próxima aula, o oráculo tem um papel muito importante. Você verá.)

Outra maneira dos gregos antigos ouvirem os deuses era através da interpretação dos {SONHOS}.

Como vocês viram, o homem, desde os mais remo

tos tempos, sempre viveu cercado de enigmas, de adivinhações. Por isso, apareceu tantas {ESFINGES} na história antiga.

cartaz (9) A {ESFINGE} é uma figura da mitologia egípcia. Ainda hoje, há diversas estátuas de esfinges no Egito, mas a mais famosa de todas é a grande esfinge de Gizé, esculpida em rocha natural e que servia de guardiã da tumba de um faraó. Do Egito, a esfinge passou à mitologia grega.

A esfinge era símbolo de mistério e silêncio.
cartaz (10) Era, na mitologia grega e romana, um animal com a cabeça de mulher e corpo de leão. Se encontrava sentada numa estrada em Tebas, cidade grega, ao lado de um precipício. Segundo a lenda, a deusa Juno, indignada com a cidade, porque uma jovem tebana roubara o namorado dela, mandou o animal monstruoso para cima de uma montanha, sentar-se à beira de um precipício. A todos que passavam por ali, a esfinge propunha um enigma,
cartaz (11) ameaçando: "Decifra-me ou devoro-te!"

O enigma consistia em responder qual era o animal que tinha quatro pés pela manhã, dois
cartaz (12) ao meio-dia e três à tarde. Só Édipo conseguiu decifrar o enigma. A resposta é: o homem (pela manhã, isto é, quando é criança, engatinha; por isso tem quatro pés. Ao meio-dia, isto é, quando

é adulto, anda ereto; por isso, tem dois pés. E à tarde, isto é, quando é velho, anda apoiado numa bengala; por isso, tem três pés.

(Decifra que o enigma tem uma linguagem de símbolos, uma linguagem figurada.)

Quando Édipo decifrou o enigma, a Esfinge, de tanta raiva, jogou-se no precipício e morreu.

(Mais um herói que venceu o mal com a inteligência, né?)

O homem moderno também gosta de enigmas. Por isso, vai a videntes que adivinham seu futuro olhando uma bola de cristal. E o que dizer da brincadeira das crianças chamada "O que é? O que é?"

-x-

A) ATIVIDADES: (Caixa Abracadabra cheia com papeizinhos mágicos)

1) - Você é uma Pitonisa ou Sibila Cultão, adivinhe o futuro de:

do Brasil
da Biblioteca Infantil
~~de você~~ o seu futuro
das mães do Brasil

- dos planetas no espaço
- dos livros
- dos animais no mundo
- da escola
- do amor
- do homem

esfinge.

(2) Você é uma Invente uma enigma

(3) Você é um deus. Invente uma linguagem secreta.

(4) Proposta de trabalho para Artes Plásticas: em casa, fazer a esfinge. Colar uma carta enigmática.

3) CARTAZES:

cio com as palavras para ratificar o uso do dicionário, para o preparo dos procedimentos de pesquisa: "O que é? O que é? INEXORABILIDADE? (Pistas: 1. acompanha o Destino grego; 2. existe na história de Édipo.)"

94. Vide documento anexo.

95. Anexo, nosso cartão de natal "auto lógico".

OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES

As Olimpíadas começaram há muito, muito tempo atrás. Bem antes de Cristo. Tão antes que há sérias dúvidas sobre a data exata de seu início.

Por causa dessas dúvidas, surgiram algumas lendas. A mais famosa tem Hércules como personagem principal.

Hércules foi um dos heróis da mitologia grega, cujo deus supremo, Zeus, era justamente seu pai.

Sendo seu filho, ele nasceu com muita força e muitos poderes. Ainda no berço, quando era bebê, estrangulou duas serpentes que sua tia Hera, uma mulher muito ciumenta e perversa, colocara no berço para matá-lo.

Mas Hera não sossegou enquanto não o apanhou de jeito. Um dia, usando de seus feitiços mágicos, conseguiu enlouquecer o sobrinho que, fora de si, matou a própria mulher e também os filhos.

Passado o encanto, Hércules viu o que fizera e ficou desesperado. Decidiu então procurar o rei Euristeu, que era um rei muito sábio.

- O que devo fazer para pagar pelos meus pecados?

- Para purificar seus pecados, você terá que executar doze trabalhos:

1. matar o terrível leão de Neméia (depois que conseguiu matá-lo, ele pegou a pele do leão e fez um belo manto com o qual passou a se vestir)

2. matar a terrível hidra de Lerna, de nove cabeças

3. capturar vivo o javali de Erimanto

4. capturar viva a corça de Cerínia (ela era um verdadeiro tesouro: tinha chifres de ouro e pés de bronze)

5. matar os medonhos pássaros carnívoros do lago Estínfale

6. limpar as cavalariças gigantescas do rei Áugias, da Élida (para fazer uma limpeza completa, Hércules teve que desviar o curso de dois rios!)

7. capturar o touro branco de Creta. (Animal incontrolável, ele vinha devastando as colheitas)

8. capturar os cavalos carnívoros de Diomedes, rei da Trácia

9. roubar o cinto mágico de Hipólita, rainha das Amazonas (o que foi muito difícil, porque as amazonas cavalgam muito bem) * (4)

10. capturar os bois do gigante Gerião

11. Colher os pomos de ouro das Hespérides (eram frutos mágicos de valor incalculável; quem os provava tornava-se imortal

12. descer ao Inferno e raptar de lá seu guardião, o assustador cão Cérbero.

Hércules conseguiu realizar todas as tarefas e, como recompensa, teve seus pecados perdoados e Zeus o chamou de volta ao Olimpo, concedendo ao seu filho o poder da imortalidade. * (5)

[illegible]

Hércules resolveu, então, criar os Jogos Olímpicos para homenagear Zeus. A partir daí, diz a lenda, os gregos antigos começaram a disputá-los de 4 em 4 anos, em honra não só de Zeus e de Hércules mas de todos os deuses do Olimpo.

(Só que - como vocês já devem ter calculado, nunca mais apareceu no mundo um atleta como Hércules.) * (6)

PLANEJAMENTO

① - haverá uma aula específica sobre as Olimpíadas, depois desta

- contactar ED. FÍSICA para um possível planejamento integrado com a Bibl. Infantil visando um maior embasamento teórico das crianças para as "Olimpíadas Benuetenses"

② - conceito de pecado / culpa / expiação / castigo / perdão / redenção

(literatura, Hb.)
- a mitologia grega está "carregada de estórias de culpa → castigo → redenção (exemplo mais famoso: Édipo)

aqui, as tarefas, os sacrifícios para se redimir (∴ os 12 "trabalhos" de Hércules)

③ na aula de Artes Plásticas, as crianças poderiam, também elas, cumprir os "12 trabalhos de Hércules" (com outra prova que não o desenho, pois este será feito - como atividade - dentro da própria biblioteca) (barro, carpintaria etc.)

(1) - haverá uma aula específica sobre as Olimpíadas, depois desta

- contactar Ed. Física para um possível planejamento integrado com a Bibl. Infantil visando um maior embasamento teórico das crianças para as "Olimpíadas Bennettenses"

(2) - conceito de pecado / culpa / expiação / castigo / perdão / redenção

(literatura, fb.)
- a mitologia grega está "carregada" de estórias de culpa → castigo → redenção (exemplo mais famoso: Édipo)

aqui, as tarefas, os sacrifícios para se redimir (ex. os 12 "trabalhos" de Hércules)

(3) na aula de Artes Plásticas, as crianças poderiam, também elas, cumprir os "12 trabalhos de Hércules" (com outra prova que não o desenho, pois este será feito - como atividade - dentro da própria biblioteca) (barro, carpintaria etc.)

(4) - falaremos, em outra aula, especificamente, sobre as amazonas

(5) em barro, os alunos poderiam confeccionar:

1. o leão da Nemeia
2. a hidra de 9 cabeças
3. a corça com chifres de ouro e pés de bronze
4. os pássaros carníveros
5. o javali
6. o touro branco
7. os cavalos carníveros
8. as amazonas
9. os bois do gigante Gerião
10. o cão Cérbero, guardião do Submundo

(as obras mais relevantes seriam doadas à Biblioteca Infantil, para compor o ambiente. Refiro-me somente às mais relevantes por problemas de espaço na nossa biblioteca e não para classificar a criatividade infantil: ótimo, excelente, péssimo etc. (Deus me livre de tal!))

⑥ conceito de "atleta": atualmente x visão grega. ("Mens sana in corpore sano"). Hoje existe toda uma "filosofia" para o espírito, assim como para o físico? No que isto se iguala (ou difere) da concepção grega? ETC.

(Nauei*)

(5)

(7) - oportunidade para falar sobre o livro de Monteiro Lobato (depois haverá aula específica)

- contactar SOP (Comunicação e Expressão) para tornar Os 12 trabalhos de Hércules, de M. Lobato, leitura complementar (p/ 3ª e 4ª séries. 5ª talvez (?))

Nanci*

executar doze trabalhos:

1. matar o terrível leão de Neméia (depois que * (3) conseguiu matá-lo, ele pegou a pele do leão e fez um belo manto com o qual passou a se vestir)

2. matar a terrível hidra de Lerna, de nove cabeças

3. capturar vivo o javali de Erimanto

4. capturar viva a corça de Cerínia (ela era um verdadeiro tesouro: tinha chifres de ouro e pés de bronze)

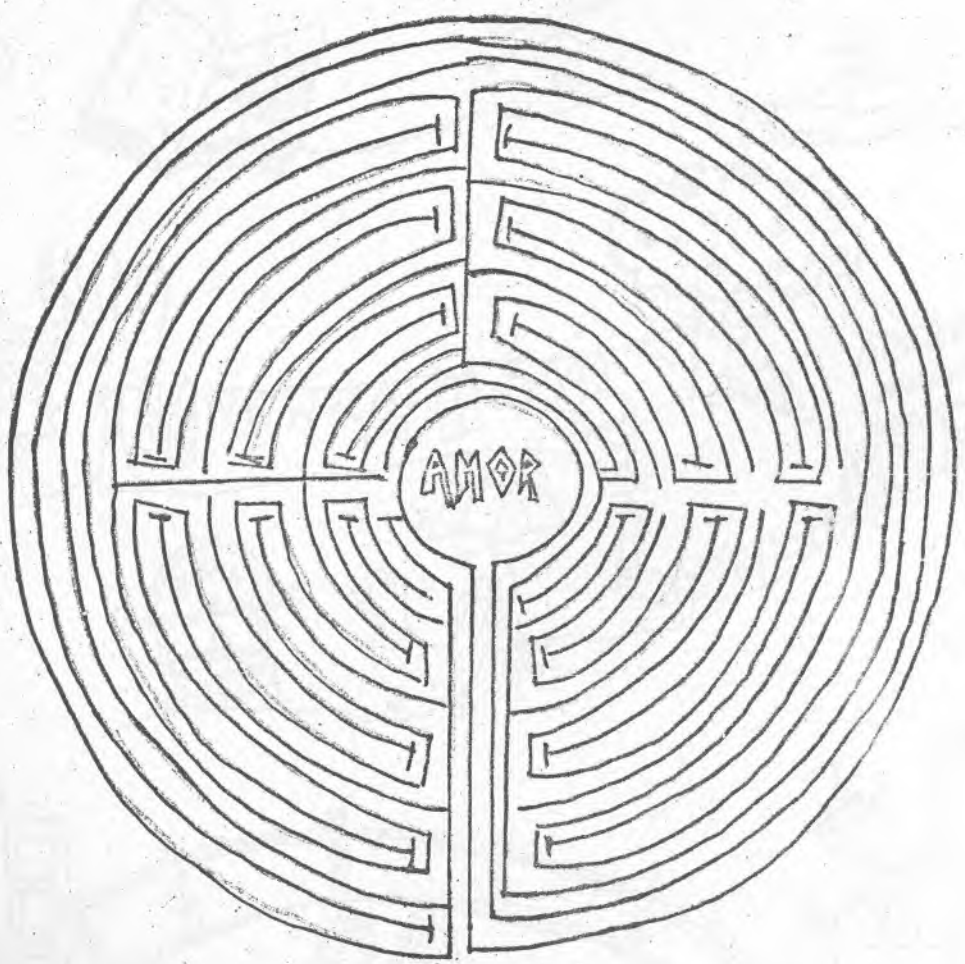
5. matar os medonhos pássaros carnívoros do lago Estínfale

6. limpar as cavalariças gigantescas do rei Áugias, da Élida (para fazer uma limpeza completa, Hércules teve que desviar o curso de dois rios!)

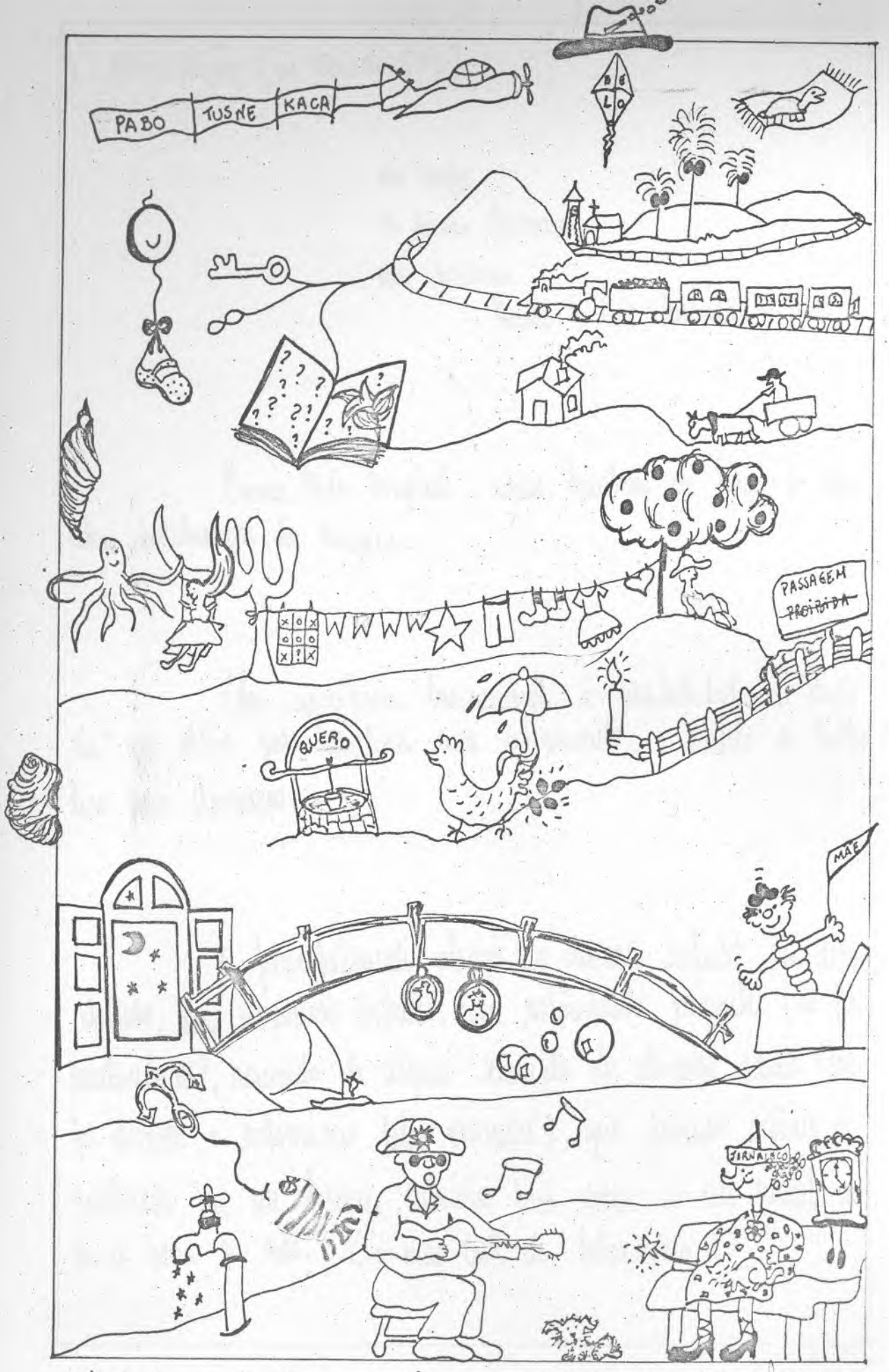
Cap. 3 Data 95

QUE VOCÊ, ASSIM COMO ELE,

ENCONTRE TAMBÉM O CAMINHO ...



(FELIZ NATAL!)



(Inspirado em desenhos de: Eva Furnari, Walter Ono, Gian Calvi, Ricardo Azevedo e Beatriz Berman. E Heloísa.)

4. AVALIAÇÃO (ou SOUVENIRS)

No tempo
os passos formam
uns resíduos.
Tiana H. Pais Brandão

Como todo viajante, assim também eu trago as minhas lembranças da viagem.

Elas significam basicamente a possibilidade de "medida" que obtive para avaliar meu experimento, o modelo de biblioteca para Crianças.

É principalmente através do discurso infantil, ora desenhando, ora escrevendo bilhetes, ora respondendo perguntas (ou formulando-as), acrescido de alguns exemplos do discurso adulto (corpo docente e responsáveis pelas crianças), que procuro extrair a avaliação que me fornece subsídios para saber se este modelo vale a pena ou não. É o meu teste de laboratório.(1)

Dividi esta avaliação (vamos entendê-la assim) em três blocos. No primeiro, coloquei as respostas das crianças a perguntas feitas, ou em forma de exercícios, ou espontaneamente, em atividades livres. Para melhor sistematização, este bloco foi subdividido em temas (alguns "mundos" apresentados no processo de trabalho com o tema gerador, e outros assuntos pertinentes, tais como: a percepção e valoração das possibilidades da biblioteca, a afetividade etc.). A intenção evidente é avaliar a perceptividade de cada um deles, o conhecimento – alcançado ou não – por eles. São lembranças daquela época, daquelas viagens.

No segundo bloco está a contribuição do corpo docente, dos responsáveis pelas crianças. Pertenceu também àqueles tempos. (2)

E, finalmente, no terceiro bloco, de um lado, um texto-homenagem, encenado como um jogral, acontecido durante uma visita que realizei, depois de ter saído da escola, para cumprir o convite feito para contar histórias durante Feira de Livros; e um bilhete de aluno, enviado através da bibliotecária que agora

lá trabalhava, a Lulalie. Jornal e bilhete, acredito eu, que resumiriam em linguagem infantil, toda a intenção pretendida do modelo de Biblioteca para Crianças. Publicitariamente, eu os qualifico como a passagem de volta nesta viagem.

De outro lado, nesse terceiro bloco, o questionário/entrevista que fiz com crianças daquela época, jovens hoje, com algumas mães e com alguns profissionais ligados àquele processo de trabalho. Desse, do tempo atual, optei pela entrevista (feita através de correspondência, na maioria), que é uma forma mais próxima, menos fria (como a do questionário puro, por exemplo), já que responderiam pessoas conhecidas por mim, com um rosto, uma história comum, uma presença. Basicamente tentei fazer a entrevista norteando-me por um grupo de perguntas ao qual ia modificando os comentários, conforme a quem me dirigia. Relacionei estas perguntas a seguir, dividindo-as em dois itens (perguntas às "crianças" e perguntas aos adultos), procurando captar algumas intenções. Entre estas, naturalmente, a pretensão primeira é verificar se houve alguma transformação (3) e se esta pode ser atribuída, e em que medida, ao modelo exposto aqui de Biblioteca. Também enfoco o inua-

ginário infantil para surpreender ligações com o processo do tema gerador de interesse de leitura, processo — feliz ou não — de trabalhar a forma e o conteúdo, isto é, os símbolos deste ideário. E, por fim, perguntas sobre a instituição Biblioteca. Todos objetos básicos desta dissertação. As questões feitas na entrevista serão relacionadas logo a seguir para refletir-se o acerto ou erro na minha expectativa.

A. Perguntas feitas às crianças (adolescentes, hoje) que frequentaram a biblioteca no período estudado (1980 – 1986):

1. Idade atual; 2. Idade que frequentou a biblioteca — intencionando verificar o período de influência, se havida, e, também, o grau de maturidade atual, para pesar a percepção desta influência, ou não, em si próprio;

3. O que está estudando agora; 4. Já pensou na carreira que pretende seguir? Qual é? — em relação à série escolar e aos interesses pessoais, para mostrar com mais precisão a pessoa que responde. Não me interessei pelo local onde cursa os estudos por acreditar que não tem importância básica para a entrevista. Como o que se estuda formalmente muitas vezes não é o que se aspira e, como a adolescência é mais transparentemente uma fase de confusão

de anseios, resolvi colocar lado a lado o que se faz e o que se despa, muitas vezes coisas antagônicas e que, no meu entender, retratariam bem o entrevistado;

5. Dos temas apresentados pela Biblioteca Infantil, qual você gostou mais? Por que? 6. Não gostou de algum? Qual? Por que? — por mero que quisesse influir nas respostas delas, tive que mencionar quais foram estes temas trabalhados para "refrescar a memória" das "crianças". Digo assim porque percebo que mes mo não lembrando algum título formal do que fizemos, o respondedor, para facilitar o entendimento, poderia usar várias palavras que demonstrariam melhor esta interação, havida ou não, com a Biblioteca. Por exemplo: aquele tema que fizemos isto ou aquilo, que você contou tais e tais histórias, que aconteceu tal coisa, aquele que tinha o tal boneco que ficava na porta e que fulano, naquele dia, fez isto ou aquilo etc. No meu entender, estas palavras demarcariam muito mais a relação de prazer ou desprazer havida, do que um mero título. Porém, optei pelo contrário, por medo de estar sugerindo demais e, conflitantemente, por acreditar também que o título, a palavra, poderia suscitar memórias. No meio da dúvida, enfim optei pelo mais fácil para o entrevistado;

7. Como era organizado o trabalho na biblioteca? Como era feito para que cada ano acontecesse um tema? Havia

realmente um acerto na forma e nas palavras usadas para que as crianças se sentissem realmente "conhecendo" cada mundo apresentado? O que era feito para isso? Em relação a você, como acontecia um conhecimento mencionado? Lembra de algum detalhe importante que possa servir de "medida" nesta resposta? 12. Qual foi a história que você gostou mais? Por que? O que você lembra de ter sentido com ela? 13. E sobre os personagens? Tem algum em especial que você não esqueceu? Por que? ___ aqui, procurou-se avaliar a questão do processo de trabalho específico, o trabalho com o tema gerador de interesse de leitura. Procurou-se, portanto, auxílio na argumentação sobre ser o imaginário infantil, captado através de seus símbolos (isto é, a forma aparente dos conteúdos internos), a ponte para acontecer o conhecimento (a apreensão) da vida. Busco também aqui a cumplicidade do entrevistado, porque ele, melhor do que ninguém, poderá "medir" as transformações em si, já que a transformação é resultado direto do conhecimento e este é condição de avaliação do processo educativo;

8. Você gosta de ler? Naquela época já gostava? E hoje? Quais são suas preferências em leitura? Será que a biblioteca auxiliou, ou contribuiu para este gosto? Como é que você acha que podemos verificar - se houve influência por parte da Biblioteca? ___ preferi abordar a questão da leitura de forma direta, pois os entrevistados são adolescentes e, além de apreciarem honestidade de

propósitos, tornam-se, assim, mais uma vez, cúmplices do que se quer avaliar. Naturalmente, lembro-me perfeitamente daqueles que chegaram à biblioteca já possuídos pela paixão da leitura, mas, na entrevista, só para alguns menciono isto. É que pretendo averiguar principalmente se eles se davam conta disto pois, aí, creio eu, fica mais claro o papel de alimentador que a Biblioteca poderia ter desempenhado. Além de tudo, deixei claro para todos eles a intenção da entrevista, fazendo diferentemente de muitos questionários que trazem latente as intenções, mas nunca as declaram (muitas vezes — coisa que acontece comumente comigo — ocasionando uma desconfiança inicial e, consequentemente, uma imediata má vontade em responder. Um exemplo bem drástico seriam os questionários nas revistas ditas femininas que praticamente encaminham a leitora a entrever quais as respostas significativas para formatar este ou aquele qualificativo (tipo você é sensual e sabe como ninguém conquistar o seu homem, ou, você deve se suicidar porque, assim, ninguém te amará, minha chapa): desse modo, até eu vou burlar as respostas porque, no mínimo, não quero morrer e tenho vergonha (nem que seja de mim, no espelho) que ninguém me ame, pôxa!

leitura / gosto

9. Você se lembra de algo que tenha acontecido com você ou algum colega e que mereça ser narrado para verificarmos a "marca" (negativa ou positiva) da biblioteca? 15. Você tem alguma recordação concreta (isto é, um objeto, um exercício etc.) daqueles tempos? Qual é? Por que guardou? 16. Se pudéssemos pedir a

máquina do tempo ao Verne, você voltaria lá? Em qual momento específico? Você "mexeria" no que aconteceu? O que faria? 17. Houve depois algum fato que fizesse você recordar aquela biblioteca? Pode contar? — a intenção evidente aqui é a de avaliar a influência real da Biblioteca em cada entrevistado, não só em relação à leitura — que já foi, espera-se, demarcada. Medindo-se essa influência, mede-se, na verdade, o papel que a instituição pode e deve desempenhar na vida de cada um. Pelo que sei, são muitos os trabalhos que pesquisam este item em relação à Escola, porém há ainda pouca literatura sobre a mesma questão em relação à Biblioteca. Esta pergunta foi inspirada pelo João Marcelo que me disse, espontaneamente, no telefonema anteprior ao envio da carta com as perguntas, que tinha "afanado" uma cabeça de Hidra que tinham feito na aula de Artes e que a tinha no seu quarto até hoje. Fiquei tão muda de emoção (os balanços da moral que me perdoem), pois pensava que só eu tinha aqueles verdores de bilhetinhos e desenhos e papéis e o Drácula de gesso e a batata de Machu Picchu e a arara e o Frankenstein e um dourado e a placa e as fotos... — tão muda, que nem me lembrei, eu já adivinhava, ou tinha medo de perguntar, porque de guardou. Explode, coração!;

10. Você frequenta alguma biblioteca? Qual? Para que? 11. Quais são as notícias que você tem da Biblioteca Infantil do Bennett atual? — apesar de pertencerem ao bloco anterior

biblioteca/papel

de perguntas, estas têm um cunho mais direto a respeito do que a instituição pode significar e, mais que tudo, se houve felicidade no objetivo do hábito de freqüência à Biblioteca. É tentar perceber até que ponto uma deixou ou não de cumprir um de seus propósitos e/ou as outras desmotivaram ou não um hábito já adquirido. Estas duas perguntas demarcariam melhor o que se quis, é bem verdade, se se tivesse dado continuidade às indagações com perguntas, tais como: Se você não frequenta nenhuma biblioteca pode dizer por que?; Por que você acha que a biblioteca Infantil do Bennett chegou a esta situação? (em dependência à resposta dada). Porém, creio que intuitivamente acreditei que respostas sim e não, na sua força, seriam muito mais argumentativas, por mais que pareça o contrário. Em relação à biblioteca estudada, deixei mais as considerações para a entrevista com os adultos e para as conclusões desta dissertação. E, pelo fato de ter sido feita por carta, há na entrevista uma certa descontinuação, talvez. Mas investi nas idéias básicas e nas conclusões que se pode tirar das palavras dos entrevistados.

14. Se houvesse um espelho com duas faces mostrando, numa, você naquele tempo e, noutra, você agora, o que se veria? ____ ainda que tratando da "transformação", há uma diferença nesta pergunta, na medida em que aprofunda a questão. Agora busco, transparentemente, saber se eles, e cada um, são uma

outra pessoa agora e quais as diferenças e semelhanças aconteceidas. Se houver só diferenças físicas, saberemos, eu eles nos farão saber, o que aconteceu. Somos nós este espelho que vê, porque somos nós os educadores (precisamos, devemos, temos que ver!) Mas são eles que devem dizer as palavras, porque quase sempre é mais sábio e, certamente, é mais gentil. A linguagem aqui empregada, como em outras perguntas, foi conscientemente escolhida no vocabulário usado sempre por nós. Intencionou-se com isto revisitar o tempo e atiçar a memória — elemento básico nesta entrevista. (Além de, bem sei, estreitar nossa relação de iniciados naquele mistério, o que pode, de certa forma, ter dirigido algumas respostas. Mas, afinal, antes de ser uma pesquisadora e fazedora de tese, sou uma pessoa. E aquilo tudo foi bonito demais, cara!) Mea culpa, pois, se isto ocorreu.

18. Olhando para trás, qual pergunta(s) você faria àquela biblioteca? 19. E qual pergunta(s) você faz à vida hoje? ___ nestas duas, finais, pretendi arrematar todo o rol de perguntas anteriores, porque há, aqui, a intenção explícita de resumo final. Mais uma vez a grande questão é a da "transformação" — medida do conhecimento adquirido, introjetado, apreendido. Acrescente-se a significação na perspectiva escolhida: perguntar e, não, responder. Desta modo, espero deixar claro que enfatizo o ser sujeito da ação e, não, seu objeto. (4)

pesquisadora pessoa

* transformação

Resta ainda observar a intenção de colocar as questões aqui na dissertação em numeração não sequencial, a fim de possibilitar um como que passar a limpo, ratificar o que foi dito. Além de informar que, propositalmente, refleti sobre as perguntas feitas antes de obter as respostas dos entrevistados, uma maneira de, após recebê-las, verificar onde ocorreram enganos e acertos. Se faltou ciência da arte da entrevista, como mandam os manuais de metodologia, não faltou consciência ao fazê-la. Resta agora ler as respostas, adiante.

B. Perguntas feitas aos adultos (corpo docente do colégio referido, no período estudado: 1980-1986):

1. Nome. Cargo e/ou função no Bennett. 2. Qual a sua relação com a Biblioteca Infantil do Bennett no período de 1980-1986. 3. Em alguma outra época houve relacionamento entre sua função (trabalho) e a biblioteca? 4. De que modo esta relação (1980-1986) era realizada? — para identificação das possibilidades de influência mútua. Escolhi separar as perguntas 2 e 3 para enfatizar se esse relacionamento referido precedia ou acontecia <u>por causa</u> do modelo proposto de biblioteca para Crianças.

5. Poderia fornecer uma visão desta biblioteca vivenciada (1980-1986)? 6. Alguma diferença e/ou semelhança com a biblioteca antes desta data? 7. Como está a biblioteca atualmente? (Favor tecer considerações sobre) 14. Frequenta Biblioteca? Para que? — a fim de avaliar o conhecimento do histórico da biblioteca do colégio referido, bem como as conjeturas mais profundas a respeito do papel e função de uma Biblioteca para Crianças, e da importância da Biblioteca de um modo geral.

8. A biblioteca (1980-1986) tinha um processo de trabalho específico. Qual era ele? Qual sua impressão sobre isso? 10. O imaginário infantil era o conteúdo específico daquele trabalho, vislumbrado através das histórias, dos personagens etc. Você captava esta intenção? De que forma? No seu entender, por que intencionava-se assim? — a indagação sobre o tema gerador de leitura, lado a lado com a questão sobre o imaginário infantil e seus símbolos. Uma ênfase para consolidar a valoração sobre o que ocorria na biblioteca. Optei por estas perguntas, assim repetitivas, porque percebo, infelizmente, e não só eu, como a Biblioteca ainda é desconhecida pela Escola como verdadeiro auxiliar (na sua acepção de "sócio", co-autor, colaborador) no trabalho de Educação. Não o auxiliar a nível subalterno, de apoio somente logístico, mas o cúmplice ideal na aquisição do conhe

papel da bteca. e do bitecário

cimento, na apreensão da vida. O parceiro — mais feliz porque não tem tantas amarras formais (como o Sr. Currículo, as Srtas. Leis e Diretrizes, os Srs. Órgãos Oficiais etc.). O sócio perfeito na busca de uma forma mais prazerosa e eficaz de trabalhar. O co-autor na transformação, na construção.

construção/transformação

9. No seu entender, a biblioteca atingiu um de seus objetivos básicos, o de incentivar o gosto pela leitura? Se que for sua? Como podemos avaliar se era realmente alcançado? 13. Você gosta de ler? Quais são suas preferências em leitura, artes etc.? — como minhas "medidas" podem não ser boas medidas e o corpo docente poderá estar mais acostumado a duelar com a dicotomia objetivo/subjetivo, pela ajuda transparente nesta pergunta. Afinal, eu poderia estar tão envolvida que corro o risco de cair em constantes armadilhas. Aqui, o sopro do equilíbrio, a brisa da calma, a aragem que derrota o bafejo da sofreguidão embalando-o nesta viagem. A visão "de fora" tão necessária. E em enumeração sem sequência, como na entrevista com os alunos, a pergunta final gira em torno da questão da leitura a nível pessoal, para, nós outros, "medirmos" a eficiência do julgamento feito em relação às crianças. Vejo necessidade imensa desta pergunta, uma vez que estou acostumada, e não só eu, a trabalhar em oficinas, cursos, palestras onde muitos ouvintes, ávidos por receitas de como incentivar a leitura, são eles próprios leitores nulos, nem

gosto pela leitura

para incentivar a leitura, o profissional tem que ser bom leitor

saberem do que estamos falando quando mencionamos personagens, histórias, autores, "não têm tempo para ler" etc. e coisa e tal.

11. Você percebia alguma "transformação" nas crianças, não só como leitoras, mas principalmente como seres humanos, que pudesse ser atribuída de alguma forma à biblioteca? Poderia exemplificar? 12. Há algum acontecimento, passado ou atual, que pudesse ser relacionado àquela biblioteca e, assim, "medir-se" sua influência (negativa ou positiva)? — a questão básica aqui é a da "transformação" e sua possível influência pela biblioteca. O corpo docente tem, nesta visão "de fora" (a grosso modo falando), condições sui-generis de perceber e valorar esta ação, merecida ou não, e fornecer subsídios que se irão juntar aos outros "testes de laboratório" feitos, a fim da aceitação do modelo proposto de biblioteca para Crianças.

Suponho, ainda, que tal qual a entrevista com as crianças, esta foi analisada sem que eu tivesse recebido as respostas. A intenção foi a mesma: tentar um bom instrumento para obter respostas às perguntas que eu me fazia sobre o modelo idealizado. (Ver as respostas obtidas em "ANEXOS", capítulo 7.)

Afora esta avaliação propriamente dita (como continua-

não entendê-la), há uma outra, latente, nas muitas linhas que compõem esta dissertação. Percebê-la é o convite que faço. Uma caça ao (meu?) tesouro.

AVALIAÇÃO LATENTE

4.1 O QUE AS CRIANÇAS DIZEM

4.1.1 ACERCA DA FICÇÃO CIENTÍFICA

* "1. Como é que você teve esta idéia de Ficção Científica? 2. Você já trabalhou em outras bibliotecas? Com crianças? Já teve idéias assim? 3. Por que você tem essas idéias: FC, terror? 4. Você se sente feliz fazendo isso? Ou se sente obrigada? 5. Qual a idéia do ano que vem? 6. Você acredita no F_2C_2? Ou você acredita na Fantasia? 7. O que é que você vai fazer com estas perguntas? 8. Qual a idéia que você tem e que não pode fazer? 9. Você acha que este sonho pode ser realizado? 10. Por que você acha que pode ser realizado? 11. Qual a turma que mais acreditou no F_2C_2?" ___ roteiro de entrevista feita no gravador, com grande pompa e circunstância, por Beth e Mônica, turma 142. (5)

* "Milândia sumiu e apareceu. A muitos anos a-

trás, na Subterra, tinha uma cidade chamada Nilândia. Ela era bonita, cheia de vegetação, os pássaros não saiam de lá. Certa manhã ninguém viu a cidade de Nilândia e todos procuravam por tudo que é lugar. Um menino procurou debaixo d'água e viu que tinha um controle segurando milhares de quilos de terra; e saiu correndo da água. Ele contou para todos, ninguém acreditou; e disse: — Isso é uma bobeira e bobagem de criança. Todos ficaram em dúvida se era [ou] não verdade. Foram para suas casas muito tristes que a cidade Nilândia tinha desaparecido. Um dia uma certa família acreditou no que dizia o menino. Mergulharam n'água e viram que era verdade; chamaram então todos os demais para verem, o agora confirmado fato narrado pelo menino. Todos passaram a acreditar no fato e no menino. Tentaram então quebrar o controle de sugação; quando quebraram, subiram felizes, já que Nilândia havia surgido novamente. Todos ficaram eternamente agradecidos ao menino, que a partir desta data e fizeram todos uma grande festa em sua homenagem. Esta é a história da cidade que desaparece e aparece, como também é a história de um menino que virou um grande personagem na história de Nilândia. (Para a minha querida professora de biblioteca com muito carinho da sua aluna [...], T. 14)" ____ havia sempre exemplos de desenhos e histórias com o tema do aparecimento e desaparecimento, da transformação, numa alusão para mim clara que a Ficção, a Fantasia eram armas poderosas utilizadas por quem precisava mudar algumas

coisas na vida. Se trocarmos o nome Hilândia pela palavra Fantasia fica fácil de perceber. A aluna em questão, desde o ano anterior parecem imensamente interessada nesses assuntos. Era menina mal ajustizada pela turma (minha entendi bem o porque, pois eu estava chegando àquele mundo cheio de códigos indecifráveis aos adultos e que as crianças fazem questão de manter, utilizando até mesmo linguagens secretas) e passava muito tempo sozinha. Frequentava bastante a biblioteca. O último parágrafo da história é muito revelador. Ela acrescentou ao texto três folhas de desenho onde se vê, na 1ª, um cenário com árvores, flores, passarinhos; na 2ª, um menino nadando sob as águas em direção ao "controle de sugação"; e na 3ª muitas pessoas carregando-o num trono bem alto, uma taça muito parecida com o cálice sagrado e a frase em vermelho: "Ele é o maior!" (muita, muita coisa aqui nesta catarse e redenção — caminhos bem conhecidos da individuação, não é?)

* "O menino que queria ir à lua. (Rodrigo Otávio, Gutenberg, Bruno e Bernardo, T. 121)" — história em quadrinhos onde aparece nos balõezinhos o diálogo: "Filho, venha aqui. — Tá bom! — Qual é, qual é, qual é, pai, qual é? — Vou-lhe contar uma istória." (O pai mostra ao menino um enorme livro.) "— Gozada, não!" (diz o filho) "— A istória é do menino que queria ir à lua. Era uma vez um menino valente, muito valente..." (Enquanto o pai lê, o menino está retado num almofadão e aparece um balãozinho de pen-

samento: "— Eu acho que vou a LUA!)" — Ele pegou um foguete." (diz o pai enquanto vemos o menino sorrateiramente sair pela porta. "— Vejam, TERRA... Adeus, adeus, adeus!" (é o menino que, já dentro do foguete, vai embora.) Enquanto o menino viaja, vemos sua casa pequeninha dentro do quadrinho. No quadrinho seguinte, aparece a casa pequeninha acrescida de um balãozinho "Blá - blá - blá - blá" saindo de uma janela. E isto se repete: menino no foguete, casa pequeninha + o balãozinho blá - blá - blá - blá; menino já na lua e, na casa, blá - blá - blá. No penúltimo quadrinho aparece um novo balãozinho com os dizeres "— E é o fim da istória"; e o menino chegando no foguete. E no último, o pai dizendo de novo "— E é o fim." E o menino já sentado no almofadão de novo (desenharam desta vez o menino bem maior do que o pai), dizendo: "— Sim é o fim!" (com um sorriso.) (Haverá aqui algum recado para uma bibliotecária?)

* "<u>A árvore da vida</u> (Sérgio, T. 131)" — história também em quadrinhos, sem palavras, onde vemos uma árvore sêca ao lado de uma cruz. Uma nuvem negra despeja um raio sobre a árvore e ela ganha vida. Vai para a cidade (vêem-se edifícios), sobe no alto de um arranha-céu, lá no alto passa um avião, a árvore desce e começa a agigantar-se. Fica maior do que os edifícios e vai andando na direção do lugar onde estava antes (agora com muitas cruzes, o que identifica um cemitério). Chegando lá quebra as cruzes, vai-se aquietando até, aos poucos, transformar-se numa

árvore bem frondosa. (Interessante observar que as cruzes são as únicas coisas pintadas de rosa e, no quadrinho final, já bem frondosa, a árvore ostenta num galho uma flor... rosa.). Da "morte" à "vida" — é ou não é transformação?, individuação? Vejamos em CHEVALIER & GHEERBRANT, 1988, alguns motivos de reflexão para esta incrível história feita por uma criança de nove anos: - "CRUZ - [...] é o terceiro dos quatro símbolos fundamentais [...] A cruz tem, em conseqüência, uma <u>função de síntese e de medida</u> [...] De todos os símbolos, ela é o mais universal, o mais totalizante [...] A cruz, escreveu Guénon, "é sobretudo, símbolo da totalização espacial... O símbolo da cruz é uma união dos contrários..." (p. 309-14) — aqui poderíamos lembrar do dentro/fora, bem/mal, bruxa/fada que eram nossas conversas constantes desde o ano anterior, com o mundo da Fantasia, e que nos levava pelos caminhos da percepção de que o <u>e</u>, conjunção aditiva, possuía muito mais verdade do que o <u>ou</u>, alternativo (contrariamente ao discutido sobre a dialética do Bem x Mal ser, nas crianças, indício de necessidade de percepção de cada um por si, em separado - ou seja, a bruxa só é má; a fada só é boa). "ÁRVORE - [...] <u>Cosmos vivo</u>, em perpétua regeneração. [...] símbolo da vida [...] ela evoca todo o simbolismo da verticalidade [...] serve também para simbolizar o aspecto cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração. Sobretudo as frondosas [...] De resto, são freqüentes na iconografia cristã as representações de uma cruz frondosa ou de uma Árvore-Cruz [...] Mas é a cruz, instrumento de suplício e de reden-

ção, que reúne em uma única imagem os dois significados extremos desse significado maior que é a Árvore: pela morte para a vida – "per crucem ad lucem", pela cruz para a luz." (p. 84-90).

4.1.2 ACERCA DO TERROR

* "Gostei: do monstro da morte, do Mandrácula, do Scrápula, do Cantinho da leitura, do cantinho da Pesquisa, do Frankenstein, dos livros, o castelo do Drácula, da bruxinha que tem no armário da Danei, dos morcegos que a Danei faz e muitos outros mas tros principalmente Danei." (1ª série) — não está com o nome pois foi dito que só assinasse quem quisesse, já que era exercício de avaliação da biblioteca durante o "Mundo do Terror". A bonca no meu armário era a Romualda, bruxa de pano que eu tenho desde que me conheço como gente. Está velha, desbotada e encaquerada, mas como contei pra eles dela... Os outros mencionados (todos!), ora, são os novos monstros!

* "Gostei: Asdrubal, dracula, lobisomem, a mulher do muque, o muque. Não gostei: de ficar de castigo." (1ª série) — !

* "Gostei: do Blecbumbum, do Frankenstein, o quadro é bonito. Não gostei: do lobisomem, eu queria que o dracula fosse mais assustador." (1ª série) — quanto ao "Blecbumbum" era uma

máscara africana de um deus terrível, do mal, que os meninos da 4ª série batizaram de Black Sundum. Outra criança da 1ª série escreveu "blee dum dum". Saussurre, ou Paulo Freire, ou Emília Ferreiro, ou Gianni Rodari adorariam.

* "Gostei: da leitura, dos desenhos, do Strapula, do desenho da casa do Drácula, gostei muito de você. Não gostei: lápis, de sair da sala, de gritar na sala de aula, da bronca que eu levei, do Robizoneu, de atrapalhar a aula." (1ª série) — !

* "Eu gostei de tudo e estou gostando do mundo do terror, mas você ainda não contou porque o Frankenstein tem os parafusos na cabeça." (2ª série) — devido à conversa sobre a história original e as versões surgidas principalmente no cinema americano. Conversamos sobre as várias maneiras de contar uma história e eu fiz suspense, para despertar interesse na questão, dizendo que ia contar depois porque este monstro tem parafusos na cabeça...

* "Eu gosto de tudo, até do Drácula. Você tem uma boa imaginação que você tem, eu queria teria uma imaginação ótima assim; eu queria ter mas não tenho. Que pena! Deixa pra lá! Só se você me ensinar. Eu também gosto dos perfumes, remédios, tudo aquilo que fica na sua prateleira." (2ª série) — era o começo, o embrião do nosso museu: sais para aqueles desmaiasse de medo, principalmente as moeinhas perseguidas pelos meninos, digo, Drácules; um perfume para o Lúcifer que, quando aparecia, vinha envolto em cheiro de en-

xofre...

* "Eu não gostei do Asdrúbal. Eu acho que a Bibliotéca tem que ser mais forte, que está muito fraca." (2ª série) — verdadeiro adepto do terror, daqueles que eu gosto e que, diante da minha "fraqueza" — cuidados iniciais principalmente com as 1as e 2as séries, me deu bronca. Algumas crianças das séries mais adiantadas, que tinham irmãos ou primos menores, ficavam contando dos terrores acontecidos em suas turmas; daí o ciúme, o puxão na minha orelha.

* "A biblioteca é ótima? (x) sempre ( ) quase sempre ( ) raramente ( ) nunca. A sua professora é mais bonita zangada? (x) sempre ( ) quase sempre ( ) raramente ( ) nunca. Você gosta de tudo na biblioteca? (x) sempre ( ) quase sempre ( ) raramente ( ) nunca." (2ª série) — excelente paródia ao sistema de ensino e seus instrumentos de avaliação. Quanto à marcação, realmente para o tema terror uma cara bem zangada...

* "Gosto muito de terror. Queria que você mandasse a-gente assistir filme de terror gosto de ler muito. Um dia eu assisti um filme de terror que se chamava 3 gemidos espíritos". (2ª série) —

* "Eu adoro a tia Nanci porque é monstruosa as coisas que ela faz, mas as vezes ela sai um pouco do sério. Eu acho

que sou muito desobediente sabe porque? Porque eu mexo nas poções" (2ª série); "A nova professora quando conta alguma coisa de dar medo ela nos ensina a não ficar com medo." (3ª série); "A classe é muito assustadora dá medo. Mas está faltando um pouco de monstruosidade de vampiros e de drácules. A tia é legal conta histórias arrepiantes e faz cada coisa apavorante." (3ª série) ___ o eterno duelo da alma humana. A propósito, ler o excelente livro, mencionado nas nossas Referências, de Marie-Louise von Franz A Sombra e o Mal nos contos de fadas, onde ela reflete sobre um conflito de ter-se medo e querer a sensação de ter-se medo.

ref.

* "Eu gostei muito da biblioteca tem varias coisas de terror eu queria ler livros de terror terror. Tambem acho que a Dani ei conta poucas histórias de terror mesmo. Por que na biblioteca não tem livro de terror? Gosto das historias que a Daniei conta. Mas gostaria que ela contasse as historias com mais terror, mais medo, de borrar a bermuda:- ela disse que podia falar tudo que quisesse. Eu adorei a historia do lobisomem e entendi muita coisa. Eu não gostei foi daquela historia do vampiro quando acabou porque eu acho que tinha que havia acabar com mais ação. A unica coisa que eu gostei foi na parte que a mocinha queria fugir dos vampiros e o carro não pegou a Daniei fez que nem ela, foi um barato. Foi o maior barato o fiunii do vampiro."- (3ª série) ___ este é dos meus!

* "A tia que mora na casa do morcego e do fantasma" ___ entreouvido no pátio, numa clara alusão da interação com o

tema.

* "Cobisomem cascateiro / só faz força no banheiro" — musiquinha com a melodia de "Pirulito que bate bate", feita por Ivan, da T. 111.

* "Gostaria que tivesse caveiras penduradas na parede e que também tivesse luzes pretas e um montão de coisas" (3.ª série) — resposta ao exercício sobre sugestões de trabalho. Depois, esse exercício, que era feito logo que conhecíamos o tema mais votado para o ano seguinte, transformou-se na nossa "caixinha de sugestões", permanente na biblioteca.

* "Eu vi uma flor esquisita que parecia as flores de monstros carnívoros." (Antonio Carlos, T. 132) — exercício com caleidoscópio, feito no tema Mistério, que aconteceria no ano seguinte, e que figura aqui para mostrar a "herança" de um tema para o outro. Adiante voltaremos ao caleidoscópio.

* "Para a tia Nanci. Mesmo nas férias não me esqueci de você e dos nossos queridos monstros. 1º/8/82 Isabela." — cartãozinho recebido. Vale informar que as letras foram todas desenhadas intencionalmente de forma tremida, letras dignas do Mundo do Terror, não sabe?

* "Elefantétrico" (Mireilla e Patrícia, T. 142) —

monstro ofertado à biblioteca. "Diabos me mordam!" das mesmas dizia no cartãozinho que o acompanhava.

* "Cobrinha Rajubenta, barriga Turada, bodisomem Cheira Tudo [ilustrado na figura de um tamanduá], Morcego Metidinho, Drácula Vira-Vira" (Loara, T. 123) ___ a "família monstro" desenhada e batizada.

* <u>O monstro aterrorizante</u>. Era uma vez um monstro: o nome dele era Castrotal e ele gostava de comer muita gente e, principalmente, chupar o sangue de todo mundo que aparecesse na frente dele. Ele gostava de fazer isso porque era gostoso o sangue de todo mundo e ele gostava. O sangue mais gostoso do mundo era um tipo de sangue que só tinha na tia de biblioteca. Ele morava no deserto e ele morreu no deserto do Sahara. (Bruno Seamanbone, T. 123)" ___ isto porque o Castrotal não sabia, nem desconfiava que seu sangue era envenenado. Hi! Hi! Hi!

* "TVT. Jornal Nacional do Terror, um programa do grupo "Os Sanguínios": Pedrúbal (Pedro), Dadráculo (Dado), Luizpaulo (Luiz Marcelo), Hugonstain (Hugo), Franksdio (Dionízio) e Crímio (Cristiano), todos locutores do seu canal 143!" ___ "Telejornal" dramatizado por um grupo da turma 143, que fez o maior sucesso na biblioteca, por vários motivos: a) por usar a linguagem do

humor — arma fantástica descoberta das crianças para enfrentarem os monstros, os medos; b) por satirizar um programa bastante conhecido das crianças, o Jornal Nacional (eles foram de paletó e gravata, falavam com voz empostada; disseram: "Um jornal dos anos 80. Mulher aqui não entra. Só se for para aparecer pelada, ou falar de moda, ou de durar o supermercado, ou falar da temperatura. Se segura!" Noticiaram inúmeras desgraças: enchentes, acidentes no trânsito, assaltos, alta de preços, times brasileiros perdendo em futebol, em vôlei etc. — um "terror"). A cada desgraça que aparecia, eles faziam uso de uma sonoplastia bem peculiar: risos, correntes se arrastando, gemidos, gritos de terror. A "TV Pirata" de hoje em dia não fica nem nos calcanhares... E deu crias, graças a Deus!

paródia jornal nacional feita p/ crianças

II. TV PIRATA

4.1.3 ACERCA DA MITOLOGIA GREGA E ROMANA

* "Mitologiário" — criação coletiva para substituir o "monstruário" do Mundo do Terror, tema anterior. Expositor para os desenhos das crianças sobre o tema.

* "Não tem graça nem Grécia." (Samuel, T. 142) — espécie de ditado popular.

* "É, mas mesmo sendo monstro, o Minotauro também

devia sofrer por causa do pai dele ter vergonha dele. (Hômica, T. 132)" — emoções solidificadas no tema anterior, o Mundo do Terror, onde passamos realmente a compreender os monstros e sua dor. A rotação dos nossos pedaços, a luta pela unidade, pela identidade: a individuação.

indivíduação (nocão recorrente na dissertação)

* "Ave, César! Os que viveram te saudaram, os que morreram se danaram!" (Daniel, T. 143) — acréscimo à senha do tema, depois de conhecer a história de Spartacus e conversarmos sobre as lutas na arena.

* "Eu quero deuses, monstros maltratando." (3ª série); "Estudar a filosofia de Zeus." (4ª série); "Labirintos, lutas de guerreiros, estádios de lutas, pesquisa, caveiras, cobras e Medusa, etc." (4ª série); "Você poderá ler livros sobre Hércules, a Medusa, o Minotauro e outros. Também poderá fazer exercícios de desenhar o Hércules, a Medusa e o Minotauro (desenho de Hércules empurrando as colunas do templo)." (2ª série; "Que tal se a gente se fantasiasse destas coisas ou então botasse massa no braço para parecer músculo. Eu queria ser o minotauro ou então o Aquiles, são os meus ídolos daquela época. Se eu fosse Aquiles eu não faria aquilo que ele fez quando morreu." (2ª série); "Eu acho que com a mitologia grega as pessoas vão ficar chateadas porque o pior é que os gregos acreditavam neles e eles não faziam nada [os deuses]" (1ª série); "Na festa eu vou vim com meu cavalo de pau e com duas asas." (1ª série) — respostas ao exercício sobre sugestões sobre o trabalho com o tema. Ainda, a percepção — na confusão entre os he-

róis, afinal todos os heróis são um só herói — de que o símbolo é o da força, da salvação, da redenção, não importa qual seja o personagem. Ou, podemos dizer, seu signo. Ou mesmo, em outra sentença, a compreensão das características dos deuses gregos, feitos à semelhança do homem.

* Nos desenhos em anexo(6), vale a pena atentar para os detalhes que atestam a apreensão infantil dos elementos significativos dos mitos: na esfinge (n.º1), a "fumacinha" denunciando o esforço de pensar que a decifração de enigmas implica; no mito de Aquiles (n.º2), seu detalhe fundamental — a parte pelo todo, a metonímia, o símbolo para sua derrota, a metáfora para nossos fracassos.

4.1.4 ACERCA DO MISTÉRIO

* "Você vai ficar igual à Agatha Christie, Daniel." (Bernardo, T.122) — depois de contar que a velhinha era maravilhosa, estava sempre pensando numa história de mistério etc.

* "Os ricos é que têm videogame. É que têm mondomo." (Leonardo, T.113) — na "aula" de apresentação; sobre o "Charles".

* "Detetivetário" (4ª série) — expositor com fotos e/ou desenhos de detetives famosos. Neto direto do nosso "Monstruário".

* "É claro que só pode ter sido gente, foi uma pessoa. Nas histórias de mistério nunca um bicho mata. Então, não foi o cão." (T. 124) — solucionando-se, assim, o mistério da história do "O cão dos Baskerville", muito antes que o detetive famoso.

* "MISTÉRIO. Mistério, ai o Mistério,/ tira a gente do sério./ Pista ali, pista aqui,/ é tanta pista que se anota;/ e fica registrada bem sonhada,/ dentro de mim, que não chega ao fim. (Roberta, T. 141)" — !

* "Minha mãe foi me cobrir de noite e viu que eu estava rindo. Sabe, eu estava sonhando com a Julieta." (Patrícia, 2ª série) — segredinho contado no meu ouvido (em tempo, "Julieta" é a heroína da história Inspetor, junte conosco.)

* "O que é, o que é: a velhice? Resposta: É um beco sem saída da vida. (Sabrina e Paula, 4ª série)" — acredite, se quizer. velhice

* "Como é que o aluno quer encontrar a escola? Resposta: Trancada! ("Grupo Sangue Frio, T. 144)" — palavras-espelho. escola

* "O que você faz na biblioteca? Resposta do Flávio: — Eu faço muito amor!" — contado por professora de turma, sobre prova de Integração Social dada na classe. biblioteca

* "Caramba! É um sonho! É um grande mistério!" (Daniel, T. 114) ___ na "aula" com o caleidoscópio.

* "Enigma do dia: as vezes é aterrorizante, às vezes faz a gente rir, mas sempre nos diverte. (Resposta: o livro.) (Paula, T. 141)" o livro

* "Nanei - Detetive em ação (querida Nanei, eu e Juju vamos te dar um presente. Este presente é para botar em cima da sua mesa para nunca esquecer de nós) (Roberta e Juliana, T. 121)" ___ placquinha de papelão que veio dentro de um envelope todo misterioso, cheio de dobras e florzinhas, com o desenho de um cachorro com o chapéu coco do Hercule Poirot e um balãozinho dizendo: "É um enigma, Nanei. Aquele enigma do faime Bonde."

* "Aqui estava colado o retrato de um ótimo leitor!" (Caio, 6ª série) ___ Caio tinha sido "aluno" da biblioteca desde a época do Terror. E nunca nos abandonou, queria participar de tudo. Esta frase ele disse, no "Curso de Detetive", mostrando sua fichinha de leitor sem o retrato, depois de esperar que os "pirralhos" ("vocês, pirralhos" - dizia ele para mexer com os alunos das séries anteriores) lhe adivinhassem o enigma.

* "O detetive. (Carolina A.P.B.)" — história policial em nove transparências de retroprojetor, que conta a história de Ana, uma menina distraída e seu "cão policial", o detetive Cherlok Cachorros ("o outro não era Cherlok Homes?" — leia-se a letra agá como letra muda, por favor). Um dia, ela foi comprar pipocas no Pipo e alguém roubou as pipocas. Imediatamente entra em ação Cherlok Cachorros — "o maior detetive de comidas", fareja as pistas (pipocas que caíram no chão) e descobre o ladrão! Só que "houve um errinho": o gatuno disse que comeu 10 pipocas e "Ana sabia que no saquinho tinha 15 pipocas!" Mistério? Não: Ana logo descobriu que Cherlok comera as outras cinco! Por causa disso, na cena final, vemos Cherlok pequeninino, atrás de um prato enorme de cachorro, onde se lê: "comida ruim (sobradinha)". E a menina ainda o ameaça: "Come, senão não lhe dou o chapéu!" (Cherlok tinha um chapéu inseparável, igualzinho ao do Sherlock Holmes. Elementar, meu caro Watson.

* "O castelo misterioso. (história feita em grupo, pela turma 131) Num castelo muito falado é encontrado um livro de letras bordadas a ouro, de muitos séculos. Numa noite, uma pessoa morreu assassinada misteriosamente. Encontraram, junto ao corpo, o livro raro. Aí, a Medusa estava procurando pistas e não encontrou o mordomo no castelo. Saiu do castelo e encontrou um homem matando uma mulher doida. O homem estava vestido

de preto e era careca. Quando a Medusa estava vendo a cena, chegou a bibliotecária toda atrapalhada e estragou tudo. O homem conseguiu fugir. Então, Medusa volta para sua casa e tenta resolver o caso. Depois volta para o local do crime e tenta achar pistas. Achou uma faca e o mordomo Charles. E suspeitou de duas pessoas: do mordomo Cisarles e da bibliotecária. Foi interrogar a bibliotecária e o mordomo e descobriu que a bibliotecária viu o mordomo com uma faca na mão cheia de sangue e, para se fingir de inocente, ele falou que matou um boi para o jantar. Mas, como não tinha boi, o mordomo foi preso. A bibliotecária também foi presa porque a Medusa descobriu que ela fingia ser atrapalhada só para despistar e roubar o livro raro." ___. Uau! que enredo, heim? E os protagonistas, que tal? Repararam na junção de elementos de vários temas? O livro, a bibliotecária, Charles e Medusa, nossos bonecos-símbolos — introjetados como conhecimento; passíveis de serem manipulados ao bel prazer das crianças, seus donos.

* "Numa noite escura, não gente. Toda noite é escura!." (Carlos Bernardo, p. 134) ___ ! (um professor de realidade)

* "Procura-se detetive particular sumido há quatro dias." / "Vende-se binóculos a perder de vista." ___ Classificados colados anonimamente no mural da biblioteca.

* Rio, 1 de Outubro de 1983. Daniel: Eu e o meu

intuição não vamos esquecer nunca os momentos maravilhosos que passamos na biblioteca do Bennett. Aprendemos muito e fomos até a Grécia e Roma, muita aventura, muito suspense. Obrigado, Daniel* e um grande abraço e um Natal Feliz e um Ano Novo maravilhoso. Decifra-me ou devoro-te: Vovó - vó + cê, Marcos - s + u, minha vaca - ac + id! dedo - do, Maria Teresa." ___ !

* "Para pegar os alunos que pegaram livros e não devolveram, usamos a arma da inteligência, meus caros alunos. É só olhar no catálogo. Mas vocês pensam que é no catálogo telefônico? Não! Meus caros alunos, é só olhar no catálogo de leitores, que tem o nome e a turma de todo mundo que lera livro. Elementar, meus caros Watsons!" (Roberta, T. 141) ___ discurso durante aula inaugural do "Curso de Detetives", como convidado de honra; Roberta, que personificou naquele momento um detetive famoso, foi convidada por Fernanda (sua irmã da 2ª série), uma das organizadoras do curso para falar aos alunos do curso. Notar que o assunto da primeira aula foi o "mistério de como usar a biblioteca. Depois, Roberta, pelo sucesso alcançado, passou a fazer parte da equipe organizadora do Curso. Uma glória, recolher-me ao meu canto e, dando a vez aos verdadeiros sujeitos da ação, assistir de longe, de fininho, aquelas crianças tomando nas mãos o que de direito era seu. "Dar voz", como dito por Flusser (FLUSSER, 1980), será isso?

4.1.5 ACERCA DO ROMANCE

* "Pierrô: ele teve um romance destruído." (Daniela Rodrigues, T.143); "A biblioteca podia ter um cartaz para falar dos namorados, contar histórias de amor, mais salada mista, jogo da verdade, que jogo da verdade sempre uma pessoa gosta de outro e não quer dizer, entendeu?" (4ª série); "Um amor quando vira paixão às vezes causa a morte." (Flávia Thomé, 4ª série) — as ânsias e esperanças e sugestões de trabalho com o tema vencedor de 1985.

* "Nanci, como eu não conheço o pai da Lara, peça que você peça ela em namoro pra mim." (anônimo); "Rafaela, eu gosto muito de você. Eu te acho muito fofa. Estou com muita saudade de você não vem mais nos ver com a Nanci? Beijos e abraços Raphael, T. 132"; "N♥NCI [...] você é como minha namorada de coração. Um BEIJÃO para você e para a Rafaela. Feliz Dia dos NAMORADOS!♥♥♥. Ass: Flávia Gonçalves, T. 152"; "Rio, 12/6/85 Nanci (professora) [...] Você é minha melhor amiga e a minha mãe também. Eu estou adorando a história da moreninha. Beijos Danielle da turma 133." — exemplos dos inúmeros bilhetinhos deixados no "Correio do Amor", no Dia dos Namorados. A idéia dos bilhetinhos e da caixa colocada na entrada da biblioteca teve origem naquele bilhete enfiado por baixo da porta e que dizia: "Dia, seja Cupido pra 2 colegas nossos... Ela gosta dele, mas tem vergonha de dizer. Eu acho que

ele também gosta dela, mas não diz nada... Se você pode ajudar, encontre a gente na cantina no recreio das 4as séries, a gente vai contar a bola do banquete pra você saber". E agora, José? Fui, mas fiquei pensando num meio de não repetir aqueles encontros (macaco velho não mete a mão em cumbuca, ora) e, aí, surgiu, linda, a idéia.

* "Paixões famosas: N* e Ra☼" — acrescentou ao cartaz que listava pares famosos, tais como: Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, Dante e Beatriz, Orfeu e Eurídice, Donald e Margarida, Bertinho e Capitu...

4.1.6 ACERCA DE OUTROS TEMAS

* "Aventura é lanchas rápidas, armas carregadas. Tiros, viagens, navios rápidos." (1ª série); "Aventura é por exemplo viajar de avião com tempestades, escalar montanhas com pedras caindo." (3ª série); "No mundo da aventura podemos fazer mil coisas, imaginar, fantasiar, sonhar, fingir. É uma boa, imaginar que somos tudo o que queríamos ser na vida, que temos ter na vida, desenhar alguma coisa, pensar em uma fada. Puxa!!! E depois, no final do ano uma festa, só para sonhar, só isso sonhar, sonhar, sonhar e sonhar." (4ª série); "No mundo do Conhecimento a gente pode conhecer melhor as coisas, conhecer coisas que a gente nem imagina,

invenções." (4.ª série); "Do mundo do circo é palhaço, mágico, trapézio, dança, elefante, cavalos, malabarismos. Podia por uma tenda colorida com um trapézio pendurado, um palhaço colado de Cartolina com águas dançantes e etc." (2.ª série); "Do mundo do circo eu queria que a biblioteca ensinasse como os homens e mulheres do circo fazem as coisas, como vivem, se eles tem uma alimentação mais rica. Eu gostaria de aprender tudo sobre o circo e me contassem quanto eles ganham para fazer os espetáculos" (4.ª série); "Do mundo do faroeste é xerife procurando o bandido, cavalaria, índios, mocinhas raptadas, bandidos mortos sangrando, cidades antigas e tudo mais" (3ª série); "Mocinhos sequestrando garotas, bastante assaltos, xerifes danados da vida tentando pegar o assaltante, bang-bang, casas, saloons, bancos e hotéis, aquele capim rolando no vento e poeira." (4.ª série); "[...] Tom Mix e Jacque Malone e no final do ano uma festa de cawboy com banjo no saloon." (4.ª série); "[...] o quadro negro pode estar desenhado com o xerife e os mocinhos tomando chope enquanto isso ocorre um assalto na diligência. Podemos falar como era o comportamento deles em guerra de mocinhos xerifes e bandidos. [...] E também alguns, mais ou menos, uns cinco, índios." (3.ª série); "Os índios dos velhos tempos, as brigas entre os índios americanos e cawboys" (4.ª série); "Um bandidão na porta da biblioteca que fizesse mocinhos e xerifes entrarem correndo na biblioteca. A minha mãe perguntou se não vai contar a história do Jerônimo, o herói do sertão que dava no rádio." (4.ª série); "Eu quero cavalos" (1.ª série); "Do Mundo da Magia enfeitar com coelhos saindo de uma cartola, comprar aquelas caixinhas de mágicas e os jogos de mági-

cas. Fazer um mágico e dar-lhe um nome de Mister quinges. Fazer o Mago Merlim. Botar livros de mágicas." (3ª série); "Da entrada, a 4 passos da porta um pano branco com uma mágica para entrar: tinha que ser um por um. Quando a gente passasse pelo pano, via livros, chaves, bules, vasos, caras etc. As mesas da biblioteca cheias de estrelinhas prateadas e o teto também. No Cantinho para se entrar passava por uma trilha de livros para escolher." (3ª série); "No mundo do mar tem que ter muitos piratas, tesouros, tubarões, estrela do mar e livros sobre o mundo submarino." (2ª série); "[...] algum navio afundado no fundo do mar. Piratas bebendo." (1ª série); "A biblioteca toda azul, com muitos aquários e muitos bichinhos do mar: peixes, sereias, polvos, cavalos marinhos e um grande NETUNO na porta nos esperando de braços abertos." (3ª série); "Eu queria que tivesse [...] o capitão ganchoe, e esqueletos de piratas falando bebendo rum e tudo mais." (4ª série); "Que tal um peixuário com toda espécie de bicho do mar?" (3ª série).

4.1.7 ACERCA DA LEITURA

* "O livro dá idéias." (Gabriel, T. 121); "Gosto de ler por que diverte, distrai. É um bom passatempo." (Alexandre, T. 133); "Toda vez que eu leio eu aprendo mais." (Márcio, T. 143); "Porque enriquece nossas mentes." (Nilton, T. 143); "Gosto, porque nós aprendemos e quando não tem nada para fazer eu leio um livro." (Sérgio, 3ª série); "Gosto de ler muito e acho que o livro é muito bom para se aprender a ler e falar bem." (La-

"Acho a biblioteca maneira. Devei precisa contar mais histórias. (4ª série)"; "Puxa, tia, nossa aula de biblioteca é uma miséria de tempo! (Leocádia, T. 122)"; "Eu gostei da hora livre no cantinho de leitura. Eu amei o quadro e quando você passou o filme da Alice. Eu gostei quando você mostrou uma tela que tinha uma princesa e um príncipe e depois agente tinha que adivinhar os negócios. (1ª série)"; "[...] no meu outro colégio não tinha, aliás ninguém teve essa idéia tão legal. (1ª série)"; "Gosto da biblioteca porque é um lugar que a gente aprende histórias. (1ª série)"; "A biblioteca é boa e foi uma boa idéia do diretor sei lá quem inventou. (1ª série)"; "Só que eu não gosto é que tem muita confusão. (2ª série)"; "Eu não quero que mude NADA!!! Pelo amor de Deus não vai estragar!! (3ª série)"; "Eu gostei do quadro, da Medusa e do garçon [mordomo]. (2ª série)"; "Do que eu não gostei não tenho nada a falar. (2ª série)"; "Eu gostei de quase de tudo, não da mulher do espelho. (T. 114)"; "[...] acho que este ano devia ter biblioteca todo dia. (2ª série)"; "Eu não esperava nada porque não gostava deste tema. Mas adorei. (3ª série)"; "Eu queria a biblioteca fosse maior. (2ª série)"; "Eu esperava mais coisas na biblioteca, porque você tem capacidade para isso. (4ª série)"; "Eu achei que você fez um bom trabalho eu também achei que o tema do ano que vem vai ser uma droga. (3ª série)"; "Eu acho a biblioteca muito cheia. (2ª série)"; "Que a biblioteca tenha mais pistas. (2ª série)"; "Eu gostei daquele dia que você contou a história do Babiene [Babine, o tolo] e que as pessoas imitaram depois. E quando você contou um monte de mundo e

depois agente escolheu um mundo e escreveu no papel do caderno e recortou e dobrou ai agente colo com na caixa. (1ª série)"; "Eu gostei quando agente fez dever na almofada. (1ª série)"; "Não gostei de botar roupa na corda. (1ª série)" ___ eram feitos desenhos de roupas para os monstros e depois as crianças os expunham no "Varal Legal", corda com prendedores pendurada nos cantos da biblioteca e que fazia as vezes de expositor de trabalhos das crianças, de livros mais lidos etc.; "Eu queria que a biblioteca tivesse mais tempo e mais dias. Nanci vou te dizer que gosto muito da biblioteca mas é como eu te disse, eu só queria ter mais tempo e mais dias. É assim que eu queria a biblioteca, com mais tempo e mais dias. (2ª série)"; [...] o tempo é muito pouco para contar historinhas que já tem que ir para aula. (3ª série)"; "Eu só não gostei foi quando você tirou par ou impar porque a gente saiu na pior, nosso grupo ficou com menos horário. (3ª série)"; "Começamos botando um nome no nosso monstro. Outro dia fizemos um filminho de terror e depois vimos. Outro dia escrevemos sobre uma revistinha que vimos. Outro dia a tia pediu pra gente puxar de um saco de papel. Nele estava escrito o que a gente tinha que desenhar, eu desenhei no meu papel uma festa aterrorizante. Outro dia a tia contou a história do Lobisomem. Outro dia foi que nós tivemos que avaliar um livro, a tia fez um mostrando a capa e o que tem dentro. Na aula a gente fez o Asdrubal para a Elvira pintar na Feira de Livros. Eu adorei. (2ª série)"; "[...] interessante, gostoso de se ouvir. (4ª série)"; "Eu gosto da biblioteca porque é um lugar de mui-

ta criatividade que a professora sabe enfeitar e os alunos também. Só acho que deveria ter mais livros de terror. (4ª série)"; "Valeu a pena. (2ª série)"; "Eu gostei desses bonecos a Medusa e o Charles casando. (2ª série)"; "Gostei das pistas. (2ª série)"; "Pena que eu vou sair do colégio e acho que não vou ter outra biblioteca como esta. (2ª série)"; "A biblioteca é muito gostosa de fazer aula. (2ª série)"; "Eu acho a biblioteca legal é um pouco de calor, mas é legal (que idiotice a minha falar de calor) bem eu também gosto muito da Nanci*. Obs. Eu só elogiei esta besteira porque não tenho muita coisa a dizer porque senão eu ia fazer um livro de elogios. (4ª série)"; "Amei, adorei e às vezes detestei. (3ª série); "Eu acho a biblioteca chocante. (3ª série)"; "Eu acho o maior barato!!! É bom conhecer histórias e mundos diferentes, com coisas muito criativas e divertidas! P.S. Quero biblioteca ano que vem!!! De qualquer maneira!!! (4ª série)"; "A biblioteca é o melhor tempo extra que eu tenho. É super divertido, interessante, é meu BARATO!!!! Mais a coisa mais importante é que todos nós vamos lutar para ter BIBLIOTECA NO ANO QUE VEM! (4ª série)"; "Não tenho nada a dizer. Só gostaria que ela fosse em uma das salas do John [prédio John Wesley], pois nesse prédio não há espaço para expor nossa criatividade que, modéstia à parte, nossa turma é muito criativa. (4ª série)"; "Todos os dias são ótimos! (3ª série)"; "Eu gostei do cineminha, foi maneiro. Porque tem cada filme legal. E também do cantinho de leitura. Tem cada almofada. Não gostei da votação que ganhou é uma porcaria, e as histórias de amor são outra porcaria. Não gosto também dos livros, são muito chatos. Eu não gostei das garotas este ano porque elas estão muito chatas. (2ª série)"; "[...] Ah!

la me esquecendo! Adorei o Cantinho da Leitura e o Cantinho da Pesquisa. A Biblioteca está maneira. (1ª série)"; "Gostei dos livros. Porque tem história boa. Também dos mistérios de Holmes. Porque tem o cão do inferno. Também do Cantinho da Leitura, porque a gente pode escrever as histórias. Porque tem cada história demais! Também dos mistérios. Porque a gente tem que descobrir. Das cortinas porque elas são misteriosas. Também dos votos. Porque dá bastante nervoso. Também dos livros de antigamente. Dos monstros das histórias, porque dá medo. La história dos "Dez negrinhos". Do livro de cobras. Porque tem fiadas. (3ª série)"; "Eu gostei da estória do Holmes porque tem o cão. Do tempo livre, porque a gente pode fazer o que quiser. Da estória dos negrinhos que ia morrendo todo mundo e as pecinhas quebravam igual a morte que ia ser, tem muito mistério. E dos livros, porque tem estórias chocantes. E gostei da Medusa, porque ela tem cobras na cabeça. Eu não gostei dos livros que não tem figura. Eu não gostei do castigo da turma. (1ª série)"; "Sabe que vou fazer Biblioteconomia? Jamais pensei que fosse esse barato! (Cláudia, professoranda)".

4.1.9 ACERCA DO EDUCADOR

* "Eu achei que a biblioteca melhorou muito nesse ano. A Nanet foi super amiga do meu grupo e eu adorei ela. Eu te adorei Nanet. (2ª série)"; "A biblioteca é muito enfeitada e bonita. A

Nanci é muito bonita e legal, principalmente com o cabelo cortado. (2ª série)"; "A Nanci é uma ótima professora e a biblioteca ajuda muito a gente, como a Nanci. (2ª série)"; "A biblioteca é ótima mas a Nanci é mais ou menos porque ela é muito mandona. (4ª série)"; "E a Nanci eu não tenho nada para dizer. (4ª série)"; "A Nanci é uma pessoa paciente e calma. (2ª série)"; "Você é boa e a biblioteca são bons. (2ª série)"; "Eu achei a biblioteca linda e a Nanci eu achei linda. (2ª série)"; "Uma flor dentro de uma flor. (Entendeu?) (2ª série)"; "A Nanci é legal porque ela empresta livros e brinca com a gente. (2ª série)"; "A Nanci é muito legal. A biblioteca é muito bonita e engraçada. (4ª série)"; "Eu acho a biblioteca muito boa porque distrai, e você uma excelente contadora de estórias. (3ª série)"; "Nanci: mandona na hora que tem que ser. (3ª série)"; "Gostei da bibliotecária que é a Nanci. Também gostei do cabelo cortado da Nanci. Também gostei do óculos novo. Porque faz parte de mistério com essa nova biblioteca! Está chocante! (2ª série)"; "Ela fala com os bonecos na nossa frente, é natural e engraçada. (2ª série)"; "Eu não gostei da Nanci. E de um filme. (2ª série)"; "A Nanci é uma ótima bibliotecária. Eu adoro ela. Ela é uma boa professora. (2ª série)"; "Nanci você é um barato, às vezes até muito mais. Você é chocante e pretendo estar com você aqui, agora e sempre. Na 5ª, 6ª etc. (4ª série)"; "Ela gosta de animais, incluindo cobras e morcegos. Mas gosta muito mesmo é de cachorro. Falou da Matuska e da Bonela pra gente, eu adorei porque também falei do Runga, o meu pastor belga. (4ª série)"; "NANCI TE ADORO E I LOVE YOU!! (4ª série)"; "Acho ela muito

chata e também acho a aula dela uma droga. (4ª série)"; "Na primeira aula eu não gostava muito da Nanci mas foi passando o tempo aí eu fiquei gostando dela. E ela pidia para a gente fazer desenhos deixava ler as revistinhas e livros que quiser, deixava deitar no cantinho das almofadas e deixou ver o caleçosdocopio e conta histórias e cantou na aula do meu grupo e conta histórias poriço que eu gosto agora da Nanci. (1ª série)"; "O trabalho da Nanci foi muito bom. Pelo menos eu gostei. A história do Leobrisomem foi muito bem contada. Parabéns Nanci tudo ótimo! (2ª série)"; "Eu gostei muito do nosso trabalho. Depois a Nanci viu um filme no cinema de terror mesmo de dar medo e contou e eu adorei. Ela arrepiou a gente nas almofadas, teve gente que escondeu a cara na almofada. (2ª série)"; "Eu adorei foi que a Nanci gosta da gente. (1ª série)"; "Nanci, / Misteriosa, Romancista, Brigona (às vezes) / Só ela mesma! Legal desse jeito quem / não gosta dela? (Gabrielle, T. 153)"; "Gostei da biblioteca porque a Nanci foi a bibliotecária. (3ª série)"; "A Nansy não é mandona. Ela é uma professora que quer respeito como qualquer outra. (2ª série)"; "Eu acho que a Nanseí é a pessoa ideal para tomar conta da biblioteca. Parabéns Nanseí. (2ª série)"; "A Nanci é muito legal e engraçada. (3ª série)"; "Eu queria que a Nanci ela fosse alegre. (2ª série)"; "Eu gosto muito da Nanci apesar de entrar no meio do ano. A biblioteca ideou. (3ª série)"; "Nanci e Rafaela eu estou gamadão em você quer casar comigo? (Love! Roberto, 4ª série)"; "Eu acho a professora muito brincalhona. Eu adoro as histórias da Nanci. Eu não gosto quando a Nanci

fica brava. (3ª s.)"; "Ela deixa a gente saber como faz uma biblioteca nos mínimos detalhes, deixa a gente carimbar com o carimbo da biblioteca, eu fiz fichinha do livro ela disse que minha letra é bonita, colei retrato do grupo 3 e botei em ordem na caixa catálogo. Só fiquei com vergonha porque deixei água da planta cair nos papéis dela da mesa, mas ela não brigou, só ficou atrapalhada. (Recado para você Danei: devia ter uma ajudante para arrumar só a sua mesa). Ela é legal demais. (3ª série)"; "O nome dela é Danei. Ela não é feia, não, é bonita. Ela trabalha na escola. Ela vê tele visão! (3ª série)"; "Me deu uma bronca atoa que não precisava dar. (4ª série)"; "Ela é uma professora exemplar. (4ª série)". "A Rafaela é uma sortuda. (4ª série)"; "A professora é muito legal tanto que nós adoramos fazer trabalhos com ela. Ela é super interessada e isso nos faz ficar interessada também. (3ª série)"; "A tia Danei deve estar vendo que nós estamos adorando este ano. Ela é muito criativa e adora terror como nós adoramos. (3ª série)"; "Eu acho que o meu comportamento tem sido muito bom mais se fiz algo de errado me desculpe, tá? Danei você tem sido muito boa para mim e espero que sempre fique assim. Eu queria que tivesse bibliotéca 3 vezes por semana. (2ª série)"; "Gosto da tia Danei que fais idéias boas. Ela é maluca. (1ª série)"; "[...] nunca saísse da biblioteca e que até o fim fosse assim (até o fim do colégio, até a faculdade). (3ª série)"; "A Danei é boa mas não é sincera. (4ª série)"; "Ótima contadora de estórias adultas para criança, obrigado! (4ª série)"; "Continue assim. (4ª série)"; "Deve ter uma memória para ler o livro e contar com suas palavras! (4ª série)"; "Eu

queria que ela fosse menos puxa-saco das menina. (4ª série)"; "Nanci já deve me reconhecer, né? Eu sou aquela sua ajudante de biblioteca, sou alta e da T. 141. Amo você, você sabe! Adoro este paraíso onde passo depois das aulas até a loura vir me chamar. Beijões! (4ª série)"; "[...] vem pensar em mudar. (4ª série)"; "Você não foi muito boa este ano. Eu acho que você tem muito mais capacidade. Nanci eu te adoro. Do seu aluno (a) oculto (a)? (4ª série)"; "A Nanci é muito legal e engraçada. Da biblioteca mais ainda. (3ª série)"; "Eu não gostei das broncas da Nanci. Eu gostei da Nanci. (1ª série)"; "Gosto das brincadeiras que a Nanci inventa. (Fernando, T. 132)"; "Gosto quando a Nanci faz suspense. (Leudmilla Lee Maître, T. 143)"; "Eu gosto da Nanci porque ela briga quando é necessário. (2ª série)"; "Eu adorei você Nanci, a biblioteca é legal, mas eu prefiro você. (2ª série)"; "NANCI É MUITO LEGAL, até quando fica nervosa. (3ª série)"; "Até criei o CBB - Clubinho da bochecha Beijada (as tietes da Nanci). (4ª série)"; "[...] adora brincar igual a eu. (2ª série)"; "Gosto de você, uma pessoa legal, misteriosa, terrível, simpática, bonita, charmosa. E o melhor, você é interessante. Ass. EU."; "Às vezes o olho dela dá medo, igual ao da Medusa. (3ª série)"; "Nanci: há pouco tempo que te conheci achei você um barato criativa e uma boa desenhista. Adorei a sua biblioteca, está de parabéns. Sou da turma 154 e me chamo Fernanda Loureiro [...]."; "Tem que ter mais tempo de biblioteca, Nanci, mais agito! (4ª série)"; "A biblioteca e a Nanci foi muito legal porque tem muitos mistérios. (2ª série)"; "Você foi o que deu mais

vida a biblioteca. (3ª série)"; "[...] com a cabeça sempre funcionando para o que der e vier. P.s. Quero biblioteca ano que vem!!! (4ª série)"; "[...] muito inteligente e dá toda atenção pra gente. (4ª série)"; "Não sei onde ela foi buscar essa idéia de montar a biblioteca infantil. No "Mundo da Bibliotequice"? (4ª série)"; "[...] tão criativa que a biblioteca só podia ser igual a ela. (3ª série)"; "As duas são: legais, bonitas, etc... (3ª série)"; "A Nauci* antigamente fazia mais suspense. (3ª série)"; "[...] fica sempre de acordo com o tema da biblioteca e a biblioteca devia ser um dia seguido. Misteriosa Nauci*. Super Legal. (3ª série); "Um amor de pessoa, justa, legal, bacana, simpática etc. A biblioteca é idêntica a ela. (3ª série)"; "É o tipo serto para trabalhar na biblioteca. (2ª série)"; "Tem voz pra tudo ela. Queria saber como consegue fazer fina, grossa, misteriosa, de velha, de bruxa, de anjo, até de lobisomem se transformando! Isto que eu acho mais entusiasmante! (3ª série)"; "Te pago 2.000,00 que é a minha mesada para você contar histórias pra mim. (3ª série)"; "Se vez em quando você fica bem chata e outra ves não. Biqueca legal. (1ª série)"; "Você não dá aulas particulares de biblioteca? (4ª série)"; "Eu acho que as duas são iguais biblioteca Nauci, Nauci biblioteca. (3ª série)"

4.2 O QUE DIZEM OS ADULTOS (7)

Nos documentos em anexo (n.º 1 a n.º 8), a "medida" através do contato com os responsáveis pelas crianças.

4.3 O QUE AINDA SE DIZ (8)

Nos documentos anexos (n.º 1 e n.º 2) o "bilhete de volta", possibilidade de novas (outras) viagens.

É só embarcar.

NOTAS E CITAÇÕES

avaliação no processo educativo e a qualidade

1. Cabe aqui refletir sobre a questão tão complexa da avaliação no processo educativo. Naturalmente, pelas características do trabalho, opta-se pela "avaliação qualitativa". É, conforme Pedro Demo, "a qualidade não se capta observando-a, mas vivenciando-a. Passa necessariamente pela prática, pois sua lógica é a sabedoria, mais do que a da ciência, que se permite apenas analisar, estudar, observar" (DEMO, 1987, p. 30). Portanto, apesar da explanação e dos testemunhos que serão apresentados, busco a conivência do leitor deste trabalho e peço-o meu cúmplice na (consciência de que "na qualidade não vale o maior, mas o melhor; não o extenso, mas o intenso; não o violento, mas o envolvente; não a pressão, mas a impregnação (op. cit., p. 24)

2. Peço, ainda, o cuidado a se tomar de cada vez (ou quase) que aparecer o nome "Nanci", lembrar de entender Biblioteca, pois nas palavras dos testemunhos apresentados, evidentemente ocorre o conhecido fenômeno de transferência. Por causa dessa reflexão, tive a coragem de colocá-los na dissertação, torná-los públicos, derrotando o medo de tornar-me soberba e, pois, pedante (ou ingênua?) diante dos olhos daquele que lê. Enfrento, deste modo, só o de sentir-me (ou parecer) falsa modesta. Mas toda

tese deixa sofrimentos, marcas, é lógico. Este é apenas um deles.

TRANSFORMAÇÃO

3. Transformação como medida avaliadora; transformação operada no ser humano, como pessoa. Que, difícil de medir e até mesmo perceber a nível imediato, possibilita a elaboração do pensamento conceitual, através da apreensão dos dados do mundo, sua devida apropriação e (re) formulação.

4. Já que a pergunta esclarece muito mais sobre seu formulador, na medida em que, na pergunta, há muito mais transparente o exercício da síntese.

5. Os textos infantis estão transcritos tal qual estavam, com seus "erros" de grafia, inclusive. Para alguns somente tecerei comentários. Os números das turmas indicam: a) o 1.º segmento do 1.º grau; b) a série; c) o número da turma. Então, lidos da direita para a esquerda, temos: "T. 111" é a turma 1 da 1ª série do 1º segmento do 1.º grau; "T. 143" é a turma 3 da 4.ª série do 1º segmento, e assim por diante. Ainda, para contribuir com a reflexão, eis uma tabela de idade média por série: 1ª série

— 7 anos; 2ª série — 8 anos; 3ª série — 9 anos; 4ª série — 10 anos. Ademais, algumas vezes aparece "4ª série", outras "T. 143" etc. — ou foram os dados que pude identificar pela leitura inútil, ou foi algo dito durante a "aula" e eu não percebi detalhes identificadores mais precisos para o registro, ou foi anotado depois, através da memória e eu só lembrava de um ou outro elemento identificador, ou omitiu-se algum dado propositalmente, como, por exemplo, na avaliação "oficialmente" pedida, em que se deixou à criança a opção de identificar-se ou não.

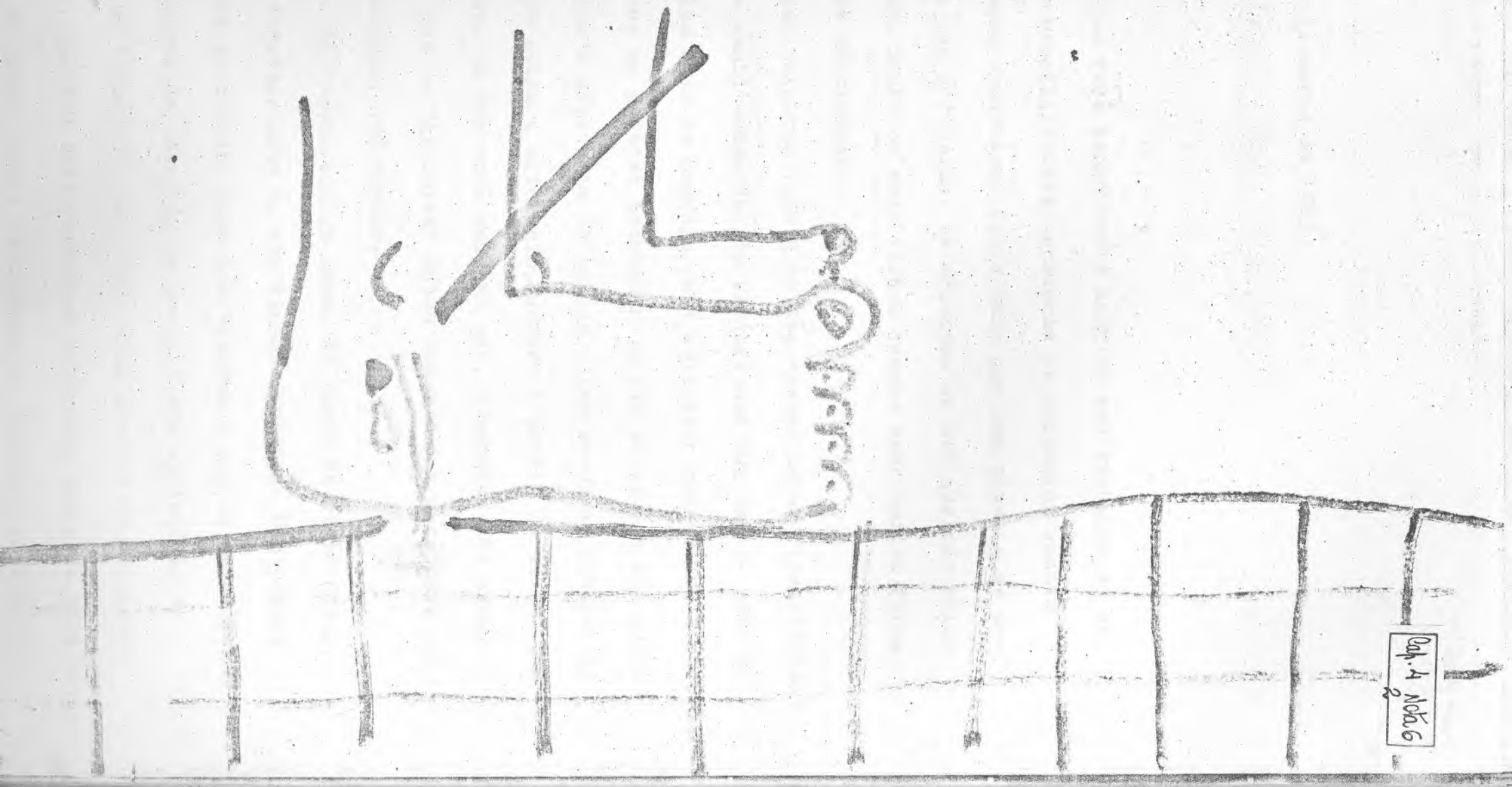
6. Ver desenhos anexos.

7. Mais uma oportunidade de praticar a ousadia, a coragem: são documentos "particulares" que vêm à tona, tornam-se públicos para a demonstração de uma idéia. Só assim pensando e repensando criei coragem. Na esperança de, mais do que especificidades, elas servissem de ratificação sobre o que se quer inferir sobre o profissional deste modelo de Biblioteca aqui pretendido. E, maior, sobre os resultados da relação Biblioteca – usuário. Veja-se, pois, o que está anexado a esta nota, adiante.

Cap. 4 Nota 6

Hermínia Turma 124:

turma 121



Cap. 4 Nota 6
2

Rio de Janeiro, 2 de março de 1983

Nanci,

Acho ótimo que você tenha tanto amor ao seu trabalho e, na medida das minhas possibilidades, gostaria de colaborar quanto melhor para que esse entusiasmo fosse mais que uma chama e se comunicasse a todos que a rodeiam. As crianças eu sei que dão valor porque aqui em casa tanto os meus filhos quanto seus amigos falam das suas aulas com empolgação.

Depois dessas palavras (que não são apenas meras formalidades) devo dizer que me senti comovida de verdade com sua carta- pois há muitos anos ninguém mais me procura para solicitar nada sobre mitologia. Bom, não sei em que eu poderei colaborar já que eu sempre dei aulas para universitários e eles eram obrigados a ler as obras literárias e faziam pesquisas sobre a mitologia, sempre a partir do texto. Não vai ser o seu caso, já que você vai ter que, à maneira das aves, digerir e deixar que os "filhotes" então comam o que você lhes vai oferecer. De todo modo, vou tentar.

As mulheres da Grécia antiga eram, do ponto de vista civil, comparadas aos escravos, istó é, não tinham direitos. Não podiam participar da vida da cidade, pois não votavam e nem ao menos saiam para fazer as compras da casa: ir ao mercado era atribuição do homem. As mulheres também não escolhiam seus maridos nem educavam os filhos homens, que aos sete anos eram separados das mães para viver entre os homens da casa. Depois de casadas as mulheres passavam a pertencer à família do marido, de quem usavam os nomes. A partir do casamento, as mulheres deixavam de existir para as suas famílias,

como se tivessem morrido ou mesmo nunca nascido. Elas viviam dentro da casa, saindo apenas para ir aos templos, consultar os deuses, ou para ir ao teatro, que era também uma forma de culto. O teatro, por ser dedicado ao deus Dioniso, era sagrado. Mas o papel das mulheres nas peças era desempenhado por um homem, já que nem ao menos se podia imaginar uma mulher como atriz de teatro.

Já as deusas eram bem mais livres: Atená (Minerva entre os romanos) era decidida e respeitada entre os demais deuses do Olimpo. Preferiu conservar-se solteira (e talvez mesmo por isso era a deusa da sabedoria!) mas poderia ter-se casado como Hera (Juno entre os romanos), protetora dos lares e ciumenta esposa de Zeus (Júpiter) mas não menos decidida e temida. Ou também poderia viver mais para as amizades coloridas como Afrodite (Vênus), primeiro símbolo sexual do Ocidente, nascida do esperma de seu pai caído na espuma do mar. As deusas tinham bem poucos atributos femininos, talvez porque só as conhecemos através das obras literárias, escritas pelos homens daquele tempo, para os quais a mulher era servil, atributo que não poderia caber a uma deusa.

Você, Nanci, tem muita razão em querer tocar nesse assunto com seus alunos. No poema do Chico Buarque, as mulheres de Atenas são figuras bem diferentes das figuras femininas que os gregos de antigamente conheciam. Não se esqueça que o Chico é um poeta do nosso século, um poeta da alma feminina, sem machismo, que compreende e exalta a força da mulher. Mas bem poucos poetas gregos tiveram a mesma visão. Mulheres como Electra ou como Antígona, figuras míticas mas não deusas, são exceções. Acho mesmo que a literatura ocidental (a oriental não conheço) não tem tratado a mulher com muito respeito e honestidade. A nossa cultura é uma cultura feita por e para os

homens, não é mesmo?

As mulheres gregas e romanas eram tão escravas quanto a mulher do século XIX. Não estavam presas aos tabus de virgindade e pureza, próprias do cristianismo, e nesse sentido eram mais felizes pois a sexualidade não era encarada como pecado. Alguns autores, como o poeta cômico Aristófanes, mostraram isso em algumas ocasiões. Numa de suas comédias, Lisístrata, Aristófanes mostra as mulheres recusando-se a ter relações sexuais com seus maridos enquanto eles não determinassem um tratado de paz e acabassem com a guerra. Elas vencem e a guerra termina. Mas onde se pode ver a sua liberdade é quando algumas tentam furar a greve, recebendo os maridos em [illegible].

Talvez você possa fazer um bom trabalho com eles se levá-los a observar o papel feminino nos diversos mitos e a fazer uma comparação entre as deusas e as mulheres mortais, por exemplo .

Continuo a seu dispor e ao de sua substituta para o que der e vier. Claro que os meus filhos estão contentes, tanto quanto eu, com a sua carta. Eles consideram importante que uma professora procure saber sempre mais para ensinar a eles e isso os torna muito seguros e importantes. Eu vou procurar nos meus guardados algumas coisas que possam interessar ao tema. Quanto aos jogos olímpicos, é bom ir logo mostrando que era um clube do Bolinha: mulher, nem pensar. Se você quiser eu posso fazer algumas anotações sobre os jogos olímpicos.

Um grande abraço da sua já amiga

Rosa

P.S. Meu telefone, para qualquer papo, é 285-2323. Eu moro aqui em frente, na rua Senador Vergueiro, 45, apto 1004.

Nanã*, 13/9/83

Bem, você mata de prazer uma família inteira: meus filhos comem, dormem e sonham mitologia e eu tenho orgasmos intelectuais só de me sentir útil a alguém como você!

Agora, vamos às respostas:

(1.) Estarei na Bahia e dia marcados, com slides e toda a parafernália para você selecionar o que lhe interessa.

(2.) O teatro como ritual vai ser preparado com texto meu (que você certamente vai ter que adaptar ao seu público) e ilustrações escolhidas pelo Arthur, que está um verdadeiro mestre em famílias malditas, achados arqueológicos, medalhas e o escambau.

(3.) Aliás, o dito Arthur assumiu a árvore genealógica de Agamemnon, ou melhor, a da família dos Átridas (aqui em casa é assim, cultura em grande profundidade!).

(4.) Sobre a Medéia, virei levar o resumo da peça mas não tenho as músicas da peça do Chico, A gota dágua

(5.) A Sonia está uma verdadeira doutora em arquitetura grega e romana. Distingue as colunas gregas das romanas, as construções em arco, os aquedutos, mosaicos, e tudo o mais. Se quiser, explore.

(6.) Por último: o livro de mitologia fica para você, e presente nosso. Espero que a Raphaella faça bom uso, um dia.

*(é assim que se escreve? Etimologicamente deveria ser; significa "a mensageira de Deus")

P.S. Ave, Cesar! de mão direita fechada no peito, é saudação fascista, da Itália de Mussolini, e eu me permito ter traumas porque sou filha de italiana, neta de italianos nas fascistas, presos e torturados no tempo do Getúlio. Desculpe, sua intenção é boa, mas a saudação costumeira entre os romanos era VALE!, que significa saúde! Não é bem mais poético do que uma saudação militar?

Vale!

Rosa

Querida Nanda,

Você não tem que agradecer nada. Eu é que agradeço a oportunidade que me dá de mexer novamente com isso tudo que eu adoro.

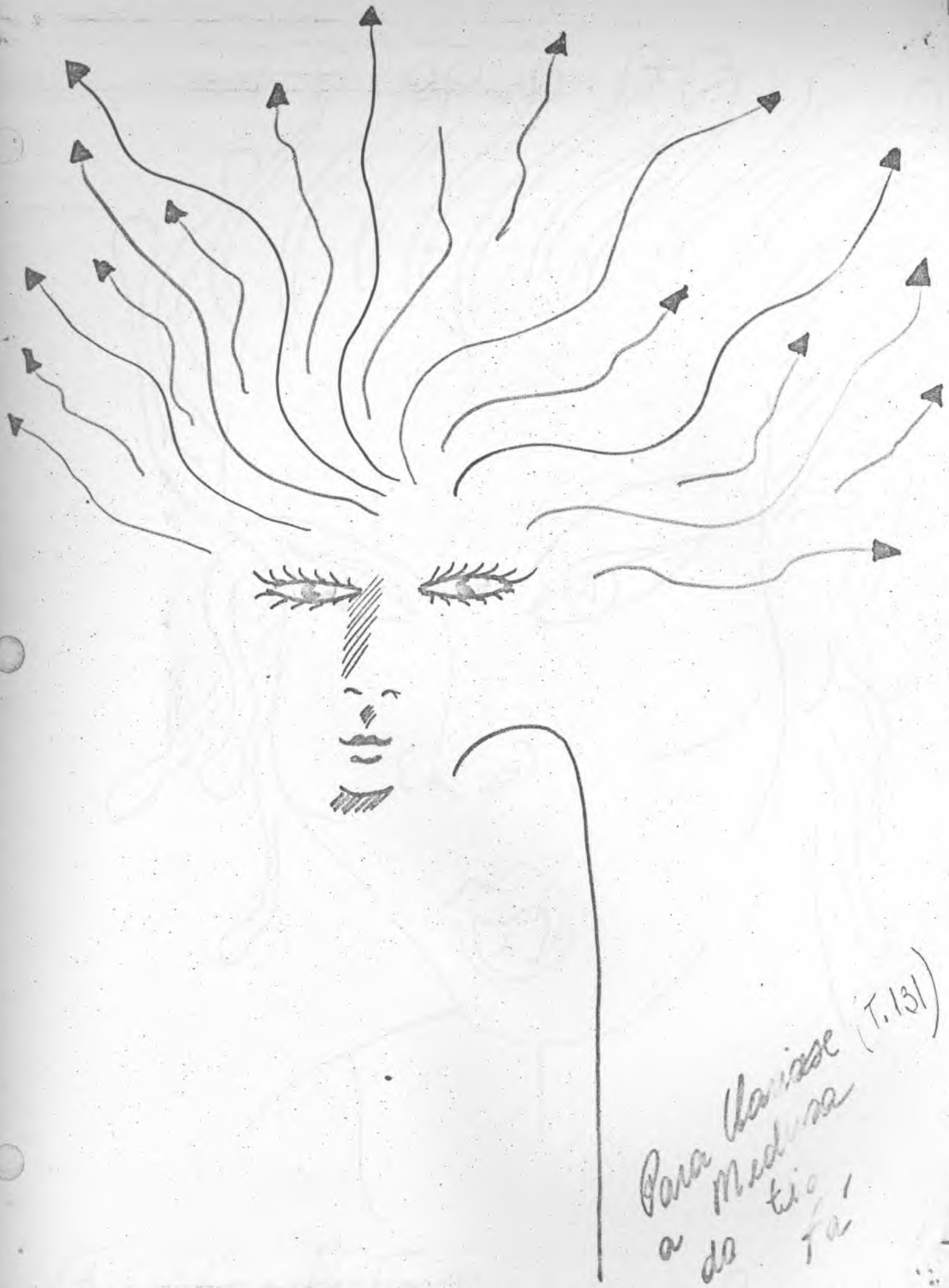
Não prometo mas vou ver ~~qual~~ gente que viaja ou com o pessoal do consulado pr conseguir um lindo anel para você (usa-se no dedo indicador, você sabe). Aliás, se eu pudesse dava tudo, mas é o que sobrou. Dei medalhas a pessoas que, eu soube depois, jogaram fora! E custa tão barato, se não fosse o peso e eu vem reclamaria de ter dado as medalhas, porque viajei de avião e tive que trazê-las como bagagem de mão.

Estou interessadíssima na representação do Édipo da qual você me falou. Se você não quiser mandar pelas crianças a resposta, meu telefone é 285-2333. O endereço é rua Senador Vergueiro, 45, apto 1.004, aqui em frente ao colégio. Pode aparecer com a Rafaela, aliás até deve. Estou imaginando que temas você vai oferecer às crianças no ano que vem! Quem sabe, viagens espaciais, a partir de Júlio Verne? Ou ficção científica, tendo como base o mesmo autor? Você leu 1984? Pois é, vai ser um ano bom para deixar a imaginação voar.

Beijocas da sua

Rose

P.S. – Você viu que em São Paulo também estão encenando o Édipo, com Itala Nandi no papel de Jocasta? Deve imaginar!


Para Vanessa
a Medusa
do tio Tá!
(T. 131)

Carmen Lúcia Castro (Mãe da Daniela C T. 134)

Cap. 4 Nota 7

Axé, Nanci!
Um beijo do Diego

Rio, 15/10/83

Nanci

Nossos agradecimentos por tamanho estímulo à leitura e ao conhecimento do Mundo que você dá ao Diego.

Obrigada

Nelia e
Celso.

Rio, 12 de março de 1984

Nanci

Bom dia.

Diego lembrou-se muito de você durante nossa viagem ao México e ao Peru, em janeiro e colheu das Pirâmides Astecas um pedaço de pedra vulcânica (a maior) e de Machu-Picchu um pedaço de pedra de pó avermelhado, o que, segundo um historiador de ruínas denota o uso de barro (cerâmica) no local, na fase da invasão espanhola, quando os índios fizeram de lá um dos seus últimos redutos.

Vai junto, também uma aliança de casamento dos índios mexicanos (Taxco) e uma batata desidratada pela mesma maneira com que faziam os quechuas no Peru p/ acondicionar os alimentos.

Um beijo nosso.

Nélia de Castro

13 Bernarde 142

A bibliotera infantil

- Atênçaõ, "elementar meu caro Watson" Começava a aula taõ esperada de bibliotteca, a misteriosa Nanci começa sua enigmática aula, cheio de mistérios e ali atrás vimos Mara, a secretária com cara de que gosta da aula e gostaria de dar os enigmas (1984)

- atenção, "ai... ai...", começava a aula romantica, como sempre a personalidade da Nanci sempre muda de acordo com o tema. (1985)

- Agora, "Luz... Camêra ... Açaõ" começava a aula de Myrian Monrou, Charli Chaplin e outros, mas a Nanci foi embora e a Mara pode realizar o seu sonho, mas isso três meses depois mudou, o destino lhe pregou uma peça e ela mudou de emprego. A Lali parece que vai continuar

Para Nanci*

...AS { Perdoem-nos se invadimos este espaço que não é nosso.

...ICA 6 { Está entre nós alguém de quem gostamos muito

...TA 6 { alguém de quem temos muita saudade.

...RA 6 { Reunimos, então, colegas da 7ª série

...LUCIANA 6 { e queremos homenagear:

...NICA ...AS 8 { Nossa amiga Nanci*!

...LA 6 { Ao nos introduzir no mundo dos livros, você, Nanci*, nos desvendou um mundo de beleza,

...CA 8 { um mundo que está à espera de quem o encontre.

...a { Mas, nem todos tiveram a Nanci* para revelar a SENHA.

...AS { Que sorte a nossa!!!

...erta { Penetramos em mundos encantados

...la { em ambientes misteriosos

...ca { em salas de horror

...nica { vivemos tragédias

...BERTA { passeamos por jardins românticos

...LUCIANA { Em nenhum momento, nas nossas andanças, encontramos portas fechadas

Rô, Su, Leca, Mônica, Lava, Isabela

ica { ou assuntos censurados...

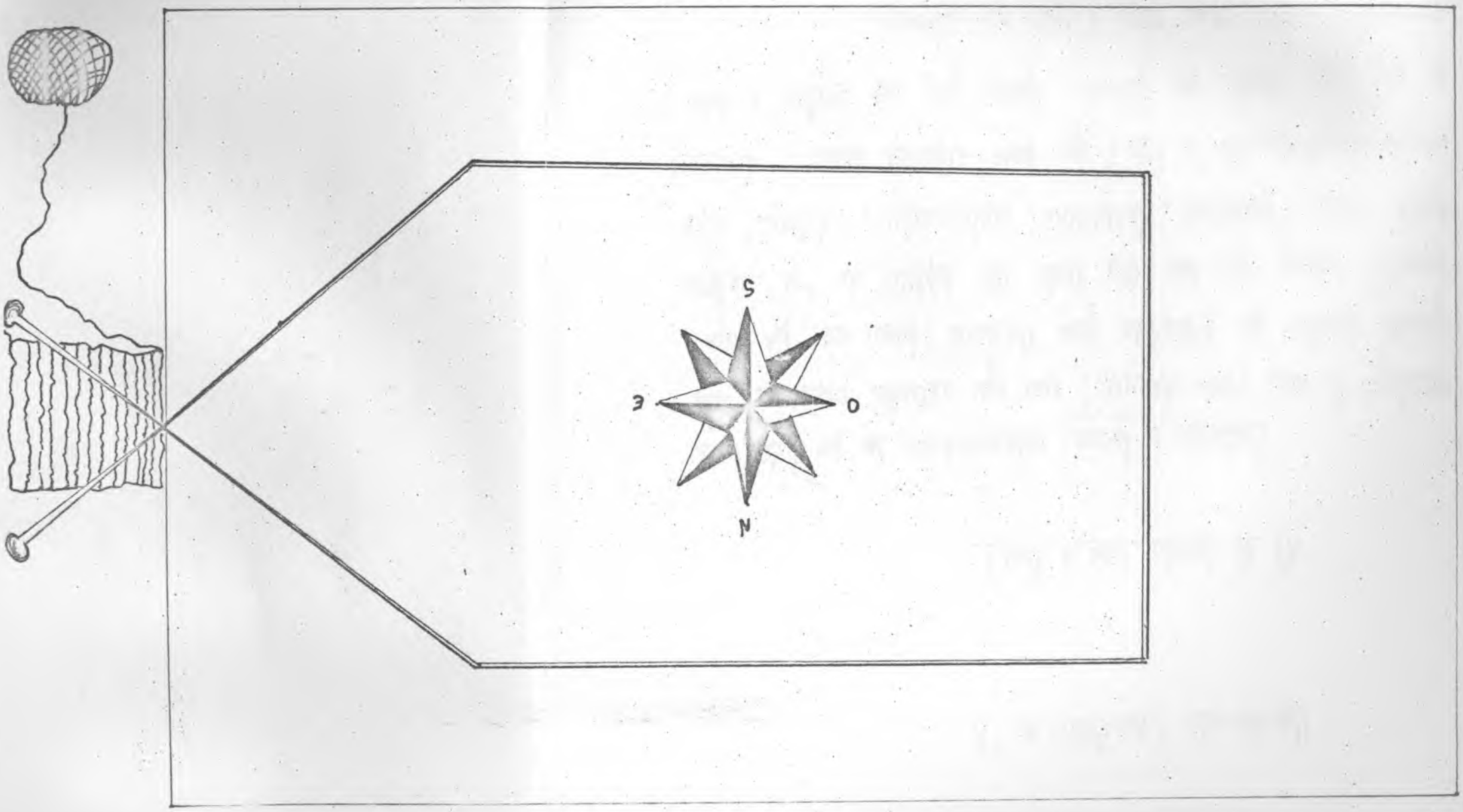
iana { Entramos no mundo da Mitologia

E até fofocamos com Édipo !!!
Isso você conseguiu, Nanci*:
Você preparou os nossos olhos
e a nossa cabeça
para ver a beleza sempre que a encontrarmos
Haverá beleza maior do que o momento
em que somos despertados para a vida
e para a compreensão do mundo, quando
desenvolvemos o sentimento de liberdade?
SPARTACUS!
Zumbi dos Palmares!!
Tiradentes !!!
Ou quando somos levados gentilmente
a criar
Operação enfermagem
Hospital dos livros!
São momentos como esses que vivemos com
você, Nanci*
que nos acompanharão para sempre
A memória é uma noite cheia de estrelas
A estrela que você plantou em nós, brilhará
sempre
E sempre vai aquecer nosso coração!
Receba, amiga Nanci*
nosso abraço apertado
juntinho do coração
e guarde estas palavras que traduzem
o que sentimos por você
e pelo trabalho que fez conosco:
Felizmente a luz da lua não sabe
Fica em cima da água

e a nossa cabeça
para ver a beleza sempre que a encontrarmos.
Haverá beleza maior do que o momento
em que somos despertados para a vida
e para a compreensão do mundo, quando
desenvolvemos o sentimento de liberdade?
SPARTACUS!
Zumbi dos Palmares!!
Tiradentes!!!
Ou quando somos levados gentilmente
a criar
Operação enfermagem
Hospital dos livros!
São momentos como esses que vivemos com
você, Nanci*
que nos acompanharão para sempre
A memória é uma noite cheia de estrelas
A estrela que você plantou em nós, brilhará
sempre
E sempre vai aquecer nosso coração!
Receba, amiga Nanci*
nosso abraço apertado
juntinho do coração
e guarde estas palavras que traduzem
o que sentimos por você
e pelo trabalho que fez conosco:
Felizmente a luz da lua não sabe
mergulhar. Fica em cima da água
prateando a baía.

NOMES:

8. Eu anexo, um tributo de aluno da época em que ainda frequentava a biblioteca, depois do período estudado. É o texto escrito por co-autoras desta Biblioteca, encenado em forma de jornal, durante homenagem recebida em Feira de Livros no referido colégio, depois do período em questão (1980-1986). No primeiro, a se notar a percepção almejada de que vão-se os bibliotecários e fica a Biblioteca e, também, a bela imagem de "cadeia de assuntos". No segundo, as "partes" do processo de trabalho desembocando no "todo" do Conhecimento. Objetivo alcançado, podemos dizer?



CCC

5. CONCLUSÕES (ou FIM DA VIAGEM) (?)

Primeiro eu acho, depois eu procuro.
Picasso

Concluindo (conclui-se?):

A) O tecido (ou a teia)

Conteúdo e forma entrançaram-se por todo o caminho. A rede (meu discurso) com que intentei capturar esta grande questão da biblioteca para crianças parece-me, por vezes, frágil. Talvez por isso um texto tão repleto de "se", interrogações, aspas, parênteses, travessões, exclamações, "talvezes", afirmações negativizando-se (se é que posso expressar assim). Sintomas de um dizer ainda em dúvida, parece que me explico a todo momento — mas acho mais é que me procuro.

Nesse sentido, tem consistência, creio, a decisão de contar o acontecido num grande bloco e, em separado, como uma imensa nota de rodapé, refletir sobre o que aconteceu — são as

(*) feitura da dissertação

"Notas e Citações" que compõem como que uma dissertação à parte.

Se a leitura é "como uma produção de sentidos [...] esse processo está determinado pelas condições de produção da leitura [que] configuram uma leitura provável para o texto [...]", diz Mônica Zoppi Fontana aludindo a Eni Orlandi (FONTANA, 1991, p. 49). E acrescenta que "Foucault (1970), ao descrever os diversos procedimentos internos de controle do discurso, define o Comentário como um jogo de identidade do texto consigo mesmo, como uma repetição indefinida do mesmo, cuja função é a de conjurar o acaso do discurso" (op. cit., p. 49). E anuncia a bela imagem de Orlandi de que as notas são como "um movimento descentralizador do texto: as notas são o sintoma do fato de que um texto é sempre incompleto, e que se podem acrescentar novos enunciados, indefinidamente... (elas) procuram ser as suas margens, limites laterais... colocando-se como suplementares ou como acréscimos marginais ao texto, constituem não um discurso sobre o discurso, mas um "discurso paralelo" (e posterior)... que intervém no interdiscurso (o mesmo) sob a forma do intradiscurso (acréscimos)" [...] Assim, o próprio do funcionamento das notas é que elas se apresentam como dizendo finalmente o que já estava articulado (dito de outra maneira) no texto

as notas

[...] explicitação do implícito, do esclarecimento do confuso, da reposição do ausente, e, encobertas pela ilusão do "nada de novo", teceu uma malha fina através da qual os sentidos são peneirados, triagem esta que legitima só alguns sentidos, silenciando outros (grifo meu)" (op. cit., p. 49).

Resta depreender: o que foi dito? o que foi silenciado?

B) A linha (ou o nó)

avaliação qualitativa

A "conclusão" anterior, como um fio, puxa outro pensamento: o que reflete a questão da avaliação qualitativa. Foram precisos cento e dezesseis empurrões para que aprendesse afinal sobre isto. Foi preciso esquecer o tão repetido discurso do rei sobre ser o "visível", o mensurável, o "científico" somente o que valeria a pena no mundo acadêmico: ver como as coisas funcionam, ver suas partes, cada uma, e medi-las, testá-las, dissecá-las. Foi preciso pensar e aprender sobre o todo, foi preciso exercitar o exercício da síntese para saber, afinal. "Vejam bem, quando disse sabedoria, não estou querendo dizer saber como as coisas funcionam. Isso é fácil. Um pouco de não sei quem, um pouco de como é mesmo o nome, e a leitura diária dos jornais,

e uma cabeça de segunda imagina que sabe o que está aí. Mas o que se passa, mesmo? (Paulo Leminski, Agora é que são elas.)

Era preciso contar para explicar o modelo, e, assim, defendê-lo como bom e possível. Era, pois, necessário partir da prática. E, aí, o impasse: onde estavam as medidas, os números, as quantidades? As estatísticas? Aqueles milhares de papéis rascunhados, ou aqueles outros tantos com letras infantis, ou ainda os outros de frases aprisionadas pela linguagem da Sra. Administração me serviriam de prova? Seriam eles, afinal, meus dados neste louco (e enlouquecedor) jogo do dizer?

partir da PRÁTICA

Até que eu aprendesse que qualidade também legítima. E que — mais que tudo — não é opositora da quantificação. É, isso sim, a outra face da moeda, a outra agulha do tricô, o outro elemento do par. "Não se trata [...] de estabelecer entre qualidade e quantidade uma polarização radical e estanque, como se uma fosse a perversão da outra. Cada termo tem sua razão própria de ser e age na realidade como uma unidade de contrários. Ainda que possam se repelir, também se unes tiram. A quantidade não é uma dimensão inferior ou menos nobre da realidade, mas simplesmente uma face dela. E a qualidade não precisa inevitavelmente significar enlevo, espiritualidade [...]

quantidade e qualidade

quando entra o fator humano, as condições objetivas nunca são tudo, assim como as condições subjetivas não são tudo. Não se trata de absolutizar uma ou outra, mas de perceber a propriedade de cada uma." (DEMO, 1987, p. 14-5; p. 72).

Mas, aprendendo isto não estaria disto me valendo para desaprender outras aprendizagens? ("O pior cego é o pior surdo são os que enxergam e ouvem só aquilo que lhes é imposto" – Hélio Pellegrino, A burrice do demônio). Pois que meu desejo (sempre ele!) não estaria a mim impondo um caminho que me facilitasse e, ao me facilitar, se impusesse como o único possível? Tento seguir os "três procedimentos capazes de acesso qualificativo [...]: convivência, vivência e identificação ideológica." (DEMO II, 1987, p. 308) e, para o mais complexo – a identificação ideológica – acredito também que, menos sofrido do que o "distanciamento" propulsor da tal neutralidade científica, é assumi-la: "À semelhança da psicanálise, não se supera o que se reprime. Em vez de fazer da ideologia o tabu da ciência, fazemos dela a sombra natural, perfeitamente dialética no contexto de uma realidade conflituosa e dinâmica. Assim, uma vez assumida como fenômeno normal, é possível colocá-la à luz e controlá-la pela vigilância, pela transparência, pela crítica e autocrítica." (op. cit., p. 309). Mas, atenta, disponho-me, como pede o autor, ao compromisso da "discutibilidade: só será aceito como científico aquilo que

acesso qualificativo

for discutível. Esta postura realiza dois efeitos fundamentais [...] de um lado, permite que se defendam compromissos ideológicos, com o devido ardor; de outro, coloca todo e qualquer compromisso ideológico como discutível, e, em consequência, como sujeito a revisão, a mudança e também a confirmação." (op. cit., p. 309).

Explico: uma das mais comuns indagações sobre o modelo é se ele serviria para se trabalhar com "qualquer tipo de criança", querendo se dizer se ele — devido aos seus elementos constituidores trabalharem com dados supostamente direcionados a uma camada determinada do estrato social —, poderia servir a outro. Ou seja, Drácula, Frankenstein, Spartacus, Édipo, tragédias gregas, mistérios resolvidos por detetives belgas ou chineses, ficção científica etc. seriam realmente assunto para toda e qualquer criança? A indagação dirige-se sobremaneira aos procedimentos com as ditas "crianças carentes". Explicito, então, minha "posição ideológica" aqui para fornecê-la às discussões enriquecedoras.

o modelo é aplica-se a qualquer meio / estrato social?

Certamente é determinante para a lida com a Biblioteca a percepção de que tanto ela quanto seu usuário estão inseridos na história, no social, deles fazem parte, são seus produtores e, num certo sentido, seus produtos. Ainda: é principal a percepção do compromisso político da Biblioteca, que, enquanto instituição, não pode existir independente da realidade histórico-so-

cial, de onde é parte fundamental. Portanto, o modelo, com certeza, considera a realidade concreta e, mais, a analisa criticamente. No entanto, estamos — no modelo — falando de Imaginário infantil e, se o dividíssemos em Imaginário das crianças ricas, Imaginário das crianças pobres, Imaginário das crianças européias, Imaginário das crianças brasileiras, estaríamos deitando por terra a premissa básica que norteia o modelo e que, pois, pode ser entendida como sua ideologia. Certo é que o Imaginário infantil, em sua face mais aparente, desdobre-se em camadas mais ou menos significativas para este ou aquele segmento — os símbolos (talvez se eu não fosse tão principiante no assunto os denominasse aqui de signos?) variam, por exemplo, para uma criança européia e uma criança latino-americana. Porém, em suas camadas mais profundas, o Imaginário (e aqui atenho-me ao infantil, pois é a criança meu objeto de estudo, embora saiba que a criança é o homem) é o idário universal. Se para uma criança européia é a Baba-Yaga e para uma criança brasileira é a Mboura Torta, para as duas é o símbolo da sombra que está em cogitação. É o mal, é a bruxa, é o medo, são as trevas a lutar contra a luz dentro de nós. (Talvez, afinal, esteja falando de arquétipos?)

imaginário infantil

Por isso tento sempre deixar claro que o modelo pode ser trabalhado, sim, com "crianças correntes", pois talvez, até, estas cheguem tão rapidamente ao âmago da questão, que nos sur-

preendam, quem sabe porque no processo de individuação (interno, individual) — por si só já tão sofrido — ainda por cima tenham que contrabalançá-lo com as pressões do mundo externo, tão arrasadoras para alguns, num duelo tão mais constante, tão mais ferrenho que as torne tão mais guerreiras.

processo de individuação

O que o modelo não poderia deixar como secundário (e não o faz) é a percepção das diferentes realidades sociais. Ela é, inclusive, a grande força motriz para que ele seja defendido: um modelo de biblioteca para Crianças que procura um "currículo" baseado no Imaginário infantil, a fim de que, através da individuação (o mergulho em si para o crescimento enquanto indivíduo), ocasionado pelo convívio com os símbolos, este indivíduo — assim burilado — perceba a realidade de forma crítica e a transforme.

percepção de diferentes realidades sociais

No fundo é o que aprendi (compreendi, como me ensinou ela), não em estudos de Metodologia, mas em aulas de Literatura Infantil que se chamavam "Horadas da Infância": o método (metá + hodós) é, muito mais do que somente "caminho através do qual" se segue, "caminho com o qual se segue"; é também (e, aí, minha "ideologia") "caminho ao fim do qual se deve encontrar algo". E, sistematizando para publicar um escrito, ela diz exemplificando com Riobaldo, de Guimarães Rosa: "Sempre minha maior é de uns

o método

como o senhor, com <u>toda</u> [grifo meu para assemelhar ao universal do Imaginário] a leitura e numa doutoração. [...] Pois o que ele realmente proclama é seu pesar por não ter descoberto o livro como fio de experiências virtuais de <u>qualquer um</u> [grifo meu], e como <u>desafio às vivências reais de cada um</u> [grifo meu] [...] Porque ao fim da jornada, Riobaldo é dúvida. Todavia, seu método de viver chegou certo. Chegou ao homem-de-mesmo, com seu enigma. Afinal, quero dizer que se o metá do método indica um percurso <u>com</u> e <u>pelo</u> texto [acrescento eu aqui o Imaginário], também indica um ponto de chegar. Neste ponto, sempre se desembarca nas enigmáticas moradas do homem. Moradas do era uma vez..." (DOBREGA, 1980, p. 229-30; p. 244-5 e notas de aulas).

Exemplos tenho, mais de um: posso apresentar aquele momento na Biblioteca Popular da Quadra, cercada de crianças das escolas públicas da região curiando de olhos tão boquiabertos e iluminados quanto as crianças da biblioteca aqui mais analisada (de escola particular, zona sul do Rio de Janeiro) sobre o ciclope vencido, cego de seu olho que antes tudo via a gritar aos quatro cantos do mundo: Foi ninguém! Foi ninguém! — e dizer que depois, no meio dos desenhos sobre a história que me mostraram, vi num deles um Polifemo de gravata, banhado em sangue. Ou aquele outro momento, junto a pessoas que resolveram ajudar suas comunidades pobres e, donas de casa, estudantes, aposentados foram "aprender" a contar histórias e a

trabalhar com Biblioteca para Crianças, arregimentados pelo Projeto Caixa Mágica, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil: no Mundo de Antigamente, escolhido por eles, as reflexões nos levaram dos dinossauros aos bondes do "Rio de ontem", às "melindrosas", aos vendedores ambulantes de pé-de-moleque, aos tocadores de realejo das ruas de um "lugar que não existe mais, de um tipo de gente que se não existe mais porque, como os dinossauros, foram vencidos pela roda da vida e, enterrados no mar da não-memória, são passíveis de resgate através da memória (desejo) de alguns e, assim, possibilitados de, quem sabe, simbolizar a resistência" (transcrição empobrecida das palavras de explicação sobre porque escolheram tais elementos constituidores do tema gerador de interesse de leitura). Foi belo participar daquelas descobertas, ouvindo-vendo serem retirados do "baú da memória" (um saco cheio de pontos de interrogação feitos em cartolina e pintados com guache) as cantigas de roda, as brincadeiras, as músicas, os causos narrados pelos velhos contadores de história, e assim por diante. Foi belo ver o pulsar do coração de senhores e senhoras e suas recordações e calma (tristeza?), misturando-se com as palavras carregadas do guerreiro desejo dos jovens estudantes, uns e outros aprendendo <u>entre</u> si e "<u>com</u> si". Nomes "de resistência" eram apontados: Cartola, Leupiscínio, Raul Seixas etc. — dinossauros? símbolos? E eu, saltando do círculo que não mais precisava de minha pessoa, estarrecida — como sempre — num canto, a observar. E a dizer baixinho em mim: Guimarães Rosa, Clarice, Tati, terra-sem-males, Janus, aurin...

Pois é. Eis aqui minha ideologia passível de discussão para ser ainda mais enriquecida. (Só peço arrego e declaro que a mim é sofrido demais o distanciamento, já que ainda não possuo o necessário "treinamento formal metodológico [oferecido pela ciência clássica]" cuja "prática da neutralidade científica por parte do sujeito significa distinguir, pela via do distanciamento, entre sujeito e objeto, à luz dos procedimentos das ciências naturais. A noção metodológica de "dado" contém esta crença: dado é aquilo que se impõe objetivamente ao sujeito, que se encontra como coisa externa, que pode ser analisado à distância, sem compromisso político algum" (DEMO II, 1987, p. 309). Talvez, quem sabe, no Doutorado eu compreenda melhor e retifique — ou ratifique — esta decisão. Agora, mea culpa: não consigo, estou perto demais.)

c) A agulha (ou a tesoura)

Mas para tudo isto viver, para este modelo aqui anunciado ganhar vida é preciso que o profissional que nele se coloque, se coloque por inteiro. É preciso, muito fortemente, gostar de pessoas, tanto ou mais do que de livros, já que é aí que está o âmago da questão.

Pode-se tentar um esboço das partes componentes

para este profissional (sem esquecer-se, no entanto, que elas formam um conjunto interrelacionado, umas agindo sobre as outras, umas com as outras). Nesse sentido, o que vem a seguir nunca poderia ser uma listagem em ordem hierárquica, nem tampouco de cunho conclusivo. O que se esboça aqui são mais impressões ditadas pela (con) vivência:

Reflexões sobre o profissional para este "modelo" de bteca.

a- se o modelo pressupõe uma biblioteca para crianças "mexedora" do interior dos indivíduos e, consequentemente, uma agradora de conflitos para a compreensão crítica do real, é preciso que o seu bibliotecário tenha a "capacidade de contaminar" (DEMO, 1997, p. 33), ou seja, não uma habilidade de tirano (na seleção do seu acervo, de suas atividades em torno da leitura, sua escolha crítica e consciente será, ao mesmo tempo, reflexo do desejo do usuário e espelho de sua capacidade de buscar a informação coerente com seus objetivos de implementação do burilamento do indivíduo e do social), mas uma sedução de mestre orientador, de intermediador entre o leitor e a sua informação estimuladora;

b- sendo intermediário, ponte, deverá ser, acima de tudo, um facilitador do processo de comunicação da criança com o mundo, com o real. Deverá proporcionar a chance da criança dizer sua fala, sua palavra, seu discurso;

c- nesse processo de conscientização que ele for-

sibilitará, o bibliotecário deve ter a competência, inclusive técnica, para fazer da biblioteca um espaço do lúdico, do prazer; competência

d – portanto, ele conduzirá, pois que é educador (veja-se a etimologia do termo educar: educere = conduzir), sem impor, por caminhos que sejam coerentes com os passos infantis. Para tanto, há que respeitar a criança, compreendê-la e, assim, conhecê-la;

e – será um "fundador de mundos" (ALVES, 1983, p. 26); para tal, exercitando ao máximo sua capacidade de imaginar, arriscando-se em sua ousadia de sonhador, de instigador, de eterno convivente com o assombrar-se diante da vida – um inquieto;

f – deve buscar incessantemente, através da curiosidade intelectual, assenhorar-se de cultura geral para que possa transitar no meio de referências, idéias, palavras;

g – terá, profundo, um compromisso político com a criança, com o ser humano, com sua realidade histórico-social, buscando sempre a lucidez dos poetas;

h – especulará sobre sua formação, sua carreira constantemente, dela perpassando os ensinamentos e percebendo criticamente as ausências para uma avaliação do seu fazer. E

falará, pois "a fala é fundamental" (MILANESI, 1986, p. 125). Para exercitar, inclusive o aprendizado de perceber sua palavra e a palavra do Outro. Para verificar sua busca em torno da questão crucial, "sem a qual todas as outras perdem o sentido: por que bibliotecas?" (op. cit., p. 126). E, junto com a palavra, buscará a ação, pois "teorizar deve ter como equilíbrio o agir, a prática." (op. cit., p. 137);

i – possuirá senso de humor, fazendo da alegria elemento constituidor de sua práxis;

j – não abrirá mão nunca de, burilando-se constantemente, ser a pessoa que é, numa seriedade de propósitos, numa honestidade de intenções diante da criança – o Outro – que, assim, também poderá ser. É preciso, todavia, possuir o "caráter adequado às tarefas que o ensino requer", aplicando "ao domínio da educação, preocupações de uma certa filosofia existencial que define o indivíduo por sua existência e as situações nas quais se integra, de forma que o educador e o aluno se definem, tanto por si mesmos, quanto pelo parceiro que lhes assinala a educação"; que possua a "atitude de um professor [educador] de personalidade forte, que vive verdadeiramente os valores que ensina" (MARCHAND, 1975, p. 20; p. 21; p. 31);

l – necessitará possuir a compreensão da totalidade, exercitar a síntese e, pois, a conscientização, já que como transformador (facilitador da transformação do indivíduo e da realidade

que o (crea), precisa estar engajado na "nova perspectiva" (MILANESI, 1986, p. 165) — a de que a Biblioteca "ordena para desordenar" (tese sistematizada pelo autor citado principalmente no livro do mesmo título: MILANESI, 1986). "Será impossível um exercício de desordem sem que conheçam a ordem em que vivem. A consciência da ordem é situação imprescindível para saber perturbá-la." (op. cit., p. 165);

— enfim, mas não por fim, este modelo de Biblioteca para Crianças — e seu bibliotecário deve conscientizar-se disto — pressupõe uma ligação estreita com a vida.

D) O arremate (ou o alinhavo)

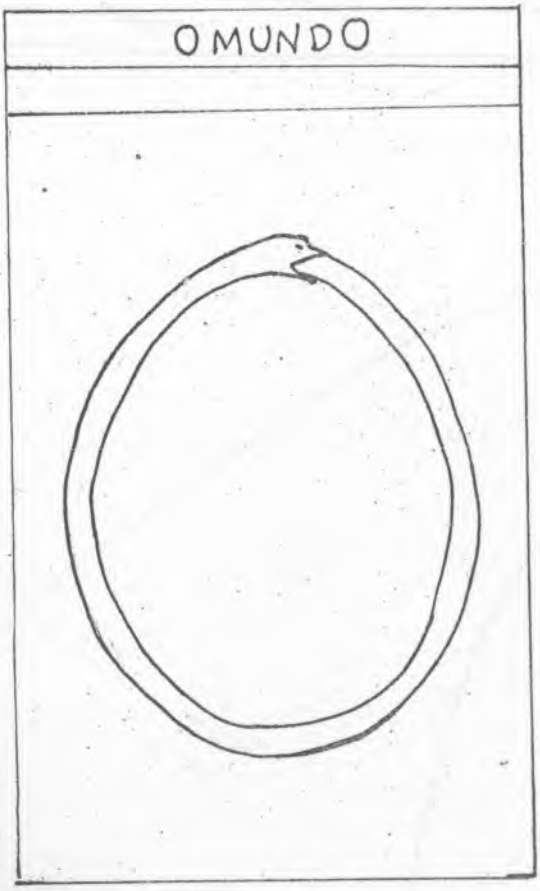
Bem sei que é um bibliotecário especial o deste modelo estudado aqui. Especial, mas não inexistente. Um que fosse muitos, tantos: Prometeu, camaleão, Sherazade, ostra, Sísifo, polvo, Orfeu, alquimista, Ariadne ...

Se a Faculdade assim nos forma? Sim e não. formação do profs. *

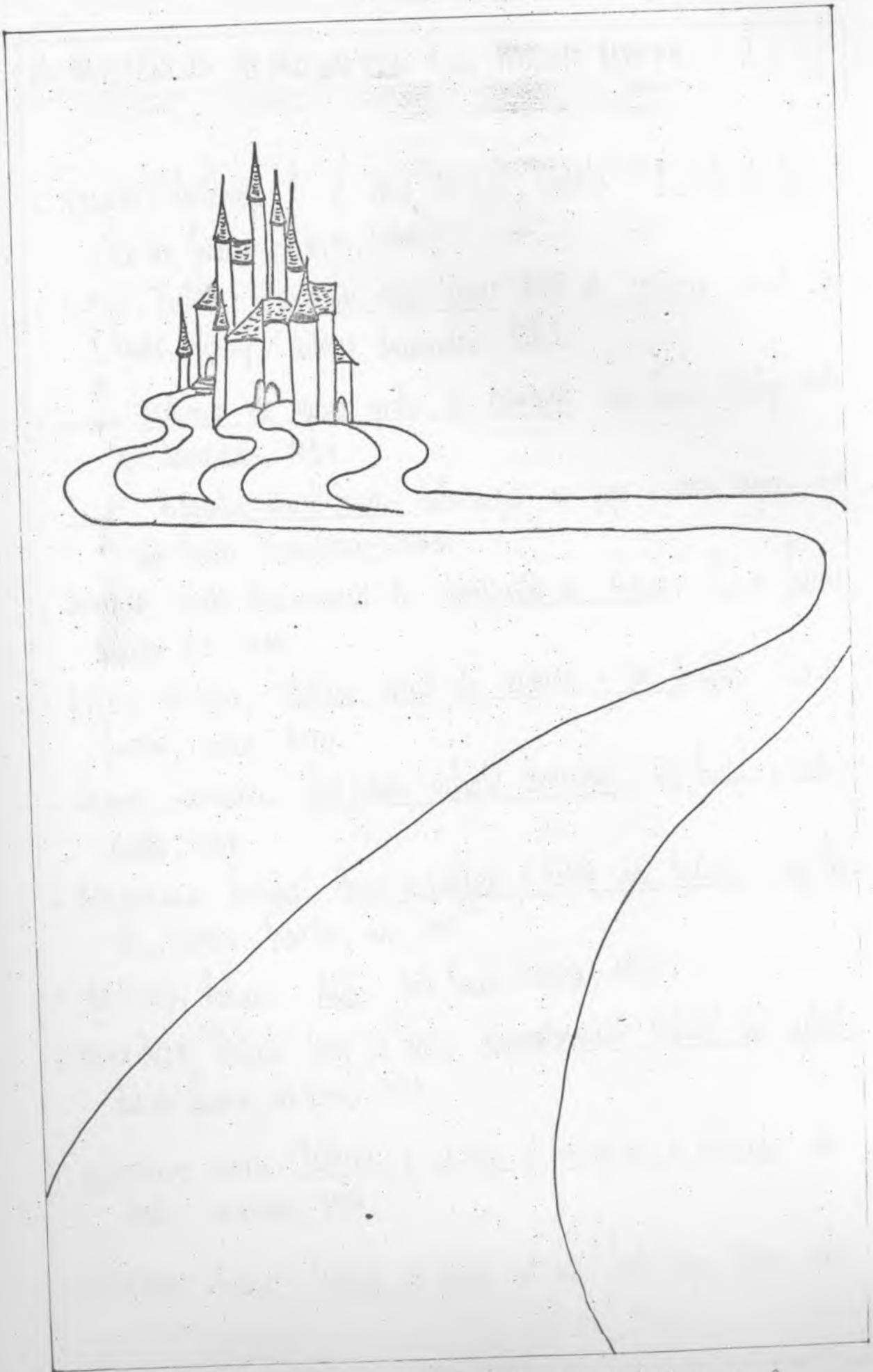
Não, na medida em que não incorpora (ou incorpora frouxamente) em seus currículos a pergunta capital: por que? Sim, na medida em que nos põe frente a frente com a tessitura desta instituição. Aí, nos faz percorrer seus corredores — universo. E, percorrendo-os, se estivermos atentos, veremos que está

tudo lá todos aqueles discursos entrecruzando-se falam-nos das possibilidades.

Se apreendermos os sentidos, ambiciosamente, inquietadamente, poderemos também colocar-nos lá. **E:**



(ESQUEMA da lâmina "O Mundo" inspirado em SHERMAN-BURKE, J. & GREENE, L. Faró muito lógico. São Paulo, Siciliano, 1988.)



6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (ou PRÓXIMA PARADA: ...)

. ADLER, Mortimer J. & VAN DOREN, Charles. A arte de ler. Rio de Janeiro, AGIR, 1974.

. ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de ensinar. 6.ed. São Paulo, Cortez / Autores Associados, 1983.

. ___. Estórias de quem gosta de ensinar. São Paulo, Cortez / Autores Associados, 1984.

. ___. Filosofia da Ciência; introdução ao jogo e suas regras. 6.ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.

. ANDRADE, Carlos Drummond de. Confissões de Minas. Rio de Janeiro, América Ed., 1944.

. ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

. ARROYO, Leonardo. Literatura infantil brasileira. São Paulo, Melhoramentos, 1968.

. BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito da leitura. São Paulo, Cultrix; Brasília, INL, 1977.

. BARTHES, Roland. Aula. São Paulo, Cultrix, 1980.

. BENATHAR, Roberto Leery et alii. Desenvolvimento infantil em debate. Rio de Janeiro, INEPEDEC, 1984.

. BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo, Summus, 1984.

. BERNARDO, Gustavo. Redação inquieta. 2. ed. Porto Alegre, Globo, 1986.

• BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. 3. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

• BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo, Queiroz, 1979.

• CADEMARTORI, Lígia. O que é literatura infantil. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1986.

• CASCUDO, Luís da Câmara. Contos tradicionais do Brasil. Rio de Janeiro, América Ed., 1943.

• ——. Dicionário do folclore brasileiro. 3. ed. Brasília, INL, 1972.

• CERDEIRA, T. A biblioteca escolar no planejamento educacional. R. Bibliotecon. Brasília, 5 (1): 35-43, jan./jun. 1977.

• CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1988.

• CIRNE, Moacyr. A exploração criativa dos quadrinhos. Petrópolis, Vozes, 1970.

• COELHO, Nelly Novais. A literatura infantil: história - teoria - análise (Das origens orientais ao Brasil de hoje). 2. ed. São Paulo, Quíron/Global, 1982.

• COMMELIN, P. Mitologia grega e romana. Rio de Janeiro, Edidouro, s.d.

• CORTEZ, J. Mestres da ilustração; a técnica de ilustrações, capas e cartazes. São Paulo, Hemus, 1970.

• CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., João Pessoa, 1982. Anais ... João Pessoa, APBPb, 1982.

• DEMO, Pedro. Avaliação qualitativa. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1987.

• ——. Avaliação qualitativa II - algumas pegadas. R. bras. Est. Pedag., Brasília, 68 (159): 303-23, maio/ago. 1987.

• DOUGLAS, Mary Peacock. A biblioteca da escola primária e suas funções. Rio de Janeiro, INL/Cons. Fed. Cultura, 1971.

• DURO, Yvete Zietlow. Dimensão atual da biblioteca infanto-juvenil. Rev. Bras. Bibliotecon. Doc., 12 (3/4): 211-22, jul./dez. 1979.

• ECO, Umberto & BONAZZI, Marisa. Mentiras que parecem verdades. São Paulo, Summus, 1980.

• EDWARDS, Paul ed. The encyclopedia of Philosophy. New York, The Macmillan Co. & The Free Press; London, Collier-Macmillan Publ. 1972.

• ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo, Enc. Britannica do Brasil, 1979.

• ENCICLOPEDIA Universal ilustrada Europeo-Americana. Madrid, Espasa-Calpe, 1925.

• ESCARPIT, Robert & BARKER, Ronald. A fome de ler. Rio de Janeiro, FGV/INL, 1975.

• FERRAZ, Wanda. A biblioteca. 5. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1957.

• FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

• FERRATER MORA, José. Diccionario de Filosofia. 3. ed. Buenos Aires, Ed. Sudamericana, 1951

• FLUSSER, Victor. Uma biblioteca verdadeiramente pública. Rev. Esc. Bibliotecon. da UFMG, 9 (2): 131-8, set. 1980.

• ——. O bibliotecário-animador: considerações sobre sua formação. Rev. Esc. Bibliotecon. da UFMG, 11 (2): 230-6, set. 1982.

• FONTANA, Mônica Graciela Zoppi. Os sentidos marginais. Leitura: teoria & prática, São Paulo, 12(18): 49-58, dez. 1991.

• FRIBERG, Selma H. Os anos mágicos. São Paulo, Brasiliense, 1980.

• FRANZ, Marie-Louise von. A individuação nos contos de fada. São Paulo, Paulinas, 1984.

• ——. A interpretação dos contos de fadas. São Paulo, Paulinas, 1990.

• ——. A sombra e o mal nos contos de fada. São Paulo, Paulinas, 1985.

• FREIRE, Madalena. A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora. 3.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

• FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

• ——. Educação e mudança. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

• ——. A importância do ato de ler; em três artigos que se complatam. 4.ed. São Paulo, Cortez / Autores Associados, 1983.

• ——. Pedagogia do oprimido. 6.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

• FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. Bibliografia analítica da literatura infanto-juvenil brasileira; 1965-1974. São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL, 1977.

• ——.——; 1975-1978. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1984.

• GADOTTI, Moacir. Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito. 4.ed. São Paulo, Cortez / Autores Associados, 1983.

• HAUSER, A. Historia social de la Literatura y el Arte. Madrid, Ed. Guadarrama, 1971.

• HELD, Jacqueline. O imaginário no poder. São Paulo, Summus, 1980.

• HORTA, Maria de Lourdes Barreiras. O processo de comunicação em museus. Cadernos Museológicos, Rio de Janeiro, 1: 79-85, set. 1989.

• HUIZINGA, Johan. Homo ludens; o jôgo como elemento da cultura. São Paulo, EDUSP/Perspectiva, 1971.

• LALANDE, André. Vocabulaire technique et critique de la philosophie. 10. ed. rev. et aug. Paris, P.U.F., 1968.

• LEMINSKI, Paulo. Agora é que são elas. São Paulo, Brasiliense, 1984.

• LIMA, Lauro de Oliveira. Estórias da educação no Brasil: de Pombal a Pasquinho. Brasília, Ed. Brasília, 1974.

• ——. O livro como instrumento civilizatório. Rev. Biblioteconom. Brasília, 5 (2): 579-600, jul./dez. 1977.

• LOURENÇO FILHO, M. B. O ensino e a biblioteca. Rio de Janeiro, Superintendência Nacional, 1944.

• LOWENFELD, Viktor.. A criança e sua arte (uma guia para os pais). 2. ed. São Paulo, Mestre Jou, 1977.

• MACHADO, Luiz Toledo. O herói, o mito e a epopéia; caracteres comuns das fermentações épicas nas literaturas modernas. São Paulo, Alba, 1962.

• MACHADO, Maria Clara. Como faço teatrinho de bonecos. Rio de Janeiro, AGIR, 1970.

• MAKARENKO, A. S. Poema pedagógico. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.

• MALBA TAHAN. A arte de ler e de contar histórias. Rio de Janeiro, Conquista, 1957.

• MARCHAND, Max. A atividade do educador. São Paulo, Summus, 1985.

• MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1983.

• HAY, Rollo. A coragem de criar. 4. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

• MAZZETTI, Maria. Teatrinho na sala de aula. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1973.

• MEIRELLES, Cecília. Problemas da literatura infantil. 3. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

• MILANESI, Luiz. O que é biblioteca. São Paulo, Brasiliense, 1983.

• ____. Ordenar para desordenar; centros de cultura e bibliotecas públicas. São Paulo, Brasiliense, 1986.

• MORAES, Rubem Borba de. Livros e bibliotecas no Brasil colonial. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1979.

• ____. O problema das bibliotecas brasileiras. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1943.

• NASCIMENTO, Maria José O. & BRITTO, Luiz Percival Le. A bruxa: Educação artística e leitura. Leitura: teoria & prática, São Paulo, 10(18): 32-5, dez. 1991.

• NÓBREGA, Francisca. [Anotações de aula]. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, s.d.

• ____. Por uma metodologia no ensino da literatura infantil e juvenil. In: ENCONTRO DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, 1., Rio de Janeiro, 30 de junho a 4 de julho de 1980. Anais... Rio de Janeiro, PUC/RJ, 1980. p. 218-45.

• NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. Classificação, novas idéias para uma questão antiga. Pif Paf Puf, Rio de Janeiro, 1(1): 7-10, out./dez. 1988.

• ____. Literatura infantil como tema gerador da (i)alfabetização. Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro, 19 (95/96): 15-8, jul./out. 1990.

. NOVAES, Maria Helena. Psicologia da criatividade. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 1980.

. PELLEGRINO, Hélio. A burrice do demônio. 4. ed. Rio de Janeiro, Zoeco, 1989.

. POLKE, Lúcia Maria Alvaydo. A biblioteca escolar e o seu papel na formação do hábito de leitura. Rev. Esc. Bibliotecon. da UFMG, 2 (1): 60-72, mar. 1973.

. PONDÉ, Glória. A arte de fazer artes; como escrever histórias para crianças e adolescentes. Rio de Janeiro, Nórdica, 1985.

. PROPP, Vladimir. Morfologia do conto. São Paulo, Forense, 1984.

. RODARI, Gianni. Gramática da fantasia. São Paulo, Summus, 1982.

. SILVA, Ezequiel Theodoro da. O ato de ler; fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 3. ed. São Paulo, Cortez / Autores Associados, 1984.

. ——. Leitura na escola e na biblioteca. Campinas, Papirus, 1986.

. SILVA, Maria Bety Coelho. Contar histórias, uma arte sem idade. São Paulo, Ática, 1986.

. SOARES, Otniel Eugênio. Dicionário de Filosofia. Rio de Janeiro, INL, 1968.

. SOSA, Geraldo. A literatura infantil. São Paulo, EDUSP / Cultrix, 1978.

. SOUZA, Ruth Villela Alves de. Biblioteca escolar; instruções para organização e funcionamento de bibliotecas em estabelecimentos de ensino secundário. 2. ed. Rio de Janeiro, MEC, 1960.

* . STRONGOLI, Maria Theresa de Queiroz Guimarães. Contribuição para o estudo das estruturas profundas do imaginário infantil. São Paulo, USP / Fac. Educação, 1983. Dissertação de Mestrado.

• TARGINO, Maria das Graças. Conceito de biblioteca. Brasília, ABDF, 1984.

• TAVARES, Zeuise Fernandes. A biblioteca escolar. São Paulo, LISA/INL, 1973.

• TODOROV, Tzvetan. As estruturas narrativas. 2. ed. São Paulo, Perspectiva, 1970.

• ——. Introdução à literatura fantástica. São Paulo, Perspectiva, 197.

• YUNES, Eliane, org. A leitura e a formação do leitor: questões culturais e pedagógicas. Rio de Janeiro, Antares, 1984.

• ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo, Global, 1981.

• ——, org. Leitura em crise na escola: as alternativas do professor. 2. ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

7. ANEXOS (ou BAGAGEM)

Vamos, vamos ser trovadores agora,
no áspero mundo dos javalis.
Cecília Meireles

1. O texto nº 1 (anexo) foi solicitado à Janete Rocha Lima, chefe da Biblioteca Central do Instituto Metodista Bennett durante o período em estudo nesta dissertação, durante o Congresso de Biblioteconomia e Documentação, realizado no Rio de Janeiro em 1989. Explico: nos reencontramos depois de algum tempo e conversamos sobre o Bennett, minha dissertação, nossas vidas. Pedi sua ajuda, pelo papel que desempenhou em relação ao objeto de meu estudo. Esta forma, então, de testemunho nos pareceu a mais exequível, devido ao tempo que tínhamos e às diversas dificuldades práticas do momento.

O texto me chegou manuscrito, em caneta vermelha. Assim, pela impossibilidade de apresentá-lo no original (talvez mais adequado), por causa da reprografia necessária, eu o datilografei. Sem modificar nenhum ponto, é óbvio.

Entendo que o texto escrito permite a quem o criou um bom grau de revisão, o que, por conseqüência, permite a mim — ainda mais quando sei o exato grau de seriedade de propósitos de sua autora —, com toda margem de segurança, usá-lo como medida avaliadora do modelo que quero testar. Vejo também como acontecimento feliz, o fato de apresentar nesta dissertação as mais variadas formas de avaliação, o que, mesmo que não represente o grau de exatidão requerido pela linguagem acadêmica, pelo menos neutralizará um pouco as arestas mais subjetivas e, portanto, menos (?) "confiáveis".

O texto procurou seguir o roteiro previamente solicitado de uma visão_principalmente administrativa_sobre três momentos: antes, durante e depois do período estudado. O aspecto administrativo me pareceu bastante importante de ser considerado neste trabalho, por causa das questões de gerenciamento que a instituição Biblioteca pressupõe. O que se revelou procedente, uma vez que é aqui refletida a questão administrativa como ingrência básica na existência de uma Biblioteca para Crianças.

Talvez isto esteja bem explicitado no episódio de minha saída. Já não mais fazendo parte do sistema de

bibliotecas mencionado e ligada à Direção do Colégio, foi a esta que precisei me dirigir, apresentando soluções alternativas em lugar de meu desligamento total por causa da doença de minha filha: licença, remanejamentos, mudança de função etc. Os quadros administrativos que cercam um estabelecimento de ensino, creio eu, dificultaram a tomada de decisão por parte da equipe diretora e, não mais podendo aguardar, desliguei-me da instituição. Resta a pergunta sobre haver ou não diferença do desenlace se a Biblioteca Infantil ainda estivesse ligada administrativamente à Biblioteca Central.

Destaca-se, ainda, a questão do profissional, permitindo entrever esta entrevista como o veículo de avaliação que se objetivou para ela.

2. O texto n.º 2 (anexo) foi solicitado à professora Sara Kaufmann em forma de entrevista gravada. Pedi que baseasse seu histórico e considerações em três itens: o *antes* do processo de trabalho específico ora estudado nesta dissertação; a época *durante* a qual ocorreu a relação entre estas duas áreas de trabalho e o *depois* de minha saída do colégio onde funcionava a biblioteca. A entrevista preferiu ser feita em minha

casa e dela participaram somente a entrevistada e eu. Naturalmente, acentuaram as interferências acarretadas pelo tipo de instrumento escolhido: a família e o cotidiano no comum de nossas vidas. Resolvi não retirar estas interferências da entrevista; pelo contrário, planejei conscientemente transcrevê-las, para tentar atenuar um pouco o clima de amizade transparente na conversa, o que a torna menos objetiva do que se quer de um instrumento avaliador, no caso, uma entrevista. Assim, quando a entrevistada se envolvia na teia da emoção construída pelas lembranças e pelas palavras de paixão a respeito de seu próprio trabalho, a vida nos apresentava de bandeja interrupções que nos serviam de antídoto contra a exagerada subjetividade. Isto ficou claro, é óbvio, somente quando da transcrição efetuada. Lá, naquele momento, só ríamos.

Assim, mesmo que este instrumento não seja o ideal, objetivo como se necessita, a fim de provar, testar, de conta destas páginas porque pode-se extrair dele um certo grau de medida, de avaliação de um modelo. Estão subjacentes minhas indagações em vários momentos. Que são perceptíveis, creio eu. Não os coloquei explicitamente como perguntas feitas, porque, primeiro, já havia solicitado um roteiro a nível bem geral (o

"antes, durante, depois" já explicitados) e, segundo, queria interferir o mínimo possível para que a entrevistada ficasse mais à vontade. Assim também na transposição para o papel ficaram somente suas palavras, para uma visão mais completa de seu pensamento. Depois, conforme foi do conhecimento da entrevistada antes da conversa começar, eu iria rever a fita e procurar transcrever o todo, porém cortando repetições exageradas etc. — o necessário sendo buscado. (Para encontrar este "necessário", cortei algumas divagações longas acerca da estruturação e funcionamento da Escola, no que diz respeito à disciplina de Artes Plásticas; algumas considerações a respeito das semelhanças e diferenças em relação às instituições de ensino particulares e públicas, no tocante às Artes Plásticas; algumas palavras descuidadamente elogiosas, o que me colocaria numa armadilha subjetiva e alguns hábitos da linguagem coloquial.) No entanto, como considero esta linguagem, reflexo do clima informal e prazeroso acontecido, e portanto, mais indicativa do pensamento livre e das palavras sem as máscaras habituais, fiz força para transcrevê-la bem, através da pontuação, dos termos graficamente enfatizados e até de alguns dos seus hábitos de linguagem já mencionados.

Um outro aspecto geral é a opinião já referida

da intensa citação nominal. Quero continuar a alínea feita de que, onde se lê "Nonei", leia-se, quase sempre, Biblioteca. É importante que assim seja, pois, na metodologia escolhida para esta dissertação, o material de que disponho, o meu diário de bordo, vem carregado destas citações. Se eu as omitisse, ou substituísse, adulteraria os documentos — meus subsídios; se eu as destruísse, destruiria as provas — meu teste. Portanto, conscientemente corajosa, eu as exponho.

A se notar também as constantes alterações de pronomes utilizados na fala. A entrevistada às vezes diz "ela", às vezes diz "você", prova evidente demonstração de que se percebe entrevistada e então, volta no tempo, distancia-se, para melhor avaliar:

Antes de passar às considerações de conteúdo, mais especificamente, gostaria ainda de apontar "(...)" como a forma gráfica encontrada para indicar falas maiores, ocasionadas quer pelas tais interferências já mencionadas, quer por trechos ininteligíveis da fita.

Em uma das falas, que me parece bastante indicadora do pulo no passado que para a entrevistada significou e, também, de como a Biblioteca lhe era relevante (e, portanto, po-

demos entendê-la como apta à avaliação daquele processo de trabalho) é: "eu sei que aquela biblioteca era assim uma coisa muito gostosa. Pras crianças também era uma coisa assim (...)". O que que se disse é que a fala demonstra que houve uma participação no prazer, um olhar pra dentro primeiro e se ver, a si, para, depois, falar do Outro, do que ele devia sentir. Como se falasse "de cadeira" de algo, pois este algo está também, e primeiro, dentro de si.

De posse deste trecho como aval para reconhecer aqui uma possibilidade pertinente de avaliação, destaco algumas questões desta entrevista: a problemática do profissional do modelo pretendido; a ligação estreita existente entre este modelo de Biblioteca para Crianças e as Artes Plásticas — as duas áreas trabalhando com a expressão criadora humana; a comparação do processo de trabalho do tema gerador com o ovo de Colombo, identificando, melhor do que eu poderia fazê-lo, a lida com a Educação — tudo está aí, por que vemos, então, tão pouco? (nesse sentido, a ratificação para minhas aspas quando emprego o termo "novo" referindo-me ao modelo estudado); a descoberta, também pelo corpo docente e, não só, pelas crianças do potencial de aprimorar (-se), de (re) ver (-se) gerado pela Biblioteca, exemplificado no achado da pirâmide de quatro lados (ah, os sinais!)

(E por fim, só para mim, com certeza, a menção à chuva, o som dos latidos, a voz do meu pai.)

É: barrigão!

3. As respostas das "crianças" ao questionário. Veja o "anexo 3 - nº 1 a 7".

4. Resposta ao questionário enviado aos "adultos" (corpo docente da escola referida e responsáveis pelas crianças). Veja anexo 4.

(* Não pude mais esperar e encerrei a escritura sem ter recebido as respostas dos questionários enviados aos professores do colégio referido nesta dissertação. Assim, à avaliação ficará faltando esta "medida".)

5. "A Nanci* deve fazer assim: como o mistério diz, devemos ter tudo misterioso. Até as próprias pessoas. Deve sempre se vestir misteriosamente, deve fazer muitos gestos nas pessoas, deve enfeitar sua casa etc." (3ª série); "que a Biblioteca contasse histórias do Mundo do mistério, assim como de suspense, detetives e também na história de mistério entrasse um pouco de terror, afinal, que história de mistério não entra terror, né?" (4ª série); "Histórias de famosos detetí-

ves, suspense, no escuro, segredos que poderiam ser solucionados por detetives de qualquer parte do país, do mundo inteiro. Suspense nos filmes. Fazer tchán - tchán - tchán !!... Poderiam fazer como uma história, ao segredos da morte de algum milionário ou milionária assassinados em suas mansões." (4ª série); "sempre tem alguém que ficar gritando na biblioteca pra todo mundo perguntar quem foi? Quem foi? E aí quem responder foi ninguém! Foi ninguém!" (2ª série); "Do mural fotos de todos os ladrões e detetives famosos e fazer um cantinho chamado "detetivetário", botasse toda semana uns 3 policial ziniho cada um com um caso para resolver, então, as pessoas vão lá e tem tem resolver o caso e assinam o nome. Gostou do "detetivetário"?" (4ª série); "Ficar fazendo um susto bem assustozo, bem mesmo, igual aquela luz bem forte, o quartinho escuro e uma fantasia bem assustosa e de bem terrorismo." (2ª série)

Como não obedecer a esses comandos? Cada vez mais à vontade em expressar suas expetativas, as crianças facilitavam a programação para a Biblioteca. Logo, então, a modificação do espaço físico. Estaríamos deixando a terra dos muitos, dos heróis e passaríamos para o país dos mistérios. Senha? "Elementar, meu caro Watson." Já que se pretendia trabalhar sobretudo a qualificação de um verdadeiro detetive: a perspicácia, a observação, o raciocínio. Sherlock Holmes, pois. O protótipo (havia outros, é claro; o detetive brasileiro, por exemplo, seria um atrapalhado, mas preferiam perguntar)

do detetive que utiliza a inteligência para a resolução dos casos. Um clássico, sem dúvida. E, sendo assim, a frase tão famosa que lhe era imediatamente relacionada. Como imagens identificadoras, os pontos de interrogação. Em guirlandas para enfeitarem nossas novas cortinas; ou para conterem nossa senha na porta de entrada (cada letra inscrita num ponto de interrogação); ou para redecorarem nossas latas de lixo. O desenho principal, feito no quadro-de-giz, apresentava uma rua vazia, escura, iluminada por uma brilhante lua cheia, e a sombra de um homem, vestido de capa e chapéu, estendendo-se pelo chão. Há esquinas e possíveis perigos. A silhueta de uma coruja, pousada num galho de árvore, pia para a noite misteriosa. Zé e Pedro, alunos do 2.º Grau, frequentadores constantes da Biblioteca, opreceram seus préstimos e fizeram um lindo cartaz, cobiçadíssimo ao fim do ano, quando a Biblioteca distribuía "souvenirs" das viagens feitas (marotamente esvaziando o espaço para outro tema, sem o sofrimento de se desfazer para sempre daqueles tesouros — ficando com as crianças, havia uma espécie de "continuação", se me faço entender): um halo de luz iluminava uma mão que empunhava um punhal. Ao olharmos, víamos que um crime seria cometido, e que o assassino misterioso (quem seria?) passaria a enfrentar os célebres detetives que conheceríamos. Em outro cartaz, uma das silhuetas mais conhecidas daquele mundo: Alfred Hitchcock. Um biombo, peça indispensável, escondia nosso novo Museu (sem "m") e

sua primeira relíquia: uma lata bem fechada com um ponto de interrogação na tampa (dentro? uma cobra feita com uma mola que saltava em cima do curioso que primeiro a abrisse!). Pegadas pelo chão delineavam o caminho que ia da porta de entrada até o cantinho da leitura, zunindo debaixo do tapete (foi preciso pintar de guache preto os pés e depois pedir colo para não marcar o chão na volta e, assim, destruir o mistério (pelo menos assim, bibliotecária ganha colo...)). Impressões digitais espalhadas pelos quatro cantos.

E o novo <u>bouvier-dúbido</u>. Um detetive? Um policial? Um assassino? Não. Um... mordomo, é claro! "Charles", assim seria batizado ("Tchaaaarlesss!", devia-se dizer, com um sútido tom pernóstico, como presumivelmente são chamados os mordomos por seus, hum... digamos, britânicos patrões). Ele morreu tingido de preto e colarinho alto, minha mãe Lenita fez sua indumentária; papai emprestou as orelhas e os sapatos pretos, muito bem engraxados. A mim coube fazê-lo em papier maché, com um olhar bem carregado de farsa (ou seria um olhar velado?), que acentuei com longas pestanas de piaçava (D. Célia até hoje não desconfia porque pedi a vassoura emprestada e a devolvi tão fininha...). A minha imaginação fazia-lhe os cabelos (os poucos que lhe restavam) bem pretos (talvez, vaidoso como Poirot, o pintasse às escondidas no seu ascético quarto da ala dos criados na mansão? Nas folgas de sábado, naturalmente.) luvas brancas (como é difícil fazer mãos, já tentaram?)

e, aí, o achado: borrá-las de guache vermelho – o sangue, indício explícito de que o mordomo é mesmo o culpado. Uma coisa puxa outra e resolvi colocar em suas mãos uma bandeja com tampa (prato de papelão com cobre-bolo de plástico, tudo forrado com papel laminado prateado). Já pensaram? Na porta da biblioteca, um belo mordomo, com quase dois metros de altura, segurando em suas mãos ensanguentadas uma bandeja de prata tam-pa-da! Corri à carpintaria e fiz mais um daqueles pedidos (por que será que me olharam daquele jeito quando eu apareci lá?): – Seu Francisco, pode fazer um punhal de madeira pra mim? (Este punhal ainda daria muito o que falar...)

No final de cada ano, naturalmente, precisávamos desocupar o espaço o mais possível para aguardar os habitantes do novo mundo que visitaríamos. O troféu-símbolo anterior, então, juntamente com outros, era doado comumente ao pessoal do Teatro, pois poderiam usá-los em suas peças. Pretendia-se o mesmo para a Medusa, porém, em vista do período de férias, não conseguimos contato e ela acabou ficando pela biblioteca mesmo. Que sorte danada! Ao reencontrá-la, as crianças não quiseram de jeito nenhum que ela fosse embora: já fazia parte da família. Como abandoná-la, a ela que já tinha sofrido o seu fadaço de solidão depois que foi amaldiçoada por Minerva? De modo algum! Ficará com a gente. Faz de conta que ela viajou no nosso tapete mágico e vai par-

ticipar comigo de nossa excursão ao Mundo do Mistério. É fulano dito! — disseram. O destino se encarregaria de provar que, mais uma vez, as crianças sabem das coisas. (Veja Anexo 5, n.º 1)

O término do ano letivo trouxe de volta o tempo de pesquisa sobre o novo tema, seu planejamento e as providências necessárias para sua concretização. Buscar nas mais diversas fontes, seguir as trilhas, entrecruzar informações, recolher ilustrações, rascunhar desenhos, (re)ler e adaptar cuidadosamente as histórias, ouvir e decidir-se por músicas e sons, levantar acervo infantil que fosse representativo, rever e conversar sobre velhos filmes, estar atenta às novidades, planejar atividades, formalizar plano de curso e planos de aula etc. etc. etc. Uma enlouquecedora, desafiante e prazerosa época que preparava a Biblioteca para a sedimentação necessária. Nem que fosse para alterar a maior parte dos planos, levada pelos desejos e necessidades dos usuários.

Destaco, para reunir, deste tema o apogeu do "Projeto A Curiosidade Premiada" (sobre pesquisa escolar). No planejamento, o primeiro momento foi com os professores. Marcamos encontro à noite, reunidos vagula Biblioteca, demos início ao que eu chamaria como febre. Cartola de mágico na mão, olho carregado de expectativa, a bibliotecária faz sortear os papeizinhos com as tarefas-anuais: Folclore, Dia das Mães, Dia da Bandeira... O primeiro

passo: dividirem-se em grupo. Menino! "Tale e quale" o que tanto condenávamos nas crianças, a preguiça, o corre-corre, o caos, a "incompetência": mais ou menos metade da "aula" para os agrupamentos. (Daniel, o único varão presente àquele momento, cobiçado como o fomento da discórdia, pois que, como as crianças – Graças a Deus! – gritávamos demais de uma alegre fogueira...). Após, o impasse – o que é mesmo pra fazer, heim? Folclore? Mas o quê do Folclore? (Ah, graça bendita, que serviu de gancho para, na reunião final, apresentar a argumentação definitiva: que "pesquisa" é essa que não se delineia, que não diz ao que veio, que – pior – não nasce (ou é instigada a) dos nossos desejos?) Daí pra frente, exercitar – utilizando o nosso gerador! – a busca, a investigação, o desejo de resolver, de compreender, de saber. Na primeira oportunidade, o jogo com o caleidoscópio de espelho (diferente dos tradicionais, este não possuía em si os elementos – pedrinhas coloridas, pedacinhos de renda etc. –; o que os espelhos mostravam (e traziam para dentro de si) era o que estava <u>fora</u>. Assim, cabia ao jogador, ele mesmo, "inventar a realidade", mexendo desta ou daquela forma o caleidoscópio, apontando para este ou aquele objeto. Que metáfora, heim? Depois, buscar no campus uma folha, uma flor. E, a fim de <u>vê-la</u>, sentí-la: fechar os olhos, tatear suas formas, sentir seu perfume; olhar de onde ela veio – qual planta, qual árvore? Ir à Biblioteca, pegar a lupa do Hercule Poirot, peça do Museu, e olhar, observar, ver. Após, ao microscópio do laboratório para descobrir o que não se viu a olho nu. Só então, aos livros, aos termos, à palavra escrita, aos sig-

nificantes. E, como Glorinha, personagem do livro A curiozidade premiada, de Fernanda Lopes de Almeida, que deu nome ao projeto, fazer perguntas às pessoas, vizitar o Jardim Botânico, ouvir o zom do vento nas folhas, e ganhar o enorme prezente que está tão do nosso lado que muitas vezes nem o vemos. A partir, então, desse chamariz, observar, para compreender (desvendar) e saber: sobre o Eu — jogos com espelhos, com máscaras; sobre o Outro — álbuns de fotografias (retratos do lado de fora - "reais"; retratos do lado de dentro - desenhados); sobre a Matemática — os problemas não são mistérios a serem resolvidos?; sobre Comunicação e Expressão — a palavra, que grande mistério! (Guimarães Rosa sendo elevado à categoria de grande detetive e fazendo parte do "hall da fama"! Acredite... se quizer.) (Veja os outros Anexos 5 também.)

6 Nos anexos, exemplos do "Mundo do Romance", destacando-se seu documento introdutório (n.º 1); o exercitar as várias formas de amor, fazendo pesquisas, leituras dos jornais e da vida (n.º 2) e o documento entregue pela professora de 1ª série que revela o exercício feito em sala de aula — serve este documento para anunciar a contrapartida da Biblioteca, que percebe o livro usado, rasgado, amassado-, muito mais como um livro usado, lido, alcançando assim seu objetivo: fizemos, durante a Feira de Livros o trabalho com o Hospital de Livros, transformando a feira numa

excelente ocasião de restaurar os livros danificados: do caixote "Hospital", onde estavam os doentes – exatamente os livros mais procurados e, portanto, que não poderíamos perder – um corpo alguns, outros há vários dias na UTI, foram levados pelos médicos e enfermeiras já preparados com suas vestes para operar (quanto papel crepom!), em ambulância rapidíssima através do pátio, com sonoplastia e tudo "uóóóóóó", e a que, à sua passagem, todos se afastavam respeitosos, diretamente para a "sala de operações" (grande mesa branca instalada bem no meio da feira, em frente à nova barraquinha). Lá, alguns médicos trazidos diretamente de Houston, ou do Hospital das Clínicas de São Paulo já esperavam circunspetos, paramentados, tesoura, durex, fita crepe, contact transparente e cola nas mãos para ajudar no que fosse necessário (grandes pais e mães que acompanham seus filhos pro que der e vier!). Cada doente, com prontuário e tudo ("doente:..., "nº do prontuário:..., "médico responsável:..., "nº do quarto:... "doença:"..., "estado":..., "dia de alta:"...), foi operado às mil maravilhas. Todos se recuperaram; alguns ainda apresentavam resultados curativos depois de longo tempo – porém todos se salvaram (veja Anexo 6 nº 3)

7 Como tema gerador no último ano estudado assim, 1986, o tema que, feliz coincidência, podia conter todos os outros:

o "Mundo do Cinema" (Anexo 7 n.º 1). E, finalizando, no Anexo 7 n.º 2, a possibilidade de entrar em mais um mundo encantado – a roleta que, à entrada da Biblioteca, junto ao "lanterninha" (adivinham quem era?), fazia o recomeçado convite: "Luz! Câmera! Ação!"

8 Neste anexo (veja os n.os 1, 2 e 3), a "prova" de que "em se plantando, tudo dá".

9 E, finalmente, "meu" desenho-símbolo: o sol, antes aprizionado, torna-se livre nas estantes de uma certa Sala de Fazer Idéias...

ANEXO 1

TEXTO ESCRITO POR JANETE ROCHA LIMA - CHEFE DA BIBLIOTECA CENTRAL DO BENNETT NO PERÍODO ESTUDADO (1980-1986)

Quando cheguei ao Bennett (em meados de 1979), encontrei a Biblioteca Central num estado, não só caótico, mas de profunda inanição. O acervo havia sido adquirido sem critérios definidos, visando-se tão somente o número de volumes suficiente para o reconhecimento das FIBs (Faculdades Integradas Bennett).

Os móveis e utensílios, além de deficientes em termos de quantitativo, eram totalmente inadequados e ultrapassados.

Na verdade, principalmente com relação às FIBs, poucos professores e alunos tinham conhecimento da existência da BT Central.

A Biblioteca Infantil situava-se nesse contexto, sem nenhum destaque. A pessoa responsável pelo trabalho era uma pessoa com formação secundária (Curso Normal), mas sem condições de fazer um trabalho a nível razoável, quer no aspecto pedagógico, quer no aspecto biblioconômico. A BI era, pois, um lugar sem nenhum atrativo. Ao contrário, chegou a funcionar, algumas vezes, como sala de castigo.

Esta situação era de meu perfeito conhecimento, havendo, é claro, toda uma intenção no sentido de reverter este quadro. Porém, foram estabelecidas prioridades no projeto de reestruturação no Sistema das BTs, e que passavam, inevitavelmente, pela pressão exercida pelas Direções em relação às FIBs, em 1º lugar, e ao 2º Segmento do 1º Grau, em 2º lugar.

Portanto, depois de tomadas as primeiras providências com relação às prioridades definidas, era tempo de começar um novo processo na BI, o que acabou acontecendo naturalmente com a saída da pessoa responsável através de licença, ocasião em que Nanci a substituiu.

"A chegada da bruxa"

Ela me olhou com aquela cara séria e aqueles olhos grandes e eu soube logo que alguma coisa iria acontecer. E não demorou muito tempo para que eu me certificasse que minha intuição procedia. A BI, mesmo fechada (Nanci pediu um tempo para preparar seu trabalho), passou a funcionar muito melhor que quando aberta.

Acho que as crianças intuiram que havia uma bruxa trancada lá dentro (mas sabiam que não era uma bruxa qualquer!...) e imaginaram

mil coisas que ela poderia estar fazendo.

A curiosidade foi aumentando e a novidade espalhou-se rapidamente. Aconteceu então algo surpreendente: enquanto a bruxa preparava algo escondido das crianças e para elas, elas também prepararam algo escondido para a "bruxa". Assim, quando o robô da Nanci ficou pronto dentro da BI, do lado de fora, já o esperavam a sua família: dona robô e seus filhotes.

O resto da bruxaria, todos já sabemos.

"Por que a BI na estrutura administrativa do ETCentral?"

Por diversas razões que não me cabe agora analisar, o bibliotecário no Brasil ainda precisa fazer um trabalho acima da média para que possa vir a ser respeitado enquanto profissional, de maneira geral. Em se tratando, porém, da atuação deste profissional na área da Educação, esta situação se agrava pelo próprio status que têm, ou melhor, que não têm os professores e o pessoal de apoio, principalmente com relação ao 1º Segmento do 1º Grau.

Se isto ocorre com os próprios professores, que diremos com o bibliotecário de uma BI!

A verdade é que não há reconhecimento da sociedade e obviamente, das pessoas que dirigem e atuam na Escola, da importância que tem a Biblioteca na formação do hábito de leitura na criança, o que influencia diretamente na formação de seu próprio caráter. Assim sendo, geralmente é negado ao bibliotecário uma participação ativa no espaço pedagógico da Escola, situando-se a biblioteca, na melhor das hipóteses, como um apenas espaço recreativo.

Por outro lado e pelas mesmas razões, a BI passa a ser, no mercado de trabalho biblioteconômico, uma área onde se remunera pior, criando-se um círculo vicioso: profissional com pouca experiência -- má remuneração -- trabalho deficiente -- não reconhecimento -- profissional com pouca experiência -- ...

O Bennett, nesta situação acima descrita, viveu uma situação especial, pois Nanci foi, durante o tempo em que lá esteve, um profissional bastante especial, fazendo um excelente trabalho, apesar de sua remuneração ter ficado entre a média da remuneração dos profissionais de 1º Grau, ou seja, baixa.

Voltando, pois, à falta de status que, de maneira geral, gozam as pessoas que trabalham no 1º Grau, creio que, por isso, foi importante que a BI do Bennett fizesse parte do Sistema de BTs, sendo subordinada

administrativamente à BTCentral, pois o bibliotecário da BI foi respaldado para que pudesse ter mais liberdade para desenvolver seu planejamento, executá-lo e assim, conquistar seu espaço pedagógico. Creio que o fato de um bibliotecário de BI reportar-se diretamente a outro bibliotecário, abre-lhe espaço, pois este último conhece e avalia na medida exata a importância do trabalho e as necessidades da Biblioteca.

Como ilustração, lembro-me bem de uma ocasião em que Nanci faltou ao trabalho por dois dias por estar doente e de uma forma arbitrária lhe foi descontada, por iniciativa da Direção da Escola, toda uma semana. Este fato criou uma grande celeuma, pois a BICentral interveio e todo o dinheiro descontado lhe foi restituído.

Estou citando aqui esta ocorrência apenas para constatar que, mesmo para uma profissional como Nanci, até que se impusesse, como ocorreu, através de seu trabalho, o não reconhecimento, a pouca importância que se dá a uma BI, causa ao bibliotecário fatos desagradáveis como este, quando não obstrui seu próprio trabalho.

Portanto, durante um tempo razoável a BTCentral se limitou apenas a respaldar a BI, trabalhando num consenso e com o objetivo de mostrar à Escola quem é e o que faz um bibliotecário, o que foi feito com muita eficiência e eficácia pela Nanci, chegando mesmo seu trabalho a tornar-se indispensável e um marco, um modelo, no Rio de Janeiro. Daí, o espaço pedagógico da BI foi conquistado com grande êxito, não sendo mais necessário que a BI do Bennett continuasse a pertencer à estrutura da BICentral. A partir deste momento de grande sucesso do trabalho da Nanci enquanto Bibliotecário, tornou-se indiferente a subordinação da BI, pois estivesse onde estivesse, as próprias crianças sempre a colocariam em seu devido lugar - lá no alto!

Foi assim que, se não me engano, em princípios de 1983 a BI passou a fazer parte da estrutura do Colégio, o que aconteceu de maneira muito suave, já que o entrosamento, oriundo do respeito, estava perfeito.

Em minha opinião, porém, esta mudança de estrutura foi possível pela BI do Bennett ter contado com um profissional do nível da Nanci, que se impôs pela seriedade, competência e por seu caráter. Porém, de maneira geral, por ser, como já coloquei anteriormente, a BI uma área onde se remunera mal, raramente encontrar-se-á um profissional capaz que faça carreira nesta área, ocasionando em consequência disto, uma evasão de bibliotecários à procura de outras áreas onde possam ser melhor remunerados. A BI contará, portanto, com uma alta rotatividade de bibliotecários mal remunerados, com pouca experiência e, muitas ve-

zes, sem nenhuma aptidão para a função que exercem. Sendo assim, mais do que nunca se faz necessário a supervisão e o respaldo de um outro bibliotecário mais experiente para que o trabalho de BI possa vir a funcionar apenas razoavelmente.

Concluindo, quero dizer que a situação da BI do Bennett foi especial, como especiais foram o trabalho e o bibliotecário, por isto foi possível a subordinação da BI ao Colégio, o que eu não aconselharia em situações normais.

"Situação atual"

Quando saí do Bennett, Nanci continuou por mais alguns meses.

Soube, depois, que passaram alguns bibliotecários pelo Bennett, que a rotatividade foi grande e que toda aquela questão colocada neste resumo aconteceu: má remuneração -- pouca experiência -- trabalho deficiente -- não reconhecimento -- ... e hoje, com o agravante da BI estar subordinada ao Colégio.

Isto significa COMEÇAR TUDO DE NOVO??

obs: O importante disto tudo é que o ditado se confirmou: "[illegible] É BOM E EU GOSTO!"

Sucesso!

Janete.

19.9.89

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM IARA KAUFMANN,
PROFESSORA DE ARTES PLÁSTICAS DO COLÉGIO BENNETT
NO PERÍODO ESTUDADO (1980-1986); feita em 1.10.89.

A. ANTES:-

Fui aluna do Bennett desde a 3a. série primária. Tinha 9 anos, adorava a biblioteca, mas só tínhamos um tempo de aula por semana. Ficávamos lá com os livros, era numa sala de aula. Era biblioteca ligada ao primário. A gente podia fazer o que quisesse. Não tinha histórias; eu adorava escutar história, mas não tinha histórias. A pessoa que ficava lá nem me lembro, não era marcante, acho que não era professora. Acho que era uma senhora que tomava conta da biblioteca. Nunca escutei nada de empréstimo; só sei que o tempo todo eu ficava só vendo a revista National Geographic, "viajando" pelo mundo. Não sabia nada de inglês, mas ficava lá... Não me lembro, era uma pessoa tão pouco ativa, tão pouco viva, que só ficava ali pra fazer PSIU! PSIU! SILÊNCIO! (Risos) Eu só sabia que na biblioteca não podia conversar.

Constava do horário escolar direitinho. Quando eu cheguei na 1a. série do 2º Grau, só tinha a biblioteca central, mas a gente não tinha uma orientação pra sair daquela biblioteca do primário e procurar outra, a gente tinha que batalhar. Nem existia o prédio novo da biblioteca central, nem o prédio das FIBs. Tinha um senhor, hoje em dia ele é regente de coral, ele ficava na biblioteca central e como regente no coral. Uma cara toda braaanca. (Risos) Então, biblioteca pra mim sempre foi sinônimo de silêncio. Mas, mesmo assim, eu ia e consultava aqueles livros. Eu fui uma criança sacrificada no estudo, tinha professor particular depois da aula. Então eu ia à biblioteca para pesquisar; era tudo em função do estudo, era uma coisa assim que não era ligada ao lazer. Eu fugia das aulas para ir pra sala do Emílio (professor de Artes), me deliciava. Desde pequena eu gostava de Artes. Minha família toda sempre foi muito criativa; a gente desde pequeno frequentava escolinha de Arte, onde a Cecília Conde, o Ilo Krueger foram meus professores.

Depois, em 1981, eu me transformei em professora do Bennett, fui trabalhar nas Atividades Vespertinas. Mas aí ainda não sabia que a Nanci existia...

nhecer o espaço da escola. Agora, eu não podia conhecer o espaço da escola com ele e deixar o resto da turma em sala, não é mesmo? Aliás, foi um dos poucos meninos que eu não consegui, durante o tempo todo, encontrar um caminho. A linguagem dele era mais a questão da escrita, parece, né?

Mas, voltando à biblioteca. (Risos.) Aí, a gente foi se identificando, se identificando e vendo o trabalho (O pai da entrevistadora chega todo molhado: - Pai, tá chovendo?) e vendo que o trabalho da Nanci nada mais era do que o trabalho da criatividade em ação, mas em outro espaço diferente do espaço da sala de Artes; no espaço da biblioteca, né? Então, era um trabalho que tinha uma característica muito parecida. Na verdade, eu tinha alguma coisa que ela não tinha, que era a coisa de sujar, material diverso etc. Já pensou na biblioteca? (...)

A gente também questionava muito aquela coisa de "complementar", lembra? A gente questionava que talvez por causa disso a gente, até que ponto não ficava isolada do todo da escola, né? Éramos a "ilha da fantasia"! (Risos.)

Então, a gente começou a se gostar como pessoa e profissional, nasceu tudo junto, não foi uma coisa separada. (Mafalda faz desenho e mostra. Risos, beijos. E: - Vai ficar lá com a vovó um pouco, vai...)

Aí, a gente começou a pensar um trabalho pra fazer integrando as duas áreas, lembra? Umas máquinas fotográficas e que dentro tinha umas coisas que as crianças queriam fotografar. (Risos.) É, deliramos fundo. Ah! eu me lembro sabe do que? Uma época que você estava fazendo teatro grego e você queria uma pirâmide de Três lados! [illegible] de quatro lados! (Risos.) Pra ensinar pra PRIMEIRA série!!! (Risos.) Que pedido é esse? Que loucura é essa? É... mas foi o maior barato porque eu descobri que no caminho da dobradura do balão chegava; eu saquei que juntando dois lados lá, ah, não dá pra explicar aqui falando, né? Bem, eu saquei que juntando dois lados dava pra poder fazer uma pirâmide de três lados! E eu achei incrível: a PRIMEIRA série, crianças de sete anos querendo fazer a pirâmide de três lados ... E não era aquela pirâmide toda planificada, de geometria, quer dizer, que o aluno só tem que recortar e colar as pontas, né? Aí, as crianças criaram cenários em cada lado da pirâmide. A gente fez personagens que tinham a ver com a biblioteca, com os temas da biblioteca. As crianças já iam trazendo naturalmente pra aula de Artes, eu não dirigia praquele cami-

nho, as crianças chegavam tão envolvidas com aquele mundo da literatura, que saía os personagens em Artes, né? E eu, tudo o que saía, dava logo pra Nanci ver na biblioteca. Cineminha com caixa de sapato, a gente fez uma porção de coisas. Tinha coisa que a criança fazia na biblioteca e depois gostava e aí pedia pra repetir na sala de Artes. (...) (Rafaela, vai buscar um cafezinho, vai? Vai pedir pra vovó fazer um cafezinho, vai filha ... - VÓÓÓÓ!!! Os cachorros latem.)

É, olhando para trás como você pediu. Bem, pra mim era como se fosse uma alavanca da fantasia, assim, dentro da escola, dentro da primeira à quarta série, mexia assim que nem uma coisa que mexe em círculo, além do impulso da alavanca, ia circulando também, circulava entre as crianças todas, aquele clima, aquela fantasia, aquele questionamento, aqueles papos, era um assunto que tomava pouco tempo concreto, né?, mas que entrava muito no tempo real, isto é, no tempo das crianças na aula de Artes, elas iam comentando que tinham aprendido e sido questionadas, as perguntas, os enigmas e as histórias que estavam no caminho, elas comentavam e conversavam, era um assunto assim muito importante dentro da escola, né? E havia normalmente no espaço delas, era uma coisa muito forte que as crianças tinham aquele espaço, o espaço de ser feliz, eu acho..

Bom, sobre os temas eu acho que aquilo é um ovo de Colombo, pra mim. Porque esta é uma grande sacada. É a sacada do ovo de Colombo, porque realmente... (Mamãe traz o café e a notícia: - Não sabe do melhor, não sei como as cachorras não rasgaram a tua capa! - Ah! - Não sei como elas fizeram, acho que puxaram da corda. Tá imunda! Deitaram em cima, comeram a fivela toda! - Ah, minha capa! Iara, como é que eu vou trabalhar amanhã? - Só está suja, Nanci, só está suja! - Ah, tenho que ir lá ver, Iara, espera aí...)

Então, sobre os mundos da literatura. Eu acho que é aquele negócio, com a Arte você tem as várias técnicas, os vários campos que a gente trabalha, pintura, dobradura, carpintaria etc. Então na literatura tem os vários campos também. Então, a gente tem que apresentar os vários campos pra criança. (Letidos.) Se a gente só vai ver isto depois de velho, a gente não vai chegar lá, não é? Então, [illegible] mundos da literatura, a criança, pelos quatro anos que está na escola, no primário, ela tem chance de conhecer quatro. Isto é nível objetivo, de conhecimento. E a nível subjetivo, por assim dizer, as crianças

ficavam super mobilizadas, mexidas, de todas as formas envolvidas com aquele tema e todo aquele ambiente, né? Eu acho que uma das coisas bonitas que tinha aquela biblioteca é que você entrava naquele mundo mesmo, com aquele personagem na porta, né, a palavra mágica pra falar na entrada, quando não falava tinha que voltar e falar direito. (Risos.) E a Nanci fazia uma cara muito FEIA... Tinha que voltar e falar mesmo, não entrava, tinha que falar a senha, é, e pedir, falar palavra mágica porque aquele mundo era um mundo muito mágico mesmo, tinha que entrar dentro daquele magia ali, do tapete voador que era aquela biblioteca. E aquele personagem que ela fazia com papier maché e ficava recepcionando na porta, tinha os desenhos ...

Ah, eu sei que aquela biblioteca era assim uma coisa muito gostosa. Essa criança também era uma coisa assim de, eu me lembro que ali era a república das crianças (risos), é, as crianças faziam tendo o papel principal mesmo. Era o povo que dizia, né? Era, que quem votava o tema eram as crianças. Que elas votavam essa, a república também através do voto ... E eles faziam o [illegible], na eleição, igual a época da campanha do bem. Eles ficavam assim, dizendo em quem votar, como que discute as coisas do dia, do bem, [illegible], eles faziam campanha de papelzinho, passavam panfletinho e eles [illegible] lá, o panfletagem, né? (Risos.) E eu lembro que fiz uma muito engraçada quando venceu terror. (Risos.) E durante [illegible] não tive que assustar! (Risos.) Ah, meu Deus do céu! O tema que eu mais gostei?! Ah, eu gostei muito de cinema. Do Chaplin. Eu gosto muito de cinema. Ah, do mistério! Os dois que eu mais gostei. E teve uma época que os professores começaram também a votar, foi, foi. O processo se estendeu, né?

C. DEPOIS:-

Ah, o depois foi uma perda, né? Era escola, pra mim de ter uma companheira naquela batalha. Pelo espaço da criança dentro da escola. O espaço da criança ser feliz. E as crianças ainda estavam naquela coisa de sonhar, de imaginar, de se a Nanci ia voltar. Eu não me lembro sinceramente de mais nada de biblioteca depois. Eu não me lembro se teve outra pessoa depois. Ah, é. Mas eu acho que... Eu me lembro de Eulalie. Um pouco diferente a ... Bom, nomes não importam, eu sei que aquela dinâmica assim eu não via a continuidade. Eu também estava num momento muito meu, estava quase saindo da escola. Em dezembro, eu

saí. A gente como "área complementar", se a gente não fizer um esforço sobre-humano, fora do horário escolar, não havia reunião prà gente se encontrar, a gente ia levando por puro amor, né? A gente conversava mais fora do horário, né?

Em relação à leitura, você não fez nenhuma estatística? Ah, é ... O que eu sei é que as crianças gostavam muito de ler... Eu acho que tinha uma relação intensa deste trabalho com o gosto da leitura, eu sinto que tinha uma relação aí, uma coisa da leitura ligada ao prazer mesmo, as crianças curtiam o livro, eu vi uma experiência na parte da tarde... acho que despertou sim, agora eu não tinha tanto contato com estas estatísticas. Eu me lembro das filas pra pegar livro...

Eu acho que em tudo isso tem muito amor, né? E, passando aquela dramaticidade toda. (Risos.) Aquele TEATRO! (Risos. - Rafaela, do que você está rindo, heim sua danada? Acha que eu faço teatro o tempo todo é?) Bom, essa encenação toda leva a criança, né, a uma energia, uma energia de prazer como uma fonte, um impulso. Então, a criança ia lá, ia querer comer os frutos no pé. Tem muito amor pelo livro aí, né? E as crianças começavam a gostar também, uma coisa de ... pode ser uma porta pro mundo. Todos esses enigmas que existem dentro da gente, que é a nossa vida, é o caminho dentro de cada um ... Eu me lembro de você com aquele barrigão, com aquela fantasia. É, Esqueleto Barrigudo, um barrigão ...

(Rafaela: - UM BÁ! BRIÇÃO! Risos.)

Rio, 18/1/1991

Nanci,

Que surpresa! Quanto tempo...

Pôxa, você podia fazer uma visitinha lá no Bennett. E ainda estou lá! (eu adoro aquele colégio!) Eu só mudei o endereço. Agora eu "tô" morando na Tijuca.

Vou ter o maior prazer de responder às suas perguntas porque sei como é importante uma tese de mestrado pois minha mãe defendeu uma há pouco tempo e eu senti a importância daquele monte de página escrita.

Então vamos lá...

1- tenho 15 anos

2- Freqüentei a Biblioteca Infantil quando eu era do primário (7-10 anos)

3- Passei para o 1º ano - 2º grau

4- Ainda não estou muito certa. Já sei das que eu nunca vou fazer (direito, por exemplo). Pensei em várias coisas: engenharia, arquitetura, comunicação.

5. Eu gostei de todos, mas o tema "Mistério", para mim foi o que eu mais me interessei. Desde pequena que eu gosto desse tipo de coisa, mistério, suspense, descoberta. Acho que eu gostava de Mistério porque eu gostava de descobrir, revelar as coisas, sabe?

6. Olha, Nanci, eu sempre gostei da B.I. e em nenhum momento eu deixei de gostar dos temas, de freqüentar a B.I. de ter aulas. Achava e acho aquilo um espaço muito importante para a formação de uma criança.

7- Olha, eu não me lembro muito como acontecia a escolha dos temas. Acho que era por votação. Mas achava fantástica a transformação que a B.I. sofria a cada ano, de acordo com cada tema. A gente entrava naquela sala e se sentia realmente num mundo de fantasia, Mitologia, romance, terror ou Mist

8- Gosto muito, mas não tenho isso como um hábito frequente. Acho até que naquela época eu lia mais. Quando escolho um livro, prefiro aqueles de mistério, suspense e romances.

Na minha opinião, as pessoas já têm ou não o instinto de ler, mas a B.I. dava um "empurrãozinho", isso é, mostrava a importância da leitura na vida de cada um e as pessoas se ligavam mais. Eu acho que eu conheci um pouco mais desse mundo literário e me despertou mais interesse na leitura.

Não sei se podemos verificar isso facilmente. Acho que só podemos perceber uma mudança a longo prazo.

9- Eu lembro que, no ano do tema "Mistério", a cada da aula você colocava na sala um objeto novo, diferente para os alunos descobrirem.

Na minha cabeça, o seu objetivo era despertar na gente um instinto de detetive e passarmos pela memória para acharmos aquele objeto, que no dia, era a "chave do mistério".

10- As vezes, vou até a Biblioteca qual do Bennett quando preciso de informações para algum trabalho do colégio. Mas não costumo freqüentá-la.

11- A B.I. do Bennett não existe mais, infelizmente. Agora, as crianças do primário não têm a mesma oportunidade de freqüentar um lugar, assim, tão diferente, como eu e outros tiveram.

12- Eu admirei muito a estória dos 10 negrinhos. Lembra que você contou pra gente?

Eu me fascinava ouvindo aquele mistério. Foi com ela que eu fiquei conhecendo Agatha Christie e algumas de suas obras.

13- Eu adorava o Hercule Poirot! Aquele boneco que ficava em pé ao lado da porta de entrada, olhando todos que entravam, era um barato. Mas também gostei muito do Ciclope, do ano de "Mitologia". Você até nos ensinou como ser um! Bastava olhar um no olho do outro. Lembra? Acho que porque eram personagens com características bem peculiares, diferentes de qualquer pessoa "normal".

14- Eu não sei se houve uma grande mudança desde aquela época até aqui. Minhas maiores mudanças estão ocorrendo de uns 2 anos para cá. Bem, mas o que você perguntou era se eu tinha mudado desde aquela época da Biblioteca. É lógico que agora eu "tô" bem mais madura e crescida. (nos dois sentidos!)

Mas se você pudesse dar uma "espiadinha", veria, hoje,

uma garota mais prudente, digamos assim. Eu vejo quais as conseqüências e reações que qualquer ato meu possa causar. Eu analiso e penso demais. Às vezes, faço mais isso do que tomar atitudes concretas. Eu acho que naquela época eu não era assim. Eu fazia as coisas e deixava rolar. Deu pra entender? (4)

15 - Infelizmente, não. Com a minha mudança do Flamengo pra Tijuca, eu tive que jogar muita coisa fora e, entre elas, as minhas recordações da B.I, como um caderno meia-pauta que nós usamos um ano.

16 - Acho que só para dar uma olhadinha. É na época, justamente, do tema "Histórico" (1984) Não iria mexer em nada. Queria que aquela parte da minha vida ficasse intacta, do jeitinho que ela foi.

17 - Muitas vezes, eu e o resto do pessoal que fez parte da B.I., rulembramos "aqueles tempos" de como era e devo, lê, claro. Mas o que várias vezes me faz lembrar daquele tempo é aquela salinha exatamente em frente da escada do E.P. Agora, aquilo é uma sala de aula da 4ª série. Mas como eu queria que ainda fosse a B.I. ...

18 - "Você vai continuar sempre assim, não vai?"

19 - Se eu tivesse que fazer uma pergunta hoje à vida, eu faria: "Pra que Guerra?"

Valeu, Nanci, pela oportunidade de voltar aquele tempo e relembrar tudo isso. Tomara que a sua tese seja um sucesso e espero receber notícias suas e da tese, claro. E vê se aparece lá no Bennett, heim!

Um beijão,

Juliana

Rio, 21/04/91

Querida Nanci:

Desculpe-me, de coração, a demora, mas é que graças a Deus, o sinzinho das férias foram super-agitadas: carnaval, você sabe... E com o início das aulas, fui meio enrolado: pois 3º ano, já viu, as cargas horárias aumentam muito. Mas não me esqueci de jeito nenhum de você e do seu trabalho. Espero poder ajudar realmente a você com meu depoimento.

Eu ia para Teresópolis na Semana Santa, mas acabei indo pra Nátal, que aliás é um lugar fantástico; mas em 1º de maio sem falta, irei, e pretendo te visitar para matar as saudades.

Bem, Nanci, aí vão as respostas:

1- Tenho 16 anos

2- No primário entre 7 e 9 anos

3- Estou no 3º ano científico. Fora do currículo estou fazendo alemão e pretendo fazer aquarela, pois gosto muito de desenhar

4- Bom, isso é uma grande problema. Eu pensei que devo escolher algo na área de exatas. Mas não sei se faço Arquitetura, Desenho Industrial, mas meu maior interesse é Engenharia Química.

5- Infelizmente em 1980 e 1981, eu ainda não estudava no Bennett. As atividades que eu mais apreciei o

foi em 82, 83 e 84 pois em 85 e 86 eu já não tinha mais aula de biblioteca. (2

Agora, os que eu mais gostei foi Mitologia e Histórias; me lembro até hoje das histórias do Édipo, dos cães dos Baskerville com detalhes que você contava pra gente.

6- AMEI TODOS, e sinto não ter tido aula de biblioteca mais tempo.

7- Era ótimo, todo ano havia eleição, e eu sinceramente me achava "importante", apesar de que nem sempre o tema que eu votava ganhava, mas era visível que você levava em conta a nossa opinião.

Era impressionante, a gente entrava na Biblioteca, ou como você dizia na sala de fazer idéias boas e sentia completamente envolvida com o tema. Eu me lembro em 84, tinha aquele morcomo com a fala na bandeja, logo na entrada. Isso fora os códigos que a gente tinha que falar ao entrar. Eu apesar de sempre ter gostado mais de nºs, adorava a biblioteca, ouvia as histórias, ficava sempre lá, lendo, aprendendo; minha imaginação funcionava a 1000 por hora.

8- como já disse antes, desde pequena, eu sempre gostei mais dos números, mas não é pra puxar o saco não; essa foi a época que eu mais li na minha vida, pois lá tudo atraía a nossa imaginação e curiosidade; além do que o espaço era tão aconchegante, com aquelas almofadas..., você provou pra gente que biblioteca não é um lugar chato, cheio de estantes com muitos

antipáticas mandando fazer silêncio (3

9- Várias vezes perdi a hora de embora, por que ficava lá na biblioteca

10- Raramente, só quando tem que fazer alguma pesquisa escolar.

11- Uns 2 anos depois que você saiu, eu ainda via um movimento lá, se bem que nunca foi a mesma coisa; e atualmente não sei de mais nada.

12- A história de Édipo, o caso dos 10 neguinhos. Eu me lembro até hoje dessas histórias. O mais legal, era que uma aula só não dava pra contar tudo, então você sempre parava na melhor parte, deixando a gente pensando, esperando a próxima aula para ouvir a continuação.

13- Sem dúvida foi o Édipo, acho que aquela história de matar o pai, casar com a mãe me atraiu demais.

14- Acho que você veria, uma moça que continua cheia de sonhos, só que agora um pouco mais maduros; que pensa no futuro e na carreira. Mas se você olhar bem direitinho, lá no fundinho, vai ver a criança de sempre, que morre de saudades de você e da biblioteca

15- Tenho todos aqueles cadernos de meia parte de 83, e todos os bilhetinhos colocados que você mandou

Tenho também algumas folhas mimeografadas co- (4

mo: 83/1 - Medusa
83/2 - "Monstros" da realidade histórica
83/5 - Teatro, mascaras
83/6 - Usos e costumes gregos
83/7 - Deuses da mitologia.
83/8 - heróis da mitologia

tem também um texto: "Era uma vez..."
Eu os guardei, na epoca porque tinha (e tenho) uma forte admiração por você e tinha "loucura" pela biblioteca. Atualmente dou graças a Deus por ter guardado, pois de vez em quando eu sento pra ler e viajo no tempo, me sentindo feliz como criança.

16- Eu iria pra Grécia Antiga, conhecer Deuses como Zeus, Atena e heróis como Hercules, Teseu. Queria ver também os teatros, tragédias e comédias.

17- Logo na 6ª serie, a gente começou a estudar história da Grécia e Roma, e eu me desligava lembrando das histórias de mitologia. Quando passou aquela novela Mandala, foi demais.

18- Aonde e de que maneira você pesquisava para montar todo aquele "cenário"

Como você fazia para transformar histórias de adultos em linguagem infantil

19- Porque será que a maioria das pessoas escondem seu lado de criança, só para

aparentar maturidade, sanidade? OBS: Elas não sabem o erro que estão cometendo porque afinal nada melhor do que "ser" criança; pois é, Nanci, aprendi isso com você, que é a "criança" que me fez olhar o mundo com outros olhos.

— x —

Um bjão pra Rafaela, e

pra você um bom grandão cheio

de saudades.

Bela

ANEXO 3
3

3ª A
14hs. 37 min
Bóiad

(1)

Luciana Alvarenga Féris

1- 17 anos
2- 7 a 12 anos
3- 3º ano do 2º grau. Inglês, vestibular
4- Economia
5- Terror, suspense, cinema
6- Gostei de todos
7- O que mais me marcou foi a criatividade apresentada pela Nancy. As histórias que ela contava e o jeitinho particular que ela tinha ao descrever cada detalhe que ia acontecendo. Isso permitia que a minha imaginação fluisse através das cenas, dos personagens; eu me sentia dentro de um filme. A escolha do tema era feita de uma forma democrática. A Nancy apresentava os projetos de acordo com cada tema e os alunos escolhiam o assunto, depositando o voto na urna. Depois havia a apuração, que era aguardada com muita expectativa.

O que me encantava era a decoração, que mudava de acordo com o novo tema; eu "babava" quando a Nancy abria a porta da biblioteca, com aquela cara de suspense, e nós nos deparávamos com aquele mundo mágico, cheio de monstros, bonecos, cartazes. Eu adorava também deitar nos colchões, abraçar as almofadas e "mergulhar" na história de um livro.

8- Eu a-do-ro ler!! E devo isso ao trabalho maravilhoso desempenhado pela Nancy, que me mostrou como é gostoso ler. Naquela época

eu já lia um pouco, mas depois das aulas de biblioteca eu passei a ler mais ainda. Minhas preferências de leituras atuais são: principalmente romances. Eu sou muito sonhadora, acho o amor uma coisa de outro mundo e simplesmente me emociono a cada história de romance que leio. Gosto muito também de suspense. Mas nunca digo no. de ler um livro baseado no gênero que eles apresentam. Gosto de todos,

O espaço da biblioteca também contribuía muito. Tudo era confortável. Aquele cantinho de leitura era maravilhoso!! Só isso já deixava a gente morrendo de vontade de ficar lá, lendo. Eu achava super interessante o arquivo dividido em assuntos, títulos e autores e a própria professora criava um clima que envolvia a criança e fazia com que as fichas de empréstimos de livros ficassem superlotadas.

Essa influência só pode ser verificada dentro de nós, e dentro de mim, até hoje existe aquela menininha que amava a biblioteca, que amava ler e que era fascinada pela Nanca, que eu considerava uma pessoa encantada.

9 - Eu lembro que eu e a Roberta demos aula para formar detetives, e nós nos empenhávamos de verdade. Eu lembro também que no ano do tema mistério, houve uma disputa entre vários grupos p/ saber qual era o que contribuía mais para a biblioteca.

10 - A biblioteca geral do Kennett, ás vezes. Para pesquisar livros p/ trabalhos. Já na mi

nha casa também há um número razoável de livros. Compro sempre muitos livros.

11 - Nenhuma. Acho que nem existe mais. É uma pena.

12 - O caso dos 10 negrinhos & Édipo Rei. Porque foram as mais bonitas, mas misteriosas e interessantes. Eu me sentia livre, fascinada, lá pra casa e lembrava da história. ~~No~~ momento em que o Édipo furou os olhos foi particularmente marcante.

13 - Sherlock Holmes Achava ele chequérrimo, o máximo, inteligentíssimo, um Deus.

14 - Uma moça grandona com uma criança bem ativa dentro dela

15 - Uma das asas da borboleta que a Nancy escreveu pra mim, meu irmão, Roberto e Fernanda agradecendo uma lembrancinha que nós demos a ela. Guardo porque sinto falta daqueles tempos

16 - Claro. Nos momentos das histórias. Não mexeria em nada, tudo foi preciso para formar o ser humano que eu sou agora.

17 - Todas as vezes depois ~~da~~ ~~Nancy~~ ~~a~~ ~~encontro~~ quando ~~que~~ eu encontrava com a Nancy e ao responder este questionário. Todas nós sentamos e conversamos um tempão sobre aqueles tempos.

18 - Por que você não volta?

19 - Como você (biblioteca) (vida) consegue ser tão interessante?

E gostaria de ~~mar~~ fazer um pedido para a Nancy: vem visitar a gente, sua sapeca bom lembrar daquele tempo junto com você. Beijão

P.S = Nanci (desculpe os ERROS quando escrevo a noite)

que eu mais me lembro. Quando nós ouvíamos as histórias parecia que nós podíamos ver tudo acontecer na nossa frente. Por isso eu gostei de todas.

13 - O Frankstein, eu morri de pena dele, os olhos da Nanci eram tão tristes quando contava a história que ele me marcou.

14 - Num lado uma criança sempre sonhadora curiosa em relação ao mundo e do outro uma adolescente ainda curiosa mas muito menos com a mesma criança dentro de si, às vezes dormindo, às vezes acordada perguntando.

15 - O boneco da entrada sempre caracterizado. Ele era mais alto que nós por isso constituía uma figura grande e intrigante. Eu guardei esta recordação porque era a primeira parte zinha da biblioteca que chegava a nós quando entrávamos na biblioteca. Nós também tínhamos que dizer uma senha para entrar na biblioteca isso era uma grande sensação.

16 - Claro que voltaria, em todos os momentos. Eu nunca mudaria o que aconteceu. Eu entraria como alguma demovo.

17 - Sempre nos lembramos da biblioteca, é parte das recordações de nossa infância, principalmente quando tivemos que responder a estas perguntas. Antes de começar ficamos uma tempão falando da biblioteca

19 - Nenhuma, é ela a curiosa. Ela que sempre me pergunta coisas.

18 - Nenhuma, todas já foram respondidas quando as perguntei-a. Só queria mandar um beijo para a Nanci

ANEXO 3
4

3ª A 14 hs : 37 min.

Roberta Dias Campos

1- 17 anos

2- de 7 a 12 anos

3- 3º ano do 2º grau, francês, inglês

4- já, ou desenho Industrial ou comunicaçõ (Propaganda)

5- Terror, a decoraçõ era genial e as histórias (jun
amente com a contadora das histórias) eram ótimas.

6- Não

7- A professora (Nancy) nos explicava e contava
s projetos e depois nós votávamos. Todo o primário
votava. Os alunos já conheciam e se interessavam tanto
ia biblioteca que não era difícil ver como seria
novo tema. A única icógnita no sentido de conhecê
ra a criatividade que se escondia dentro da Nancy
pois era sempre muito diferente. Para nós crianças,
quase mágica.

8- Adoro! Era o início da aprendizagem mas eu já
tava de ler, principalmente porque nós tínhamos
um espaço só de livros, só para crianças, lá a nossa
curiosidade era bem grande, isso é uma contribuição
não é? Além de tudo nos aprendemos a conhecer a
organização de uma biblioteca com arquivos alfabeticamente
ordenados. Não prefiro nada especificamente, gosto de tudo.

9- Eu e alguns amigos, uma vez resolvemos dar um
curso para formar detetives só que os alunos
não foram muito assíduos. [illegible]. Mas o melhor era ver pela 1ª
vez a biblioteca decorada de acordo com o tema
a cada ano.

10- Não, a minha casa é uma biblioteca

11- Nenhuma

12- Milhares de histórias, A Nancy fazia - as todas preferi
mo destacar: o caso dos 10 reizinhos, Édipo Rei, o cão dos Baskervi
Espartacus, A Medusa. Estas são as destacadas porque são a

1→ 16 anos (dat. nasc. → 28/7/1974)

2→ Entre 7 e 12 anos aproximadamente

3→ Hoje estou no 3º ano do 2º grau e paralelamente a isso faço ballet e inglis

4→ Eu ainda não decidi que carreira vou seguir mas já tenho algumas coisas na cabeça como dança, jornalismo, direito e principalmente cinema.

5→ Todos os temas foram MARAVILHOSOS, mas eu acho que o que mais me encantou foi Mistério, pois era impossível você deixar de se envolver. Eu me lembro que na época eu tinha 10 anos mais ou menos e me sentia uma detetive profissional desvendando histórias de crimes perfeitos!
OBS: Embora não tenha pego o tema Cinema (não havia aulas para a 6ª série) eu acho que foi um dos meus preferidos também.

6→ Eu não tenho nem que responder esta pergunta. É óbvio que nem passava pela minha cabeça não gostar de

um Tema da biblioteca. Por mais desinteressante que fosse, o Tema era Tão bem cuidado que automaticamente ficava interessante. Por exemplo, Ficção científica não é uma coisa que me interessa muito, mas eu adorei quando ele foi tema da biblioteca!

7→ Eu acho que me lembro como era feito o Trabalho da biblioteca. Primeiro era feita uma Votação entre vários Temas (avaliava-se inclusive sugestões de alunos para os temas). Um era escolhido e desenvolvido de maneira com que a criança pudesse participar dele. Tudo ajudava para que um tema que a princípio parecesse complicado ficasse fácil. Eram feitos jogos, brincadeiras, [redacted] histórias eram contadas e até mesmo uma decoração do contexto do Tema com uma Senha para entrar e sair da biblioteca. Eu me lembro que a senha para [redacted] entrar na biblioteca na época do cinema era "luz, câmera, ação..."

8→ Atualmente eu leio de Tudo. Adoro literatura brasileira, algumas prefe

rísticas como João Ubaldo Ribeiro, Machado de Assis, Érico Veríssimo, Rubem Fonseca, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, etc... Na literatura estrangeira eu também tenho algumas preferências que são bem heterogêneas: Ernest Hemingway, Gabriel Garcia Marques, Julio Verne, Garcia Lorca, etc... Atualmente o que eu mais gosto de ler são poemas. ADORO Fernando Pessoa, Drummond, Neruda, Manuel Bandeira etc... É óbvio que estes citados são apenas preferências. Na verdade, atualmente eu leio tudo que me parece interessante e é óbvio também que a biblioteca contribuiu significativamente para que hoje eu goste de ler como eu gosto, afinal, ler é principalmente uma questão de hábito e eu adquiri este hábito desde pequena..

9→ Eu me lembro de uma coisa que me "marcou" muito:

A aula de biblioteca ia até a 4ª série e a minha turma já estava no último ano, então, eu e uma amiga organizamos uma campanha "NANCI NA 5ª SÉRIE"! A gente fez broches e faixas e espalhamos

pelo colégio inteiro. Enchemos Tanto a paciência da diretoria que o colégio acabou colocando mais um ano de biblioteca. Foi a minha glória!!!

10 → Vou algumas vezes a bibliotecas como a Nacional ou a do Centro Cultural do Banco do Brasil pois, embora a minha casa tenha uma boa quantidade de livros, às vezes é necessária a ajuda a 1 biblioteca para consultas

11 → Não tenho mais contato com a biblioteca do Bennett. Acho que ela não existe mais.

12 → QUE PERGUNTA DIFÍCIL! Eu não tenho uma história que eu tenha gostado mais. Eu adorei "Janela Indiscreta", "O caso dos 10 Negrinhos", "O MINOTAURO", A Linda de Narciso e muitos outros. Todas estas histórias foram muito importantes para mim mais tarde.

13 → Eu era apaixonada por vários mas eu lembro que o que mais me impressionou foi quando você contou a história do

Sou Pererê!

14 → Você veria dos dois lados a mesma coisa: UMA PESSOA MUITO FELIZ!!!

15 → Eu tenho algumas coisas como uns livros que eu comprei num bazar da biblioteca, uns bilhetinhos seus e tenho até hoje o meu caderno de meia-pauta em que eu resolvia os mistérios e anotava detalhes e pistas importantes.

16 → Se eu pudesse voltar em uma máquina do Tempo eu não escolheria uma época específica mas sim todas as fases da biblioteca que foram em igual importantes para mim. Eu não mexeria em nada porque em time que está ganhando não se mexe.

17 → Sempre! Qualquer história mitológica ou um livro de suspense me faz lembrar a biblioteca. Como exemplo, eu outro dia vi de novo "JANELA INDISCRETA" e "REBECA, A MULHER INESQUECÍVEL" (este foi outro filme que me marcou muito quando você

contou) e foi inevitável não lembrar do seu olho arregalado, brilhando, contando a cena em que a nova mulher a "galã" da história dava as risadas vestida Rebeca e ele fica histérico!

18 → Porque passou tão rápido? Porque acabou tão cedo?

19 → Eu não faço pergunta nenhuma. Eu simplesmente deixo ela ouvir normalmente pois assim fica mais fácil de entender tantas coisas que nos fariam fazer perguntas ruins à vida e eu acho que estas perguntas são desnecessárias e são melhor não serem feitas!

20 → Para responder esta pergunta eu antes devo dizer que quando estava escolhendo livro, a história, etc. eu me preocupei em só escolher coisas nacionais. Não que eu não goste de uma "viagem ao centro da Terra" ou um "Tom Sawer" mas eu acho importante na formação de uma criança a valorização as coisas Nacionais.

Livro → Qual que um dos livros infantis de

Monteiro Lobato. Acho o "Sítio do Pica-Pau Amarelo" um achado maravilhoso.

FILME → Não lembro de nenhum nacional! Um filme que eu achei maravilhoso foi "O pequeno príncipe", eu lembro que eu me impressionei muito

MÚSICA → Existem várias na minha cabeça. De início, é impossível não citar todas aquelas músicas infantis baseadas nos poemas do Vinícios de Morais, A música da abertura do "Sítio do Pica-Pau Amarelo" que era do Gilberto Gil e é bellíssima, Uma mais recente do Toquinho que eu acho que chama "Lápis de cor" que também é linda e aquelas Tradicionais de cirandas que a gente ouve desde pequeno.

PEÇA de TEATRO → Eu ADORO "PLUFT, O FANTASMINHA" de Maria Clara Machado. Acho que vi umas 10 vezes quando eu era menor.

Personagem → Eu não posso deixar de citar "O MENINO MALUQUINHO" do Ziraldo. Que personagem maravilhoso!

ANEXO 3
6

Rio, 28/02/91

Querida Nanci,

Peço muitas desculpas de só poder responder agora a sua carta. Mas eu passei as férias em Portugal (não sei se você lembra, mas, o meu pai mora lá) e só cheguei no Brasil essa semana; logo que cheguei minha mãe me entregou sua carta e você não imagina como eu fiquei feliz! Contei pro Bennett inteiro que tinha recebido uma carta sua. Obrigada por me escrever, ADOREI!

Sinto muita falta das aulas de biblioteca, eu adorava aquelas histórias que você contava, a mitologia grega e romana, lembra? Uma coisa que eu devo muito a você, foi ter me ensinado a ADORAR ler, ano passado eu terminei de ler a coleção completa da Agatha Christie e isso eu devo muito a você! Porque tudo começou com o caso dos dez negrinhos". Eu li muito também do Conan Doyle: Sherlock Holmes, aonde também tudo começou com "O cão dos Baskervilles" Pois é, e a vida Aquela fase de criança passou e deixou muitas saudades, se bem que mesmo com quase 17 anos (vou fazer no dia 17 de Abril) eu ainda sou meio criança.

Também quero que saiba que terei um imenso prazer de responder seu questionário, apesar de não saber se ainda poderia lhe ajudar, pois já passou mais de um mês. Bem, espero que valha a intenção!

Ah, como você escreveu dizendo que vai tirar Xerox vou começar em outra folha.

9 → Até hoje quando reunimos aquela turminha antiga que está junta desde a 1ª série, tocamos no nome da Nanci e "sua biblioteca". É bom afirmar que a biblioteca marcou muito, sem dúvida nenhuma, todos nós! Tenho certeza que posso falar por mim e pelos meus colegas.

10 - Não, atualmente não frequento biblioteca nenhuma.

11 - Não tem atualmente B. Infantil no Bennett. Infelizmente, só nos restam as lembranças.

12 → As histórias que eu mais gostei, foi na época do uma: mistério. "O caso dos dez negrinhos". Eu adorei, e aprendi a gostar de livros policiais

13 → A medusa. Eu me lembro que na época da "Mitologia Grega e Romana" tinha uma medusa gigante na ponta da Biblioteca.

14 → Na Luciana de antigamente uma criança inocente (como todas; talvez mais); meio insegura; muito, mas muito sonhadora; excessivamente carinhosa. Na atual Luciana, uma adolescente vaidosa; mais segura de si; menos inocente, muito menos; super extrovertida (como sempre, aliás), super falante e ainda muito carinhosa.

15 → Tenho alguns "trabalhos" que a minha mãe guardou e guarda com o maior carinho e hoje eu dou o maior valor.

16 → Voltaria, e como voltaria! Não mexeria em nada, não gosto de pensar que talvez mexendo eu pudesse "estragar" alguma coisa. Gostaria de voltar e ficar de fora assistindo você contar pra nossa turma histórias de terror. Te juro, que seria bom DEMAIS ▽.

17 → Eu sempre recordo a biblioteca, principalmente quando passo em frente do "antiga sala" de biblioteca, para mim é como se eu visse a Medusa, ou o Frankstein gigantes do lado de fora. →

1 → Tenho 16 anos (17 anos, em Abril)
2 → Dos 7 aos 12 anos
3 → Estou cursando o 3º ano do 2º grau e vou fazer faculdade de Medicina (pretendo!)
4 → Como escrevi acima pretendo fazer medicina
5 → Mitologia grega e romana (1983) e mistério (1984) A primeira porque hoje mesmo eu vejo que aprendi muitas coisas com isso que de algum modo aumentou a minha cultura geral. E a segunda porque eu AMO mistério, coisas ligadas a isso, filmes, livros e as vezes até coisas na vida.
6 → Todos tinham pelo menos alguma coisa de interessante. Mas o tema que menos me agradou foi Ficção Científica, porque não é uma coisa que me atrai muito.
7 → Eu sempre gostei da escolha dos temas que todo ano era feito por votação; as histórias; o lugar (aquele tapete com as almofadas) aonde escutávamos aquelas histórias maravilhosas e até aquele lance de tirar o sapato era demais, Tornava a aula acolhedora, confortável e parecia que nós entrávamos num mundo de magia, aonde nos envolvíamos em tudo aquilo
8 → Como eu já havia dito antes eu AMO ler, adoro mesmo. Já li toda a coleção da Agatha Christie (aonde fui inspirada pelo tema Mistério da Biblioteca), já li Sherlock Holmes do Conan Doyle (aonde também fui inspirada do pelo mesmo modo) já li também quase todos os livros do Sidney Sheldon; já li Harold Robbins; adoro Fernando Sabino, também já li vários tanto de crônicas como romances; Já li Julio e Julio (me esqueci o nome do autor, é Henri alguma coisa). No atual momento estou lendo um livro de medicina da minha mãe chamado "O Corpo Humano".

PS: Não incluí os livros que li pelo colégio.

os painéis e em cima da porta o tema do ano escrito!
18 - Porquê acabou a biblioteca? Porque você foi embora do Bennett?
19 - O que mais, além das surpresas (boas e ruins) que já tive até hoje; o que ela guarda para mim?
É porquê a vida não é como na biblioteca, um sonho, uma magia?

Espero realmente que eu ainda possa te ajudar, vou te dar o meu novo endereço, o antigo é da casa do meu avô.

Luciana Loureiro Ferreira
Rua Visconde Silva nº 44 / 101
cep. 22281
Botafogo RJ
Rio de Janeiro

Adorei receber sua carta, e se puder, escrever um bilhete, por favor, me escreva!
Como vai a sua filha?
Um grande beijo pra você,
de uma aluna e amiga que
com certeza não te esquecerá,

Jy.

Rio, 20/02/91.

Nanci,

Puxa, não tenho nem como lhe dizer, mas só pude lhe escrever agora. Estive viajando e quando cheguei, estive apressado com mil coisas; espero que as respostas ainda tenham utilidade.

1. 16 anos.

2. 7 a 12 anos (1ª a 5ª Série).

3. 1º ano do 2º grau (foi um dos componentes da repetência em massa do ano passado, por ser relapso e vagabundo). Como interesses pessoais a melhor de todas as arte; a sétima (cinema).

4. Cinema. Em qualquer área (ator, roteurista, editor, fotógrafo, etc), mas de preferência diretor.

5. Eu amo o Cinema, e adorei o ano (último meu na B. Infantil), mas meu fanatismo foi despertado posteriormente. O tema que mais me marcou (e profundamente) foram Mitologia e Mistério. Até hoje eu me interesso e leio sobre estes 2 assuntos.

6. Imagine, Nanci, amei todos.

7. Me lembro de que a Biblioteca era toda decorada com motivos de acordo com o tema proposto, o que provocava uma sensação de conforto e aconchego com o ambiente. Havia sempre uma senha, uma palavra-chave que era repetida por todos ao entrar à Biblioteca*; me lembro também que você propunha tarefas e contava histórias por exemplo a sua narração em capítulos do caso dos 11 [illegible])

Era um misto de história, arte, desenho, teatro e muito mais. Falando em teatro por exemplo, eu dirigi e adaptei "Orfeu e Eurídice" c/ figurinos e indumentária (harpa de isopor) c/ meus amigos no confortável espaço da esteiras e grandes almofadas da Biblioteca.

8. De tudo, um pouco. Cinema, romance, teatro,

biografias, filosofia (dentro das minhas possibilidades), jornais, revistas, c/ avidez e interesse. Mas confesso que dentro do meu consumo normal, tenho lido pouco. Nanci, a Biblioteca infantil foi de grande influência na minha infância e formação intelectual e humana. O reforço foi o dia-a-dia, o meu interesse pelas atividades propostas.

9. A minha vontade e realização da peça "Orfeu e Eurídice" que foi uma "brincadeira" séria que deixou lembranças doces.

A peça envolveu uma adaptação minha (c/ texto batido à máquina e revocado por minha mãe) e feitura de roupas, uso de perucas e maquiagem. Confesso que a encenação em si foi uma zona total (eu narrava a peça), faltando figurantes e uma estrutura melhor. Mas foi válida a experiência.

10. Infelizmente, não sou sócio de nenhuma, mas ocasionalmente vou a elas (em 89 passei quase todos os recreios e tempos livres fugando na Biblioteca adulta do colégio).

11. Ruins. Até finais de 89 (estava na 8ª, repeti o 1º ano) eu aparecia no novo espaço da Biblioteca Infantil assustando os pequeninos ao deitar no espaço das almofadas) e pude constatar a decadência dela, e hoje meu primo menor me conta o resto.

12 Nanci gostaria que você me revivesse a memória, ao invés de contar a minha preferida. Acho que a história era do ano mistérico; falava sobre o assassinato de uma garota com arco e flecha e ela era cortada em pedaços. Me lembro de uma pergunta sobre um carro, um fusca em que o detetive, anotava que o carro não podia obviamente transportar a obesa, e que todos se questionaram sobre o

porque de terem anotado, que fulano tinha uma fusca

13. Não me lembro de muitos. Mas um me marcou em especial: o juiz Lawrence Wagrave de "O caso dos 10 Negrinhos", e pode parecer pedante de minha parte, mas eu acho de uma psicologia fascinante, e na relação com a humanidade, para que eu só me lembre dele. E naturalmente notei isso tudo muito mais tempo depois de ter conhecido pela 1ª vez a história.

14. Um "eu" mais feliz, realizado e com mais vontade de fazer coisas boas e produtivas; às vezes eu perco a vontade de permanecer ativo.

15. Já dei em perguntas anteriores, amostras disso, mas me lembro de muito mais. Lembro das eleições (para escolha do tema), do "correio do amor" no tema romance e muito mais (daria para escrever um livro!)

16. No momento do último dia de aula na Biblioteca eu congelaria tudo e faria um flash-black. Mas de recordação concreta eu tenho uma hidra, feita em barro pintada, que eu "roubei" da Biblioteca no último dia de aula do ano de 1983. Carinho, saudade

17. A sua carta, o seu pedido, muito bem-vindo (mais que bem-vindo agraciado).

18. Por que para minha infelicidade, aquilo acabou e porque não houve outro trabalho desse para outras crianças?

19.

20. Prefiro lhe fazer uma pergunta, no final do livro (e do filme), A Máquina do Tempo" livros (não me lembro se são 2 ou 3) são levados para ajudar na feitura de um novo mundo ↑

QUAIS LIVROS VOCÊ LEVARIA, Nanci?

Finalizando, eu gostaria de me desculpar pela péssima letra (esse hábito nem sua biblioteca conseguiu sanar) e gostaria de manter contato com você.

E gostaria de lhe fazer um pedido, será que você não podia me mandar uma cópia da antológica (ah!) encenação de "Orfeu e Eurídice" com minha estudada pose de diretor maluco?

Um abraço e um beijo,

João Marcelo

OBS (1): Me lembro de alguma senhas como "luzes, câmera, ação", mas gostaria que na resposta você me avivasse a memória

OBS (2): Como vai sua filha? Com quantos anos ela está?

ANEXO 4

Nanci, querida amiga (e inesquecível)

Sua carta para Isabela foi para o Rio quando nós já estávamos aqui em Teresópolis; por isso, lamentei muito não ter podido encontrá-la já que você está morando pertinho de mim.

Tentei falar com você ontem para lhe dar pessoalmente o abraço que há muito não lhe dou pelo dia 19; não quis (e não pude) passar em seu apartamento sem avisar. Sinta-se abraçada e homenageada!

Isabela já desceu e levou sua carta para terminar de responder e atender às suas solicitações. Apreciei muito suas perguntas sobre o mágico tempo em que elas estiveram sob sua orientação na Biblioteca.

Você foi insuperável, Nanci, e, nada que possa testemunhar sobre o seu trabalho estará à altura do mundo encantado e real cujas portas lhes foram abertas por sua criatividade e dedicação.

Adoraria falar com você pessoalmente. Ficarei aqui em Teresópolis até o próximo sábado. Não tivemos uma temporada muito alegre desta vez; meu marido teve problemas de saúde e "ficamos" internados 15 dias no Hospital São José. Graças a Deus, ele está em franca recuperação, mas ainda com cuidados especiais, daí minha exiguidade de tempo.

Se não pudermos nos encontrar, escreverei para você do Rio, telefonarei antes

Sua carta para Isabela foi para o Rio quando nós já estávamos aqui em Teresópolis; por isso, lamentei muito não ter podido encontrá-la já que você está morando pertinho de mim.

Tentei falar com você ontem para lhe dar pessoalmente o abraço que há muito não lhe dou pelo dia 19, não quis (e não pude) passar em seu apartamento sem avisar. Sinta-se abraçada e homenageada!

Isabela já desceu e levou sua carta para terminar de responder e atender às suas solicitações. Apreciei muito suas perguntas sobre o mágico tempo em que elas estiveram sob sua orientação na Biblioteca.

Você foi insuperável, Nanci, e nada que possa testemunhar sobre o seu trabalho estará à altura do mundo encantado e real cujas portas lhes foram abertas por sua criatividade e dedicação.

Adoraria falar com você pessoalmente. Ficarei aqui em Teresópolis até o próximo sábado. Não tivemos uma temporada muito alegre desta vez; meu marido teve problemas de saúde e "ficamos" internados 15 dias no Hospital São José. Graças a Deus, ele está em franca recuperação, mas ainda com cuidados especiais, daí minha exiguidade de tempo.

Se não pudermos nos encontrar, escreverei para você do Rio, telefonarei antes para a Rosa.

Deus proteja e abençoe a Rafaela.

Um abraço Nanci, juntinho do coração. A mãe eternamente grata

Dora →

Nanci:

Com que prazer recebi sua carta! Preocupava-me pensar que as chuvas e deslizamentos a tivessem levado.

Isabela lhe escreveu. Espero que ela tenha conseguido traduzir em equivalente verbal pelo menos um pouco das emoções vividas na "sala de fazer idéias boas" e lhe tenha transmitido o quanto você colaborou para a sua apreensão da vida e do conhecimento do mundo. Biblioteca, para ela, é o que você lhe apresentou: em vez de estantes com livros, vozes vivas e humanas. Ali começou a mobilização do seu potencial de sensibilidade, de sua criação, da sua compreensão e da sua expressão; ali sua cabecinha se inchava de interrogações e, assim, você a levava à reflexão, a assumir idéias, a construir uma visão crítica do fato e da sua versão. A prova disso está nas deliciosas "adultas palavras infantis", como tão bem você classificou o pensamento das crianças.

Lembro-me de quando um dos temas escolhidos foi contestado por alguns pais (desconhecedores do seu trabalho, claro!) e a meninada defendeu com "unhas e dentes"

a sua realização; não foi surpresa para mim, o sucesso do seu trabalho e a aceitação até por aqueles que não haviam votado naquele assunto. Confirmou-se aquele raciocínio de Chesterton de que "a aventura pode ser louca mas o aventureiro tem que ser lúcido". E isso sempre todos admiraram no seu trabalho: a lucidez com que você caminha em direção ao seu objetivo.

Ficção científica, romance, terror, mitologia foram assuntos que você demonstrou serem completa e perfeitamente atingíveis, como atingidos foram seus objetivos, pois fascinaram as crianças (e eu diria até que as sacudiram) Seus temas sempre foram abordados por inteiro, desde a organização material até a sua estratégia de ação que levava a criança a refletir e a buscar um paralelo entre aquele fato antigo, legendário, mitológico, romântico ou científico e a realidade atual e até à nossa realidade brasileira (conforme Édipo e os nordestinos.)

Das Feiras do Livro, das quais participei, quero ressaltar a sua criação do "Hospital de Livros" em que os alunos aprenderam a reconstruir os livros gastos, rasgados, sem capa. Foi uma febre!

Nanci, estou-me estendendo demais; gostaria de ser técnica no assunto

ou, pelo menos mais especializada para não parecer que este depoimento seja apenas fruto da admiração pelo seu trabalho. Sou apenas uma "mãe-testemunha ocular" do que o seu trabalho fez despertar nas crianças, do prazer da leitura, do seu espírito crítico, do seu instigante mecanismo para induzi-las à reflexão, enfim, da sua preocupação em estabelecer a relação entre a linguagem real e o imaginário no dia a dia das crianças. Crianças e livros — eis a sua meta.

Ave, Nanci! Os que te conhecem te saúdam (e te agradecem.)

Grande abraço

Dora

E.T. Um abraço apertadinho na Rafaela.

Rio, 7 de abril de 1991.

ANEXO 5
1

ANEXO 5
2

O CÃO DOS BASKERVILLE

UMA AVENTURA DE
SHERLOCK HOLMES

CONAN DOYLE

(ADAPTAÇÃO: NANCI NÓBREGA)

Numa cidadezinha inglesa, chega o novo herdeiro da família Baskerville. É Sir Charles Baskerville, o que ganhará de herança toda a fortuna da família.

Mas uma terrível ameaça paira sobre sua cabeça: a maldição que mata todos os herdeiros da fortuna Baskerville. A maldição é a morte horrível nas garras de um cão mostruoso, diabólico, que vive no pântano que existe em volta do castelo dos Baskerville.

E, mais uma vez, a maldição acontece: Sir Charles morre nas garras do cão danado que some no pântano depois de machucar, estraçalhar seu corpo. O mordomo do castelo, Barrymore, descreve o cão:

- Ele tem uns olhos de diabo, espuma pela boca e tem uns chifres! É medonho! É o cão do inferno!

Aí, então, um dia, o novo herdeiro chega para receber sua enorme herança: é Sir Henry Baskerville.

Mas Sir Henry temendo a maldição que ataca sua família, contrata em Londres os serviços do maior detetive de todos os tempos: SHERLOCK HOLMES.

Sherlock não vai para o castelo Baskerville imediatamente. Manda em seu lugar o Dr. Watson, amigo e ajudante, para ir tentando resolver o mistério do cão dos Baskerville.

Assim que Watson chega ao castelo com Sir Henry, recebe um telegrama de Sherlock Holmes recomendando-lhe que não deixe Sir Henry nem um minuto sozinho. E, em hipótese nenhuma, o deixe passear pelo pântano.

Muito curioso, Watson resolve passear ele mesmo sozinho pelo pântano para conhecer a morada do cão do inferno. No pântano, encontra um fazendeiro, Stefen, que mora ali perto. É um homem estranho, que coloca armadilhas para caçar animais. Ele não usa arma porque tem os dedos da mão direita colados: não pode atirar. Diz a Watson que tenha cuidado porque, no pântano, existe um pedaço muito perigoso, com areia movediça.

O homem vai embora e Watson prossegue seu passeio. Encontra uma moça sentada numa pedra e pergunta-lhe qual o caminho de volta para o castelo. A moça olha-o e sai correndo. Watson corre atrás

dela e cai na areia movediça.

O fazendeiro o socorre quando ouve seus gritos. A moça também volta para ajudar. O estranho homem grita com a moça e Watson percebe que são pai e filha. Por que será que ela parecia ter tanto medo?

Watson é levado de volta ao castelo e convida seu salvador e a filha para tomarem um chá. O homem aceita, mas manda que Cécile, a filha, fique esperando na entrada do castelo.

Nesse momento, chega Sir Henry e fica enfeitiçado pela beleza de Cécile. Os dois conversam, mas Cécile parece ter medo que seu pai chegue e os encontre conversando. "- Meu pai... se ele nos visse!" Ela tenta fugir, mas antes abraça e beija Henry. Aparece o pai e grita com ela e os dois vão embora.

Sir Henry, ainda pensando em Cécile, anda pelo castelo e, quando passa pela porta do sótão, ouve um barulho. Tenta abrir a porta. Nisso, vê uma sombra se aproximando. Se esconde e, então, percebe que é o Dr. Watson. Ele carrega uma vela. Abrem a porta. Eles percebem que, com a luz da vela, lá no fundo do pântano, alguém faz um sinal. Correm para o pântano e descobrem uma pessoa estranhíssima que foge correndo. Exatamente neste momento, ouvem um medonho uivo.

Aí, Sir Henry sente uma forte dor no coração. Dr. Watson ajuda-o com os primeiros socorros e, quando vão embora, vêem uma sombra no alto do penhasco.

Dr. Watson chama o médico da cidadezinha, Dr. Mortimer, e pede-lhe que fique ao lado de Sir Henry sem se afastar um minuto. Volta ao pântano e lá encontra a sombra de novo. Corre atrás e dá de cara com... SHERLOCK HOLMES!

Holmes explica a Watson que já estava na cidadezinha há dois dias investigando. Queria encontrar o condenado do pântano.

- Condenado do pântano? pergunta Watson.

- É sim. Quero saber se ele tem alguma coisa a ver com a maldição, com o cão dos Baskerville. É um criminoso que fugiu da cadeia aqui perto.

Neste momento, ouvem um medonho uivo. Holmes pega um binóculo e, olhando para o castelo, percebe que o Dr. Mortimer foi embora. Correm para lá, mas se perdem no pântano. Então, de repente, encontram nas sombras do pântano o corpo de Sir Henry. Holmes fica deprimido porque se julga responsável: fora contratado para proteger o herdeiro e o encontra agora, morto. Mais uma vez se cumprira a maldição dos Baskerville.

-"Não poderei descansar enquanto não souber quem fez isso."

Encontram finalmente o caminho e Holmes dá ordens ao mor-

domo Barrymore para tratar de tudo. O mordomo fica olhando para ele apatetado.

Aí, percebem novamente uma sombra atrás da porta do sótão. Entram. É... Sir Henry! Quando percebe a cara espantada dos dois, diz:

"-Estava aqui procurando minha bota. Só achei um pé da bota... Meu casaco também sumiu... Acho que alguém o roubou. Era um bom casaco. Mas, roubar só um pé da bota ... Não estou entendendo nada..."

Sherlock percebe,então, que o corpo que encontraram no pântano e que confundiram com o de Sir Henry, era do condenado, do criminoso que devia ter roubado o casaco.

Holmes pergunta por que o Dr. Mortimer tinha ido embora. Sir Henry conta que os dois tinham discutido asperamente por causa da maldição. O médico achava aquilo tudo uma bobagem.

Sir Henry, que não conseguia esquecer Cécile, vai até sua casa. Quando ela o vê, fica assustada: seu pai pode voltar a qualquer momento. Sir Henry se declara apaixonado. Quando eles estão se beijando, chega o pai da moça. Pai e filha ficam se olhando, sem que Sir Henry perceba. O fazendeiro convida o herdeiro dos Baskerville e seus amigos do castelo para virem jantar em sua casa.

Sherlock Holmes decide ir procurar o médico, Dr. Mortimer, e saber porque ele deixara Sir Henry sozinho. Dr. Mortimer trata mal Holmes e ri quando este diz ter descoberto que, perto do pântano, existe uma mina abandonada. Depois de algum tempo, reconhece que Holmes é mesmo um grande detetive e diz que há, sim, uma mina abandonada. Holmes decide ir lá para investigar e leva Watson, o fazendeiro Stefen que o convidara para jantar em sua casa e o Dr. Mortimer.

É uma mina muito antiga: suas paredes estão em ruína. Watson fica do lado de fora. Entram Holmes, o médico e o fazendeiro. Enquanto Holmes investiga, ouve-se um uivo. Holmes se vira rapidamente, a tempo de ver a expressão dos dois estranhos homens. De repente, a mina começa a desmoronar, aprisionando Holmes. Os dois homens conseguem escapar e encontram Watson do lado de fora, muito aflito por causa do barulho que escutou. Quando não vê Holmes, desesperado,começa a cavar e pede ajuda aos outros. Depois de muitas horas cavando sem conseguir achar Sherlock Holmes, o fazendeiro se vira para Watson e diz:

- Vamos embora. A esta hora ele infelizmente deve estar morto. Não conseguiremos nada.

- Sim, vamos embora, diz Watson. Mas para trazer reforços e, então,

encontram nela, sentado, fumando seu cachimbo calmamente...Sherlock Holmes!

Voltam para o castelo. Sherlock, ao entrar, pergunta ao mordomo:

- Barrymore, ali no alto da escada não está faltando um quadro?

- Sim, meu senhor, era o retrato de um antepassado...

Sherlock vai para o seu quarto para descansar, porque está com a perna machucada. Lá chegando, descobre, ao pedir seu fumo para o cachimbo, que mexeram nas suas coisas.

Quando a noite chega, Sir Henry vai procurá-lo dizendo que já está na hora do jantar na casa do fazendeiro. Sherlock diz que não pode ir por causa de sua perna e sorri:

- Afinal, será até melhor pra você, não é, meu caro Henry? Assim terá oportunidade de ficar a sós com a bela Cécile. Sir Henry sorri encabulado e parte para a casa de Stefen.

Imediatamente, Holmes se levanta e, apoiando-se em Watson, seguem Sir Henry. Watson vai, mas reclama muito.

- Mas, que loucura, Holmes! Primeiro, pensei que você estivesse morto. Depois, eu o encontro vivinho do lado de fora da mina, só com a perna machucada. Agora, descobrimos alguém que entra no nosso quarto e mexe em nossas coisas. Eu...

- Ora, cale-se, seu rabugento! As coisas são mais simples do que você imagina. Num instante descobriremos tudo a respeito deste "cão do inferno". Temos que seguir Sir Henry para saber finalmente o mistério da maldição dos Baskerville. Ora, meu caro Watson, eu só fui àquela mina depois de certificar-me que haviam muitas saídas ocultas. Assim, quando aquela parte desmoronou, só precisei mancar um pouco e sair por uma delas.

Assim, vão os dois atrás de Sir Henry. Ficam do lado de fora da casa, espionando. Vêem quando Cécile e Sir Henry deixam a casa e começam a passear. Percebem que a moça se dirige para o pântano e que, num determinado momento, ela some. Sir Henry está tonto, não sabe para onde vai. Aos pouços ele vai chegando perto da mina abandonada. Entra lá porque sente o perfume de Cécile. Está tudo em silêncio. De repente, um uivo medonho. Antes que Sir

Sir Henry e o "cão do inferno" lutam. O cão é mesmo diabólico: seus olhos parecem os do diabo, sua boca espuma, ele é enorme, tem chifres e ataca Sir Henry para matar. Já bastante ensanguentado e fraco, Sir Henry começa a ter um ataque do coração, quando percebe que ali, à sua frente, olhando toda a cena como que hipnotizada, está Cécile.

Ela não o ajuda. Apenas olha enquanto Sir Henry está sendo atacado. Ela ali está junto a ... seu pai, o fazendeiro Stefen. Os dois olham Sir Henry ser atacado e riem.

Neste momento chegam Sherlock e Watson.

Holmes atira no cão e grita para que Watson socorra Sir Henry. Holmes atira no cão. Stefen luta com Holmes; o revólver dispara e Stefen morre. Cécile foge. Quando percebe que o cão está morto, Holmes chega perto e fica sabendo que o terrível cão do inferno, o terrível cão dos Baskerville era apenas um enorme dinamarquês em que tinham colado chifres.

O cão está morto e Sir Henry, ajudado por Watson, se recupera. Watson grita porque notou que a moça tinha fugido.

- Deixe-a ir, Watson, o pântano a deterá.

Realmente, quando estão caminhando e amparando Sir Henry, vêem que Cécile, querendo escapar, caiu na areia movediça. É tarde demais, eles não podem mais salvá-la. Sir Henry chora. Eles caminham de volta para o castelo.

...

Em Londres, Sherlock Holmes e Dr. Watson conversam. Sherlock fuma tranquilamente seu cachimbo. Conversam sobre a maldição dos Baskerville. Watson quer saber como Sherlock Holmes descobriu todo o mistério da maldição dos Baskerville.

- Veja Watson, a correspondência que recebemos hoje: uma carta de Sir Henry acompanhada de um "gordo" cheque pelos nossos serviços e aquele embrulho ali. Abra-o, Watson.

- Um quadro, Holmes! O que significa isto?

- É simples, Watson. Lembra aquele dia em que perguntei ao mordomo Barrymore sobre o quadro que estava faltando no alto da escada? Percebi que estava faltando um quadro, por causa da diferença da cor da parede. Então, fiu investigar. Ora, o quadro era o retrato pintado de um antepassado

dos Baskerville, não era? Então, se tinha sido tirado dali é porque revelava algum segredo para quem o visse... Andei investigando e telegrafei a uma biblioteca que encontrou um livro com uma cópia do quadro. Examinando o quadro com uma lente de aumento, percebi qual o detalhe que tornava aquele quadro tão perigoso para o assassino: O antepassado Baskerville tinha a mão direita com os dedos... colados! Então tive certeza que Stefen era a verdadeira "maldição dos Baskerville". Ele era um parente que, por ser rude e violento, foi afastado do resto da família. Esteve muitos anos viajando pelo mundo e, quando voltou, mais pobre do que nunca, trouxe a filha. E, com ela, resolveu que tinham que possuir a fortuna dos Baskerville. Aproveitaram-se do cenário do pântano e criaram um "monstro": o diabólico cão do inferno. Que nada mais era do que um pobre cão faminto: eles deixavam o pobre cão passando fome por cinco dias, preso naquela mina! Por isso ele espumava tanto! Depois roubaram uma bota do Sir Henry e deram a ele para cheirar. Ora, o cão esfomeado com o faro aguçado por uma bota de Sir Henry, quando o pressentiu, pulou encima dele, evidentemente querendo matá-lo.

- Mas, meu Deus, Holmes, como você consegue descobrir assim estes mistérios todos? Você é mesmo incrível, Holmes!

- Ora: elementar, meu caro Watson!...

"Um revólver que soltava água." (certamente a nos fazer lembrar que a fantasia - graças a Deus! - sempre triunfará)

"A inteligência." "A pior arma: a mão." "O poder." (certamente a nos ensinar que a criança pensa muito mais do que, às vezes, nós adultos pensamos).

Bom, assim vamos no Mistério das coisas.

Para fechar esta Comunicação, poderia escolher alguns exemplos:

1. Falar sobre a mãe da 1ª série que veio indagar sobre o nosso processo de trabalho e, depois de esquadrinhar tudinho (ainda bem que existe mãe assim!), resolveu que vai contar estórias de Mistério que ela também gosta pra sua criança e que vai jogar com sua filha um jogo de detetive. (Junto minha voz a da criança e grito OBA!)

2. Falar de cachimbos, bonés, lentes de aumento, capas, manuais de detetive, distintivos que as crianças estão fazendo em Artes Plásticas, ou trazendo de casa, para dar um "clima" mais verdadeiro às nossa "aulas". (Repararam que não mencionei nenhum revólver? Repararam que as "armas" dos detetives sobrepujaram as armas de violência dos criminosos?)

3. Falar dos familiares que, já inseridos neste Mundo do Mistério, estão colaborando com desenhos, informações, etc.

4. Falar das estórias de Mistério que estão sendo criadas pelas próprias crianças; estórias que demonstram uma perfeita assimilação das características deste estilo, deste gênero literário. (Estudantes de Literatura teriam farto material para análise literária.)

5. Falar da resposta perfeita de uma criança à solicitação O que você espera da Biblioteca para o tema Mistério?: "— Uma solução."

Ou, numa síntese, reproduzir a transformação maravilhosa que sofreu a famosa sherlockiana, através da dupla "John e Bigode de Seda":

"— Inteligência, meu caro John, apenas inteligência."

BIBLIOTECA INFANTIL
SALA DE FAZER IDÉIAS BOAS

BENETT

O Mistério das Coisas

COLÉGIO BENNETT
BIBLIOTECA INFANTIL

Coisas "misteriosas" andam acontecendo na "Sala de Fazer Idéias Boas", a Biblioteca Infantil do Colégio Bennett.

Votado e escolhido o tema gerador de interesse para 1984 - o Mistério - as crianças se revestem de sua perspicácia habitual e respondem à pergunta "O que é o mistério?" assim:

"É uma coisa muito secreta."

"É quando acontece alguma coisa de anormal e ninguém sabe como."

"Exemplo: a gente vê uma novela, alguém mata um personagem e acaba a novela e você fica curiosa."

"É uma coisa secreta que o detetive tem que procurar."

"Coisa irrespondível e criminosos que desaparecem."

"É uma coisa que ninguém pode saber."

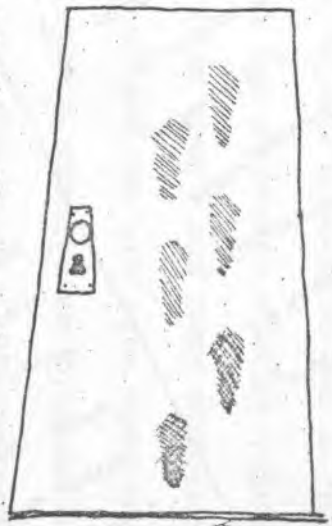
"É uma coisa para nós adivinharmos."

"Para mim é quando um ladrão assalta e não deixa pista."

"É uma coisa que não foi contada a ninguém."

"É uma coisa que a gente fica ansioso para saber."

Naturalmente porque o Mundo, se não tomarmos providências, será sempre este nosso mundo atual, com muita confusão entre Mistério e violência. Assim, precisamos ter uma longa conversa a respeito do "verdadeiro" Mistério, aquele que atiça nossa inteligência, nosso raciocínio, nossos sentidos. E brincamos de cometer possíveis "crimes" dentro de uma biblioteca:



"Uma criança estava lendo um livro e aí o criminoso tapou o livro com a mão e depois fechou o livro."

"Roubou um livro de letras banhadas a ouro, de séculos."

"Roubou um livro de ABC pois não sabia ler e queria aprender."

"Ela roubou o livro para salvar o mundo."

"Roubaram uma almofada do Cantinho da Leitura que as crianças adoravam. O criminoso pegou muitas gomas de mascar e grudou na almofada e sentou em cima, então grudou nele e ele saiu com ela grudada nas costas."

E, indagados sobre quem era o provável "criminoso", alguns nem titubearam: "A bibliotecária!" Algumas exceções houve, graças a Deus: "Um rato." "Um garoto que nunca gostou de distribuir com os colegas as almofadas. Então, sempre teria a sua." "Um leitor." "O escritor maluco." "Foi o diretor que não tinha nada para ler."

Reforçando a idéia de que o poder opressor se vence "criançamente", isto é, sabiamente, fizeram o retrato falado da "criminosa" através de desenhos que mostravam aquela bibliotecária estereótipo: coque, óculos "fundo de garrafa", vestido comprido de longas mangas e gola fechada. Houve até quem desenhasse algumas facas e revólveres presos ao cinto da tirana, demonstrando que nós, bibliotecários, muitas vezes somos déspotas em nossa bibliotecas desinteressantes. (Ainda bem que fervilharam os desenhos mostrando outro tipo de "tia da biblioteca": bermudas, sandália de amarrar colorida, e blusa com uma...flor.)

E a arma do crime? Ah!

"Uma chave." (certamente para abrir essa porta sempre tão fechada das bibliotecas infantis)

"Um disfarce de empregado." (certamente revelando um mundo muito cruel para com os menos favorecidos pela deusa Oportunidade)

"Um livro pesado." (certamente concluíndo o raciocínio "matou a diretora do colégio")

"Os dedinhos do próprio ladrão." (certamente desprezando pergunta tão tola)

houver a necessidade da pesquisa escolar, o primeiro passo (o mais importante) já terá sido dado: as crianças, motivadas por uma biblioteca onde elas se sentem felizes, onde trabalham o assunto que gostam, certamente sentirão a curiosidade de desvendar os outros mundos que os livros podem oferecer.

Por isso, nossa Biblioteca tem a face da infância: alegre, curiosa, instigante e cheia de ... VIDA !

Biblioteca Infantil

MUNDO DO ROMANCE

TEMA GERADOR DE INTERESSE DE LEITURA-85

ACS - BENNETT

ANEXO 6

Na "Sala de Fazer Idéias Boas", a Biblioteca Infantil do Colégio, o AMOR está imperando. Isto porque ROMANCE foi o tema escolhido pelas crianças para nortear todas as atividades em 1985.

Assim, desde a senha de entrada (um suspiro apaixonado) até nosso boneco-símbolo (Pierrô, o eterno enamorado); desde o bolo de casamento (homenagem aos namorados do mundo) até as almofadas do Cantinho da Leitura em formato de coração; desde as cortinas e quadros com motivos referentes ao tema, tudo nos faz lembrar o assunto eleito pelas crianças. O "clima" é de amor. E de amor falamos nós.

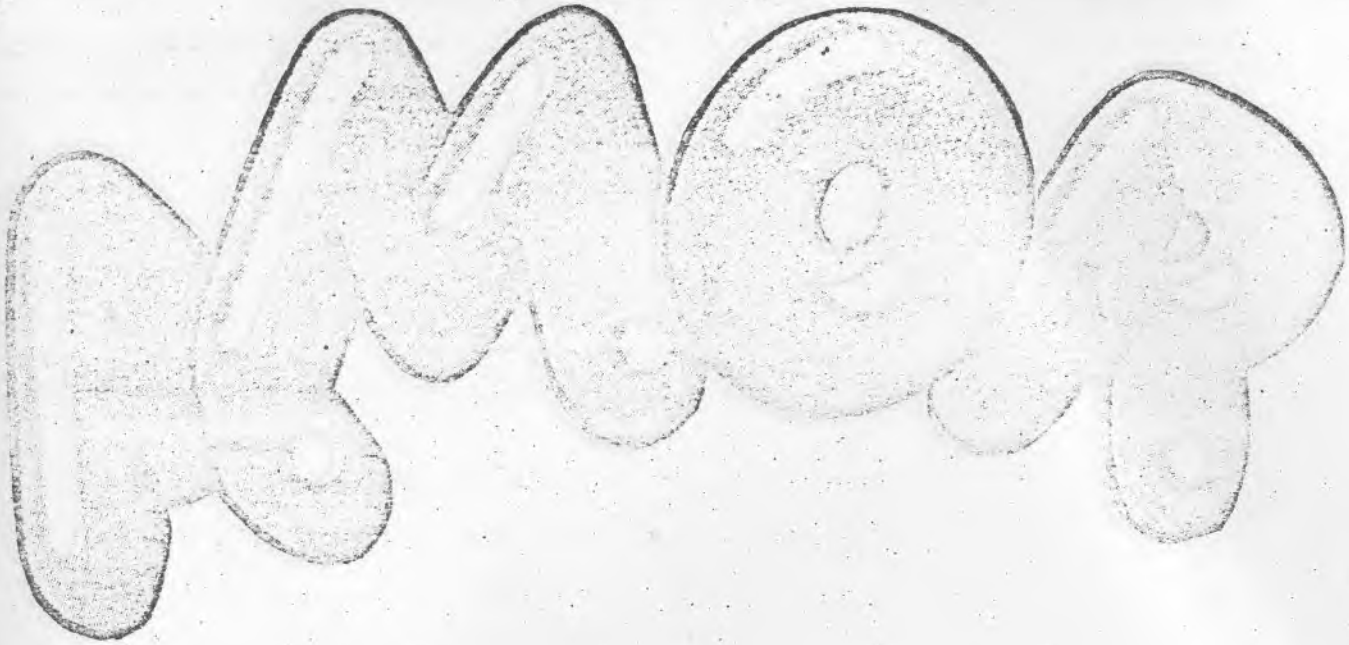
Os grandes clássicos vão sendo pouco a pouco desvendados. Todos nós vamos apreendendo as muitas formas de Amor e passamos a conviver com Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, Orfeu e Eurídice, Pierrô e Colombina, Dante e Beatriz, A Moreninha e Augusto, Capitu e Bentinho, Peri e Ceci, A Bela e a Fera, Cinderela e o Príncipe Encantado. E muitos mais.

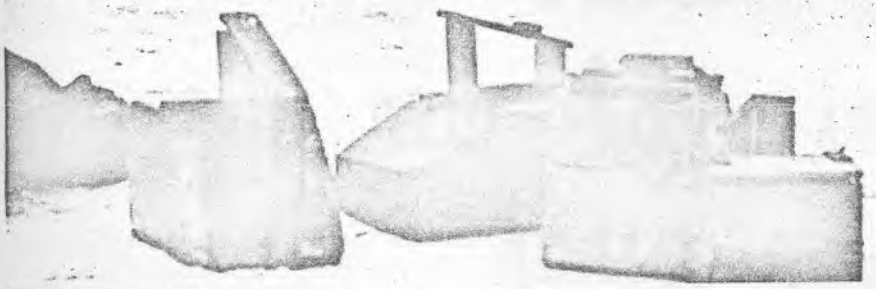
Com estes personagens vamos percebendo os elementos principais da Narrativa ; vamos tecendo comparações entre as diferentes épocas nos costumes, na Literatura, nos modos de amar; vamos abordando a Ópera, o Teatro, o Cinema; vamos colocando em nossos corações nomes como Shakespeare, Puccini, Tólstoi, Irmãos Grimm, Andersen, Machado de Assis, Alexandre Dumas...

Resgatamos a tradição oral e escrita da humanidade com as trovas, as cantigas d'amor e d'amigo; resgatamos nossa tradição com as estórias antigas que vieram da Europa, da África, nos nossos índios; resgatamos as ingênuas e gostosas brincadeiras que falam de namoricos (a paquera de hoje em dia, não é?), os jogos cantados, as cirandas, as adivinhas.

E por este caminho vamos. Porque escolhemos ser uma Biblioteca Infantil e não somente uma biblioteca Escolar. Porque, sendo assim como somos, temos a oportunidade de convidar a criança para o ato de ler, em lugar de forçá-la à leitura. E, assim, no momento em que

ANEXO 6
2





A ESTA HORA, EXATAMENTE,
HÁ UMA CRIANÇA NA RUA.

É honra do homem proteger o que
nasce.

Cuidar que não haja infância dispersa nas ruas.

Evitar que naufrague seu coração de barco,

sua incrível aventura de pão e chocolate.

Frequentar seus países de bandidos e tesouros,

Colocando uma estrela no lugar
da fome.

De outro modo é inútil ensaiar
na tevia

a alegria e o canto.
De outro modo é absurdo,
porque de nada vale se há uma
criança na rua.

A ESTA HORA, EXATAMENTE, HÁ
UMA CRIANÇA NA RUA."

(ARMANDO TEJADA GOMES - GRUPO RAÍZES DE AMÉRICA)

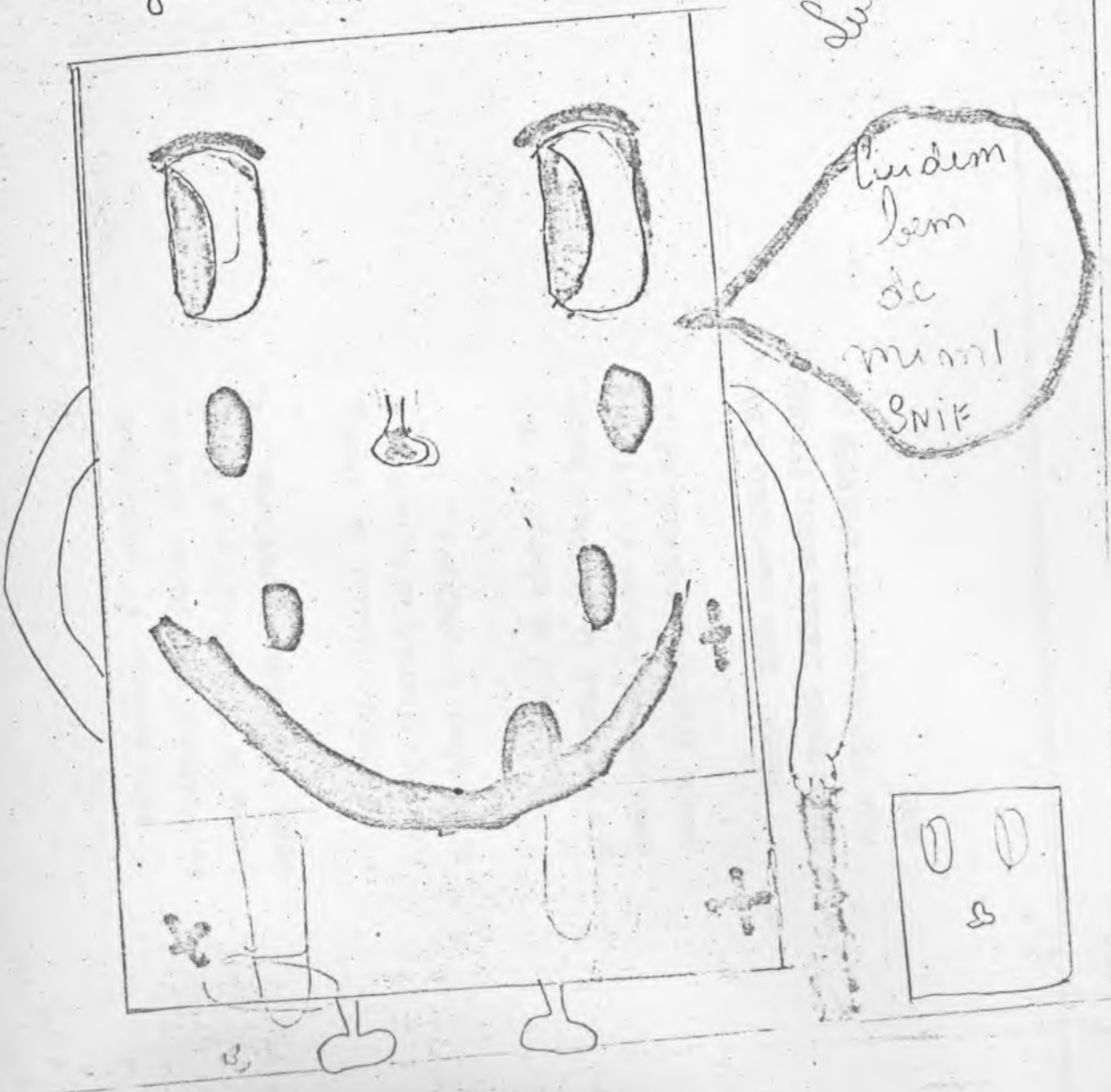
Adorei!

Estou machucado e quebrado.
Todas as crianças me rabiscam.

Puxar! Estou tão tristonho com isso!

Uso uma bengalinha verde e azul;
também toda quebrada!
Eu gosto muito de brincar!
Sou um livro bonzinho,
mas não gosto de apanhar!

Luciana



A BIBLIOTECA INFANTIL FUNCIO
NA DE 8 ÀS 16h30MIN NA SALA EP-
101.

Este horário é preenchido oficialmente com aulas para as turmas de 1ª. à 5ª. séries e Atividades Integradas Vespertinas.

O horário oficial de empréstimo de livros e revistinhas é de 10h30min às 13h30min.

No horário de almoço do Colégio (12h30min às 13h30min), funcionamos com atividades livres (pesquisa, jogoteca, gibiteca etc.).

VENHA. SEJA BEM-VINDO À SALA DE FAZER IDÉIAS BOAS: ESTAMOS AQUI ESPERANDO PARA APRENDER COM VOCÊ.

Colégio
BENNETT
Rua Marquês de Abrantes, 55
Flamengo - Rio de Janeiro
Fone: 245-8000

Biblioteca Infantil do Instituto Metodista Bennett
apresenta:

O Mundo do Cinema

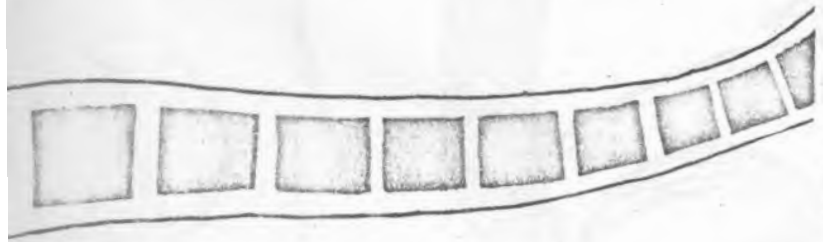
Pois é. O CINEMA ganhou.

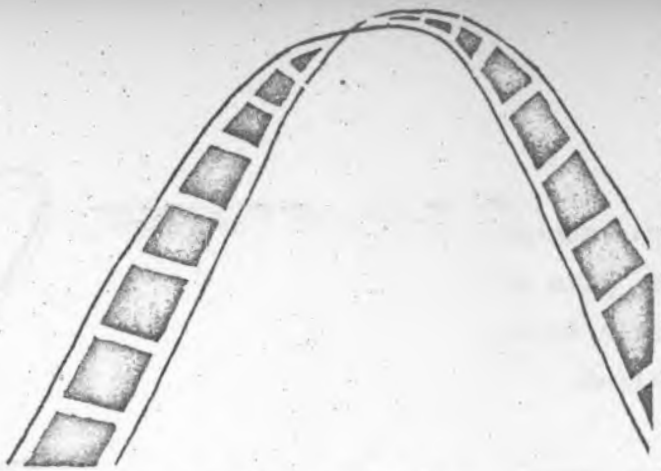
Assim, em 1986, o tema gerador de interesse de leitura da "*Sala de Fazer Idéias Boas*" — a Biblioteca Infantil do Colégio Bennett — será o *Mundo do Cinema*.

A nossa Biblioteca se converterá numa longa matinée.

E quem votou em outros assuntos sairá ganhando também, uma vez que Cinema trata de *todos* os temas. É ou não é?

Falaremos de Fantasia (e reviveremos *História sem fim*, *Fantasia*, *Peter Pan*, *O planeta selvagem*...); falaremos da Idade Média (e viveremos *O feitiço de Áquila*, *Excalibur*, *O incrível exército de Brancaleone*...); falaremos da Comédia (e riremos com o Gordo e o Magro, os Batatinhas etc.; e riremos e nos emocionaremos com Monsieur Hulot, Carlitos...); falaremos do Mundo da Música (e nos encantaremos com os grandes musicais); falaremos do Mundo do Mar (e iremos às ilhas perdidas com seus tesouros, enfrentaremos os piratas, aprenderemos com Robinson Crusoé e Sexta-Feira...); falaremos do Mundo do Terror (e nos arrepiaremos e riremos com os Drácula que o cinema nos deu; sofreremos com Frankenstein e *O fantasma da Ópera*; morreremos de susto com os monstros da tela...); falaremos de Ficção Científica (e nos deslumbraremos com *Contatos imediatos do terceiro grau*, *Cocoon*, *2001, uma odisséia no espaço*...)





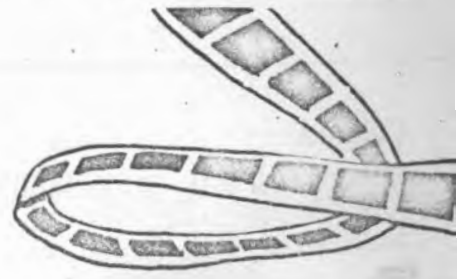
Falaremos de tantos mundos e viajaremos por eles todos através da magia do Cinema. Veremos filmes (se Deus quiser), faremos pesquisas e contaremos estórias. Conversaremos sobre esta Bela Arte e aprenderemos cores, luzes, movimentos. Saberemos porque os irmãos Lumière, Hitchcoock, Cecil B. de Mille, Truffaut, Bergmann (é isto mesmo!), Spielberg e tantos outros são venerados por multidões.

Ih! E tanta coisa mais...

E, como Cecília, de *A Rosa Púrpura do Cairo*, faremos a Ficção duelar com a realidade. Com direito a reprise e tudo. Quem há de vencer, ainda não sabemos. Porém, ao longe, parece que há uma voz dizendo:

" — *Toque outra vez, Sam.*"

BIBLIOTECA INFANTIL



BLIOTECA INFANTIL FUNCIO
AS 16h30MIN NA SALA EP-

Este horário é preenchido oficialmente com aulas para as turmas de 1ª. à 5ª. séries e Atividades Integradas Vespertinas.

O horário oficial de empréstimo de livros e revistinhas é de 10h30min às 13h30min.

No horário de almoço do Colégio (12h30min às 13h30min), funcionamos com atividades livres (pesquisa, jogoteca, gibiteca etc.).

VENHA. SEJA BEM-VINDO À SALA DE FAZER IDÉIAS BOAS: ESTAMOS AQUI ESPERANDO PARA APRENDER COM VOCÊ.

gio
IENNETT
Rua Marquês de Abrantes, 55
Flamengo - Rio de Janeiro
Fone: 245-8000

Biblioteca Infantil do Instituto Metodista Bennett
apresenta:

Mundo do Cinema

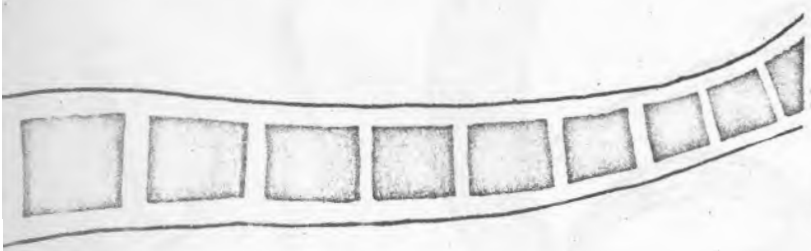
Pois é. O CINEMA ganhou.

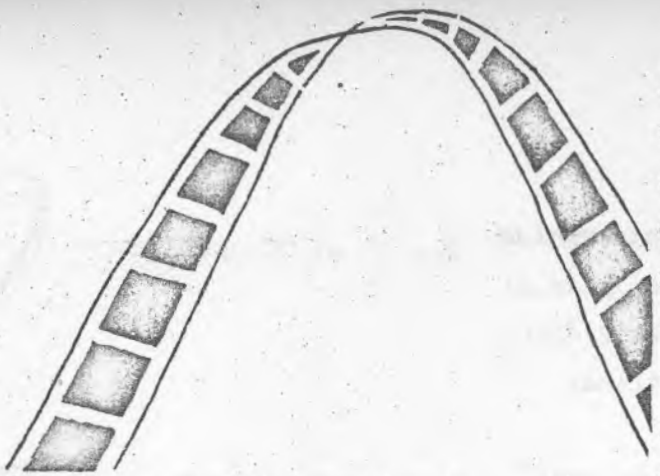
Assim, em 1986, o tema gerador de interesse de leitura da "*Sala de Fazer Idéias Boas*" — a Biblioteca Infantil do Colégio Bennett — será o *Mundo do Cinema*.

A nossa Biblioteca se converterá numa longa matinée.

E quem votou em outros assuntos sairá ganhando também, uma vez que Cinema trata de *todos* os temas. É ou não é?

Falaremos de Fantasia (e reviveremos *História sem fim*, *Fantasia*, *Peter Pan*, *O planeta selvagem*...); falaremos da Idade Média (e viveremos *O feitiço de Áquila*, *Excalibur*, *O incrível exército de Brancaleone*...); falaremos da Comédia (e riremos com o Gordo e o Magro, os Batatinhas etc.; e riremos e nos emocionaremos com Monsieur Hulot, Carlitos...); falaremos do Mundo da Música (e nos encantaremos com os grandes musicais); falaremos do Mundo do Mar (e iremos às ilhas perdidas com seus tesouros, enfrentaremos os piratas, aprenderemos com Robinson Crusoé e Sexta-Feira...); falaremos do Mundo do Terror (e nos arrepiaremos e riremos com os Drácula que o cinema nos deu; sofreremos com Frankenstein e *O fantasma da Ópera*; morreremos de susto com os monstros da tela...); falaremos de Ficção Científica (e nos deslumbraremos com *Contatos imediatos do terceiro grau*, *Cocoon*, *2001, uma odisséia no espaço*...)





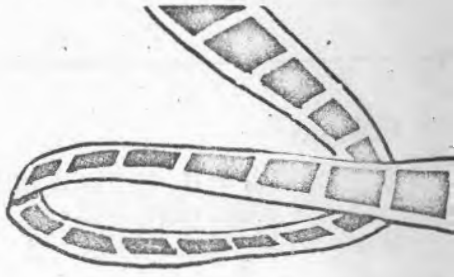
Falaremos de tantos mundos e viajaremos por eles todos através da magia do Cinema. Veremos filmes (se Deus quiser), faremos pesquisas e contaremos estórias. Conversaremos sobre esta Bela Arte e aprenderemos cores, luzes, movimentos. Saberemos porque os irmãos Lumière, Hitchcoock, Cecil B. de Mille, Truffaut, Bergmann (é isto mesmo!), Spielberg e tantos outros são venerados por multidões.

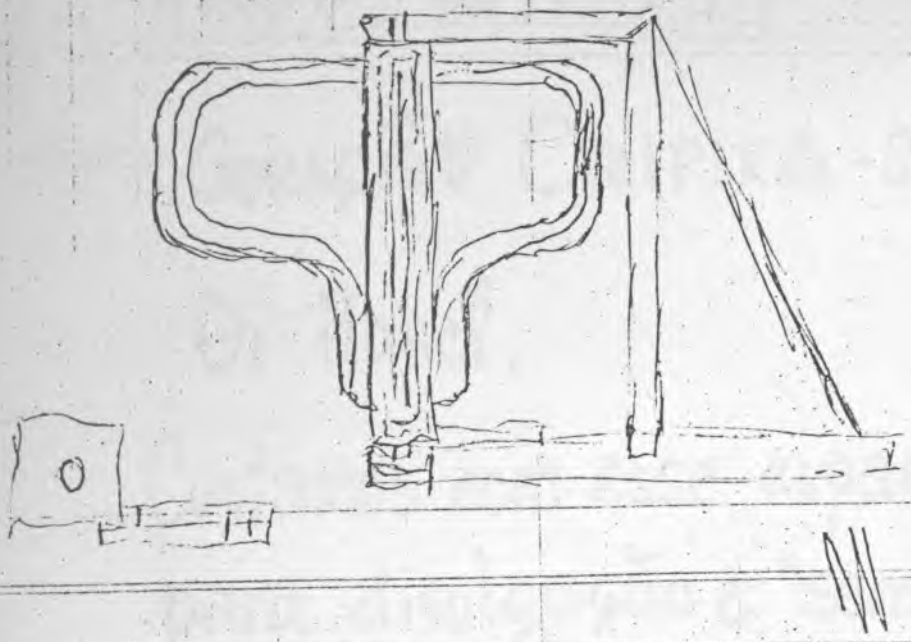
Ih! E tanta coisa mais...

E, como Cecília, de *A Rosa Púrpura do Cairo*, faremos a Ficção duelar com a realidade. Com direito a reprise e tudo. Quem há de vencer, ainda não sabemos. Porém, ao longe, parece que há uma voz dizendo:

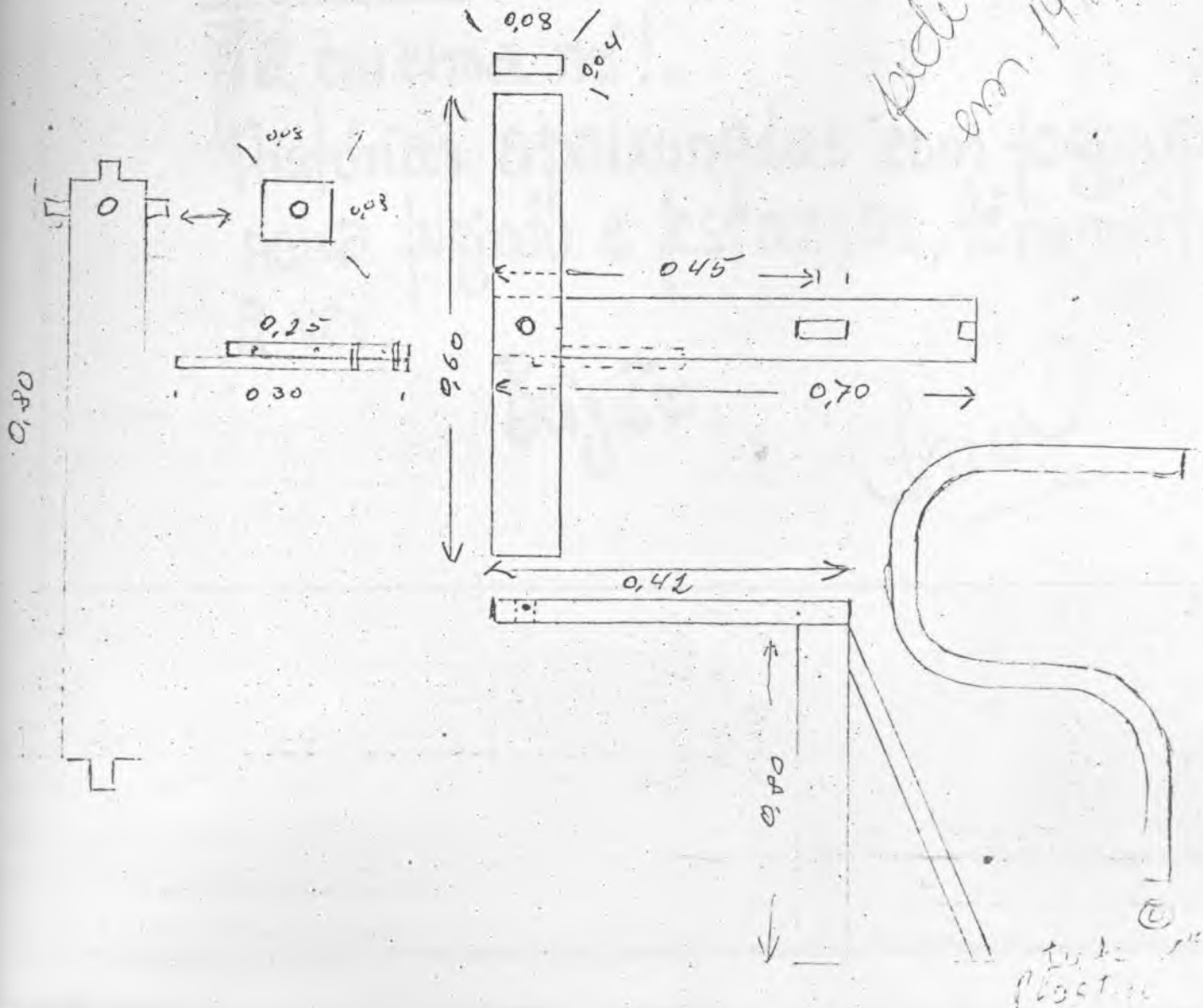
" — *Toque outra vez, Sam.*"

BIBLIOTECA INFANTIL





pedido em 14/2/86



ANEXO 8

COMUNICAÇÕES INTERNAS

DATA: 11/06/1985

NÚMERO:

DE: DANIEL - SOR

PARA: NANCI - Bi-Infantil

ASSUNTO: CORAÇÃO CAIPIRA-85

Oi Nanci,

Contamos com esse espaço fantástico para divulgação e "sensibilização" apaixonada p/ o Coração Caipira-85 - festa dia 28/06.

Tá em cima né!...

Histórias apaixonadas com fogueira, noiva fugindo e festanças, têm muito a ver.

Beijão,

Jau

CÓPIA:

Biblioteca - 1ª série

Consideramos o trabalho realizado na Biblioteca Infantil, excelente, muito criativo e organizado.

Gostaríamos de participar mais ativamente, tomando contato com os assuntos trabalhados na Biblioteca (escolar), com o objetivo de dinamizar e enriquecer o trabalho desenvolvido pela professora.

Adoramos o tema escolhido. CINEMA!

Beijocas das professoras da
1ª série.

Rio, 19 de fevereiro de 1986.

INSTITUTO METODISTA BENNETT
COLÉGIO BENNETT

SEMANA PEDAGÓGICA - REUNIÕES NOS SEGMENTOS
(1º Grau - 1ª a 4ªs)

3ª-Feira (dia 18/02)

11h às 12h30min - Reunião de Educação Física com professoras regentes.

13h30min às 15h30min - Reunião dos professores das AIV mais coordenadores das áreas de Educação Física e Educação Artística.

4ª-Feira (dia 19/02)

de 8h às 9h
- Reunião do Colegiado mais equipe de 4ª série
- Reunião de Educação Artística mais equipe de 1ª série
- Reunião de Biblioteca mais equipe de 2ª série *
- Reunião de Educaçao Religiosa mais equipe de 3ª série

de 9h às 10h
- Reunião do Colegiado mais equipe de 3ª série
- Reunião de Educação Artística mais equipe de 2ª série
- Reunião de Biblioteca mais equipe de 1ª série
- Reunião de Educação Religiosa mais equipe de 4ª série *

me darão por escrito o que esperam da Biblioteca

de 10h30min às 11h30min
- Reunião do Colegiado mais equipe de 2ª série
- Reunião de Educação Artística mais equipe de 3ª série
- Reunião de Educação Religiosa mais equipe de 1ª série
- Reunião de passagem de 4ª/5ª série

de 11h30min às 12h30min
- Reunião do Colegiado mais equipe de 1ª série
- Reunião de Educaçao Artística mais equipe de 4ª série
- Reunião de Biblioteca mais equipe de 3ª série *
- Reunião de Educação Religiosa mais equipe de 2ª série

5ª-Feira (dia 20/02)

7h30min às 8h - Reunião de 4ª série mais professoras de Inglês

	1ªs	2ªs	3ªs	4ªs
8h às 9h -	P	M	C	IS
9h às 10h -	M	C	IS	P
10h30min às 11h30min -	C	IS	P	M
11h30min às 12h30min -	IS	P	M	C

13h30min às 15h30min - Reunião dos professores das AIV mais Colegiado das AIV *

6ª-Feira (dia 21/02)

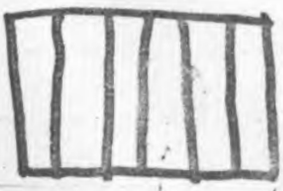
7h30min às 8h30min - Reunião de Biblioteca mais professoras de 4ª série *

8h30min às 10h - Arrumação das salas

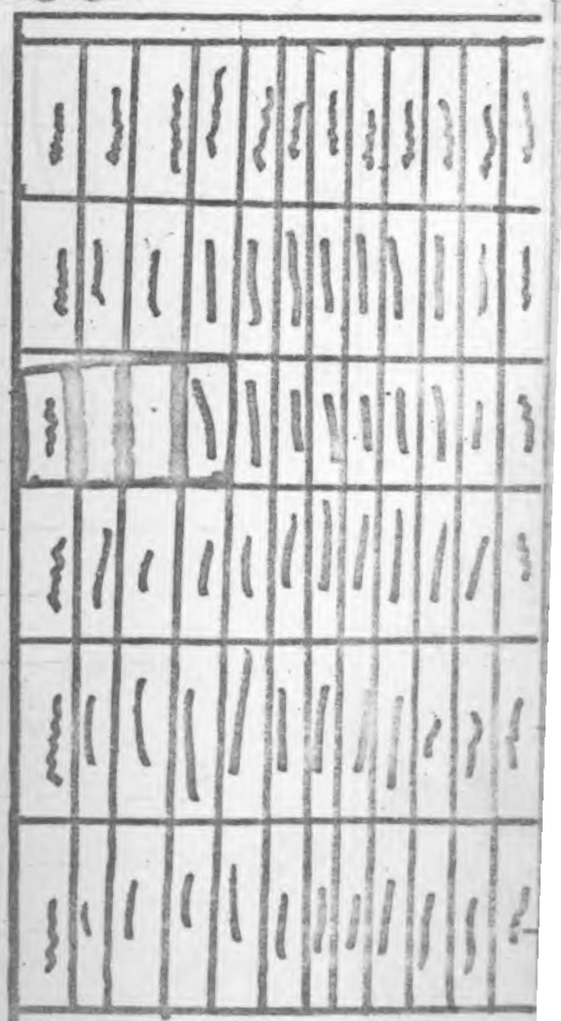
10h às 12h - Reunião com a Direção Geral

VAS.

Sala de desfazer idéias



Sala de fazer idéias



CATÁLOGO

I

O MAGO

(Copiado, com interferências, do baralho de Marselha, instrumento do Tarot)